



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



JOÃO PESSOA – PB
FEVEREIRO – 2019

**“O ALMANACH TUDO DESVENDA... TUDO ENSINA”:
sociabilidades, mediação cultural e elementos cívico-educacionais nos impressos *Brasil-
Portugal* (1899-1903)**

Ana Luiza de Vasconcelos Marques

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (*Stricto Sensu*), do Centro de Educação – CE, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Doutorado em Educação.

Área de Concentração: Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mauricéia Ananias

Linha de pesquisa: História da educação

JOÃO PESSOA – PB
FEVEREIRO – 2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M357o Marques, Ana Luiza de Vasconcelos.

"O Almanach tudo desvenda... tudo ensina":
sociabilidades, mediação cultural e elementos
cívico-educacionais nos impressos Brasil-Portugal
(1899-1903) / Ana Luiza de Vasconcelos Marques. - João
Pessoa, 2019.
307f. : il.

Orientação: Mauricéia Ananias.

Coorientação: Justino Pereira de Magalhães.

Tese (Doutorado) - UFPB/CE.

1. Almanach Ilustrado do Brasil-Portugal. 2. Educar.
3. Civilizar. I. Ananias, Mauricéia. II. Magalhães,
Justino Pereira de. III. Título.

UFPB/BC

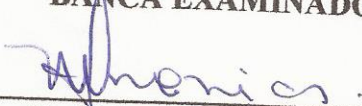
**"O ALMANACH TUDO DESVENDA... TUDO ENSINA":
sociabilidades, mediação cultural e elementos cívico-educacionais nos impressos *Brasil-
Portugal* (1899-1903)**

Ana Luiza de Vasconcelos Marques

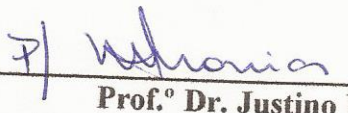
Tese defendida em:

25/02/2019

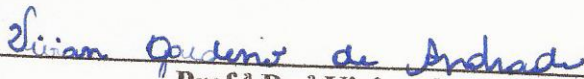
BANCA EXAMINADORA



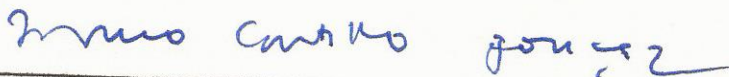
Prof.ª Dr.ª Mauricéia Ananias
(Orientadora – Universidade Federal da Paraíba – PPGE/UFPB)

7)  (participou online)

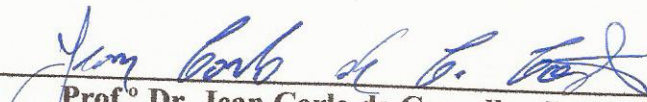
Prof.º Dr. Justino Pereira de Magalhães
(Coorientador – Universidade de Lisboa – IE/UL)



Prof.ª Dr.ª Vivian Galdino de Andrade
(Examinadora Externa – Universidade Federal de Campina Grande – PPGH/UFCG)



Prof.º Dr. Mauro Castilho Gonçalves
(Examinador Externo – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – EHPS/PUCSP)



Prof.º Dr. Jean Carlo de Carvalho Costa
(Examinador Interno – Universidade Federal da Paraíba – PPGE/UFPB)



Prof.º Dr. Charliton José dos Santos Machado
(Examinador Interno – Universidade Federal da Paraíba – PPGE/UFPB)

À Marielle Franco e em memória
de todas as mulheres que são
vítimas do sistema opressor,
patriarcal e desigual. A elas, a
nossa resistência e luta por dias
melhores.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Esta tese foi produzida em meio a uma conjuntura política em ebulição no Brasil, marcada por um processo [golpeado] de *impeachment* e pela sucessão de presidentes, que tem sob pano de fundo a derrocada da social democracia. Portanto, é preciso agradecer a todos que de alguma forma colaboraram para a travessia desses 4 anos de doutoramento.

À minha mãe, Roberta Fernandes, e ao meu companheiro, Rafael Pimenta, sou imensuravelmente grata pela cumplicidade, motivação, afeto, apoio e, sobretudo, pela paciência. Sem vocês, dificilmente teria conseguido chegar até aqui.

À professora Mauricéia Ananias pelas orientações minuciosas, pelos ensinamentos, incentivos, conselhos, contribuições e, especialmente, pela relação empática que mantivemos para além da vida acadêmica. A sua orientação foi sem dúvidas imprescindível para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao professor Justino Magalhães pela receptividade, orientações, seminários, indicações de leituras e por me acolher tão bem durante o Estágio Intercalar de Doutorado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Suas contribuições foram fundamentais para o avanço da pesquisa e para o conhecimento da historiografia luso-brasileira.

À Larissa Vasconcelos e Ingrid Biserra pela amizade que se estendeu para fora dos corredores do PPGE. Obrigada por compartilharem saberes, histórias, livros, conselhos e, claro, bons drinks. Não tenho palavras para dizer o quão feliz sou por tê-las em meu convívio.

À professora Maria Lúcia Nunes e aos professores Charliton Machado e Jean Carlo Costa pelas sugestões, críticas e indicações de leitura que foram de grande valia para a composição da tese.

À Rafaela Paiva, uma das mulheres mais incríveis que conheci, graças aos laços estreitados pelo outro lado do Atlântico. Obrigada por me ensinar tantas coisas em tão pouco tempo e também por partilhar momentos importantes comigo, sempre com palavras de conforto e um sorriso largo no rosto.

Às amigas e amigos queridos que acompanharam toda a minha saga: Aline Guerra Victor Nóbrega, Deyse Amarante, Luísa Gadelha, Lucas Pena, Bernardo Fernandes, João Aurélio Travassos e Vânia Cristina, pelo carinho, amizade, companheirismo e compreensão. Muito obrigada.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento da pesquisa, principalmente no que cabe ao Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior. Foi uma experiência rica, inesquecível e necessária.

*Das chocas dessa História escandalosa
Eu me levanto
Acima de um passado que está enraizado na dor
Eu me levanto
Eu sou um oceano negro, vasto e irrequieto,
Indo e vindo contra as marés, eu me levanto.
Deixando para trás noites de terror e medo
Eu me levanto.*

(Maya Angelou).

RESUMO

Com base em três volumes do *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*, que somados alcançam em torno de 610 páginas permeadas de ilustrações, crônicas e uma variedade de textos destinados ao público luso-brasileiro, objetiva-se discutir como os intelectuais brasileiros e portugueses tinham a intenção de educar e civilizar os leitores, sobretudo, observando os elementos cívico-educacionais presentes nos almanaques. Produzidos e editados em Lisboa, esses impressos circularam pelo Brasil e, embora parte considerável dos colaboradores fosse de ascendência portuguesa, havia a presença marcante de brasileiros nas principais seções, além de correspondentes e colaboradores espalhados por determinadas regiões do país. Sob o viés da aproximação interdisciplinar entre a história cultural e a história da educação, através de uma pesquisa qualitativa com recorte temporal de 1899 a 1903, enfatiza-se a importância de compreender o elemento civilizatório que substantivava as relações históricas luso-brasileiras em meio a formação das redes de sociabilidade (SIRINELLI, 1996; GOMES, 1993) e a atuação desses intelectuais como mediadores culturais (GOMES; HANSEN, 2006), à luz de pesquisadores como Justino Magalhães (2003, 2010), André Botelho (2002) e Norbert Elias (1993). Dentre as fontes utilizadas, além da consulta de periódicos publicados entre o final do século XIX e início do XX, analisa-se também a *Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada*, destacando os números publicados no ano de 1900, a propósito das matérias comemorativas produzidas ao IV Centenário de Descobrimento do Brasil. Sobre o perfil coletivo dos colaboradores do *Almanach*, os dados apontam um grupo majoritariamente formado por escritores do sexo masculino e nascidos na década de 1850, concentrando-se na faixa etária entre 41 a 60 anos, de nacionalidade portuguesa, em que todos colaboravam em pelo menos um periódico para além dos almanaques e 94% possuíam livros publicados. Como critério de seleção e de análise das fontes, remeteu-se a trajetória dos intelectuais portugueses e brasileiros que se atrelaram ao magistério rente às suas atividades profissionais, como fio condutor para a materialidade dos almanaques, no que tange às categorias de educação, civilização e cultura engendrados nos três anuários. Considerou-se que essas categorias se entrelaçam em uma cultura luso-brasileira de verniz elitista e eurocêntrica, marcada pela defesa da educação nacional, que tinha como pano de fundo o discurso civilizatório, orientado para o progresso e a modernização. A educação assume o lugar central como instrumento adequado para atender aos valores morais e cívicos da sociedade, junto aos critérios liberais, conservadores e positivistas que cultivavam e difundiam regras normativas para a sociedade em questão. Assim, conclui-se que os intelectuais portugueses e brasileiros na figura de mediadores culturais integrados em redes de sociabilidade – construídas em múltiplas dimensões espaço-temporais – envolveram-se na missão pedagógica e civilizadora de instruir o público à qual se destinavam, para além dos limites dos almanaques. Esses impressos trazem à baila elementos cívico-educacionais que, por intermédio da propagação de uma cultura liberal, possibilitam a multiplicação de trocas políticas e culturais entre Portugal e Brasil, tendo a língua e o idioma comum como importante elemento de ligação e aproximação entre as duas nações.

Palavras-chave: *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*. Educar. Civilizar.

ABSTRACT

Based on three volumes of the *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*, which totals 610 pages permeated by illustrations, chronicles and a variety of texts destined to the Portuguese-Brazilian intellectuals who had the intention to educate and civilize the readers, above all, observing the civic-educational elements present in the almanacs. Produced and edited in Lisbon, these almanacs circulated throughout Brazil, and although a considerable part of the collaborators were Portuguese descent, there was a marked presence of Brazilians in the main sections, as well as correspondents and collaborators spread throughout certain regions of the country. Under the bias of the interdisciplinary approach between cultural history and the history of education, through a qualitative research with a temporal cut from 1899 to 1903, it was emphasized the importance of understanding the civilizing element that substantiated the Portuguese-Brazilian historical relations in relation to sociability networks formation (SIRINELLI, 1996; GOMES, 1993) and the actuation of these intellectuals as cultural mediators (GOMES; HANSEN, 2006), learning with the knowledge of great researchers such as Justino Magalhães (2003, 2010), André Botelho (2002) and Norbert Elias (1993). Among the resources which were used, in addition to the consultation of periodicals published between the end of the nineteenth century and the beginning of the twentieth, *Brazil-Portugal: revista quinzennal ilustrada* is also analyzed, highlighting the numbers published in the year 1900, on commemorative matters produced to the IV Centenary of Discovery of Brazil. About the collective profile of Almanach's collaborators, the data point to a group mostly composed of male writers born in the 1850s, concentrating on the age group between 41 and 60 years old, of Portuguese nationality, in which all collaborated in at least one journal beyond the almanacs and 94% had published books. As a criterion for selecting and analyzing the sources, the trajectory of the Portuguese and Brazilian intellectuals who linked themselves to the magisterium related to their professional activities, as a guideline for the materiality of the almanacs, regarding the categories of education, civilization and produced in the three annuals. It was considered that these categories are intertwined in a Portuguese-Brazilian culture with an elitist and Eurocentric veneer, marked by the defense of national education, which had as its background the civilizing discourse, oriented towards progress and modernization. Education assumes the central place as an adequate instrument to attend to the moral and civic values of the society, along with the liberal, conservative and positivist criteria that cultivated and disseminated normative rules for the society in question. Thus, it is concluded that the Portuguese and Brazilian intellectuals in the figure of cultural mediators integrated in networks of sociability – constructed in multiple spatial-temporal dimensions – were involved in the pedagogical and civilizing mission to instruct the public to which they were destined, besides the limits of almanacs. These almanacs bring to light civic-educational elements that, through the propagation of a liberal culture, make possible the multiplication of political and cultural exchanges between Portugal and Brazil, having the language and the common language as an important element of connection and approximation between the two nations.

Keywords: *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*. Educate. Civilize.

RESUMEN

Basado en tres volúmenes del *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*, que en conjunto alcanzan alrededor de 610 páginas impregnadas de ilustraciones crónicas y una variedad de textos dirigidos al público luso-brasileño, se objetiva discutir cómo los intelectuales brasileños y portugueses tenían la intención de educar y civilizar a los lectores, sobre todo, observando los elementos cívico-educativos presentes en los almanaques. Producidos y editados en Lisboa, éstos impresos circularon por Brasil y aunque una parte considerable de los colaboradores eran de origen portugués, había la fuerte presencia de brasileños en secciones principales, además de corresponsales y colaboradores repartidos en ciertas regiones del país. Bajo el sesgo de la aproximación interdisciplinaria entre la historia cultural y la historia de la educación, a través de una investigación cualitativa con recorte temporal de 1899 a 1903, se enfatiza la importancia de comprender el elemento civilizatorio que sustentaba las relaciones históricas luso-brasileñas en medio a la formación de las redes de sociabilidad (SIRINELLI, 1996; GOMES, 1993) y la actuación de esos intelectuales como mediadores culturales (GOMES, HANSEN, 2006), a la luz de investigadores como Justino Magalhães (2003, 2010), André Botelho (2002) y Norbert Elias (1993). Dentre las fuentes utilizadas, además de la consulta de periódicos entre finales del siglo XIX y principios del XX, también se analiza a *Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada*, destacando los números publicados en el año de 1900, acerca de las materias conmemorativas producidas al IV Centenario de Descubrimiento de Brasil. Sobre el perfil colectivo de los colaboradores del *Almanach* de los datos apuntan un grupo en su mayoría formado por escritores de sexo masculino y nacidos en la década de 1850, centrándose en el grupo de edad entre 41 a 60 años, de nacionalidad portuguesa, donde todos colaboraban en al menos un periódico más allá de los almanaques y poseían libros publicados. Como criterio de selección y análisis de las fuentes, se hace referencia a la trayectoria de los intelectuales portugueses y brasileños que se engancharon a la enseñanza cerca de sus actividades profesionales, como hilo conductor para la materialidad de almanaques, en el que se refiere a las categorías de la educación, civilización y cultura engendrados en los tres anuarios. Se consideró que esas categorías se entrelazan en una cultura luso-brasileña de barniz elitista y eurocéntrica, marcada por la defensa de la educación nacional, que tenía como telón de fondo el discurso civilizatorio, orientado hacia el progreso y la modernización. La educación asume el lugar central como instrumento adecuado para atender a los valores morales y cívicos de la sociedad, junto a los criterios liberales, conservadores y positivistas que cultivaban y difundían reglas normativas para la sociedad en cuestión. Por lo tanto, se concluye que los intelectuales portugueses y brasileños en la figura de los mediadores culturales integrados en redes de sociabilidad – construidas sobre múltiples dimensiones espacio-tiempo – se involucraron en la misión educativa y civilizadora para educar al público a la que se destinaban, más allá de los límites de los almanaques. Esos impresos se refieren a los elementos cívico-educativos que, a través de la difusión de una cultura liberal, permiten la multiplicación de los intercambios políticos y culturales entre Portugal y Brasil, teniendo el lenguaje y la lengua común como importante elemento de ligación y acercamiento entre las dos naciones.

Palabras-clave: *Almanach Illustrado de Brasil-Portugal*. Educar. Civilizar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Almanach de Lembranças para 1851	41
Figura 2 – Lista de colaboradoras e colaboradores, em separado	42
Figura 3 – Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para 1855	43
Figura 4 – Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para 1877	44
Figura 5 – Almanach familiar para Portugal e Brasil para 1869.....	46
Figura 6 – Almanach das senhoras para 1872	47
Figura 7 – Almanach do Antonio Maria para 1883.....	49
Figura 8 – Almanach das Senhoras Portuguezas e Brasileiras para 1888	52
Figura 9 – Almanach Bertrand 1900.....	53
Figura 10 – Almanach Bertrand 2016-2017	54
Figura 11 – Augusto de Castilho (da esquerda para a direita, o quinto sujeito na parte inferior da imagem) acompanhando El-Rei D. Manuel na sua visita à Escola Naval	68
Figura 12 – Augusto de Castilho, de uniforme, quando era Ministro da Marinha	69
Figura 13 – Jayme Victor	70
Figura 14 – Tipografia Nacional do Rio de Janeiro.....	71
Figura 15 – Livro de poematos de Jayme Victor (1877)	75
Figura 16 – Carta de Jayme Victor a Joaquim de Araújo	75
Figura 17 – Lorjô Tavares	78
Figura 18 – Capa da Revista Brasil-Portugal (1899).....	87
Figura 19 – O bilhar, da seção "Horas de Ocio"(1900).....	90
Figura 20 – Rainha Victoria na ilustração de capa da <i>Revista Brasil-Portugal</i> (1899)....	92
Figura 21– Anúncio do primeiro número da <i>Revista Brasil-Portugal</i>	94
Figura 22 – Estudantes brasileiros na Universidade de Coimbra (1900).....	104
Figura 23 – Excursionistas e membros da diretoria da Associação do 4º centenário (1900)	108
Figura 24 – Excursão no Chapeu de Sol (1900)	109
Figura 25 – Carro alegórico do <i>Brasil-Portugal</i> no cortejo cívico de 5 de maio, no Rio de Janeiro (1900).....	109
Figura 26 – Reembarque na barca Seguro no Arsenal da Marinha (1900)	110
Figura 27 – Quadro premiado no Concurso de Pintura do Rio de Janeiro (1900).....	110
Figura 28 – Anúncio do 3º ano da <i>Revista Brasil-Portugal</i>	112
Figura 29 – Vestidos de passeio	115
Figura 30 – Anúncio da Revista Industrial e Mercantil do Estado de Pernambuco pela <i>Brasil-Portugal</i>	123
Figura 31– Anúncio da Escola Académica de Lisboa	124
Figura 32 – Fachada principal da Escola Industrial Marquez de Pombal	125
Figura 33 – Anúncio do Platen, manual de higiene	126
Figura 34 – Theophilo Braga na capa da <i>Revista Brasil-Portugal</i> (1910).....	129
Figura 35 – Carta de Campos Sales a Augusto de Castilho (1899)	132
Figura 36 – Capa da última edição da <i>Revista Brasil-Portugal</i> (1914).....	134
Figura 37– Capa do <i>Almanach Illustrado do Brasil-Portugal</i> para 1900.....	137
Figura 38 – Capa do <i>Almanach Illustrado do Brasil-Portugal</i> para 1901.....	140
Figura 39 – Anúncio do <i>Almanach Illustrado do Brasil-Portugal</i> para 1901.....	141
Figura 40 – Anúncio de preparação do <i>Almanach Illustrado do Brasil-Portugal</i> para 1902	143
Figura 41– Anúncio do <i>Almanach Illustrado do Brasil-Portugal</i> para 1903.....	143
Figura 42 – Capa do <i>Almanach Illustrado do Brasil-Portugal</i> para 1903.....	145

Figura 43 – Capa do primeiro número do <i>Branco e Negro: semanário ilustrado</i> (1896)	167
Figura 44 – Capa do volume II da <i>Serões: Revista Mensal Ilustrada</i> (1902)	169
Figura 45 – Capa do Tomo I de <i>A Leitura: magazine litterario</i> (1894)	172
Figura 46 – Mulheres aprendizes no atelier de rendas de Maria Augusta Bordallo Pinheiro	185
Figura 47 – Mulheres trabalhando na Fábrica Confiança, situada no Porto, em Portugal	187
Figura 48 – Fotografia da atriz Lucília Simões	189
Figura 49 – Lucília Simões encenando a peça “Casa de Bonecas”	189
Figura 50 – Cartazes da atriz Sarah Bernhardt produzidos pelo pintor Alphonse Mucha	191
Figura 51 – Ilustração da atriz Sarah Bernhardt produzida por Augusto Pinna	191
Figura 52 – Ilustração da atriz Sarah Bernhardt produzida por Augusto Pinna	192
Figura 53 – Adelina Amelia Lopes Vieira	193
Figura 54 – Tipo de beleza feminina segundo o <i>Almanach Ilustrado do Brasil-Portugal</i>	201
Figura 55 – Registro da casa onde faleceu Garret para o <i>Almanach Ilustrado do Brasil-Portugal</i> (1903)	211
Figura 56 – Registro do túmulo de Garret, no cemitério dos Prazeres, em Lisboa, para o <i>Almanach Ilustrado do Brasil-Portugal</i> (1903)	211
Figura 57 – Academia de Direito de São Paulo (conhecida hoje como Faculdade de Direito do Largo de São Francisco)	212
Figura 58 – Imagem do colaborador vinculada ao artigo <i>Dr. Fernando Mendes</i>	219
Figura 59 – Imagem do colaborado Coelho Netto apensa ao conto Ritornello, publicado no <i>Almanach Brasil-Portugal</i> (1901)	223
Figura 60 – Registro de Alexandre Herculano pelo <i>Almanach Ilustrado do Brasil-Portugal</i> (1900)	232
Figura 61 – Geminação Brasil-Portugal nas capas de 1900 e 1903 do <i>Almanach</i>	233
Figura 62 – Enigma no <i>Almanach Ilustrado do Brasil-Portugal</i> (1903)	235
Figura 63 – Logogrifo no <i>Almanach Ilustrado do Brasil-Portugal</i> (1903)	235
Figura 64 – Charadas no <i>Almanach Ilustrado do Brasil-Portugal</i> (1903)	236
Figura 65 – Fotografia de um carro elétrico em Lisboa registrado ao <i>Almanach Ilustrado do Brasil-Portugal</i> (1903)	237

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Gênero.....	152
Gráfico 2 – Idade.....	154
Gráfico 3 – Demarcação geracional	160
Gráfico 4 – Nacionalidade dos colaboradores.....	162
Gráfico 5 – Publicação em outros periódicos	165
Gráfico 6 – Livros publicados.....	173

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Divulgação da <i>Revista Brasil-Portugal</i> pelo Brasil (1899-1901)	80
Quadro 2 – Publicações dos colaboradores em outros periódicos.....	166
Quadro 3 – Atividades profissionais dos colaboradores.....	176

LISTA DE TABELAS

Tabela 1– Número de estrangeiros registrados no departamento de polícia do Rio de Janeiro (Abril de 1831 – Maio de 1842)	36
Tabela 2 – Tabela Antiga de assinaturas (1900)	112
Tabela 3 – Tabela Nova de assinaturas (1901)	113

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	Içar velas, levantar âncora: desbravando a pesquisa	15
2	AS MARCAS INDELÉVEIS DE ESCRITA, PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DOS ALMANAQUES	30
2.1	Brasil e Portugal: a expansão da imprensa d'além-mar	30
2.2	Recalculando rotas: um breve passeio na incursão dos almanaques	39
2.3	Mapeando os espaços de sociabilidade: uma leitura das relações luso-brasileiras no interior dos impressos	54
2.3.1	A trajetória de Augusto de Castilho, Lorjô Tavares e Jaymer Victor: um percurso em direção à <i>Brasil-Portugal</i>	55
2.3.1.1	<i>Augusto de Castilho: o almirante</i>	57
2.3.1.2	<i>Jayme Victor: o jornalista</i>	69
2.3.1.3	<i>Lorjô Tavares: o dramaturgo</i>	77
3	O CIRCUITO DOS IMPRESSOS <i>BRASIL-PORTUGAL</i>: DA REDAÇÃO À OFICINA TIPOGRÁFICA	84
3.1	<i>Revista Brasil-Portugal</i>: diretores, colaboradores, correspondentes e o público leitor	85
3.1.1	O Número Extraordinário e o IV Centenário do Descobrimento	98
3.1.2	Administração, circulação e locais de venda nos primeiros anos da <i>Revista</i>	110
3.1.3	Entre mudanças e permanências: a Proclamação da República portuguesa e o fim da <i>Revista Brasil-Portugal</i>	127
3.2	O <i>Almanach Illustrado do Brasil-Portugal</i>: um projeto anexo a <i>Revista Brasil-Portugal</i>?	135
4	DINÂMICAS DE PRODUÇÃO, SOCIABILIDADES E OFÍCIOS: O PERFIL INTELLECTUAL DOS COLABORADORES DO <i>ALMANACH BRASIL-PORTUGAL</i>	148
4.1	Gênero, idade, geração e nacionalidade dos colaboradores	151
4.2	Produção intelectual dos colaboradores	164
4.3	Entre escritores, jornalistas, políticos e professores: as atividades profissionais dos colaboradores	175
5	ITINERÁRIOS DE PROFESSORES E CIRCULAÇÃO DE IDEIAS CÍVICO-EDUCACIONAIS: REVELANDO OS CONTEÚDOS E DESVELANDO A MATERIALIDADE DOS ALMANAQUES <i>BRASIL-PORTUGAL</i>	180
5.1	Civilização, educação e cultura: categorias redentoras para o progresso e a modernização das “nações-irmãs”	181
5.1.1	Dramaturgia, educação e poesia: representatividade e produção das mulheres nos impressos <i>Brasil-Portugal</i>	181
5.1.2	Manual de civilidade, modelo de civilização: elementos cívico-morais expressos no <i>Almanach</i>	197
5.1.3	Identidade nacional e cultura luso-brasileira	212
5.1.4	Signos da modernidade, exotismo e narrativas eurocênticas	234
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	243
	REFERÊNCIAS	252
	APÊNDICE A – Principais colaboradores do <i>Almanach Illustrado Brasil-Portugal</i> (1900-1903)	283

1 INTRODUÇÃO

1.1 Içar velas, levantar âncora: desbravando a pesquisa

O Tempo inventou o almanaque; compôs um simples livro, seco, sem margens, sem nada; tão somente os dias, as semanas, os meses e os anos. Um dia, ao amanhecer, toda a terra viu cair do céu uma chuva de folhetos; creram a princípio que era geada de nova espécie, depois, vendo que não, correram todos assustados; afinal, um mais animoso pegou de um dos folhetos, outros fizeram a mesma coisa, leram e entenderam. O almanaque trazia a língua das cidades e dos campos em que caía. Assim toda a terra possuiu, no mesmo instante, os primeiros almanaques. Se muitos povos os não tem ainda hoje, se outros morreram sem os ler, é porque vieram depois dos acontecimentos que estou narrando
(Machado de Assis – Como se inventaram os almanaques, 1890)

Desta vez, o limiar da pesquisa não surgiu “[...] entre pilhas de livros e estantes cobertas de mofo da Biblioteca Pública do Estado da Paraíba”¹, muito embora o delinear da dissertação de mestrado – na linha tênue entre as vozes e os silêncios das fontes – tenha sido o ponto de partida para desvelar caminhos que me levaram aos acervos digitais.

Nesta empreitada, foi burilando os espaços virtuais no âmbito de encontrar supostas colaborações de Rodrigues de Carvalho (1867-1936) no *Almanach do Ceará*² e *Almanach Popular Brasileiro*³ que, pelo “acaso” da pesquisa, deparei-me com o *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* para o ano de 1900. O primeiro momento foi de encantamento não só pela riqueza na leitura das imagens como também pela grande variedade de temas presentes no impresso, que aborda desde informações sobre astronomia a questões de cunho mais histórico, a exemplo de textos esparsos que foram publicados em comemoração ao IV Centenário do Descobrimento do Brasil.

Não obstante, para minha surpresa, os acervos digitais da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin Digital⁴ direcionaram-me a mais dois exemplares do referido *Almanach*: um para o ano de 1901 e outro para o ano de 1903. Folheando os almanaques, é notório perceber que sua organização esteve sempre relacionada ao *tempo* ordenado, ao mês, às fases da lua, assim como geralmente se vincula ao horóscopo, aos signos e, sobretudo, aos calendários.

¹ Este é o trecho inicial que abre a minha dissertação de mestrado intitulada *Canções e cores da nação brasileira: uma análise historiográfica das obras de Rodrigues de Carvalho (1903-1937)*, apresentada em 2013 ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

² Almanaque organizado por João Camara no fim do século XIX (cf. MACAMBIRA, 2010).

³ Almanaque organizado e dirigido por Alberto Rodrigues também em fins do século XIX (cf. TAMBARA; ARRIADA, 2011).

⁴ Criada em janeiro de 2005, a Biblioteca Mindlin é um órgão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo (USP) que tem por finalidade abrigar e integrar a coleção brasileira doada pelo bibliófilo José Mindlin (1914-2010) e sua esposa Guita Mindlin (1916-2006). Para mais informações ver o sítio da Brasileira USP, disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/>>.

Estes, por sua vez, representam através da ordem, dos números e do cômputo, o desejo dos indivíduos por um melhor controle de seu tempo norteado pela escrita do presente e, concomitantemente, da produção de memória do passado.

Indubitavelmente, a crônica machadiana tinha razão: “O tempo inventou o almanaque”. Era Cronos⁵, o inventor e o principal guia daqueles impressos. E, sem dúvidas, essa foi a primeira categoria que me norteou aos almanaques. Ainda que entusiasmada com a materialidade das fontes e da curiosidade aguçada por elas, por estar mergulhada no desfecho da pesquisa de mestrado, salvei-as em uma pasta intitulada “projeto futuro” e deixei-as em *stand by* para um momento mais oportuno.

Prestes a finalizar a dissertação, entrei em “crise de ofício” no que condiz à relação – por vezes, dicotômica – entre o ensino e a pesquisa ou mesmo entre o ranço da teoria e da prática docente. Na época, com exceção do cumprimento do Estágio Docência, meu elo mais próximo com o exercício profissional se deu na Secretaria de Educação e Cultura (SEDEC) da Prefeitura Municipal de João Pessoa, Paraíba (PMJP), quando exerci a função de assessora pedagógica, contudo, as minhas atribuições estavam muito mais voltadas para a execução de ações administrativas. Embora tivesse realizado um Curso de Licenciatura Plena em História, minha trajetória acadêmica foi inclinada à pesquisa histórica, principalmente no que tange à participação nos grupos e projetos de pesquisa, ambos muitas vezes atrelados a produção e publicação desenfreada de relatórios e artigos científicos. Portanto, era óbvia a evidência: tinha a prática na pesquisa, mas não tinha a prática no ensino. Apesar da tentativa em associar a docência à pesquisa – tecla “batida” cotidianamente por alguns professores dos cursos de licenciatura – minha experiência profissional condicente ao “exercício docente” só veio ocorrer, de fato, pouco tempo antes de receber o título de mestre.

Por ironia do destino, as experiências que tive conduziram-me diretamente ao Curso de Pedagogia, tanto na modalidade presencial quanto na modalidade a distância, como professora e mediadora (tutora). Assim, a experiência profissional em ministrar aulas e realizar orientações, especialmente nos componentes curriculares de História da Educação Brasileira I e II, foi de fundamental importância e incentivo para a realização de uma seleção de Doutorado em Educação. Foi este o momento oportuno para então retomar o “projeto futuro” e revisitar os almanaques sob outras perspectivas, afinal, certamente meu olhar lançado a Clio⁶ alcançava outros domínios, conceitos e, por melhor dizer, outras possibilidades, agora, no campo da História da Educação. Para tanto, fazia-se necessário

⁵ Conforme a mitologia grega, Cronos é o deus do tempo quantificado e, portanto, cronológico.

⁶ Considerada pela mitologia grega como musa da história e da criatividade.

também desvelar este tipo de fonte em seu liame com a historiografia atual no que se refere aos impressos.

O saber, a educação, a ciência e a história são recontados de forma atraente e agradável nos almanaques, ora descrevendo reflexões de legitimidade científica; ora enfatizando crenças que aguçavam a imaginação dos leitores. O espírito da observação se torna regra constante nos anuários, desenvolvendo a credulidade pelo imaginário construído nos impressos. Subscrito em uma dimensão moral, social e política, o almanaque possibilita informar e, conseqüentemente, instruir seus leitores ao “[...] recontar as histórias da História porque seus leitores não sabem e para instruí-los sobre o que se passa, o almanaque, ao mesmo tempo, dá-lhes gosto pelo que aconteceu, trazendo de certa forma os assuntos inseridos na atualidade” (PARK, 1998, p. 48). Assim, recorrendo à ajuda da experiência e da observação, pretende-se alcançar todos os sujeitos ao dessacralizar e romper os gêneros, no âmbito de afastar todos os limites e colocar seus leitores mais diretamente em relação com a vida; de modo que possa divertir bem como provocar através dele, a reflexão e a crítica (BOLLÈME, 1969; PARK, 1998).

O almanaque por apresentar um caráter anual e único, torna-se um objeto notável. Com o tempo, passaram por mudanças e/ou adaptações a fim de satisfazer seus leitores, assumindo diferentes formas e funções. Resistindo às transformações culturais modernas, os almanaques permaneceram circulando em uma profusão de produções em variadas modalidades e gêneros, constituindo-se em literários, administrativos, mercantis e industriais, agrícolas, populares, ilustrados, entre outros. Assim, eles variavam tanto de tamanho quanto de conteúdo, possibilitando ao público escolher por qual impresso “se guiar”.

Destarte, a modéstia de seu ser físico e a trivialidade de seus usos os tornam esquecidos, ignorados e quando não, desprezados (BOTREL, 2001). Apesar do advento dos estudos sobre a imprensa, os anuários foram por muito tempo considerados inapropriados como objetos de estudo ou mesmo como fornecedores de dados para quaisquer pesquisas. Segundo Patrícia Trizotti (2010, p. 2), boa parte dos pesquisadores da imprensa ainda distinguem os almanaques como “[...] obras raras, efêmeras e sem criação”. Trabalhos clássicos como *A imprensa periódica de São Paulo desde os seus primórdios em 1823 até 1914*, do historiador brasileiro Affonso de Freitas (1915), que retoma a imprensa periódica de São Paulo, não inclui os almanaques dentro da categoria de periódicos. Por outro lado, entre as décadas de 1870 e 1880, sabe-se que os anuários foram largamente produzidos e publicados no Brasil. No século XIX, um dos mais conhecidos e divulgado no Rio de Janeiro

foi o *Laemmert*, publicado até o ano de 1889 pela iniciativa dos irmãos Eduard e Heinrich Laemmert, proprietários de livraria e tipografia na capital do Império (HALLEWELL, 2005).

De acordo com Maria Carolina Galzerani (1998), muito embora os editores, jornalistas e contemporâneos desses impressos, assim como os analistas atuais sejam unânimes em reconhecer a ampla aceitação do público leitor, isso não exime o fato dos almanaques serem considerados por alguns como obra de segunda categoria ou mesmo como um material não especificamente literário. Mas esse olhar depreciativo e desqualificador em relação ao almanaque não se restringe somente ao nosso país:

Ao cotejarmos as práticas de leitura francesas do final do século XIX – através da análise de Daniel Fabre – encontramos referências similares, relativas ao ato de ler em família. Ou seja, registros de que enquanto o livro escolar é objeto de extremo cuidado, sendo coberto com papel e “fechado” no aparador ou no armário, “o almanaque, menos prestigioso, é simplesmente posto na borda do chaminé”. (GALZERANI, 1998, p. 61, grifos no original).

Contudo, essa desqualificação por parte de literatos – e quiçá, da própria imprensa – não ficou apenas concentrada no século XIX, estendendo-se também ao século XX e aprofundando-se socialmente no Brasil.

Um levantamento na produção historiográfica brasileira revela que somente no início dos anos 1980, surgiram alguns trabalhos que se propuseram a mapear e inventariar os almanaques em meio à variedade de publicações da imprensa periódica, especialmente na cidade de São Paulo, a exemplo de *Os primeiros almanaques de São Paulo*, de Ana Maria de Almeida Camargo (1983) e *São Paulo em revista: Catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedade paulistana (1870-1930)*, de Heloísa de Faria Cruz (1997).

Foi no final do século XX e início do século XXI que algumas obras ganharam maior relevância na historiografia e consideraram esse impresso como principal fonte e/ou objeto de pesquisa, dentre as quais destaco: *Lições de Almanaque: um estudo semiótico*, de Vera Casa Nova (1996); *Do Almanak aos Almanques*, de Marlyse Meyer (2001); e *Rebeldes Literários da República: a história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*, de Eliana Dutra (2005). No que diz respeito à referência de dissertações e teses⁷, foram encontrados 13 trabalhos que se enquadram nesta perspectiva por proporem diferentes enfoques ao pesquisar esse tipo de impresso. Destes, apenas 3 estão especificamente voltados para a área de Educação, uma vez que a maioria dos trabalhos está concentrada nos

⁷ Para realização deste levantamento consultei o sítio da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, fazendo uso da palavra-chave “almanaque” como parâmetro de busca. Essa ferramenta de busca não só encontra o documento, como também encaminha o leitor para o endereço virtual da Biblioteca Digital da Instituição originária do trabalho consultado, possibilitando o acesso direto à dissertação ou tese procurada.

Programas de Pós-Graduação em Letras, Linguística e, principalmente, de História, privilegiando enfoques de caráter mais literário, linguístico ou histórico.

Entre os que pertencem à área de Educação, respeitando a ordem cronológica das produções, elenco primeiramente a tese de doutorado em educação de Margareth Park (1998). Sua tese teve por objetivo estudar a mudança de estatuto dos almanaques populares de farmácia e de seus leitores no universo social das práticas de leituras esmiuçando, através da busca desses suportes de leituras, as táticas e as estratégias da apropriação pelos leitores, percorrendo os caminhos da oralidade e da memória para a escrita. Sobre as fontes utilizadas, a autora se apoiou em cinco almanaques de diferentes estados brasileiros, além de realizar levantamentos em jornais e arquivos, debruçando-se também nos depoimentos e entrevistas dos participantes da pesquisa.

No caso da dissertação de mestrado de Fátima Lopes (2002), a autora propôs discutir, por intermédio do diálogo estabelecido com os conceitos de história, memória e educação, questões relacionadas à produção e circulação do Almanaque Histórico de Patrocínio Paulista (1986), São Paulo. Através da análise de documentos escritos e de testemunhos orais como fontes de pesquisa, o trabalho se vincula à temática da construção das memórias e da história local, bem como realiza algumas articulações com a educação ao investigar a inserção do almanaque no universo escolar do município de Patrocínio Paulista.

O trabalho de dissertação de Roni Menezes (2006, p. 5) visou “[...] recompor as trajetórias dos integrantes de um determinado grupo sócio-político-cultural, que se formou ao longo da segunda metade do século XIX, na então província de São Paulo [...]”. A perspectiva adotada por Menezes teve por *locus* explorar as redes de sociabilidade que forneceram o amálgama à forja do grupo republicano paulista, tomando como principal fonte documental o Almanaque Literário de São Paulo (ALSP), sob o recorte temporal de 1876 a 1885.

Das dissertações e teses acima elencadas, somente o estudo de Menezes (2006) está inserido no campo da história da educação⁸. No entanto, embora o seu percurso analítico contribua para a história da educação ao indicar as linhas de atuação dos integrantes do grupo

⁸ Muitos pesquisadores em história da educação utilizam os almanaques apenas como fontes e, por isso, não tratam de suas especificidades. Dentre algumas produções, especificamente, relacionadas à história da educação da Paraíba, consultar a tese de doutorado *Da Era das Cadeiras Isoladas à Era dos Grupos Escolares na Paraíba*, de Antonio Carlos Ferreira Pinheiro (2001); a dissertação de mestrado *Educação na Primeira República Parahybana: legislação, imprensa e sujeitos no governo de Camillo de Hollanda (1916-1920)*, de Ingrid Karla Cruz Biserra (2015); e, por fim, a tese de doutorado intitulada *Educação pela higiene: a invenção de um modelo hígido de educação escolar primária na Parahyba do Norte (1849-1886)*, de Nayana Rodrigues Cordeiro Mariano (2015). Nesses trabalhos os almanaques do *Estado da Parahyba* são usados com a premissa de revisitar discursos, conferências, relatórios, coleções de leis e decretos, além de levantar dados demográficos acerca do Estado e da instrução pública na Paraíba.

no campo educacional, seu objeto de estudo está calcado no conceito de “estruturas de sociabilidade” – categoria de análise engendrada pelo historiador Jean-françois Sirinelli que se traduz pela noção de redes de socialização e a noção de microclimas, e não propriamente na análise das oito edições do *Almanach* como categoria de instrução aos leitores.

Já no âmbito de um levantamento das dissertações e teses portuguesas⁹, como nenhum resultado foi encontrado no serviço DITEP – Depósito de Dissertações e Teses Digitais, foi realizada uma segunda busca no sítio da RCAAP – Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal¹⁰, utilizando-se da mesma palavra-chave e optando-se por pesquisar apenas registros portugueses. Foram encontradas 9 dissertações de mestrado e 1 tese de doutoramento, no entanto, a maioria dos trabalhos concentra-se nos departamentos de História e/ou estão ligados à Faculdade de Letras. Somente a dissertação intitulada *A poesia no 1º ciclo: consciência fonológica e variação intralinguística*, de Maria do Rosário Gonçalves Ochoa de Castro (2014), que está inserida na área de Educação e voltada, especificamente, para a titulação em Ensino do 1.º e 2.º CEB (Ciclo do Ensino Básico português). No mencionado trabalho, evidencia-se o processo de concessão, implementação e avaliação de um conjunto de atividades com base no texto poético, tendo por enfoque o desenvolvimento da consciência fonológica e a sensibilização à variação intralinguística em alunos do 2.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Mas, embora essa dissertação tenha sido elencada a partir da palavra-chave almanaque, esse impresso não aparece como principal fonte e/ou objeto de pesquisa.

Dos trabalhos acima mencionados, a dissertação de mestrado em estudos românticos sob o título *O Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro: Um ensaio para um Projecto maior?*, de Andrea Germano de Oliveira Romariz (2011), é a única que faz uso de dois almanaques como principal fonte de pesquisa. O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* é utilizado para lançar a hipótese de que a experiência obtida nesse impresso por Guiomar Delphina de Noronha Torreção (1844-1898) – reconhecida pela sua luta contínua a favor da instrução e emancipação das mulheres – serviu-lhe de inspiração e de modelo para a criação do seu próprio *Almanach das Senhoras*. Andrea Romariz aponta comparações entre os dois

⁹ Para realização desse levantamento, utilizou-se novamente a palavra-chave “almanaque” como parâmetro de busca.

¹⁰ O Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal é uma iniciativa da UMIC-Agência para a Sociedade do Conhecimento IP que tem por objetivo recolher, agregar e indexar conteúdos científicos existentes nos repositórios institucionais das entidades nacionais de ensino superior e outras organizações de I&D. O RCAAP disponibiliza o acesso a milhares de documentos de carácter científico e académico, nomeadamente artigos de revistas científicas, comunicações a conferências, teses e dissertações, distribuídos por inúmeros repositórios portugueses. Disponível em: <<https://www.rcaap.pt/>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

almanaques, utilizando algumas publicações de escritoras e escritores que fizeram parte desses anuários. Outrossim, é importante destacar que, assim como o *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*, os almanaques *de Lembranças Luso-Brasileiro* circularam em Portugal, Brasil e África, apresentando um conteúdo variado e leitura acessível uma vez que desejavam o alcance universal. De acordo com a autora, esses anuários procuravam veicular conhecimentos úteis tanto no ponto de vista da instrução, quanto na perspectiva de uma formação social e cívica. Dessa forma, ainda que o recorte temporal das fontes utilizadas na dissertação de Romariz sejam anteriores à proposta do *Brasil-Portugal*, certamente esse trabalho será útil para compreender aspectos mais gerais sobre a organização, estrutura e circulação dos almanaques luso-brasileiros na metade do século XIX para o século XX.

Nesse quadro, retomando o *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*, é preciso salientar que não foi encontrado nenhum estudo – tanto no Brasil quanto em Portugal – que versasse sobre esse impresso como fonte e/ou objeto de reflexões. Apenas menções breves em notas de rodapé, referências e/ou pesquisas que tinham por caráter inventariar publicações periódicas. Por outro lado, seguindo os rastros do *Almanach*, uma grata surpresa: deparei-me com o periódico *Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada* (1899-1914)¹¹. O corpo diretivo formado por Augusto de Castilho (1841-1912), Jaymer Victor (1855-1939) e Lorjô Tavares (1857-1939) era o mesmo que compunha os almanaques *Brasil-Portugal* e tinha como centro de sua atenção as relações luso-brasileiras idealizando “[...] tornar o Brasil conhecido em Portugal, tornar Portugal conhecido no Brasil” (CASTILHO; VICTOR; TAVARES, 1900, p. 2). Amparando-se na vasta materialidade das fontes, eis que surgiram os seguintes questionamentos: Como e por que surgiu o almanaque *Brasil-Portugal*? Qual o propósito de sua materialidade? Quais eram os recursos estilísticos e de comunicação utilizados? Por onde circulava? Para qual público era destinado? Como se estabeleceu o vínculo de sociabilidades entre intelectuais portugueses e brasileiros no interior dos almanaques e na imprensa brasileira? Em linhas gerais, foi a partir dessas indagações que esta pesquisa se guiou.

Partindo desse pressuposto, aponto como uma das principais motivações em iniciar esta pesquisa a importância de ressaltar esse tipo de fonte que por muito tempo foi menosprezada pela historiografia, no sentido de compreender o universo da escrita, produção e leitura das imagens impressas no almanaque como um aliado na composição da história cultural luso-brasileira e, sobretudo, como *corpus* documental para a história da educação.

¹¹ Publicada quinzenalmente, entre 01 de fevereiro a 1899 a 16 de fevereiro de 1914, a *Revista Brasil-Portugal* foi produzida em Lisboa e circulou em Portugal, no Brasil e na África. Todos os números da *Revista*, exceto o último exemplar de nº 362, estão disponibilizados no sítio da Hemeroteca Digital de Lisboa. Para acessar, ver: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>.

Tomando como fonte e objeto de reflexões o *Almanach do Brasil-Portugal*¹², este trabalho possibilita compreender, em meio a um contexto marcado pelo processo de formação nacional e, destarte, orientado pela expectativa de progresso e modernização, como esse projeto editorial instruía e civilizava os seus leitores. A perspectiva é de enriquecer o debate historiográfico entre os dois países, dado que ainda há carências bibliográficas sobre o tema das relações luso-brasileiras, sobretudo, após a Proclamação da República do Brasil.

Por fim, elenco a relevância de analisar o *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* (1900-1903), no sentido de não só elucidar e contribuir para a valorização do material, mas também em enfatizar teórica e metodologicamente os campos da história, educação e da história da educação evidenciados no início do século XX, por meio desse tipo de fonte.

Burilando a historiografia brasileira, nota-se de forma geral que nas obras que demarcam o campo da história da educação¹³, em menção aos processos educativos da América Portuguesa e das relações luso-brasileiras, o período colonial tem sido particularmente privilegiado, na sua maior parte, em produções sobre a atuação educacional portuguesa da Companhia de Jesus no Brasil e nas reformas promovidas pela administração de Marquês de Pombal, na segunda metade do século XVIII, reportando-se significativamente nas ações do Estado ou da Igreja.

Poucos são os estudos mais recentes que se propõem a lançar um olhar crítico para além das relações polarizadas entre Metrópole e Colônia, bem como avançam nas abordagens historiográficas entre portugueses e brasileiros logo após a Proclamação da República. Com efeito, penso que embora as relações luso-brasileiras tivessem sido conturbadas na primeira metade dos anos 1890, resultando no rompimento das relações diplomáticas entre os dois países (cf. HEINSFELD, 2007), o diálogo bilateral entre Portugal e Brasil foi mantido por parte de alguns intelectuais portugueses e brasileiros que, expressos pelo nacionalismo, partilhavam interesses em comum através do universo da palavra escrita.

É diante desse cenário que surge entre a imigração portuguesa, e sob os auspícios de uma política cultural luso-brasileira, os impressos *Brasil-Portugal*. Ilustrado e, por conseguinte, rico em imagens, a partir das narrativas formuladas por intelectuais portugueses e brasileiros, o *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* visava educar e civilizar o público

¹² Faço uso dos três volumes (1900, 1901, 1903) disponibilizados pela Biblioteca Nacional de Portugal, tendo em vista que, diferentemente dos almanaques encontrados nos acervos da Brasileira Digital – os quais estão, em sua maior parte, em preto e branco, estes estão digitalizados em suas cores e definições originais.

¹³ Para além dos trabalhos pioneiros de José Ricardo Pires de Almeida (1889), Primitivo Moacyr (1896 -1942) e Fernando de Azevedo (1943) no campo da história da educação, destaca-se a tese do Prof. Laerte Ramos de Carvalho (1952); além de outras obras tais como: História da Companhia de Jesus no Brasil (1938-1950), História do ensino profissional no Brasil (1953), Primórdios da educação no Brasil (1958), O método pedagógico dos jesuítas (1960) e A Educação secundária: perspectiva e teoria (1969). (cf. SAVIANI, 2008).

leitor na medida em que inculcava comportamentos e hábitos, bem como aconselhava sobre as mais diversas questões a exemplo da astronomia, dos trabalhos agrícolas, da medicina e da higiene. Aliado às ideias de progresso e modernização, estimuladas através de inúmeras comemorações cívicas, esse empreendimento editorial era também fomentado por discussões políticas e literárias, anedotas, crônicas, poesias, entre outros, no âmbito de “[...] entreter sem massar, o de interessar sem enfastiar”¹⁴. (ALMANACH..., 1903, p. 127). Nessa perspectiva, o argumento de tese aqui defendido é que os intelectuais brasileiros e portugueses, em meio à um projeto editorial orientado para o progresso e a modernização, atuavam como mediadores culturais na medida em que se apropriavam de textos, saberes, conhecimentos e ideias para produzir novos significados e, respectivamente, um bem cultural singular. Portanto, esses mediadores contribuíam para os processos de transferências culturais ao fazerem comunicar entre si as duas nações (que, projetava-se por meio da língua, dos costumes, isto é, através das dinâmicas de produção de bens culturais) misturando seus elementos e sentidos e, de tal maneira, criando novos sentidos integrantes de um produto/código cultural, que eram representados a partir dos almanaques *Brasil-Portugal*.

A fim de complementar e fortalecer o argumento de tese anteriormente defendido, levanta-se aqui a hipótese de que, através dos impressos *Brasil-Portugal*, tinha-se por intenção difundir o ideal de educação, civilização e cultura engendrados no final do século XIX e início do século XX, além de servirem como veículo de promoção da amizade luso-brasileira, pautado no diálogo bilateral e na valorização da língua, como idioma comum. Os indícios que embasam previamente tal argumento residem no fato de que a presença dos imigrantes portugueses no Brasil, sobretudo, na Primeira República, foi essencial no âmbito de servirem como principais agentes de difusão do discurso panlusitanista, além de manterem o papel de promotores de uma aproximação luso-brasileira (FERREIRA, 2007).

Neste escopo, tomando como pressuposto teórico-metodológico a história cultural, são analisados os almanaques *Brasil-Portugal*, no âmbito de uma história plural e dos conflitos socioculturais. Com base na premissa de Roger Chartier, o *Almanach* é visto em sua materialidade de objeto cultural ao se preocupar com as práticas que o produziram e os usos que são feitos dele. A análise da materialidade se faz necessária, visto que “[...] não existe texto fora do suporte que o dá a ler e que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega a seu leitor” (CHARTIER, 1990, p. 127).

¹⁴ Optou-se por manter a ortografia referente à época transcrita (e assim será feito nas subsequentes citações). Todas as citações estão transcritas igualmente como constam nas fontes.

Tendo como base três volumes (1900, 1901 e 1903)¹⁵, que somados alcançam em torno de 610 páginas permeadas de ilustrações¹⁶, crônicas e uma variedade de textos destinados ao público luso-brasileiro – com temas ligados à educação, história, literatura, arte, ciências, política, etnografia, religião, etc, a tese tem por objetivo discutir como os intelectuais brasileiros e portugueses tinham a intenção de educar e civilizar os leitores, sobretudo, observando os elementos cívico-educacionais presentes nos almanaques *Brasil-Portugal*.

Apesar dos almanaques estarem voltados para o início do século XX, toma-se como ponto de partida o ano de 1899, uma vez que foi esse o período em que o *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* foi idealizado e produzido pela empresa *Brasil-Portugal*¹⁷, estendendo-se até 1903, referente ao terceiro e último anuário publicado. A fim de contextualizar historicamente o período, também são observadas as particularidades das iniciativas voltadas para a educação presentes naquele momento, dado que o surgimento da República brasileira sinalizou mudanças sociais e políticas, bem como desencadeou embates em torno de ideias e projetos para a reconstrução da nação, elencadas na formação da identidade cultural brasileira e na educação do “povo”¹⁸. Assim, embora tenha sido estabelecido este recorte inicial, quando necessário, recua-se a décadas anteriores a fim de tornar visível as continuidades e descontinuidades engendradas pelas forças educativas nos meandros da sociedade oitocentista.

A partir do recorte temporal de 1899 a 1903, evidencia-se com a materialidade¹⁹ dos almanaques analisados, as marcas de sua produção, circulação, distribuição e usos ou práticas de apropriação desses objetos. Para tanto, são observadas as intenções formuladas pelos intelectuais luso-brasileiros como interlocutores do público leitor, ao passo que os

¹⁵ Vale salientar que embora tenha sido divulgada pela *Revista Brasil-Portugal* a preparação do anuário de 1902, o impresso demorou a sair dos prelos, passando a compor o *Almanach Illustrado* para o ano de 1903.

¹⁶ A despeito das ilustrações é importante alertar ao leitor que não há pretensão de realizar uma análise delas no decorrer desta tese. Contudo, em frequente diálogo com o texto, as imagens aqui utilizadas são empregadas a fim de abarcar a materialidade das fontes e demonstrar o seu relevo no universo gráfico que se desenhava nos impressos *Brasil-Portugal*.

¹⁷ Apesar de ser impresso somente em janeiro de 1900, os almanaques *Brasil-Portugal* eram produzidos 1 (um) ano antes de trazerem à lume.

¹⁸ À propósito, os conceitos e categorias utilizados no decorrer deste trabalho que circundam as discussões sobre a imprensa e a educação centram-se, especialmente, no contexto do Brasil por ser considerado o lugar de fala da pesquisadora. Prioriza-se também este enfoque pela autora estar vinculada à linha de História da Educação, do PPGE/UFPB, que tem por ementa estudos e pesquisas sobre as memórias e as histórias da educação brasileira.

¹⁹ A ideia de materialidade aqui proposta recobre tudo que abrange as fontes (imagens, capa, formato, textos...) e o suporte, isto é, os elementos que importam no processo de construção do sentido e que compõe as diferentes interpretações, representações, usos e apropriações de seus diferentes públicos. (cf. CHARTIER, 1990). Pelo viés da história da educação, no âmbito da natureza teórico-instrumental, a materialidade – articulada em uma combinatória aos conceitos de representação e apropriação – inclui “[...]condições materiais, espaços, tempos, meios didáticos e pedagógicos, programas, estruturas organizacional, de poder e de comunicação – instâncias basicamente objectivas e de funcionamento” (MAGALHÃES, 2007, p. 71).

almanaques, de modo geral, eram escritos para o povo, e não pelo povo (cf. DARNTON, 1990, p. 215).

Produzido e editado em Lisboa pela Tipografia Nacional Editora, o *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* circulou pelo Brasil através de seu depositário exclusivo denominado *Águia D'Ouro Netto & Nunes*, situado na Rua do Ouvidor, 135, Rio de Janeiro. Embora suas impressões tenham sido realizadas em Lisboa e parte considerável dos colaboradores²⁰ fosse de ascendência portuguesa, havia a presença marcante de intelectuais brasileiros nas principais seções dos almanaques, além de correspondentes e agentes espalhados por determinadas regiões²¹ do Brasil. Desse modo, indivíduos em sua maioria de origem portuguesa e brasileira²², tais como Aurea Pires (1876-1949), Olavo Bilac (1865-1918), Guerra Junqueiro (1850-1923), Coelho Netto (1864-1934), Brito Aranha (1833-1914), Valentim Magalhães (1859-1903), Eça de Queirós (1845-1900), Nuno de Andrade (1851-1922), Alberto de Oliveira (1857-1932) e Gomes Leal (1848-1921), buscavam de alguma forma contribuir com os “[...] dois paizes que fallam o idioma de Camões” (ALMANACH..., 1901, n.p).

O percurso metodológico decorre com o levantamento das fontes e análise das pesquisas bibliográficas, além de leituras e fichamentos minuciosos referentes aos temas abordados, principalmente, no que tange à intrínseca relação entre a construção da nação e o ideário de educação, no período de transição do Império para a República brasileira. Dentre as fontes, posto que *Almanach* seja o objeto de estudo, também são analisadas as *Revistas*²³, evidenciando os números publicados no ano de 1900, a propósito das matérias comemorativas produzidas em referência ao IV Centenário de Descobrimento” do Brasil. Justifica-se a necessidade de esquadrihá-las por apresentarem indícios acerca do surgimento dos

²⁰ Optei, ao longo do texto, por usar o masculino em referência aos colaboradores. A escolha se deu somente por ordem prática, ao passo que o grupo editorial é formado quase que em sua totalidade por homens, integrando nele apenas duas mulheres: Adelina Lopes e Aurea Pires. Embora não seja utilizada a linguagem inclusiva feminina, busca-se empregar superlativos sem gênero, sem perder o sentido e a concordância do texto.

²¹ Mas, embora os representantes da empresa *Brasil-Portugal* atuassem em diversos estados do país, a exemplo do Maranhão, Amazonas, Ceará, Pernambuco, Pará e Bahia, o Rio de Janeiro é retratado nos impressos com maior predominância como pauta de suas matérias e como principal local na veiculação de eventos cívico-históricos, tanto na esfera político-econômica, quanto na esfera sociocultural. Esses indícios recaem na hipótese de que além do Rio de Janeiro ser, durante a circulação das revistas e dos almanaques, a capital federal do país, havia um fluxo intenso de imigrantes nessa localidade. Dessa forma, como os periódicos estavam também voltados para as comunidades portuguesas que viviam no Brasil e, parte considerável dessas habitava naquele momento no Rio de Janeiro, talvez se justifique o fato de se abordar mais sobre essa região.

²² Mesmo que o número seja pouco expressivo, se comparado com o quantitativo de colaboradores de Portugal e do Brasil, havia também escritores de outras nacionalidades, a saber: 2 franceses, 1 espanhol e 1 italiano. Todavia, em razão do tema circunscrito às relações luso-brasileiros, avulta-se as análises dos intelectuais portugueses e brasileiros.

²³ Todas as vezes que forem feitas menções à *Revista* – grafada em itálico – estarei fazendo referência ao periódico quinzenal *Brasil-Portugal*.

almanaques e dados dos seus diretores/produtores/colaboradores, visto que foi por meio desses impressos quinzenais que o *Almanach Brasil-Portugal* se originou, tomou forma e passou a ser propagado, inclusive, vendido e assinado pela mesma redação das *Revistas*. Retomar os periódicos também se faz imprescindível para que se possa perceber como se deu sua circularidade, usos e intencionalidades, além seguir os rastros das redes de sociabilidade luso-brasileiras formadas no interior das *Revistas*, considerando que parte do grupo editorial atuou nos dois impressos.

Ademais, por meio da consulta aos acervos da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital do Brasil, são levantados alguns jornais²⁴, entre o final do século XIX e início do XX, que fazem menção aos diretores e aos impressos da empresa *Brasil-Portugal*, vislumbrando compreender as redes de sociabilidade e perceber como se deu a circulação e recepção destes impressos na imprensa brasileira. Diante dos acervos consultados²⁵ no Brasil e em Portugal, dispus-me a encontrar diferentes fontes sobre a temática em estudo que certamente contribuem para um olhar mais atento ao diálogo bilateral entre portugueses e brasileiros viabilizando, no campo histórico-educacional, a importância da dimensão social e cultural da história luso-brasileira.

Acerca dos referenciais teóricos, faço alusão à ideia de instrução perpassada nos almanaques em seu sentido mais geral, uma vez que segundo Antonio Carlos Ferreira Pinheiro (2009, p. 112), o século XX redundou com o desaparecimento dos sentidos específicos atribuídos à instrução no Oitocentos²⁶, de modo que aos poucos foi sendo substituído e tornando senso comum a adoção da expressão *educação*. A educação aparecia como uma defesa contra todos os males como promessa regeneradora do povo e principal aliada na questão nacional. Assim, era preciso educar a população a fim de criar um sentimento de amor à pátria como alicerce para uma educação nacional.

²⁴ *A Federação* (RS e AM), *A Notícia* (RJ), *A Província do Espírito Santo* (ES), *Cidade do Rio* (RJ), *Diário de Notícias* (PT), *Diário do Maranhão* (MA), *Diário de Pernambuco* (PE), *Jornal de Recife* (PE), *Jornal do Brasil* (RJ), *Jornal do Comércio* (RJ), *Gazeta do Norte* (CE), *Gazeta de Notícias* (RJ), *Gazeta da Tarde* (RJ), *O Mequetrefe* (RJ), *O Paiz* (RJ), *O Para* (PA), *O Vassourense* (RJ), *Pacotilha* (MA), *Pequeno Jornal* (PE) e *Regeneração* (SC).

²⁵ Na perspectiva de que os propósitos da pesquisa sejam alcançados, foi necessária a consulta aos acervos da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindim, da Biblioteca Nacional Digital do Brasil, da Biblioteca Nacional Digital de Portugal, da Hemeroteca Digital de Lisboa, Biblioteca Digital da Faculdade de Letras de Lisboa, da Biblioteca Nacional de Portugal, da Biblioteca Central da Marinha, da Biblioteca Museu República e Resistência, da Biblioteca Pública Municipal do Porto, da Hemeroteca Municipal de Lisboa e do Real Gabinete Português de Leitura, situado no Rio de Janeiro.

²⁶ De acordo com Antonio Carlos Pinheiro (2009), no contexto do Brasil Imperial, há pelo menos três sentidos utilizados para o termo instrução: a) para designar toda a organização ou estrutura escolar pública e particular; b) como ato de aprender algo, ou seja, instruir-se; c) como acepção mais ampla semelhante ou sinônima da educação.

Enveredo a educação associada ao tema de civilização, por ser ela empregada nos almanaques muitas vezes para promover uma literatura cívico-patriótica ao difundir determinados hábitos, normas de condutas ou mesmo medidas para a superação dos problemas nacionais. Para o tema da civilização dialoga-se com André Botelho (2002), a fim de refletir sobre a produção e reprodução simbólica dos valores cívicos republicanos no Brasil, formulados por intelectuais – portadores sociais da cultura política moderna, na passagem do século XIX para o XX, e com Norbert Elias (1993), para pautar-se no conceito debruçado na realidade da Europa, tomada como modelo de civilização ao “Novo Mundo”. Para Elias, trata-se de um processo de longa duração – o processo civilizador – que “[...]constitui uma mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica” (ELIAS, 1993, p. 193).

Utilizo a noção de educação, ancorada no contexto da virada do século XIX para o século XX, em sua acepção para além da escola e, também, aliada aos ideais de civilização e ao projeto de nação, considerando suas formas institucionalizadas e não institucionalizadas. Assim, tomando como base a importância da pluralidade das forças educativas, evidenciadas por José Gonçalves Gondra e Alessandra Shueler (2008), evoco uma destas forças representada por uma parte da sociedade civil que, através da criação de múltiplos espaços e redes de sociabilidade²⁷, permite-se compreender seus esforços e estratégias para promover projetos de educação e de nação.

Para pensar sobre o suporte e materialidade das revistas e almanaques *Brasil-Portugal*, inculcados em elementos cívico-educacionais norteados pelo ideário de progresso e modernização, remeto à guisa de Tania Regina de Luca (2006, 2008a) e Ana Luiza Martins (2003, 2006, 2008, 2008b), que discutem sobre a importância dos impressos e da imprensa periódica no cenário republicano brasileiro, tecendo também considerações sobre suas condições de produção e circulação, recursos gráfico-visuais, publicidade e propaganda, assim como outras questões pertinentes face à natureza dos capitais envolvidos no periodismo. Proponho uma aproximação com a história cultural, seja em relação ao suporte de textos e aos próprios textos, seja no âmbito das representações do mundo social, no que corresponde à historicidade da sua produção e na intencionalidade de sua escrita.

No que condiz aos mediadores lusos e brasileiros desses impressos, utilizo da categoria sob o viés de Angela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen (2016), dado que as

²⁷ Para pensar as redes de sociabilidade no universo intelectual luso-brasileiro, apoio-me na concepção de Jean François Sirinelli (1996), bem como na de Angela de Castro Gomes (1993), por compreender que as redes de sociabilidade não só englobam a ideia de rede, como também os espaços de afetividade.

autoras defendem a mediação quando se possibilita “inventar” um produto híbrido, resultado dos processos de trocas culturais e que também produz algo novo, bem como igualmente traz aspectos político-sociais. Segundo Gomes e Hansen “[...] os mediadores são indivíduos ou grupos que estão integrados por meio de redes que se constituem em espaços propícios ao surgimento de novas maneiras de pensar e sentir” (2016, p. 33), tendo um papel importante nos processos de transferências culturais ao estabelecerem uma comunicação com mais de um espaço ou grupo sociocultural.

Sobre as “representações” atribuídas por intelectuais portugueses e brasileiros através dos almanaques *Brasil-Portugal*, emprego como aporte teórico as discussões de Roger Chartier. Para ele, a representação são os modos pelos quais diferentes contextos sociais são construídos tendo por parte seus sistemas próprios de classificações, de visões, delimitações e formas de apreensão do real em diferentes lugares e momentos (CHARTIER, 1990, p. 16-17). Nessa perspectiva, por representação entende-se a forma como os indivíduos concebem a realidade e de como essa concepção está incorporada nos textos e orienta as suas práticas sociais. Há nos textos uma materialidade e uma intencionalidade, e isso é particularmente notório no *Almanach Brasil-Portugal*, conforme busca-se demonstrar.

Portanto, enfatiza-se a importância de compreender o elemento civilizatório que substantivava as relações históricas Portugal-Brasil/Brasil-Portugal, sob o viés da aproximação interdisciplinar entre a história cultural e a história da educação, conforme destaca Justino Magalhães. Para o autor, “[...] a história da educação não apenas se incorpora na história social e na história cultural, como se desenvolve, em boa parte, a partir das mesmas fontes e por uma matriz histórica integradora e estruturante no plano civilizacional” (MAGALHÃES, 2003, p. 37).

Para nortear a discussão da temática o presente trabalho está estruturado em cinco seções. Na **seção 1** apresenta-se ao leitor como a pesquisa surgiu, como ela se guiou e qual a proposta do estudo, introduzindo os caminhos teórico-metodológicos que a serem percorridos no tramitar da tese.

Na **seção 2**, por meio da historiografia dos impressos, realizo um breve passeio pela imprensa e pela rota dos almanaques luso-brasileiros que circularam no Brasil entre os séculos XIX e XX. Por conseguinte, na perspectiva de perceber como se estabeleceu o vínculo de sociabilidade entre os intelectuais portugueses e brasileiros no interior dos impressos do *Brasil-Portugal* e na imprensa luso-brasileira, identifico o corpo diretivo dos dois periódicos em questão para, concomitantemente, elencar os múltiplos espaços de sociabilidades em que esses sujeitos transitaram.

Na **seção 3**, adentro no universo da *Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada*, atentando para o suporte de textos e as redes de sociabilidade criadas no interior desse periódico, dado que o *Almanach* foi constituído a partir da *Revista*. Para tanto, caracterizo o grupo responsável pela produção, edição e publicação dos dois impressos, seus principais colaboradores, correspondentes e o público leitor ao qual eram destinados. Nesse entremeio, esmiúça-se a complexa teia de circulação, locais de venda e recepção destes impressos pela imprensa periódica na interação com o contexto em voga.

Na **seção 4**, realiza-se uma análise a partir do levantamento de informações biográficas, a fim de compor um perfil coletivo dos 80 colaboradores, articulado às suas produções, ofícios e lugares de sociabilidade. Acolhendo-se como baliza as categorias de gênero, idade, geração, nacionalidade, produção intelectual e atividade profissional, propõe-se atentar para as diversas funções e posições acumuladas por estes intelectuais que, como mediadores culturais conferiam reconhecimento, seja pelo público, seja pelo próprio campo intelectual em que estavam inseridos.

Na **seção 5**, alinhada à caracterização desse grupo editorial, busca-se discutir como os intelectuais portugueses e brasileiros tinham a intenção de educar, bem como civilizar os leitores. Como critério de seleção e de análise das fontes, direciono a materialidade dos impressos *Brasil-Portugal*, norteando-me pela trajetória dos intelectuais que se atrelaram ao magistério em meio a suas atividades profissionais, já que eles compõem uma parte dos colaboradores que tiveram a docência dentre os seus ofícios. Assim, a análise do *Almanach* percorre duas vias: sob a produção e atuação dos colaboradores como mediadores culturais e, ao mesmo tempo, pelo esquadramento da materialidade dos almanaques, tendo como eixo norteador os temas da civilização, educação e cultura. Para alcançar tal intento, constrói-se nesta seção uma narrativa que é conduzida pelos colaboradores que, em meio à uma rede de itinerários e sociabilidades, procura-se perceber se suas atuações e produções de alguma forma preconizam as publicações nos almanaques *Brasil-Portugal*.

Por fim, é importante frisar que os impressos aqui analisados fomentam um pensamento histórico-educacional, a partir da circulação de ideias e de narrativas hegemônicas que, através de mediações culturais e redes sociabilidades firmadas entre portugueses e brasileiros, versam elementos que atuam na construção da nação e, por sua vez, em um ideário de educação. Portanto, inserindo-se em uma dimensão histórica alicerçada em espaços formais/informais e não-escolares, este trabalho segue os pressupostos da história da educação no que condiz as práticas de sociabilidade e nos múltiplos sentidos que a educação se traduz no contexto aqui apresentado.

2 AS MARCAS INDELÉVEIS DE ESCRITA, PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DOS ALMANAQUES

2.1 Brasil e Portugal: a expansão da imprensa d'além-mar

Em 1808, com a transferência da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro, difundiu-se a circulação de almanaques no Brasil em consonância com a fundação da Imprensa Régia. No decorrer do século XIX, por se tratar de uma leitura de fácil manuseio, variados tipos de almanaques se perpetuaram pelo Brasil como um instrumento de divulgação de conhecimento e ainda como um elemento catalisador na formação de uma comunidade de leitores.

Antes de iniciar uma incursão historiográfica pelos almanaques luso-brasileiros que circularam no Brasil entre os séculos XIX e XX, é relevante pautar também a importância da imprensa portuguesa e brasileira como força ativa e, especialmente, como portadora de conflitos sociais e hierarquias, dado que não me parece possível compreender a imprensa isolada da sociedade e do contexto histórico que a circunda. Contudo, é necessário alertar ao leitor que não tenho por objetivo realizar aqui uma gênese da história da imprensa portuguesa e brasileira, nem tampouco investigar a origem etimológica dos almanaques²⁸. Logo, retomarei alguns séculos tão somente para perceber como foram estabelecidas as conexões entre a imprensa portuguesa e brasileira, na intenção de encontrar vestígios significantes que remontem a circulação dos almanaques luso-brasileiros, mediante a colônia portuguesa que se firmava no seio da sociedade carioca do Oitocentos²⁹.

José Manuel Tengarrinha, em sua obra *História da Imprensa Periódica Portuguesa* (1965), propondo estudar o jornalismo português, especialmente durante a Monarquia, divide a história da imprensa portuguesa em três períodos: 1) Os primórdios da imprensa periódica em Portugal (tomando como ponto de partida o surgimento da primeira publicação portuguesa, *A Gazeta da Restauração*, até cerca de 1820); 2) A imprensa romântica ou de opinião (1820 em diante); 3) A organização industrial da imprensa, decorrente ao

²⁸ Com a renovação das abordagens políticas e culturais, a imprensa passou a ser considerada como fonte documental e também agente histórico, e não mais como um mero registro de acontecimentos (MOREL; BARROS, 2003). Nesta seção, para elucidar o debate historiográfico sobre a imprensa portuguesa e brasileira, faço alusão às considerações de José Manuel Tengarrinha (1965), Nelson Sodré (1999), Ana Luiza Martins (2006, 2008), Tânia Luca (2008) e Márcia Abreu (2010).

²⁹ Quando faço menção à sociedade carioca, refiro-me à cidade do Rio de Janeiro, uma vez que com a criação do Município Neutro, estabelecido pelo Ato Adicional de 1834, começou-se a usar a expressão “carioca” no lugar de “fluminense”, aplicando-se aos que nasciam na cidade. Vale ressaltar também que somente em 1975, no governo Geisel (1974-1979), foi sancionada a Lei Complementar nº 20, que estabeleceu o território atual do estado do Rio de Janeiro, com o propósito de unir a cidade do Rio de Janeiro ao estado do Rio de Janeiro. A partir daí a cidade do Rio de Janeiro passou a exercer a função de capital dessa nova unidade federativa, com a fusão do estado de Guanabara, que se tornava um município do atual estado.

aparecimento do *Diário de Notícias* (1865; 1864, caso sejam considerados os números experimentais).

É durante o primeiro período descrito por Tengarrinha que a imprensa portuguesa se associa ao Brasil. No início do século XIX, com a primeira invasão francesa em Portugal, a Família Real refugia-se no Rio de Janeiro. A vinda da Corte para o Brasil levou à implantação da imprensa no Brasil que, segundo Jorge Pedro Sousa (2008, p. 12), “[...] teria sido retardada por vários fenómenos sócio-culturais, como o analfabetismo e a pobreza da maioria da população, sem excluir que a metrópole também possa ter tido razões políticas para atrasar o nascimento da imprensa brasileira”.

Nesse sentido foi criada em 13 de maio de 1808, por decreto, a Imprensa Régia, cabendo exclusivamente à casa oficial publicar documentos, papéis e livros que garantissem o monopólio da impressão no Brasil, conforme Decreto rubricado por Dom João, na época Príncipe Regente:

[...] Attendendo á necessidade que ha da Officina de Impressão [...] sou servido, que a Caza, onde eles se estabelecerão, sirva interinamente de Impressão Regia, onde se imprimão exclusivamente toda a Legislação, e Papeis Diplomaticos, que emanarem de qualquer Repartição do Meu Real Serviço; e se possão imprimir todas, e quaesquer outras Obras [...] (CAMARGO; MORAES, 1993, p. 17).

Administrada por uma comissão formada por três diretores, José Bernardo de Castro, Mariano José Pereira de Fonseca e José da Silva Lisboa, encarregados de examinar todos os papéis e livros que fossem publicados pela casa, a Impressão Régia deveria garantir que nenhum atentado à religião, ao governo ou à moral ganhasse forma impressa (ABREU, 2010, p. 43). Com isso, é notória a exigência burocrática estabelecida pelo decreto ao atribuir funções à Casa Régia, além de estender a produção de todas e quaisquer outras obras, uma vez que até aquela data os autores nacionais mandavam imprimir suas produções na Europa, principalmente em Portugal. No entanto, ainda que toda a obra anunciada pudesse ser impressa no Rio de Janeiro, a prática de importação de livros ainda se mantinha, visto que as obras saídas dos prelos da Impressão Régia geralmente deixavam a desejar no âmbito econômico. Márcia Abreu justifica que isso se devia aos altos custos de impressão, que eram muito mais elevados do que os praticados em Portugal, pois “[...] efetivamente, os livros eram muito mais caros no Rio de Janeiro do que em Lisboa” (2010, p. 58).

A publicação do decreto também abriu as portas para a instalação de novas tipografias na Corte, como também em diversas partes do Brasil. As primeiras capitais a instalarem tipografias foram Salvador/BA, em 1811, por iniciativa do português Manuel Antonio da

Silva Serva (? – 1819) e Recife/PE, em 1817, pelo comerciante português Ricardo Fernandes Catanho (?-?)³⁰. Marisa Deaecto (2010) pressupõe que a instalação dessas tipografias se deu pelo fato de ambas se situarem em eixos de intensa atividade política e intelectual desde o final do Setecentos.

Outro ponto a se destacar em relação à associação entre a imprensa portuguesa e o Brasil é a criação do *Correio Brasiliense* ou *Armazém Literário*, jornal fundado, dirigido e redigido pelo brasileiro Hipólito José da Costa (1774-1823). Considerado o primeiro periódico publicado por brasileiro e o primeiro veículo livre da censura portuguesa, o *Correio Brasiliense* foi editado e impresso em Londres³¹ na oficina de W. Levis, circulando mensalmente entre junho de 1808 a dezembro 1822, totalizando 175 números, de 96 a 150 páginas, formato *in octavo*³². (MARTINS, 2008; MARTINS; LUCA, 2006). De acordo com Nelson Sodré (1999), o periódico de Hipólito reunia em suas páginas, no plano internacional, o estudo das questões mais importantes que diziam respeito a Portugal ou ao Brasil, aproximando-se do tipo de periodismo conhecido atualmente como revista doutrinária.

Cerca de três meses após a fundação do *Correio Brasiliense*, por iniciativa oficial, surge a *Gazeta do Rio de Janeiro*. Como órgão do governo, esse impresso foi lançado com a perspectiva de informar e combater as ideias contrárias ao absolutismo português³³, que naquele momento declinava e lutava para resistir. Assim, a imprensa fazia uso de alguns periódicos para servir à própria estrutura do poder, agindo como veículo em defesa da ordem vigente.

Surge nas primeiras décadas do século XIX o que José Manuel Tengarrinha denomina de “imprensa romântica ou de opinião”. Do outro lado do Atlântico, crescia cada vez mais a imprensa política, permitida pela Revolução Liberal de 1820³⁴, disparando o ritmo de

³⁰ Utiliza-se este símbolo no decorrer da presente tese para corresponder a ausência de data de nascimento e morte dos sujeitos elucidados.

³¹ A criação de um periodismo sediado no estrangeiro pode ser justificada pelo pouco investimento no ramo do Brasil, levando-se em consideração alguns fatores, tais como: a limitação cultural do meio, a maciça população analfabeta e o desconhecimento dos prelos (MARTINS, 2008).

³² Refere-se ao formato de livro cujas folhas são dobradas em oito, totalizando dezesseis páginas.

³³ Sobre o absolutismo português, consultar: Jorge Borges de Macedo (1992, p. 8-14).

³⁴ Com a fuga da Família Real para o Brasil após a segunda invasão dos franceses e sob o comando do regente inglês, marechal Beresford, uma crise econômica e financeira se alastrou em Portugal. Em 1820, sob o contexto da proliferação de ideias liberais franco-espanholas, somado a uma série de descontentamentos socioeconômicos que se arrastavam com a crise (insatisfação contra a presença inglesa e os benefícios garantidos à Inglaterra, além da perda de rendimentos da burguesia e o empobrecimento geral da população), um grupo de integrantes do Sinédrio – sociedade secreta formada por maçons e liberais – iniciaram um levante tomando a cidade do Porto e, em seguida, Lisboa, culminando com o afastamento dos ingleses e com a criação de uma Junta Provisional de Governo do Reino. Como consequência da Revolução Liberal, em 1822, foi elaborada a Constituição Portuguesa que, baseada pelos princípios liberais da “igualdade” e “liberdade”, pautava-se expressamente ao problema da instrução pública. A esse respeito, ver especialmente TORRALBA, Luís Reis; VARGUES, Isabel. *A revolução de 1820 e a Instrução Pública*. Porto: Paisagem, 1984.

publicações de jornais portugueses no estrangeiro. A opinião pública figurava como instrumento simbólico para legitimar posições políticas e transformar determinadas demandas setoriais em uma vontade geral. No Brasil, o momento crucial para a emergência de uma opinião pública ocorreu entre os anos 1820 e 1821, período este que “[...] antecede a Independência e marca mudanças significativas na estrutura política da Península Ibérica e de seus domínios na América” (MARTINS; LUCA, 2008, p. 34).

Em conjunto ao processo de Independência do Brasil, a *Gazeta do Rio* deixou de circular, bem como se deu por encerrado o monopólio da Impressão Régia³⁵ no Rio de Janeiro, dando abertura para o surgimento de novos editores, diversas tipografias e outras possibilidades de impressão. No entanto, em decreto de 2 de março de 1821, o governo do Rio de Janeiro aboliu a censura prévia dos manuscritos, recaindo sobre as provas tipográficas. Em 9 de março do mesmo ano, a nova Constituição das Cortes de Lisboa decretou a liberdade de imprensa ao aprovar o fim da censura que pairava sobre todo o Império português. No Rio de Janeiro, o príncipe regente D. Pedro antecipou-se à lei decretando, a partir do Aviso de 28 de agosto de 1821, o fim da censura prévia no Brasil (MARTINS; LUCA, 2006; RIBEIRO, 2004).

Durante o período que marcou a partida do rei Dom João VI, em 1821, até o fechamento da Assembleia Constituinte, em 1823, surgiram diversos impressos que tinham a frente grupos políticos que defendiam a situação – favoráveis à continuidade dos laços com Portugal, e outros que se posicionavam contra as Cortes – em prol dos interesses do Brasil. Para representar a batalha dos periódicos que tomavam corpo no período de Independência, constituía-se a figura do intelectual brasileiro, compromissado com a missão pedagógica de formar e orientar politicamente uma nação que se tornava independente. A imprensa crescia como veículo formulador de projetos de nação distintos entre si e diante de uma cena política complexa que se comprometia, cada vez mais, com a questão nacional. Foi, portanto, nesse contexto que a escrita impressa ganhava contornos mais definidos no cotidiano da população, configurando cruzamentos entre as culturas letradas e iletradas no Brasil, conforme elucidam Ana Luiza Martins e Tânia Luca:

[...] As primeiras décadas do século XIX foram marcadas pela expansão do público leitor, das tiragens e do número de títulos, dando à escrita impressa uma crescente importância, apesar de ainda diminuta em relação ao total da população. A ligeira era escassa, mas o rótulo de “elitismo” para a imprensa que surgia deve ser visto com cautela mesmo no Brasil escravista. Havia

³⁵ A título de informação, em setembro de 1821, a Real Oficina Tipográfica (assim intitulada desde 1815) passou a ser denominada de Tipografia Nacional. Com o processo de Independência do Brasil recebeu o nome de Imprensa Nacional, o qual se mantém até hoje (ABREU, 2010, p. 43-44).

cruzamentos e interseções entre as expressões orais e escritas, entre as culturas letradas e iletradas. E a leitura, como nos tempos então recentes do Antigo Regime, não se limitava a uma atitude individual e privada, mas ostentava contornos coletivos. Nesse sentido, a circulação do debate político ultrapassava o público estritamente leitor, embora sua produção impressa fosse monopolizada por um consenso restrito de redatores heterogêneos (MARTINS; LUCA, 2008, p. 39).

A primeira manifestação de esforço, subordinado à deficiência de técnicas de impressão e a resistência colonial do meio, para ampliar a cultura impressa se deu através dos almanaques (SODRÉ, 1999, p. 24). Ainda de acordo com Nelson Sodré, em todas as províncias, foram surgindo os almanaques³⁶, lançados em períodos distintos e qualidade inferior, mas com informações úteis e, também, de publicidade, em nível rudimentar. Contudo, o autor ressalta que, na segunda metade do século XIX, as editoras brasileiras ainda eram limitadas e suas técnicas de impressão eram precárias, de modo que eram enviados ao exterior para serem impressos em países como Portugal, França e Alemanha. Inclusive, como ressalta Alessandra El Far (2010), o Brasil se beneficiou dos avanços conquistados pelo mercado editorial português, de forma que não só importou os volumes vendidos em Lisboa e na cidade do Porto, como também ampliou suas atividades através da comunicação estabelecida com aquele comércio livreiro³⁷, que contava com uma tecnologia mais avançada de impressão e edição. Além disso, com a expansão de editoras, favorecidas pelo transporte e pela abertura de mercados nas províncias, e a ausência de legislação sobre os direitos autorais, surgiram contrafações³⁸ de obras literárias, sobretudo, de autores portugueses. Isso demonstra que, mesmo como nação independente, a cultura impressa portuguesa se mantinha presente e circulando predominantemente no país.

Os serviços das agências estrangeiras, criados nas primeiras décadas do Oitocentos e potencializadas pelo surgimento do telégrafo, foram fundamentais para a inserção internacional da imprensa. Desse modo, a presença estrangeira também foi decisiva não só na importação de obras, como também na própria formação do parque gráfico brasileiro ao ter um nicho de profissionais atuando para um pequeno grupo de leitores que se constituía no Brasil. No entanto, em um segundo momento, com o surgimento de profissionais gráficos,

³⁶ Segundo Nelson Sodré (1999) o primeiro almanaque impresso surgiu no Brasil em 1840, no Rio Grande do Sul, denominado como a *Folhinha do Ano Bissexto de 1840*. Em seguida, surgiram outros almanaques que circularam em diferentes províncias, a exemplo de Pernambuco, Alagoas, São Paulo e Rio de Janeiro.

³⁷ Sobre alguns aspectos da circulação e do comércio livreiro entre Portugal e diversas partes do Brasil, no período que se estende de 1768 a 1800, e de variados pontos da América Portuguesa para distintos locais do Reino, entre 1769 e 1821, ver Luiz Carlos Villalta (2006).

³⁸ Após inúmeras reclamações contra a impressão de manuais escolares e obras literárias não autorizadas, em janeiro de 1854, o ministro português reafirmou a justiça e a conveniência de estabelecer o Direito e a Propriedade Literária e Artística entre Portugal e o Império (cf. NEVES; FERREIRA, 2010).

começaram a segmentar o então efervescente – mas pouco profissional – mercado das publicações jornalísticas e noticiosas no país, passando a atender a demanda de cada grupo. (OLIVEIRA, 2013, p. 102).

Com a Independência do Brasil, aumentou no país o número de imigrantes portugueses³⁹ em busca de trabalho em posições de médio ou baixo *status*, uma vez que Portugal passava por um período de reordenamento econômico que prejudicou os pequenos proprietários rurais ao terem suas terras reduzidas; eclodindo com uma grande crise vinícola que se arrastou entre 1886 a 1888, conforme Eulália Maria Lahmeyer Lobo (2001). Segundo a autora, o Brasil “[...] era visto no imaginário popular como terra de abundância e oportunidades de enriquecimento” (LOBO, 2001, p. 16). O comércio varejista dos centros urbanos do Brasil atraía os imigrantes portugueses, ao passo que esse setor havia sido controlado pelos portugueses desde o período Colonial. Por outro lado, o colono europeu também era motivado, pela política emigratória brasileira, a substituir o trabalho escravo como mão de obra agrícola, que estava condenado a extinguir-se. Ademais, os novos imigrantes buscavam oportunidades de trabalho a partir de redes de parentes e amigos que já estavam estabelecidos no país em posições administrativas.

De acordo com Rosana Barbosa (2003, p. 179), o registro de passaportes do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro aponta que “[...] os portugueses totalizaram 80% de todos os imigrantes livres registrados naquela cidade entre 1831 e 1842”. Ainda segundo a autora, esses imigrantes, em sua maioria, eram homens letrados que desembarcaram no Rio de Janeiro para trabalhar no setor de expansão comercial da cidade.

A fim de ilustrar o fluxo crescente de imigrantes europeus para o Brasil, especialmente de portugueses, reproduzo abaixo na tabela 1, o número de estrangeiros registrados pelo departamento de polícia no Rio de Janeiro, no período que compreendido entre abril de 1831 a maio de 1842:

³⁹ Sobre o tema da imigração portuguesa, consultar: Joel Serrão, *Conspecto histórico da emigração portuguesa* (1970); Gladys Sabina Ribeiro, “*Cabras*” e “*Pés-de-Chumbo*”: os rolos do tempo, o antilusitanismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1930) (Dissertação de Mestrado em História, 1987); Maria Manuela R. de Sousa Silva, *Portugueses no Brasil: Imaginário Social e Táticas Cotidianas* (1996); Eulália M^a Lahmeyer Lobo, *Imigração Portuguesa no Brasil* (2001); Rosana Barbosa, *Um panorama histórico da imigração portuguesa para o Brasil* (2003); e Carla Mary da Silva Oliveira, *Saudades d’Além-Mar: a revista Lusitania e a imigração portuguesa no Rio de Janeiro (1929-1934)* (2013).

Tabela 1– Número de estrangeiros registrados no departamento de polícia do Rio de Janeiro (Abril de 1831 – Maio de 1842)

Estrangeiros	Total
Portugueses	18.427
Franceses	1.346
Espanhóis	869
Ingleses	406
Alemães	268
Suíços	185
Genoveses	159
Italianos	155
Prussianos	151
Sardenhos	145
Outros	914

Fonte: adaptado de Barbosa (2003, p.180).

Como se pode perceber, o número de imigrantes portugueses é bem mais significativo em relação a outros estrangeiros. Porém, é importante ressaltar que havia também aqueles que não apareciam nas estatísticas, pois vinham clandestinamente para o Brasil, inclusive para se esquivarem à prestação do serviço militar.

Observando os registros e solicitações de passaporte em Coimbra/Portugal⁴⁰, entre os anos de 1840 a 1842, nota-se que a maior parte dos imigrantes portugueses era formada por homens solteiros, com média entre 15 a 35 anos, que tinham por destino o Rio de Janeiro, sem constar a previsão de retorno ao país de origem. No campo de registros⁴¹ das profissões,

⁴⁰Ver “Portugal, Coimbra, Registros e Solicitações de Passaporte, 1835-1938,” images, *FamilySearch* (<https://familysearch.org/pal:MM9.3.1/TH-1951-24473-5475-78?cc=1928596>; 21 May 2014), Tomo 1, 1835-1867 > image 7 of 240; Arquivo da Universidade de Coimbra, Coimbra (University of Coimbra Archives, Coimbra). Disponível em: < <https://familysearch.org> >. Acesso em: 22 set. 2016.

⁴¹ No documento de registro de passaportes eram solicitados os dados transcritos a seguir: ano, mês e dia, nomes, estados e profissões, naturalidade e residência, idade, altura, rosto cabelo, sobr’olhos, olhos, nariz, boca, barba, cor, por que tempo valioso e para que destino, títulos ou abonações que apresentarão e suas datas, e, por fim, observações. Contudo, nem todos os dados eram preenchidos devidamente.

apesar de só estarem preenchidos o estado civil, esses homens trabalhavam, quase sempre, em funções que não exigiam uma qualificação prévia e/ou de baixa remuneração, como caixeiro ou estivador (OLIVEIRA, 2013; MENEZES, 1996). Mas, por outro lado, Joel Serrão (1970) afirma que a saída de portugueses inteiramente desprovidos de bens só deve ter ocorrido no decurso da segunda metade do século XIX dado que, naquele momento, as despesas com a transferência para além-mar não pareciam decorrer em indivíduos que, econômica e socialmente, estivessem aquém do pequeno proprietário rural.

Entretanto, é preciso dizer que conforme o estudo apresentado por Maria Luisa Nabinger de Almeida Pasckes (1991), apesar do fluxo de imigrantes portugueses ser maior no Distrito Federal, no Estado do Rio de Janeiro, havia também um contingente imigratório em outras cidades do Norte⁴² do Brasil. A autora também afirma que entre 1864 a 1873, embora o número de imigrantes portugueses no Rio de Janeiro fosse de 66.258, somente 34.126 fixam-se nesta cidade, ou seja, 51,5%. Neste sentido, para “[...] os outros 32.132 imigrantes, ou seja, 48,5% se dispersaram para outras cidades do norte (Bahia, Manaus, etc) ”. (PASCKES, 1991, p. 91). Ainda segundo Pasckes, posteriormente, se deu o aumento do fluxo imigratório para São Paulo, contudo, este deslocamento⁴³ não se justificou pela necessidade de braços para a lavoura cafeeira. Para ela, os imigrantes portugueses continuaram dedicando-se ao setor secundário, participando do desenvolvimento industrial e de serviços (o comércio), principalmente, a partir de 1930.

Após a Proclamação da República do Brasil foi decretado pelo governo que todos os estrangeiros residentes em 15 de novembro de 1889 e aqueles que tivessem residência no país por dois anos seriam considerados brasileiros. Posteriormente, a Constituição de 1891 garantiu a nacionalização automática de qualquer cidadão estrangeiro que vivesse no Brasil e que num prazo de 6 meses não se declarasse contrário à nacionalização (OLIVEIRA, 2006). Com isso, aumentou-se o número de imigrantes portugueses no Brasil tanto que, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o pico do fluxo migratório aconteceu entre 1901 – 1930, com média anual de mais de 25 mil⁴⁴.

⁴² Até a década de 20 do século passado, o Brasil ainda era referenciado como se fosse composto em duas grandes porções – o Norte e o Sul – por isso, neste trabalho seguiremos a representação aludida à época. Mesmo quando se deu a separação do Norte e Nordeste, inicialmente, estes termos ainda eram atrelados como sinônimos e constantemente associados, indicando ser esse um momento de transição, em que a própria ideia de Nordeste não havia se institucionalizado (cf. ALBUQUERQUE Jr, 2009, p. 82-83).

⁴³ De acordo com Maria Izilda Santos de Matos (2007), a viagem transoceânica durava entre 3 a 5 semanas, em porões úmidos e mal ventilados. A embarcação com os imigrantes atracava no porto de Santos, aonde se tomava o trem até a cidade de São Paulo.

⁴⁴ Estes dados foram retirados do próprio sítio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/portugueses.html>>. Acesso

Em linhas gerais, embora tenha perpetuado por parte da população local um sentimento antilusitano⁴⁵ ao assumirem que estavam perdendo espaço no comércio varejista e/ou ocupação de cargos políticos e administrativos para portugueses – ou aos “galegos”, como eram chamados pejorativamente –, o governo brasileiro continuou a incentivar a imigração portuguesa, pois esses eram “[...] vistos como uma rica e pronta fonte de imigrantes brancos” (BARBOSA, 2003, p.187). Todavia, essas reações antiportuguesas ocorreram não só por um conflito de natureza econômica, mas também como consequência de um nacionalismo emergente que começava a ascender no país.

De acordo com Lúcia Lippi Oliveira (2006), em 1872, no Rio de Janeiro, então capital do Império do Brasil, 2 terços dos imigrantes eram portugueses. Desse modo, para não perder os laços culturais e afetivos que remetiam à terra de origem, imigrantes portugueses fundaram, no Rio de Janeiro, diversas associações e instituições, a exemplo do Real Gabinete Português de Leitura, a Caixa de Socorros D. Pedro IV e a Sociedade Portuguesa de Beneficência, que estimulavam a manutenção da identidade portuguesa, apoiando a inserção de imigrantes na sociedade carioca (OLIVEIRA, 2013). Além dessas associações, foi também criado em junho de 1859 o Retiro Literário Português que, a partir de uma dissidência interna, gerou o Liceu Literário Português, fundado em 1868 e responsável por ofertar cursos gratuitos de instrução primária e secundária (EVANGELISTA, 2008; OLIVEIRA, 1956). Nessa perspectiva, surgiram periódicos luso-brasileiros que buscavam manter o elo entre as colônias portuguesas⁴⁶ que aqui se instalaram e aqueles que viviam do outro lado do Atlântico. Aos poucos, ampliava-se a prática de leitura – ainda que restrita a públicos e setores sociais específicos, devido as altas taxas de analfabetismo ou de pouca escolaridade oferecidas à população no século XIX, a produção e o consumo de periódicos.

em 11. nov. 2018.

⁴⁵ O sentimento antilusitano serviu de pauta para a eclosão de alguns movimentos e revoltas separatistas que ocorreram no Brasil, no início do século XIX. Dentre essas revoltas, a Sabinada – ocorrida entre novembro de 1837 e março de 1838, na capital da província da Bahia – teve como uma de suas principais motivações os conflitos étnico-nacionais emergidos entre os portugueses e os brasileiros. “[...] caótico nas ações e contraditório nas intenções”, conforme registra Paulo César de Sousa (1987, p. 168), os líderes da Sabinada encarnavam os anseios de boa parte das camadas médias e baixas da população de Salvador, compostas na maioria por mulatos e escravos libertos.

⁴⁶ Cito como exemplo *A ilustração luso-brazileira: jornal universal* que circulou em Portugal e no Brasil, entre 1856 e 1859, e que de acordo com Rita Correia (2008) voltava-se para o público dos dois lados do Atlântico, uma elite “alfabetizada” e dotada de uma condição financeira favorável.

2.2 Recalculando rotas: um breve passeio na incursão dos almanaques

Os almanaques difundiram-se cada vez mais a partir do surgimento da imprensa, sobretudo, na segunda metade do século XIX, em que se consagraram em termos de quantidade e variedade, dada a sua importância e como instrumento de divulgação de informações e conhecimentos. Em alguns de seus formatos e repertórios os almanaques também tinham, por função, estabelecer relações com o poder público e forjar laços entre o Estado e a nação, constituindo-se ao mesmo tempo como veículo de disseminação de padrões culturais, valores e códigos sociais. Para além dessas funções, os almanaques luso-brasileiros serviam para reforçar a rede de solidariedades com a colônia portuguesa e com os próprios brasileiros, visto que o imigrante português desejava se desligar da “[...] dupla imagem do comerciante enriquecido por meios ilícitos ou poucos dignos e do pobre trabalhador analfabeto, salientando a presença de uma elite intelectual” (OLIVEIRA, 2004, p. 154).

A partir de um levantamento realizado em acervos, obras e catálogos digitais de bibliotecas portuguesas e brasileiras⁴⁷ foram encontrados alguns almanaques luso-brasileiros que circularam em alguns estados do Brasil, entre os séculos XIX e XX.

O primeiro a destacar, em ordem cronológica de publicação, é o *Almanach de Lembranças*, considerado o primeiro importado de Portugal para o Brasil. As suas primeiras edições foram produzidas em Paris, em 1850⁴⁸, sendo ele impresso até 1853, na tipografia

⁴⁷ Para esse levantamento foram consultados os acervos e catálogos digitais da Rede de Bibliotecas de Lisboa <<http://catalogolx.cm-lisboa.pt/>>, da Biblioteca Nacional Digital de Portugal <<http://www.bnportugal.pt/>>, da Base Nacional de Dados Bibliográficos <<http://porbase.bnportugal.pt/>>, da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin Digital <<http://www.brasiliana.usp.br/>> e da Biblioteca Nacional Digital do Brasil <<http://memoria.bn.br/hdb/uf.aspx>>. Também foram consultadas as seguintes obras: *Publicações periódicas portuguesas existentes na biblioteca na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (1641-1910)*, de Lúcia Mariano Veloso e José Manuel Mota de Sousa, editada em 1983, que consta de um catálogo de publicações periódicas portuguesas existentes até 1910; *Os sucessores de Zacuto: o almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI*, coordenado por Rosa Maria Galvão (2002), que reproduz a bibliografia de todos os almanaques publicados na Biblioteca Nacional de Portugal, do século XV ao XXI; *Os primeiros almanaques de São Paulo*, de Ana Maria de Almeida Camargo (1983), que se propõe a relacionar títulos e conteúdos de almanaques editados em São Paulo até 1930; *São Paulo em revista: Catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedade paulistana (1870-1930)*, de Heloísa de Faria Cruz (1997); que apresenta uma ficha técnica e resumo do conteúdo de impressos (entre eles os almanaques) produzidos na imprensa paulistana entre os anos de 1870 a 1930; e, por fim, *Do Almanak aos almanaques*, organizado por Marlyse Meyer (2001), que surgiu através da exposição de almanaques brasileiros na Fundação Memorial da América Latina, fruto do Colóquio Internacional “Os almanaques Populares: Da Europa à América - Gênero, Circulação e Relações Interculturais”, realizado na Universidade Estadual de Campina/SP, em 1999. Meyer reproduziu capas e algumas páginas dos almanaques, especialmente os de farmácia, formando um catálogo como resultado da exposição.

⁴⁸ Atenta-se que em agosto de 1850 foi aprovada uma lei que restringia a liberdade de imprensa em Portugal, conhecida popularmente por Lei das Rolhas. A Lei dificultava a fundação de jornais, ao passo que obrigava os editores a depositarem previamente avultadas quantias de dinheiro. As infrações à lei eram punidas com penas de prisão e multas. Talvez seja esse o motivo das primeiras edições do *Almanach de Lembranças* serem produzidas e impressas em Paris, pois a Lei das Rolhas só foi revogada em maio de 1851, na sequência de um golpe militar que conduziria à Regeneração (SOUSA, 2008, p. 29).

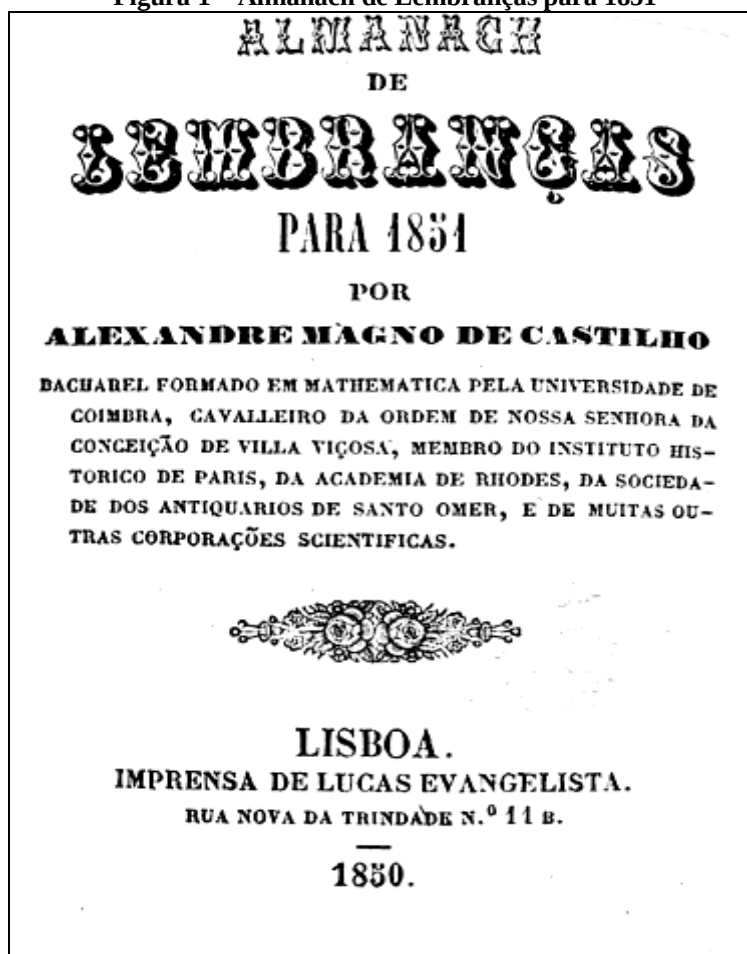
M.Cerf, quando passou a ser editado em Lisboa. (DUTRA, 2005; ROMARIZ, 2011). Fundado pelo português Alexandre Magno de Castilho (1803-1860), esse impresso passou por algumas mudanças durante o período em que circulou⁴⁹ (entre 1851 a 1932) e em sua nomenclatura, passando a ser intitulado de *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* em 1855, momento em que suas páginas ganharam cada vez mais volume e a tiragem começou a ultrapassar a marca de 16 mil exemplares, diversificando as suas matérias e conquistando leitores brasileiros e lusitanos:

O Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro surgiu numa altura em que este género de publicações alcançara não apenas em Portugal mas também no Brasil, incontestável importância e expansão. Os intelectuais dos dois lados do Atlântico perceberam os seus benefícios e, em particular, a possibilidade de atingir um vasto público e, com isso, melhor contribuir para a aproximação cultural entre as duas nações e para o interesse pela literatura e a cultura de ambas, bem como de outros territórios de língua portuguesa. No Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro eram frequentes os textos curtos, que descreviam hábitos e tradições locais, o que contribuiu para criar nos leitores o sentimento de pertença (ROMARIZ, 2011, p. 16)

Publicado anualmente e em formato de bolso, o *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* (Figura 1) foi impresso em duas edições, uma no Brasil e outra em Portugal, diferindo-se apenas nas cláusulas de calendário. Iniciava-se, geralmente, com uma lista completa dos nomes dos autores portugueses (em sua maioria) e brasileiros, separando as colaboradoras – que apareciam em primeiro plano – dos colaboradores (Figura 2). Em preto e branco e guiado por um calendário, o *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* (Figura 3) abarcava informações sobre eclipses, santos do dia, datas de festas nacionais e comemorações da Igreja, marés, pesos e medidas, incêndios, selos, marés, taxas alfandegárias, além de artigos, poemas, prosas, charadas, enigmas, ditados populares, correspondência, biografias e retratos de figuras ilustres. Neste sentido, esse almanaque buscava entreter e educar o leitor com informações que considerava úteis para a cidadania.

⁴⁹ O *Almanach de Lembranças*, assim como alguns outros almanaques que serão mencionados mais adiante, nem sempre apresentam pistas sobre os lugares de circulação. Esses impressos geralmente fazem alusão apenas ao Rio de Janeiro – por meio dos calendários, tabelas das marés, horário de partidas e chegadas dos transportes, artigos sobre a cidade, etc – como se essa região representasse e resumisse todo o Brasil, o que acaba por omitir a diversidade do país em relação aos outros estados.

Figura 1 – Almanach de Lembranças para 1851

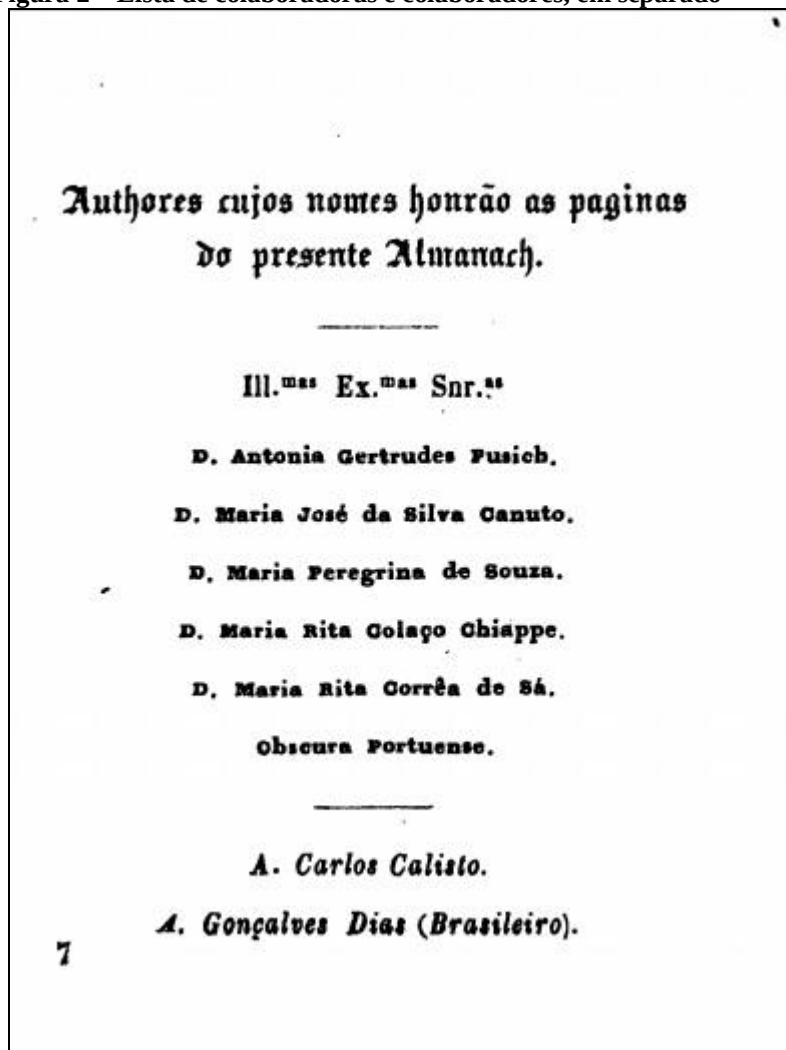


Fonte: MEYER (2001, p. 40).

Castilho, ao defender nas páginas do seu impresso a utilização de uma linguagem clara e simples, destinada não só aos eruditos como também aos menos instruídos como uma espécie de livro disciplinar, inculcia-se, segundo Eliana Dutra (2005, p. 120), numa perspectiva pedagógica própria da elite do seu tempo ao querer sensibilizar o governo português e o Conselho Superior de Instrução para a conveniência da difusão de uma literatura do gênero do Almanaque de Lembranças.

Os textos, frequentemente acompanhado de ilustrações, eram enviados do continente (Portugal) da Madeira e dos Açores, e das colônias portuguesas da África e da Ásia. No Brasil, entre a lista de autores, constava os nomes de Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), Frei Francisco do Monte Alverne (1784-1858), José Maria do Amaral (1812-1885) e Laurindo José da Silva Rabelo (1826-1874). Havia também textos de autoria anônima, tanto que na edição de 1856, por exemplo, entre a lista de autores dos textos há os dizeres de “anonymo” e, entre parênteses, a palavra “brasileiro”.

Figura 2 – Lista de colaboradoras e colaboradores, em separado



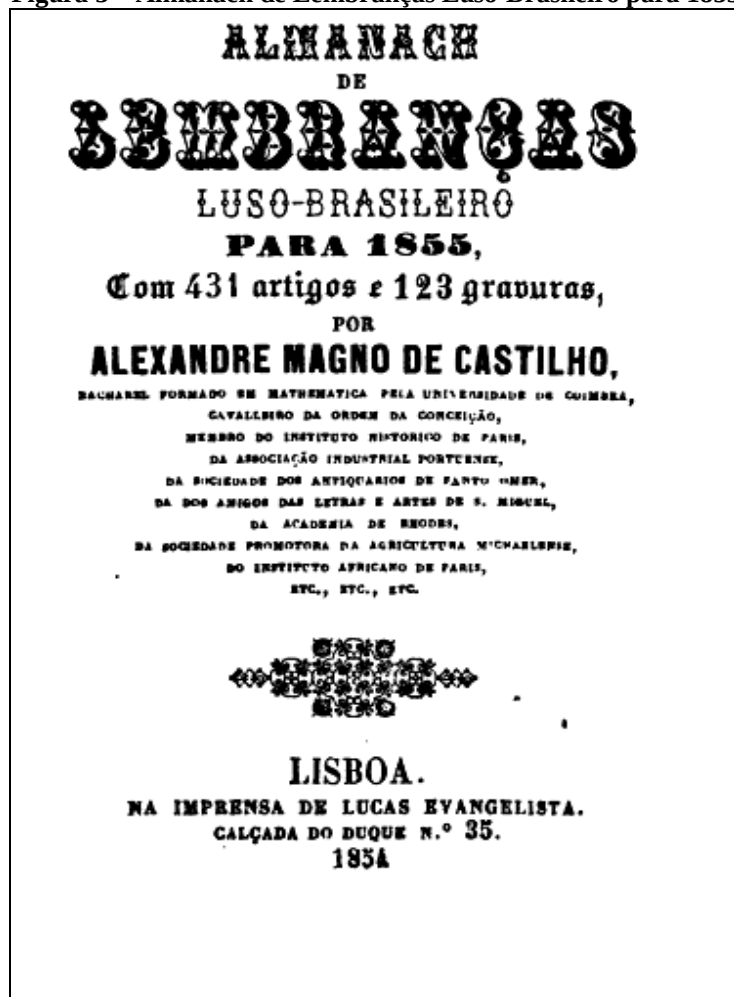
Fonte: Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para 1855 por Alexandre Magno de Castilho. (1854, p. 12)

A partir de 1872 passou a ser chamado de *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* (Figura 4), quando Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro (1819-1896) passou a ser responsável pelo almanaque. Nesse mesmo ano as tiragens aumentaram consideravelmente, de modo que o próprio almanaque registra que foi esgotada em meados de setembro a edição do Brasil e a de Portugal no início de outubro, deixando de satisfazer a muitos pedidos. Assim, para que não ocorresse o mesmo no ano de 1872, foi elevada a tiragem em ambas as edições. Com a ampliação das tiragens e da publicação de um suplemento esse impresso chegou a custar entre 300 e 400 réis no final do século XIX. Estes valores, no Brasil, segundo Jorge Americano (1957), equivaliam na época à uma dúzia de laranjas.

Até a publicação de seu último volume, em 1932, o *Novo Almanach* teve como um dos seus objetivos defender uma ligação entre a história e a cultura comuns do Brasil e de Portugal, no âmbito de difundir a ideia desses dois países compartilharem uma cultura

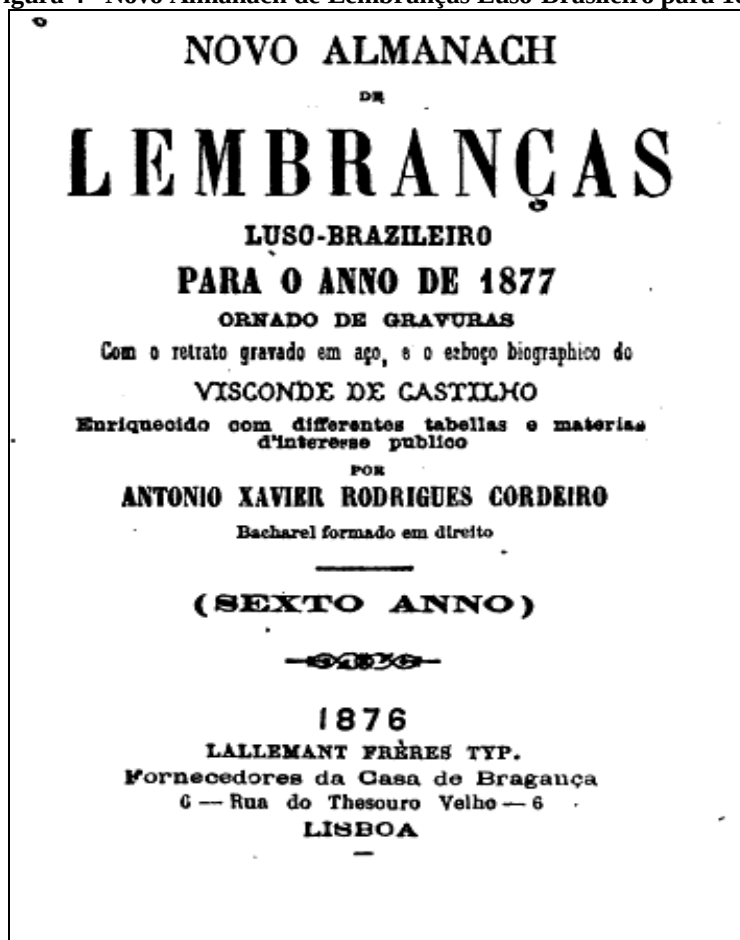
homogênea, como parte de uma continuidade do passado e do presente (cf. DUTRA, 2005; ROMARIZ, 2011).

Figura 3 – Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para 1855



Fonte: Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para 1855 por Alexandre Magno de Castilho. (1854, p. 1)

Figura 4– Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para 1877



Fonte: Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para 1877 por Alexandre Magno de Castilho. (1876, p.1).

Outro impresso luso-brasileiro que circulou, a partir de 1870⁵⁰, foi o *Almanach Familiar para Portugal e Brazil*. Produzido em Braga/Portugal e publicado por Gualdino Valladares e Augusto Valladares, esse almanaque dividia-se em duas partes.

A primeira parte era composta pela cronologia e pelos calendários português e brasileiro, além de previsões para jardinagem e agricultura para cada mês, tabela de equação do tempo e das marés de Lisboa e da cidade do Rio de Janeiro⁵¹, poemas, informações sobre os ciclos cronológicos (lunar e solar), alusão as principais e períodos históricos, entre outros.

A segunda parte, por sua vez, sob o título de “artigos e variedades”, apresenta poemas, charadas, crônicas, textos informativos sobre história, saúde e outros dados que abrangem tanto o senso comum quanto o conhecimento científico. No final do almanaque há um

⁵⁰ Não foram encontradas informações sobre até que ano o *Almanach Familiar para Portugal e Brazil* chegou a ser publicado. Só consta no catálogo da Base Nacional de Dados Bibliográficos e da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin Digital o registro do primeiro ano desse anuário.

⁵¹ Conforme já evidenciado em nota de rodapé de número 37, mais uma vez, com exceção das menções ao Rio de Janeiro, não há indícios sobre as cidades em que *Almanach Familiar para Portugal e Brazil* circulou pelo país.

apêndice com a relação nominal dos funcionários das principais repartições de Portugal, especialmente de Lisboa, como também diversas tabelas com valores de correspondências, do serviço telegráfico (nacional e internacional), dos trens e carruagens, dos dias da saída de barcos a vapor partindo de companhias portuguesas e brasileiras, com destino a Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro.

O índice também aparece no final do impresso, assim como informações referentes aos locais de venda e preço do almanaque. O primeiro número do *Almanach Familiar para Portugal e Brazil* (Figura 5) foi vendido em várias livrarias localizadas em diferentes cidades portuguesas, tais como: Lisboa, Porto, Braga, Coimbra, Vila Real, Viseu, Lamego, Aveiro, Valença e Barcelos. No Brasil não é especificado os locais de venda, salientando apenas a informação que consta o exemplar nas principais livrarias.

Em relação ao preço, em Portugal, “[...] por assignatura 600 rs e avulso 1\$000 rs” (ALMANACH..., 1868, n.p). No Brasil o valor era o mesmo acrescido das despesas do transporte. Estima-se que na segunda metade do século XIX, 1 mil réis equivalia ao custo de um livro comum nas livrarias do Rio de Janeiro. Portanto, era um preço acessível para aqueles que costumavam comprar livros, ou seja, um público mais seletivo e, também, mais abastado, dado que a maioria da população brasileira não sabia nem ler, nem escrever. De acordo com o Primeiro Censo do Brasil⁵², realizado em 1872, a taxa de analfabetismo para o conjunto do país era de 82,3% para pessoas de 5 anos ou mais. Segundo Ferraro e Kreidlow (2004), de 1872 a 1890, as altas taxas de analfabetismo renderam ao Brasil a pecha de campeão mundial do analfabetismo.

⁵² Sobre os dados do Primeiro Censo no Brasil, consultar: Brasil, *Recenseamento Geral do Brasil em 1872*. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/Recenseamento_do_Brazil_1872/Imperio%20do%20Brazil%201872.pdf>. Acesso em: 02 out. 2016.

Figura 5 – Almanach familiar para Portugal e Brasil para 1869



Fonte: Almanach Familiar para Portugal e Brasil para 1896 por Gualdino Valladares e Augusto Valladares. (1868, n.p).

Em 1871 foi publicado o primeiro ano do *Almanach das Senhoras para Portugal e Brazil* (Figura 6) pela escritora portuguesa Guiomar Torrezão. Como já ressaltado na seção introdutória, esse impresso surgiu através do *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, que contou com a colaboração da escritora, servindo como ponto de partida e ensaio para o *Almanach das Senhoras*. Ambos apresentam objetivos e estruturas bastantes semelhantes, além dos mesmos circuitos de impressão e de distribuição. O que distanciava os dois almanaques era o foco dado pelo anuário de Guiomar Torrezão, que tinha por propósito de instruir as suas leitoras e de assegurar uma posição de destaque às próprias mulheres. A partir de textos literários e artigos, discutia-se questões relativas à emancipação feminina, assim como havia uma publicação “dedicada à mulher” e um espaço para anúncios de títulos dos livros de autoria feminina e masculina, a fim de promover deliberadamente a presença ativa das mulheres no campo intelectual e no mercado editorial (ROMARIZ, 2011).

Profusamente ilustrado, com muitos retratos de escritoras e escritores de diversas nacionalidades, o *Almanach das Senhoras* também contou com a presença de colaboradores brasileiros em suas seções, que abarcava artigos, poemas, reflexões, pequenos ensaios, historietas, pensamentos, dicas de saúde e beleza, esboços biográficos, pequenas publicações, grandes homenagens, receitas, anedotas humorísticas, charadas, enigmas e logogrifos⁵³. Tal como outros almanaques, também incluía um calendário, mas apenas com a indicação dos santos e das festas populares portuguesas, estações do ano, correspondência, eclipses, horóscopo, feriados, as estações do ano, tabelas das marés e de incêndios, fases da lua, etc. Do mesmo modo que o *Almanach de Lembranças* havia duas listas de escritores separados por gênero no início do anuário, além de incluir em suas últimas páginas um índice literário e um índice suplementar.

Figura 6 – Almanach das senhoras para 1872



Fonte: Almanach das Senhoras para 1872 para Portugal e Brazil por Guimar Torrezão. (1872, n.p)

⁵³ Espécie de jogo de adivinhações baseado nas letras componentes de uma palavra-chave a ser identificada.

O *Almanach das Senhoras* circulou pelo território de Portugal Continental, Brasil, Açores, Madeira, Cabo Verde, Angola, Inglaterra e, a partir de 1879, o periódico passou a ser distribuído também na Espanha (ROMARIZ, 2011). A assinatura do anuário custava entre 200 e 240 réis, mas os números com o calendário brasileiro eram vendidos por 500 réis. No segundo volume, para o ano de 1872, esse almanaque contava com um correspondente no Rio de Janeiro, o senhor Francisco Jayme Vieira Caldas:

Destinando metade da edição, que dobra á do anno pretérito, deste annuario ao Brasil, convidamos por este meio todas as senhoras e cavalheiros das terras de Santa Cruz, para que se dignem engrildar o nosso e seu livro com as primicias de um talento, que tem como as florestas americanas a exuberancia, viçosa e perfumada; tendo o cuidado de enviar, o que houverem por bem de conceder-nos, subscriptado ao senhor Francisco Jayme Vieira Caldas, rua da Quitanda 184, Rio de Janeiro, até 31 de março de cada anno, o mais tardar: sendo-nos por este senhor remetidos, prompta e obsequiosamente, todos os artigos (ALMANACH..., 1872, n.p).

Mesmo com a morte de Guiomar Torrezão, em 1898, o impresso continuou a ser publicado tendo à frente sua irmã, Felismina Torrezão, como proprietária, e Júlia de Gusmão, como diretora literária. O *Almanach das Senhoras para Portugal e Brazil* circulou durante 57 anos, perfazendo o total de 57 números publicados, encerrando a sua última publicação em 1928.

Em junho de 1879 passou a ser publicado *O Antonio Maria*⁵⁴, um periódico de humor político, editado e dirigido por Raphael Bordallo Pinheiro (1846-1905). Esse periódico foi dividido em duas séries⁵⁵: a primeira, entre Junho de 1879 e Janeiro de 1885; a segunda, entre Março de 1891 e Julho de 1898. De oposição declarada ao governo português e pautado na formação da opinião pública, com a colaboração de personalidades que marcaram o panorama das artes e das letras nacionais, *O Antonio Maria* era vendido todas as quintas-feiras, pelo valor de 60 réis o avulso, mas com um preço diferenciado para Continentes/Ilhas e para o Brasil (CORREIA, 2006). Foi, portanto, através desse periódico que passou a ser produzido em 1882 e publicado em 1883⁵⁶ por autoria de Julio Cesar Machado (1835-1890) e ilustrado por Raphael Bordallo Pinheiro, o *Almanach do Antonio Maria* (Figura 7). Composto por

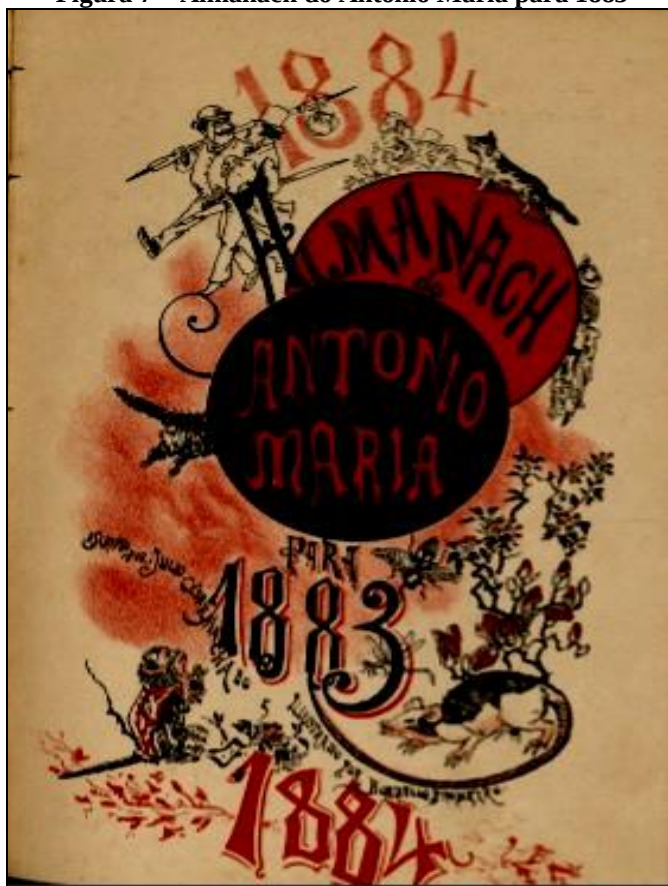
⁵⁴ O título da revista faz alusão a Antonio Maria Fontes Pereira de Melo (1819-1887), figura política dominante que foi o chefe do Partido Regenerador, assim como presidiu o cargo de ministro e secretário de Estado em Portugal. Para mais informações sobre a sua trajetória política, ver: Maria Filomena Mónica (1997).

⁵⁵ As duas séries da revista estão disponibilizadas no acervo público da Hemeroteca Digital de Lisboa. Para ter acesso, consultar: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/OAntonioMaria/OAntonioMaria.htm>>.

⁵⁶ Não foram encontrados outros volumes nos acervos consultados, bem como não há pistas nos anúncios das revistas *O Antonio Maria* que confirmem a produção ou venda desses almanaques. Neste sentido, não se sabe ao certo se eles deixaram de ser produzidos e/ou se não há registros de suas publicações posteriores.

cerca de 80 páginas, esse almanaque, de organização simples, mas com um tratamento gráfico rico em ilustrações, iniciava-se com a divulgação dos calendários com os dias santos em Portugal e no Brasil⁵⁷ para 1883, além de informações sobre as estações do ano e tabela das marés. Os textos, em prosas ou em verso geralmente acompanhavam diversas ilustrações, conferindo dinâmica à leitura do almanaque. Ao final do impresso, é publicado um calendário português e brasileiro para todos os meses, ambos elaborados para o ano subsequente, ou seja, para 1884.

Figura 7 – Almanach do Antonio Maria para 1883



Fonte: Almanach do Antonio Maria para 1883 por Julio Cesar Machado (1884, n.p)

Outros anuários que surgiram, já no final do século XIX, foram o *Almanach das Senhoras Portuenses* e o – *Almanach das Senhoras Portuguesas e Brasileiras*. Fundados e dirigidos em 1885, pela escritora portuguesa Albertina Paraíso (1874-1954) esses almanaques destinavam-se, principalmente, às leitoras do sexo feminino, a partir de textos que tinham por finalidade reivindicar melhorias na instrução e nos direitos das mulheres, sob a perspectiva da

⁵⁷ Embora seja apresentado um calendário brasileiro, com exceção das marés, todas informações computadas aos dias, meses e ano, são idênticas ao calendário português. Não há também nenhuma referência sobre os locais em que esse almanaque circulou no Brasil.

defesa dos ideais republicados difundidos pela sua fundadora⁵⁸ (ANASTÁCIO, 2012, p. 69). Segundo Vanda Anastácio (2012, p. 69-70), os almanaques voltados expressamente para as mulheres, nos séculos XIX e XX, abrangiam um público predominantemente urbano na área lusófona, provavelmente porque o maior número de mulheres alfabetizadas se concentrava nas cidades. Foi também nesse período que as mulheres passaram a ocupar mais funções nos almanaques, quer como colaboradoras, quer como diretoras editoriais, quer, ainda, como proprietárias.

Como não foram encontrados estudos, especificamente, sobre esses dois almanaques, não foi possível apresentar muitas informações acerca da estrutura, organização e tiragens. Sabe-se apenas que o *Almanach das Senhoras Portuenses* foi produzido na cidade do Porto, pela Livraria Portuense de Lopes, e o *Almanach das Senhoras Portuguezas e Brasileiras* em Lisboa, pela Casa Editora de Alcino Aranha & C.^a, quando deixa de se dedicar às “Senhoras Portuenses” e estende-se às “Portuguezas e Brasileiras”. O *Almanach das Senhoras Portuguezas e Brasileiras* era composto por capa de brochura ilustrada, tendo no seu interior a presença frequente de gravuras e retratos junto aos textos, em folhas destacadas de papel couché. Ambos foram vendidos e circularam no Brasil, conforme registrado nos jornais a seguir:

Almanack das senhoras Portuenses para 1886. Ilustrado e enriquecido com varias receitas caseiras como arte de cosinhar, arte de fazer doce, remedios simples, curar constipações, dores de dentes &. Livraria – Ramos de Almeida & C.^a. (ALMANACK..., 1886, p. 4).

Foi-nos oferecido um exemplar do *Almanak das senhoras portuguezas e brasileiras* para 1888, organizado pela Sra. Albertina Paraíso. Acha-se esta publicação no seu 3º anno, o que parece indicar que tem sido bem aceita. (ALMANAK..., 1888, p. 1).

De acordo com os jornais *Diario do Maranhão* (MA)⁵⁹, *Pacotilha* (MA)⁶⁰, *O Paiz* (RJ)⁶¹ e *A Federação* (RS)⁶², o *Almanach das Senhoras Portuenses* era colaborado por escritores portugueses e brasileiros. Esses periódicos ainda indicam que seus exemplares eram vendidos também em livrarias brasileiras, no Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Maranhão,

⁵⁸ Albertina Paraíso, juntamente com outras escritoras portuguesas, reunia-se em salões literários para contribuir com o debate público sobre as questões feministas, no final do século XIX. Fundou e dirigiu revistas femininas, integrou associações pacifistas e, em 1909, foi uma das apoiantes da aprovação da lei do divórcio, campanha desenvolvida pela Liga Republicana das Mulheres Portuguesas. (ESTEVEES, 2001, p. 105).

⁵⁹ Ver edição de 09 de novembro de 1885.

⁶⁰ Ver edição de 21 de janeiro de 1886.

⁶¹ Ver edição de 23 de maio de 1887.

⁶² Ver edição de 02 de janeiro de 1890.

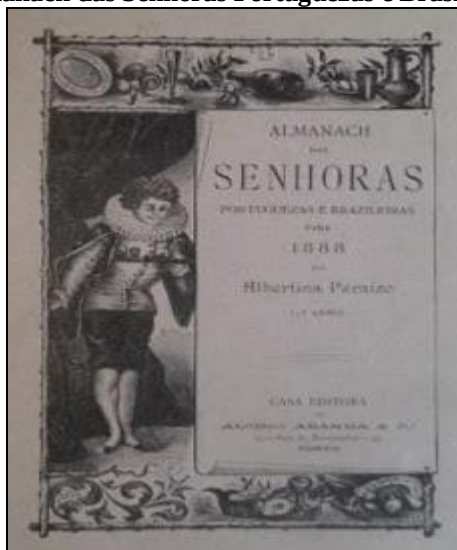
pelo valor de 600 réis⁶³, conforme consta na seção de anúncios de jornais para o ano de 1890. Ao pesquisar sobre o *Almanach das Senhoras para Portugal e Brazil* foi encontrado um artigo em *A Illustração* no qual foi realizada uma crítica comparativa entre o almanaque, naquele período, dirigido por Guiomar Torrezão, e o almanaque dirigido por Albertina Paraíso (1864-1954). Reproduzo abaixo alguns trechos que trazem mais destaque ao *Almanach das Senhoras Portuenses*, muito embora os dois impressos sejam analisados apenas sob o ponto de vista de Figaro (?-?), colaborador que assina a seção de “Bibliographia”. Em seu texto fica nítido os conflitos editoriais da época, de modo que o autor, ao final do texto, tira proveito das críticas para enaltecer as impressões d’*A Illustração* através das oficinas parisienses:

[...] Duas palavras para dois almanacks que me foram enviados por duas escriptoras. Os almanacks que em geral vêem a luz no meu paiz, não são positivamente da minha particular sympathia. Sómente não quero correr o risco d’uma indelicadeza para com duas damas que m’os enviaram, acompanhados de phrases excessivamente amáveis, que chegaram a ferir a minha proverbial modestia. Eu não sei se a minha modestia é proverbial! Se ainda o não é, a culpa é do publico, porque eu não cesso de o apregoar. Trata-se do *Almanack das senhoras*, dirigido pela sr^a. D. Guiomar Torrezão, e do *Almanack das senhoras portuenses* dirigido pela sr^a. D. Albertina Paraizo. Como em todos os livros d’este genero, a prosa e o verso formam uma amavel salada, que certamente não arruina os estômagos, mas que deixa cançada a vista e o espirito. E como os dois livros teem ambos o mesmo fim, e como a minha opinião é uma só, eu não hesito em dar a preferencia ao almanack da sr^a. D. Albertina Paraizo. [...] Também não é o meu ideal de livro para senhoras o almanack a sr^a. D. Albertina Paraizo. Sómente a sua impressão é cuidada, as suas paginas são compostas com um certo gosto, finalmente, o livro tem um aspecto próprio, limpo, correcto. E o seu texto é coligido com cuidado, fugindo ao perigo das gravuras que produzem sempre um terrível efeito quando não são impressas com o cuidado com que se imprime a ILLUSTRAÇÃO nas suas oficinas parisienses [...] (BIBLIOGRAPHIA, 1887, p. 46).

O *Almanach das Senhoras Portuguezas e Brasileiras* (Figura 8) contou com a colaboração de autores portugueses e brasileiros como Eça de Queirós, João de Deus (1830-1896), Teófilo Braga (1843-1924), Oliveira Martins (1845-1894), Bulhão Pato (1829-1912), Pinheiro Chagas (1872-1935), Luís de Magalhães (1859-1935), Júlio César Machado (1835-1890), Raul Brandão (1867-1930), entre outros. E, ao que tudo indica, era vendido pela média de preço do *Almanach das Senhoras Portuenses*, uma vez que os dois almanaques que circularam no mesmo período foram destinados a um público-alvo em comum e estiveram sob a mesma direção.

⁶³ Este valor equivalia um pouco mais que o preço do leite que era vendido, na época, por 500 réis em São Paulo (cf. AMERICANO, 1957).

Figura 8 – Almanach das Senhoras Portuguezas e Brasileiras para 1888



Fonte: Almanach das Senhoras Portuguezas e Brasileiras para 1888 por Albertina Paraizo (1888, n.p).

Editado em Lisboa pela Antiga Casa Bertrand e coordenado por Fernandes Costa (?-?), em 1899, começa a ser publicado anualmente o *Almanach Bertrand*. Em termos de estrutura e organização, esse anuário seguia o mesmo modelo dos almanaques da época: calendários, artigos, poemas, anedotas, horóscopos, ilustrações, listas, passatempos e caricaturas preenchiam suas páginas. Por outro lado, apesar de também apresentar elementos religiosos, o *Bertrand* possuía caráter mais científico, creditando – em oportunidade – prestígio aos autores dos seus textos:

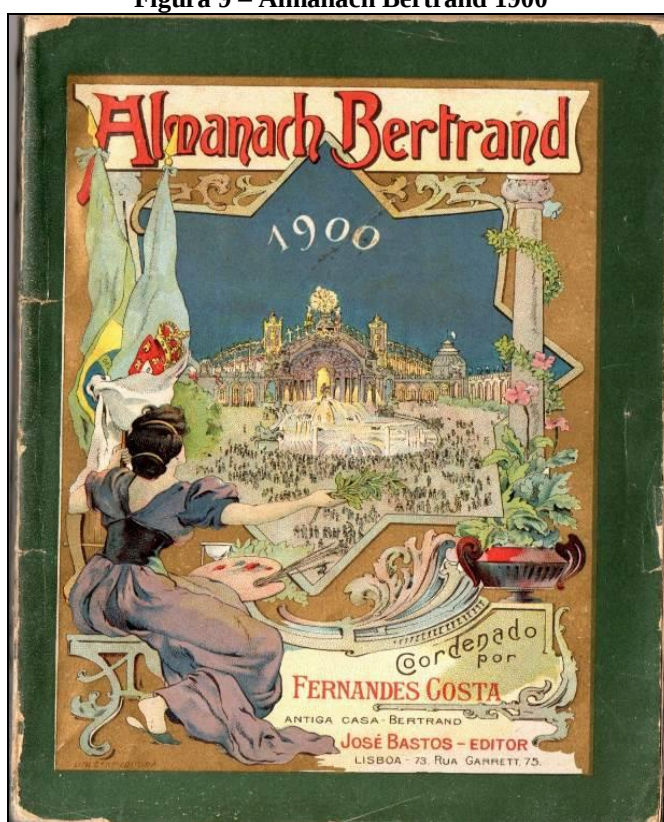
[...] Logo nas primeiras páginas, trazia informações que ratificavam a qualidade dos seus escritos: “...O presente almanaque conta com a colaboração obsequiosa, na parte astronômica, do Doutor Manuel António Peres Júnior, diretor do Observatório Astronômico de Lisboa e na parte matemática, do engenheiro Álvaro da Silva Lima.” Esta prática lembra a estratégia dos editores/compiladores de almanaques que, ao subescrever o autor como professor, matemático, visavam dar credibilidade e prestígio aos seus impressos. O almanaque, relacionado ao humorístico das feiras populares, procurava, no século XIX, transmitir seriedade através do científico, do escolar. [...] (PARK, 1998, p. 53).

Volumoso, com cerca de 380 páginas acrescidas de anúncios, o *Almanach Bertrand* (Figura 9) destacou-se pelos problemas, enigmas e desafios matemáticos de dificuldade variada. De acordo com Patrícia Park (1998) e Renato dos Santos (2003), sem perder de vista o caráter lúdico, os desafios matemáticos foram importantes para a popularização dos conhecimentos escolares, além de manter uma relação mais próxima com seus solucionistas que, diga-se de passagem, usavam pseudônimos ao decifrar os enigmas e encontravam-se espalhados em diferentes países para além de Portugal⁶⁴.

⁶⁴ Segundo Mateus Pereira (2012, p. 104), entre os anos de 1913 a 1919, quase 40% dos solucionistas se

De circulação transatlântica, esse almanaque circulou no Brasil e na África. No Brasil ele circulou através de seu depositário exclusivo, a Editora Brasil América Ltda, com sede no Rio de Janeiro, até 1969, ano de sua última publicação⁶⁵. As tiragens do *Bertrand* foram aumentando com o passar dos anos. Conforme informações descritas no próprio almanaque, foram disponibilizados 5000 exemplares para o ano de 1900, duplicando para 10 mil a edição de 1902 (ALMANACH..., 1902, n.p). A partir da análise dos anúncios de publicidade dos impressos, supõe-se que tinham como público leitor as elites portuguesas, brasileiras e as colônias, chegando a ser vendido, em 1955, pelo valor de 25\$00 (PEREIRA, 2012; PARK, 1998).

Figura 9 – Almanach Bertrand 1900

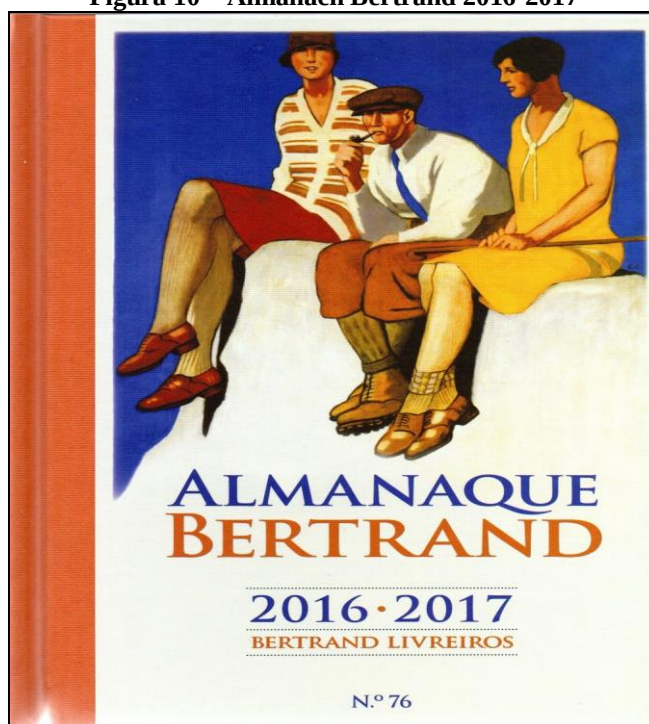


Fonte: Almanach Bertrand para 1900 por Fernandes Costa e José Barros (1900, n.p)

encontravam fora de Portugal.

⁶⁵ Em abril de 2011, mês que marca a comemoração do Dia Mundial do Livro, o *Almanach Bertrand* voltou a ser publicado pela editora Bertrand Livres (Figura 10). A edição de número 76, referente aos anos de 2016/2017, está sendo vendida, no site da editora, pelo valor de 5 euros. Para mais informações, acessar: <<http://www.bertrand.pt/ficha/Almanaque%20Bertrand%2076%20-%202016-2017?id=17931549>>. Acesso em: 11 out. 2016.

Figura 10 – Almanach Bertrand 2016-2017



Fonte: Almanach Bertrand para 2016-2017 por Bertrand Livresiros. (2016, n.p)

Em linhas gerais, ainda que os almanaques acima citados não tenham passado por uma análise abalizada em relação aos seus conteúdos, pode-se considerar que, ao entreter, informar e educar seus leitores, grande parte desses impressos teve papel ativo nos processos de transformações culturais, sociais e políticas, além de reforçar o intercâmbio de ideias e circulação de projetos editoriais destinados à comunidade luso-brasileira. Apesar do alto índice de analfabetismo da população, os almanaques continuaram a se difundir pelas rotas de além-mar, atraindo cada vez mais leitores. Caracterizado por uma leitura ligeira e amena, bastantes ilustrativos, os almanaques adequavam-se ao consumo da população que, mesmo sem a tradição de leitura, possibilitavam aos seus leitores assimilar as mensagens – por eles, transmitidas – de maneira quase que imediata.

2.3 Mapeando os espaços de sociabilidade: uma leitura das relações luso-brasileiras no interior dos impressos

O *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*, além de buscar estreitar os laços com o público leitor, implicava em uma rede de sociabilidade engendrada, no início do século XX, por intelectuais emergidos nas relações luso-brasileiras. Portanto, o almanaque não deixa de ser um livro e, se considerarmos enquanto um livro impresso, este pode ser considerado como um mensageiro de relações (cf. DAVIS, 1990).

Para tanto, faz-se imprescindível compreender as redes de sociabilidade intelectual – criados em jornais, revistas e/ou instituições culturais – para se verificar a presença e atuação dos agentes que se destacaram em torno de projetos coletivos comuns (VIEIRA, 2011; GOMES, 2009). No que se refere aos impressos *Brasil-Portugal*, os laços de sociabilidade entre as comunidades intelectuais desses dois países estão imbricados na materialidade desses impressos, dado que à cultura escrita⁶⁶ pode ser associada como um dos meios de estreitamento nas redes de relações entre os intelectuais portugueses e brasileiros. Neste sentido, ressalto a importância de atentar para os vínculos de sociabilidades intelectual estabelecidos no interior dos almanaques, pois:

[...] Flagrar o intelectual na meada de relações que o constitui, atentarmos para os modos de filiação e os lugares de sociabilidade, institucionalizado ou não, onde ocorriam os debates entre eles, auxilia-nos na percepção dos conflitos ou afinidades entre os vários intelectuais de uma determinada época (FARIA FILHO; CHAMON; INÁCIO, 2009, p. 10).

Para Tania Regina de Luca (2006, p. 317) as revistas, editoras, cafés, livrarias, associações culturais e correspondências permitem mapear a dinâmica dos grupos intelectuais “[...] reunidos em lugares de sociabilidade por eles legitimados para o debate e a propagação de ideias, atitude indissociável de formas de intervenção na sociedade”. Partindo dessa premissa, será antes apresentado ao leitor os diretores dos dois impressos para, concomitantemente, elencar os múltiplos espaços de sociabilidades em que eles transitavam.

2.3.1 A trajetória de Augusto de Castilho, Lorrjô Tavares e Jaymer Victor: um percurso em direção à *Brasil-Portugal*

Augusto de Castilhos, Lorrjô de Tavares e Jayme Victor não se conheceram na redação do *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*. É importante elucidar que o caminho dos diretores se entrecruzou, anteriormente, em outras redações e espaços de sociabilidade. Aliás, seus vínculos ultrapassaram a barreira profissional, ao passo que um dos diretores passou a ser cunhado do outro, como será visto a seguir.

⁶⁶ Segundo Justino Magalhães a cultura escrita foi um meio fundamental na comunicação privada e individual, bem como um fator de mobilização grupal e corporativo no processo histórico Portugal-Brasil/Brasil-Portugal, dado que missionários, políticos, agentes do poder, colonos e imigrantes, ao fazerem uso regular da cultura escrita, “[...] geraram uma relação histórica marcada por factores e ciclos gritantemente similares, de um e de outro lado do Atlântico, por ventura (re) escrevendo de forma ímpar o processo histórico entre uma metrópole e uma colônia” (2003, p. 50).

Burilando as fontes encontradas acerca dos diretores do almanaque, ressalto que são raras as que fazem menção à trajetória⁶⁷ de vida dos três, especialmente no que diz respeito a de Jayme Victor. Foram encontradas apenas notas biográficas bastantes resumidas e, por vezes, informações desencontradas e fragmentadas sobre a trajetória⁶⁸ dos sujeitos acima mencionados.

A saber, é a tese de Fernanda Suely Müller (2011a) intitulada *(Re)viendo as páginas, (re)visitando os laços e (des)atando os nós: as relações literárias e culturais luso-brasileiras através dos periódicos portugueses (1899-1922)* que oferece mais pistas e informações específicas sobre os diretores do *Almanach*, uma vez que eles também foram os responsáveis pela fundação e direção da *Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada*, um dos objetos de estudo da autora. Inclusive, nos apêndices de sua tese há um pequeno “dicionário biográfico” dedicado aos colaboradores das revistas. Apesar de constar, no máximo, até duas laudas para cada biografado, os dados levantados por Müller contribuíram não só para captar os indivíduos em cena, mas também a época e a sociedade que os circundava.

O foco da autora não são os diretores e sim a compilação e catalogação de artigos sobre as temáticas luso-brasileiras oriundas de revistas portuguesas que circulavam no Brasil no período em estudo e que tinham também como um dos seus principais objetivos, o de atender igualmente ao público brasileiro, a fim de dirimir o “desconhecimento mútuo” existente entre as duas nações. (MÜLLER, 2011a, n.p). Entre os periódicos escolhidos para integrar o *corpus* da pesquisa foi analisada a revista *Brasil-Portugal*, visando elaborar um pequeno panorama sobre as relações luso-brasileiras. Nisso, a autora buscou investigar os dirigentes da revista, indicando a dificuldade que teve em reconstituir a biografia dos protagonistas que conceberam a *Brasil-Portugal* ao se deparar com a escassa bibliografia concernente aos homens da imprensa luso-brasileira daquele período. Neste sentido, destaca a necessidade de pesquisas que contribuam com o legado desses intelectuais, especialmente, nas áreas em que atuaram:

[...] Constituída por homens de relevo na sua coletânea sociedade lusitana, nos surpreendemos, especificamente, em relação aos diretores da *Brasil-Portugal*, pela ausência de estudos significativos sobre o legado de tais intelectuais nas áreas nas quais atuaram efetivamente (política e imprensa, sobretudo). Nesse sentido, esperamos também que a nossa contribuição possa valer como um ponto de partida para pesquisas posteriores sobre esse

⁶⁷ Conforme Vavy Pacheco Borges (2006), alguns autores, especialmente os ligados à Antropologia, têm preferido falar em “trajetórias” ao invés de fazer uso do termo “biografias”.

⁶⁸ Utilizo a noção de trajetória conforme Pierre Bourdieu (1996, p. 189) conduzida como “[...] uma série de posições sucessivamente ocupadas por um agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações”.

periódico tão singular para a sociedade brasileira e portuguesa nesse início de século [...] (MÜLLER, 2011a, p. 103).

É importante considerar também que são esparsas as produções contemporâneas em relação às obras e/ou sobre a trajetória intelectual de Augusto de Castilhos, Lorjô de Tavares e Jayme Victor. Desse modo, foi necessário recorrer a diversos periódicos publicados no contexto em que os diretores do almanaque transitaram pela imprensa portuguesa e brasileira, com a finalidade de avançar um pouco mais na reconstituição da história destes três sujeitos e compreender as diferentes formas de ideias e oposições que congregavam no interior dos lugares de sociabilidade em que eles circulavam.

2.3.1.1 *Augusto de Castilho: o almirante*

Partindo pelo fundador da empresa *Brasil-Portugal*, inicio com a trajetória de Augusto de Castilho, um dos nomes mais reconhecidos, na época, pela marinha portuguesa e brasileira, conforme levantamento biográfico realizado. Por ter servido como militar da marinha, é notório que a maioria dos relatos biográficos⁶⁹ privilegiam uma orientação condecorada ao autor, enfatizando seus grandes feitos através de uma “[...] cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas” (LEVI, 1996, p. 168). Contudo, alerta ao leitor que não tenho a finalidade de trazer à baila os pormenores da biografia ainda que, assim como as memórias, o uso da biografia seja pertinente para o presente texto, pois ambas [memórias e biografias] fornecem dados e informações de categorias de escritores que ocupam momentaneamente posições diferentes no campo [literário]⁷⁰. O propósito é de perceber, a partir da sua trajetória de vida como se deu o seu

⁶⁹ Dentre os escassos relatos biográficos sobre Augusto de Castilho, a exemplo da tese de Müller e de periódicos que registraram informações sobre a sua trajetória, destaco a obra *Portugal e Brasil: Conflictu Diplomático I: O processo no Conselho de Guerra de Marinha do capitão de fragata Augusto de Castilho: Factos e documentos*, de Eduardo Alves de Sá (1894). Eduardo de Sá (1849-1906) foi o advogado de defesa do contra-almirante Augusto de Castilho, na ocasião em que esse respondeu pelo conselho de guerra por ter acolhido no navio, sob o seu comando, oficiais e marinheiros brasileiros durante a Revolta da Armada. A obra, que foi produzida ainda no momento em que o processo corria perante a justiça, está dividida 4 partes: I) com o início da estação naval portuguesa no Rio de Janeiro em 1893; II) Desde a revolta do Almirante Custodio de Mello até ao asilo; III) Desde a concessão do asilo até a última fuga dos asilados; e IV) O conflito diplomático. No índice, antes de indicar as partes do livro, o advogado introduz nas páginas iniciais o que intitula de “apontamentos biográficos de Augusto de Castilho”. Assim, tomarei como ponto de partida, em especial, essa obra para me ater à trajetória de Castilho dado que, até o presente momento, é a que mais se dedica em remontar a trajetória pessoal e profissional do comandante.

⁷⁰ Sérgio Miceli, em sua obra *Intelectuais à brasileira*, onde trata das relações entre os intelectuais e a classe dirigente no Brasil, ressalta a importância e aponta a distinção sobre o uso das memórias e biografias, ao afirmar que: “[...] enquanto as biografias são dedicadas aos autores que desfrutavam de uma posição dominante ainda vivos ou, então, àqueles autores que os embates posteriores acabaram convertendo em objetos de uma consagração póstuma, o gênero memórias constitui uma estratégia a que recorrem no mais das vezes intelectuais

percurso em meio aos mais variados “espaços de sociabilidade”, até chegar à direção do *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*.

Filho de António Feliciano de Castilho (1800-1875)⁷¹ e Ana Carlota Xavier Vidal (1811-1871), Augusto Vidal de Castilho Barreto e Noronha (1841-1912) nasceu em Lisboa. Estudou na Escola Politécnica e, posteriormente, na Escola Naval, onde iniciou sua carreira como aspirante e acompanhou uma expedição naval em Angola, viagem essa em que conheceu o futuro rei de Portugal, Dom Luiz (1838-1889), então infante e oficial da marinha.

Em março de 1862 recebe a patente de guarda marinha e em outubro é graduado 2º tenente, realizando diversas viagens, sendo uma delas com destino ao Brasil (SÁ, 1894, p. 10). Em 1874, Augusto de Castilho é nomeado governador de Inhambane, em Moçambique. Em 1875 foi transferido interinamente para o cargo de governador de Lourenço Marques⁷², que na época colônia portuguesa, sendo logo depois promovido a 1º tenente e, posteriormente, a capitão-tenente. Segundo Eduardo Alves de Sá, ao pedir exoneração do cargo de governador, Castilho retorna a Lisboa, ocupando-se em escrever:

[...] Augusto de Castilho encontrou ainda tempo de sobejo para não pôr de parte as lucubrações litterarias, que já nos seus primeiros annos, embora escondidamente, e apesar da austeridade com que profundava os assumptos do seu curso scientifico, lhes serviam de grato e voluptuoso enlevo. Augusto de Castilho que, entre outros idiomas, conhece primorosamente o inglez, traduziu para esta lingua alguns dos romances historicos de seu padrinho [Alexandre Herculano], que algum dia sahirão á luz em Londres [...] (SÁ, 1894, p. 21).

Na década de 1880 atuou em diversos periódicos, a exemplo do *Boletim da Sociedade de Geografia*, do *Jornal das Colônia*, da *Revista do Ultramar*, da revista científica, literária e artística *A Imprensa*, do *Diário de Notícias*, do *Economista* e da *Correspondência de Portugal*. Tornou-se também sócio das sociedades geográficas de Bordeaux, de Agen, e de Anvers, e da Academia franco-hispano-portuguesa de Toulouse, da Sociedade de Geografia de Lisboa e da Real Associação dos Arquitetos e Arqueólogos Portugueses. Produziu artigos,

dominados”. (MICELI, 2001, p. 6).

⁷¹ Poeta, tradutor e homem das letras, o lisbonense António Feliciano de Castilho (1800-1875) deixou uma importante contribuição para a história da educação portuguesa. Bacharel em cânones pela Universidade de Coimbra, Castilho desenvolveu um método de leitura, conhecido como Castilho. Apesar de receber críticas em relação ao seu método de aprendizagem da leitura, foi nomeado pelo governo como comissário geral de instrução primária. Com a publicação da quarta edição do *Método Português de Castilho* (1854), viajou ao Brasil a fim de propagar o seu método, sendo ele recepcionado pelo então imperador D. Pedro II. Colaborou em jornais e publicou diversas obras como *Cartas de Eco a Narciso* (1821), *Primavera* (1822), *Amor e melancolia* (1828), *A noite do castelo* (1836) e *Ciúmes do bardo* (1838), *Quadros históricos de Portugal* (1839) e *Questão Coimbrã* (1865). Sobre o itinerário biográfico de Castilho e acesso as suas obras digitalizadas, consultar: <<http://purl.pt/95/1/>>.

⁷² Atual cidade de Maputo, capital de Moçambique, África.

relatórios e obras – a maioria das produções relacionadas com a sua trajetória profissional e sob o ponto de vista administrativo – tais como: *O presente e o futuro de Lourenço* (publicado em Lisboa, em 1882), *Relatório acerca de alguns portos da costa de Moçambique* (publicado em Lisboa, em 1884), *Estatísticas das alfandegas da provincia de Moçambique* (3 volumes publicados em Moçambique nos anos de 1884, 1885 e 1886) e *Memoria sobre a abolição da escravatura no territorio portuguez* (publicado em Lisboa, em 1889, nos idiomas português e francês)⁷³.

Em 1882 foi eleito deputado por Salcete⁷⁴e, em 1884, assume o comando da canhoneira *Rio Lima*, que naquele momento se dirigia à estação naval de Moçambique. A bordo dela, Augusto de Castilho, chegou a visitar portos do Brasil, como se pode observar no registro de passagem da canhoneira pelo Rio de Janeiro. O jornal *A Federação* de Porto Alegre/RS, que tinha por diretor da redação o futuro presidente do Rio Grande do Sul e membro do Partido Republicano Riograndense (PRR), Júlio de Castilhos (1860-1903), destaca em primeira página a entrada da *Rio Lima*:

[...] No dia 27 do passado entrou no Rio de Janeiro a canhoneira portuguesa *Rio Lima*, procedente de Lisboa com escala pelo Pará. A *Rio Lima* segue d'ali para Buenos Aires. Seu comandante é o capitão-tenente Augusto de Castilho e o imediato o 1º tenente Barbas. A oficialidade é composta de dois 2º tenentes e dois guardas-marinhas, e a guarnição consta de 250 praças (A FEDERAÇÃO, 1885, p. 1).

No Rio de Janeiro recebeu a carta de título do conselho e, respectivamente, a notícia quanto a nomeação de governador geral de Moçambique, cargo esse que ocupou de 1885 a 1889. Durante esse período, além de administrar os conflitos violentos da região, Castilhos melhorou a escola de artes e ofícios, seja pelo ponto de vista material, seja em relação à educação moral e profissional dos alunos (MÜLLER, 2011a; SÁ, 1894). Mas, mesmo no exercício de cargos políticos, paralelamente, prosseguia colaborando em periódicos, a exemplo de *Á Volta do Mundo: Jornal de Viagens e de Assumptos Geographicos*⁷⁵ que, de acordo com o anúncio publicado abaixo, chegou a ser vendido em Porto Alegre:

[...] Contendo todas as viagens do explorador major Serpa Pinto e ilustrado com milhares de gravuras e representando paisagens, cidades, villas, monumentos, retratos, historia natural, costumes de todos os povos do mundo, etc., e um grande numero de cartas geográficas, desenhadas pelos

⁷³ Parte considerável das obras de Augusto de Castilho foram digitalizadas pelo Google através biblioteca da Universidade de Havard e enviado pelo projeto norte-americano *Internet Archive*, podendo ser acessadas pelo sítio: <<http://archive.org/search.php?query=augusto%20de%20castilho%20AND%20mediatype%3Atexts>>.

⁷⁴ Localizado no distrito de Goa do Sul, Índia.

⁷⁵ Fundado no ano de 1883, em Lisboa, pela Empresa Literária Luso-Brasileira, e dirigido por Sousa Pinto. Alguns exemplares foram digitalizados e estão disponíveis no sítio da Universidade de Coimbra. Para ter acesso, consultar: <https://digitalis-dsp.uc.pt/html/10316.2/35640/item2_index.html>. Acesso em: 18 maio. 2017.

mais celebres artistas estrangeiros e nacionaes [...] A primeira publicação que se faz em Portugal de tanta importancia e com tanto luxo e nitidez [...] Directores literários: - dr. Theophilo Braga e Abilio Lobo. – Coadjuvados para os diferentes estudos da sciencia pelos srs: Ricardo Capello, Ivens, Serpa Pinto, Augusto Luzo da Silva, Joaquim de Vasconcellos, P. A. Ferreira, José Relvas, **Augusto de Castilho**, J. A Martins, etc. Desenhos portugueses de RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO E CLUMBANO BORDALLO PINHEIRO. [...] Assigna-se no escriptorio do *Mercantil*, na lithographia de E. Wiedman, rua dos Andradas n. 274, e no escriptorio da agencia, rua 7 de Setembro n. 13 [...]. (A' VOLTA..., 1884, p. 3, grifo meu).

Após pedir a exoneração do cargo de governador geral, Castilho foi nomeado comandante da corveta⁷⁶ *Mindello*. Em 1893, por meio de um telegrama, “[...] recebeu ordens para fundear na bahia do Rio de Janeiro, a fim de proteger os portuguezes e seus legitimis interesses na conjuntura difficil em que o Brazil se achava” (SÁ, 1894, p. 34). Em 11 de agosto Castilho chega ao Brasil e participa dos desdobramentos da Revolta da Armada⁷⁷, que contou inicialmente com a liderança do contra-almirante brasileiro Custódio José de Mello (1840-1902) e, posteriormente, com o almirante Saldanha da Gama (1846-1895), que lançou um manifesto (cf. CARONE, 1969, p. 28-30) demonstrando devoção à “vontade nacional” e simpatia pela Monarquia. Ao saber desse manifesto, segundo reprodução de Eduardo Alves de Sá da nota nº 20 de 30 de janeiro de 1894, escrita por Augusto de Castilho, o comandante tece críticas ao almirante Saldanha da Gama:

[...] Prestava-se este escripto (acrescenta) a mais commentarios, que eu agora não faço por falta absoluta de tempo. O que direi apenas é que os creditos do almirante Saldanha da Gama que tão alto andavam, têm ultimamente decahido consideravelmente, e o seu prestigio que era superior ao de qualquer outro official da marinha brasileira não merece hoje já grande consideração [...] É bem possível que vem um dia restabelecer-se a monarchia no Brazil, mas nem sera em consequencia da actual insurreição da esquadra e dos Estados do Sul, nem sobretudo pela influencia do chefe visivel da marinha n’esta bahia. (SÁ, 1894, p. 21, grifos no original).

Em 11 de março de 1894, com baixa munição e praticamente sem provisões, uma proposta de rendição é entregue ao governo brasileiro, bem como Saldanha da Gama pede asilo nos navios de guerra portugueses fundeados no Rio de Janeiro, então comandados por Augusto de Castilho.

Contrariando o Ministério das Relações Exteriores do Brasil – que reclamavam proteção do comandante concedida aos rebelados por considerar os oficiais criminosos

⁷⁶ Tipo de navio de guerra.

⁷⁷ A Revolta da Armada (1893-1894), ocorrida na cidade do Rio de Janeiro e deflagrada por setores da Marinha brasileira, resultou no rompimento das relações diplomáticas de Portugal com o governo de Floriano Peixoto (1891-1894). A respeito deste movimento, ver: Hélio Leôncio Martins (1997).

comuns e não presos políticos –, os navios *Mindello* e *Affonso Albuquerque* levaram cerca de 500 brasileiros que solicitaram refúgio e asilo. Contudo, embora tenha se comprometido com o governo português a não desembarcar os asilados em território até que surgisse uma solução diplomática (AHI-Relatório...,1894, p. 50 apud HEINSFELD, 2007, p. 4), o comandante Augusto de Castilho fundeu seus navios para a região do Prata com os asilados a bordo. Os refugiados, incluindo Saldanha da Gama, deixaram as embarcações e se juntaram aos federalistas no Rio Grande do Sul, culminando com o rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Portugal, conforme a mensagem do Floriano Peixoto dirigida aos membros do Congresso Nacional:

<Srs. Membros do Congresso Nacional. – Na mensagem que vos dirigi em 7 do corrente, eu disse que opportunamente vos comunicaria a solução do incidente produzido entre o Brasil e Portugal pela concessão de asylo aos insurgentes a bordo das corvetas *Mindello* e *Afonso de Albuquerque*. Satisfazendo esse compromisso, inclusivos remeto copia da nota passada hontem pelo Ministro do Estado das Relações Exteriores ao encarregado dos negócios de Portugal. Como vereis, **suspendi as relações diplomaticas com o governo portuguez**, retirando o pessoal da nossa relação, e mandei passaporte ao Sr. Conde Paraty. Saudo-vos. Rio de Janeiro, 14 de Maio de 1894 – Floriano Peixoto>. (MENSAGEM, 1894, p. 2, grifos meus).

A nota publicada pelo Ministro das Relações Exteriores, Cassiano do Nascimento (1856-1912), e remetida ao conde de Paraty⁷⁸, faz menção recorrentes a Castilho, culpabilizando-o por suas ações. Augusto de Castilho, que costumava ser reportado de maneira honrosa pelos jornais brasileiros, passa a ser retratado como um dos principais protagonistas da Revolta da Armada e, conseqüentemente, retaliado pelo governo florianista por iniciativa em conceder refúgio e asilo político aos revoltosos em suas embarcações:

[...]o sr. Augusto de Castilho, que, como outros commandantes estrangeiros, havia respeitado a situação anterior em que os rebeldes tinham todas as vantagens, não devia amparal-os no momento da mudança, sobretudo não os tendo o seu governo reconhecido como belligerantes. Mas amparou-os primeiro apoiando a proposta de capitulação e depois concedendo-lhes refugio em circunstancias que o não justificam. [...] O sr. Augusto de Castilho considerou os seus protegidos como réos de crime politico em atender á questão, ao modo porque o governo federal, unico competente,

⁷⁸ Miguel Aleixo António do Carmo de Noronha (1850-1932), diplomata e político português, foi o terceiro conde de Paraty. No período em que se deu o rompimento das relações diplomáticas ele estava creditado junto ao governo brasileiro no Rio de Janeiro, responsável pelos negócios de Portugal, através do Ministério dos Negócios Estrangeiro. Vale ressaltar que assim que o Conde de Paraty ficou ciente da reclamação diplomática, ele prometeu ao governo brasileiro que os asilados não desembarcariam em território estrangeiro antes de solucionar a questão diplomática. Neste sentido, ele autorizou a saída das embarcações da baía de Guanaraba por “motivos higiênicos”, mas prometeu que elas em breve retornariam ao Rio. Sobre esse conflito diplomático, consultar: Conde de Paraty (1895).

poderia qualificar-a segundo a lei do seu paiz. Nas penas d'esta estavam eles incursos desde o começo, e posto que se insurgissem proclamando ideas politicas, o seu procedimento degenerou em crime comum pela tenacidade com que se oppuzeram a manifestação quase unanime do paiz e pela crueldade com que o hostilizaram. [...] O sr. Castilho protegeu a retirada dos rebeldes e talvez ainda ignore que, antes de se refugiarem, eles destruíram tudo quanto puderam nas duas fortalezas e nos navios de guerra ou armados em guerra e deixaram intactas minas de dynamite com que haviam preparado a destruição das mesmas fortalezas para o caso de serem ocupadas pelo governo. Salvaram-se, deixando aparelhada a morte de seus compatriotas e talvez a ruina de grande parte da cidade [...]. (MENSAGEM, 1894, p. 2)

Em maio de 1894 Augusto de Castilho é preso em Lisboa. No ano seguinte, o comandante é julgado e absolvido. Com sua absolvição e a retomada das relações diplomáticas restabelecidas pelo então presidente, Prudente de Morais (1841-1902), Castilho ganha cada vez mais reconhecimento e passa a ser, constantemente, homenageado através da imprensa brasileira, passando a alagar seu círculo de sociabilidade em meio a alguns “homens de letras”. No jornal *O Pharol*, o padre e poeta Correa de Almeida (1820-1905) publica um poema dedicado a Augusto de Castilho, como mensagem de agradecimento ao “nobre comandante”:

AUGUSTO DE CASTILHO

Tivesse ou não tivesse ordem suprema,
o nobre comandante da Mindello
aos náufragos valeu em hora extrema,
e a ele o Brazil deve agradecel-o!

Para a Historia severa dará thema,
Servirá de sympathico modelo
Aquelle que livrou da triste algema
O grilhão tanto pulso e tornozelo!

Salvaram-se, a despeito dos despeitos,
os jovens aspirantes, cujos peitos
estavam reservados ao gatilho!

Impedindo a iminente atrocidade,
benemerito se fez da humanidade
o filho do humaníssimo Castilho!

Barbacena, janeiro de 1895
Padre Corrêa de Almeida

(O PHAROL, 1895, p. 1).

Nesse mesmo órgão o jornalista e diplomata Joaquim Nabuco (1849-1910) escreve uma carta destinada ao redator do *Jornal do Brasil*, em que trata sobre a questão diplomática entre Brasil e Portugal, bem como faz defesa a Augusto de Castilho pelo asilo concedido como uma “obrigação de honra”, atribuindo uma série de fatores para justificar o acolhimento aos revoltosos em suas duas corvetas. Ademais, para Joaquim Nabuco, o rompimento das relações diplomáticas não teve como “estopim” o asilo aos refugiados, mas o fato dos revoltosos terem se juntado aos federalistas do Sul:

[...] Para saber se convém o reatamento das relações é preciso saber primeiro porque foram ellas interrompidas. Qual foi a verdadeira causa do rompimento? E’ ainda o *Paiz* quem nos diz: “O asylo desculpava-se por um sentimento de humanidade e o proprio marechal Floriano Peixoto contormara-se com o incidente, confiando em que o governo portuguez não iria facilitar os rebeldes a continuação dessa desgraçadissima campanha. O marechal Floriano só rompeu as relações diplomaticas com Portugal, quando o sr. Saldanha com a sua gente fugiu das embarcações portuguesas juntar-se aos guerrilheiros do Sul. Perante essa violação de neutralidade, o bemerito sr. presidente da Republica, em desagravo da soberania nacional ofendida, não podia fazer senão isso, quebrar as relações com um governo que, dizendo-se amigo, tutelava revoltosos e concorria para manter o morticinio e o saque no territorio brasileiro, a guerra encarnçada contra o regimen republicano”. Não foi assim por causa do asylo concedido aos revoltosos que o governo brasileiro rompeu relações com Portugal; foi, sim, por ter “o sr. Saldanha com a sua gente fugido das embarcações portuguesas”, no Rio da Prata, “a juntar-se aos guerrilheiros do Sul”. Esta é que foi “a violação de neutralidade” ter o governo portuguez com essa fuga “concorrido para manter o morticinio e o saque no territorio brasileiro”, accusação tão justa como si se dissesse, por exemplo, que o marechal Floriano Peixoto, deixando fugir o dr. Menezes Doria, concorrera para a invasão do Paraná por Gumerindo Saraiva. Temos entretanto esta admissão importante: não foi por causa do asylo; esse “desculpava-se por um sentimento de humanidade”. Quando é um verdadeiro sentimento de humanidade que actua em vez da expressão *desculpava-se*, podemos dizer afoutamente – justifica-se. A verdade toda é que o asylo concedido pelo comandante Castilho representa uma obrigação de honra em que este como marinheiro se constituiu. [...] Quem quer que tenha lido os quatro volumes em que se contém a defesa e a correspondencia official do commandante de *Mindello* será forçado a reconhecer que nessa questão da fuga o seu procedimento foi o mais estrictamente correcto que o seu governo podia exigir, e que o procedimento do governo portuguez foi ainda mais mais pressuroso do que o governo brasileiro tinha o direito de esperar. O sr. Castilho acolheu a bordo a grande massa dos revoltosos, pensando que lhes dava asylo incondicional; convertido de repente, aos olhos desses infelizes desterrados, do seu salvador em seu carcereiro, e tendo que manter, em obediencia ás ordens de Lisboa, a prisão de toda essa gente a bordo de navios que não tinham a capacidade para os conter, ele teve que se violentar fortemente a si mesmo para tomar as medidas as mais severas de incomunicabilidade e precaução contra aquelles a quem tinha salvo a vida. [...] Com as tripolações desfalcadas, ameaçados os navios, com essa invasão de centenas de revoltosos no mais completo estado de destituição, de se tornarem em focos de infecção, de carregarem, sem recursos medicos, uma epidemia a bordo, o que podia fazer o sr. Castilho

com mais de 600 pessoas aglomeradas nas duas corvetas, quando a 18 de março, depois de cinco dias crueis de espera e incerteza, passou por entre as fortalezas da barra? (NABUCO, 1895, p. 1-2, grifos no original).

A defesa pública de Joaquim Nabuco em nome de Augusto de Castilho, no episódio da Revolta da Armada, acabou ganhando a proporção de um livro, na perspectiva de complementar a sua exposição acerca desse desdobramento político que culminou com o rompimento diplomático entre a república florianista e o governo monárquico português. Em 1896, Nabuco publicou *A intervenção estrangeira durante a Revolta de 1893*, obra essa em que o autor reproduz uma série de artigos publicados no *Jornal do Commercio*, em agosto de 1895, com a finalidade de demonstrar a contribuição da intervenção estrangeira como um dos principais elementos para a vitória do marechal Floriano Peixoto. No decorrer da obra, Joaquim Nabuco retoma a defesa, fundamentando-se no texto das leis e das regras do Direito Internacional, e justificando a atitude do comandante Castilho como consequência das restrições que as esquadras haviam posto, inicialmente, em relação às atividades dos revoltosos.

No prefácio do livro que, diga-se de passagem, é dedicado a Augusto de Castilho, Joaquim Nabuco reproduz na íntegra as cartas trocadas com o mencionado comandante. Na carta remetida a Nabuco, Castilho agradece pela resposta destinada ao redator do *Jornal do Brasil* por tratar sobre as relações diplomáticas entre os dois países, além da defesa a respeito dos seus atos no Rio de Janeiro. Em relação ao trabalho publicado por Nabuco, para o comandante:

[...] tem, sobre todos os merecimentos, o da espontaneidade, o da intenção magnânima que o ditou, e o de prover de um brasileiro da grande estatura intelectual, social e política de V. E. – V. E. não me conhece pessoalmente, e por isso nem ao menos pode o seu coração ter movido por sentimentos de amizade. (NABUCO, 2010, p. 152).

Por fim, Castilho encerra a carta agradecendo a justiça em que Nabuco o tratou, e se despede assinando como “admirador respeitoso e amigo dedicado e eternamente grato”. Não foram encontradas fontes para afirmar se depois ambos tiveram oportunidade de se conhecerem pessoalmente, mas com a absolvição de Castilho especula-se que outros intelectuais e homens de letras brasileiros tenham se aproximado mais do comandante, dado que a imprensa publicou várias matérias, em diferentes jornais, prestigiando o comandante.

Nos anos de 1895 e 1896, são publicadas, em diferentes jornais do país⁷⁹, diversas homenagens consagradas a Augusto de Castilho. Em uma matéria comemorativa ao aniversário do rei D. Carlos I, o redator da *Gazeta da Tarde* (RJ) aproveita o espaço do artigo para fazer uma crítica a Floriano Peixoto pelo rompimento das relações luso-brasileiras e rememorar o almirante Augusto de Castilho pelo serviço prestado aos brasileiros:

[...] Da nossa parte, felicitamos hoje a colônia portugueza d'esta capital pela feliz data, e nessa felicitação haja motivo para mais se estreitarem as relações entre os dois povos irmãos, relações essas temporariamente rompidas pelos caprichos de um déspota, que infelizmente levou a humilhar o povo brasileiro por tanto tempo. Ainda nesta ocasião não nos devemos esquecer do almirante Antonio Augusto de Castilho, a quem nossa patria deve o inovildavel serviço de ter arrancado das mãos do tyranno centos de brasileiros, para os quaes estava reservada uma morte barbara nas masmorras das nossas fortalezas. O bravo oficial nessa ocasião, estamos certos, não fez mais do que ser interprete dos sentimentos humanitarios dos jovem d. Carlos I, cuja alma é tão grande como grande e heroico é o povo portuguez. [...] (GAZETA..., 1895, p. 1).

Em outubro, nesse mesmo periódico, foi publicada em sua primeira página um retrato de Augusto de Castilho, além de informações sobre a sua trajetória, especialmente no que diz respeito a sua carreira como militar na marinha portuguesa. Como se pode observar, a imprensa carioca então toma uma outra postura em relação a Castilho, isto é, bem diferente daquela em que o responsabilizava pelo rompimento das relações diplomáticas. O comandante agora passa da condição de “culpado” para o de “salvador da pátria”, de modo que o ex-presidente, Floriano Peixoto, quem ganha a alcunha de tirano, conforme registro da *Gazeta da Tarde* (RJ):

[...] Todo o Rio de Janeiro o conhece, si não pessoalmente, ao menos pela impressão grata, que o seu nome deixou na alma brasileira; a Augusto de Castilho, á grandeza do seu coração, á sua coragem e á rectidão do seu character deve a nossa patria terem sido arrancados a 13 de março de 1894 das garras ameaçadoras e funestas da tyrannia do Sr. Floriano Peixoto centos de brasileiros, que, por amor á seu paiz e dedicação a uma ideia, se entregaram aos azares de uma revolução, em que foram nesse dia vencidos pela insufficiencia reconhecida dos meios de resistencia de que dispunham. Augusto de Castilho era o comandante generoso da corveta portugueza *Mindello*. [...] Hoje, mais do que nunca, hoje que os exilados voltaram à patria, o nome de Castilho é pronunciado entre bênçãos. O acto de 3 de março vale por dez victorias cruentas. Honra ao almirante Castilho. (CONSELHEIRO..., 1895, p. 1).

⁷⁹ Ver edições do Jornal do Recife (PE), de 1 de novembro de 1895; Cidade do Rio (RJ), de 12 de setembro de 1896; Pacotilha (MA) de 15 de abril de 1896.

Ainda em outubro de 1895 é inaugurada no Rio de Janeiro a Sociedade Brasileira Beneficente Conselheiro Augusto Castilho, instalada por amigos e admiradores, em homenagem ao almirante⁸⁰. Nesse mesmo ano também começa a ser vendido e divulgado o livro *Portugal e Brasil: Conflito diplomático*, editado pela livraria M. Gomes. Com cerca de 400 páginas, o primeiro volume, de autoria de Eduardo Alves de Sá, aborda sobre o processo no conselho de guerra e marinha do capitão de fragata Augusto de Castilho. Os outros 2 volumes, por Augusto de Castilho, tratam sobre o comando superior das forças navais portuguesas na América do Sul, reproduzindo toda a correspondência oficial de agosto de 1893 a maio de 1894.

Em setembro de 1896, o navio português *Vasco da Gama* que trazia a bordo o comandante Castilho atracou em porto brasileiro. Respectivamente, os jornais cariocas *Gazeta da Tarde* (11 set. 1896, p. 1) e *Cidade do Rio* (12 set. 1896, p. 1) anunciaram uma manifestação por ocasião de sua chegada:

Um grupo de patriotas já se reuniu e deliberou preparar uma grande manifestação ao heróe, que elevando a sua patria no conceito das nações cultas, apagou das paginas de nossa historia um horrão, que seria uma vergonha eterna para a nação brasileira. De coração nos associamos aos promotores dessa manifestação para a qual são convidados todos aquelles que sem ódios nem paixões devem julgar do procedimento nobre, patriotico e humanitario do illustre marinheiro. [...] (AUGUSTO..., 1896, p. 1).

Sabemos que um grupo de patrióticos cidadãos em reunião que já se effectuou resolveu preparar ao distincto e illustre ex-commandante da *Mindelo* uma imponente manifestação, que não póde deixar de encontrar echo no coração deste povo a que jamais faltou gratidão. A *Cidade do Rio* associa-se com a mais jubilosa expansão a essa festa, que não é mais do que um justissimo preito rendido ao grande heroe portuguez. (AUGUSTO..., 1896, p. 1, grifos no original).

Castilho se torna cada vez mais prestigiado entre os seus pares. A imagem de herói se desenha e estampa as páginas dos jornais, sempre o rememorando pelos serviços prestados, em 1893, como comandante da *Mindelo*, bem como pelos seus feitos como oficial da Armada Portuguesa. Por ocasião da chegada do navio *Adamastor* no porto de Santos, São Paulo, a redação do jornal *O Commercio de São Paulo*, que na época tinha como redator-chefe o professor e literato Afonso Arinos de Melo e Franco (1868-1916), escreveu-lhe um telegrama de saudações, além de enviar um brinde dedicado ao almirante. Para tanto, cerca de 25 pessoas – dentre elas, jornalistas e militares – subscreveram, totalizando o valor de 2.328\$000

⁸⁰ Conforme edição do jornal *Cidade do Rio*, de 27 de outubro de 1895.

para o telegrama e o brinde (cf. PIERROT, 1898, p. 1). Fica nítido que, embora Castilho não estivesse dessa vez como comandante do *Adamastor*, de alguma forma essas pessoas sentiam a necessidade de homenageá-lo.

Em Lisboa, Castilho responde ao telegrama que é publicado dias depois nesse mesmo jornal. Nele, o almirante descreve o que fez pelo povo brasileiro como um “dever humanitário” e encerra o telegrama agradecendo ao redator:

[...] “Lisboa, 1 de janeiro de 1890. – Sr. Redactor d’ O Commercio de S. Paulo” – Se o que fiz entre o grande povo brasileiro e no meio dos seus desvairamentos e angustia cedendo ao mais natural impulso ao mais sincero movimento da minha alma, e às rigorosas prescrições de um dever humanitario, fosse mais do que qualquer outro homem vulgarmente teria feito, o vosso telegrama seria para mim a mais completa compensação por todas as cruciantes vacilações que agitaram o meu espirito. Mas isso que eu fiz fal-o-ia outro qualquer colocado pela Providencia no meu lugar [...] Ao aperto de mão que me enviastes do lado de lá do Atlantico permitti, meus irmãos, que em um abraço fraternal vos corresponda, na qual ficará gravada para sempre a vossa lembrança, credora de uma gratidão profunda e eterna. [...] O movimento multiforme e extraordinário que acaba de produzir-se na opinião publica do Brazil, pela presença de um navio de guerra portuguez, comandado por um dos mais bravos e prestimosos marinheiros, que é ao mesmo tempo um amigo meu de infancia, é a mais solene consagração e o mais eloquente testemunho do vosso entusiastico apreço pelo acto singelo que pratiquei. Agradeço-o e não o esquecerei – Vosso dedicado amigo. – *Augusto de Castilho*. (CASTILHO, 1899, p. 1, grifo do original).

Quando passou a ser o fundador e um dos diretores da revista quinzenal ilustrada, *Brasil-Portugal*, em fevereiro de 1899, Augusto de Castilho já era reconhecido em alguns espaços que transitava, seja no Brasil, seja em Portugal. No entanto, embora tenha atuado em periódicos, produzido artigos e publicado livros, o seu reconhecimento não era como poeta ou escritor, sendo ele geralmente lembrado como “almirante”, isso porque, como destaca Fernanda Müller, Castilho “[...] jamais deixou de servir sua pátria e integrar a Marinha” (2011, p. 106). Ainda segundo Müller, ele também foi diretor da Escola Naval em Lisboa e Ministro sob a responsabilidade da Marinha e do Ultramar (Figura 11 e Figura 12). Quatro anos após a sua morte, em 1916, foi construída a corveta portuguesa NRP Augusto de Castilho (conhecida antes como arrastão de pesca *Elite*), em homenagem ao almirante.

Não foi encontrada nenhuma fonte que indicasse como Augusto de Castilho conheceu Lorjó de Tavares e Jayme Victor, nem como passou a ser um dos dirigentes da revista. Também não foram encontrados vestígios que abordassem sobre a trajetória de Jayme Victor, por isso a consulta aos periódicos foi de fundamental importância para perceber como ele

estabeleceu os seus vínculos de sociabilidade entre outros intelectuais e na imprensa, sobretudo, a carioca, que foi onde ele mais circulou.

Figura 11 – Augusto de Castilho (da esquerda para a direita, o quinto sujeito na parte inferior da imagem) acompanhando El-Rei D. Manuel na sua visita à Escola Naval



Fonte: Revista Brasil-Portugal (1912, p. 472).

Figura 12– Augusto de Castilho, de uniforme, quando era Ministro da Marinha



Fonte: Library of Congress Prints and Photographs Division Washington, D.C. 20540, USA.

2.3.1.2 Jayme Victor: o jornalista

Das poucas informações acerca da trajetória de vida, sabe-se que Jayme Justino Victor (1855-1924) nasceu em Torres Novas, cidade portuguesa localizada no distrito de Santarém. Estudou no Liceu de Coimbra⁸¹ e dedicou-se às letras, escrevendo poemas e colaborando para vários periódicos portugueses, tais como: *Diario de Noticias*, *Anathema*, *As Economias*, *Calda da Rainha*, *Capello e Ivens*, *Jornal do domingo: revista universal*, *Ribaltas e gambiarras*, *Riomoinhense*, *Perfis Contemporaneos*, *O Occidente*, *Tragédia*, *Diario Illustrado*, *Jornal do Brazil*, *Consagração e Correio da Manhã*. No Brasil, Jayme Victor (Figura 13) foi correspondente do *Jornal do Brasil* (RJ), do *Diário Mercantil* (SP) e do *Paiz* (RJ). Fez parte da associação dos jornalistas e escritores portugueses, bem como publicou obras como *Herculano e Michelet* e *Os invisíveis de Lisboa*, além de ser um dos diretores – ao lado de Teófilo Braga, Santos Valente, Francisco de Almeida e Salvador Marques, da edição

⁸¹ Conforme Anuário do Liceu Nacional de Coimbra do ano letivo de 1872 para 1873.

manuscrita e ilustrada dos *Lusíadas*. Inclusive, Jayme Victor veio ao Brasil algumas vezes para divulgação dessa obra que, diga-se de passagem, também contou com a colaboração de alguns brasileiros.

Figura 13 – Jayme Victor



Fonte: Diário Ilustrado, 20 de setembro de 1908.

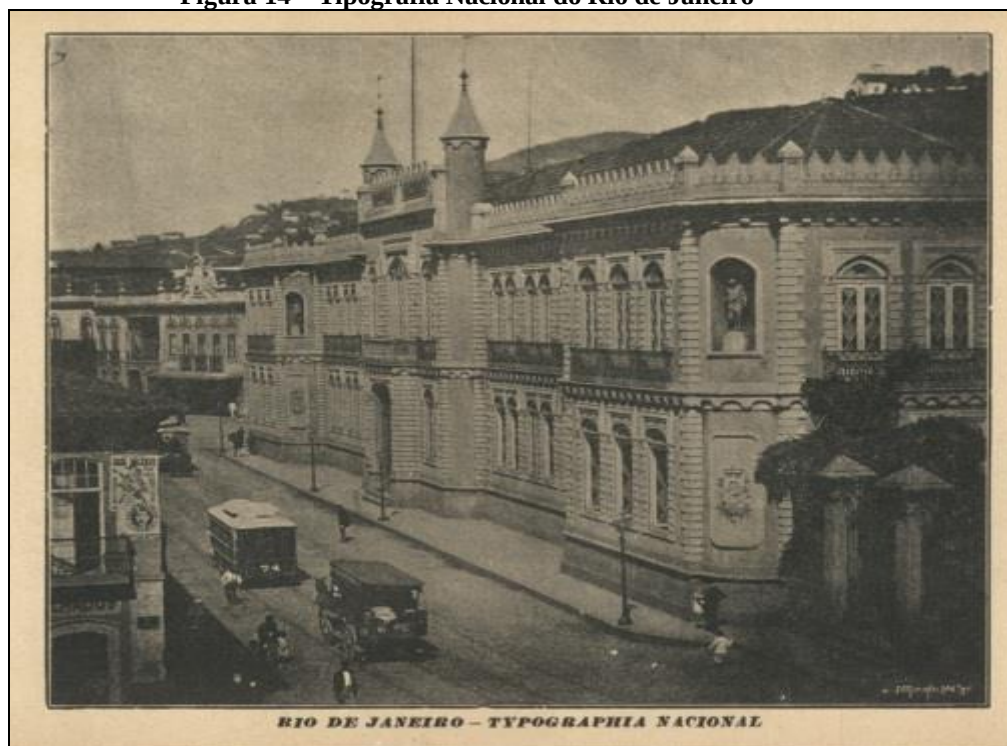
No dia 12 de outubro de 1883, às 19 horas foi realizada no salão nobre da Tipografia Nacional (Figura 14), no Rio de Janeiro, uma conferência sobre Camões, Brasil e Portugal, tendo como orador Jayme Victor. O *Jornal do Commercio* (RJ) e a *Gazeta de Noticias* (RJ) reportaram o evento, destacando a presença de figuras renomadas pela monarquia portuguesa:

[...] Jornalista, poeta e orador Jayme Victor é muito e vantajosamente conhecido em Portugal. Trouxe-o agora ao Brasil uma idéa que não está longe já de converter-se em realidade: uma edição dos *Luzíadas* de Camões, sendo cada oitava copiada por mão de pessoa differente e o autographo reproduzido pela typographia. [...] Não admira, pois que, apesar da noite chuvosa, tão numerosa e luzida assistencia acudisse hontem conferencia annunciada pelo Sr. Jayme Victor para o salão de honra da Typographia Nacional, achando-se presentes S.M o Imperador, S.A, o Sr. Conde d'Eu, os Srs. Ministro e consul de Portugal e muitas senhoras. Foi uma prelecção sobre o Brazil e seus homens, e o orador referio-se largamente ás relações reciprocas e amigaveis entre os dous paizes, citando a este respeito numerosos factos. Logo tratou desenvolvadamente da festa camoniana, e n'um período repassado de entusiasmo resumio as glorias militares, artisticas e literárias do Brazil, concluindo por lêr alguns trechos do prologo da *Grande edição manuscripta dos Luziadas* e por fazer um apelo a todos os cidadãos portuguezes e brasileiros para que colaborem no grande monumento que se vai levantar em honra e gloria de Camões. O orador ao deixar a tribuna recebeu calorosos aplausos. (CONFERENCIA..., 1883, p. 1).

[...] A' noticia de hontem demos da conferencia feita no salão nobre da typographia nacional, pelo illustrado Sr. Jayme Victor, temos a accrescentar o seguinte: Começou por agradecer o acolhimento com que foi recebido por

brasileiros e portugueses [...] Entrou na apreciação da festa camoniana no Brasil e em Portugal, mostrando o alto nível a que subiram os espiritos, agitados pela corrente do entusiasmo, para a compreensão d'esta festa; recitou versos proprios, alusivos ao poeta e depois de expor em largo quadro todas as glórias do Brazil, mostrou a alta significação moral do monumento que se estava levantando á memoria de Camões, por iniciativa dos esforços seus, que é a *Grande Edicção Manuscripta dos Lusíadas*, em que todas as estancias do poema serão firmadas e copiadas pelos homens ilustres dos dous paizes. Appelou para o patriotismo de todos, concluindo por estas palavras: “Sei, senhores, que os portugueses de lá nunca appellaram em vão para os portugueses de cá e para os seus irmãos brasileiros, quando se trata de uma obra ou se pede auxilio para o trabalho honrado”. Assistiram á conferencia S.M o Imperador, S.A, o Sr. Conde d’Eu, o ministro e o consul de Portugal, e muitas senhoras, homens de letras, etc. (GAZETA..., 1883, p. 1, grifos no original).

Figura 14 – Tipografia Nacional do Rio de Janeiro



Fonte: *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* (1903, p. 59).

A partir das citações acima é possível afirmar que Jayme Victor, aproveitando-se da divulgação de uma obra que contou com a colaboração de portugueses e brasileiros, reforçava o discurso de proximidade entre os dois países. Ademais, circulava entre os homens das letras, sendo ele apresentado como jornalista e poeta aos leitores brasileiros. Após uns dias no Rio de Janeiro, de acordo com artigo publicado em 4 de novembro de 1883, na *Gazeta de Noticias* (RJ), Jayme Victor seguiu para a capital paulista, indo também depois para Campinas (SP). No entanto, ele não transitou apenas pela região Sudeste. No ano seguinte, a bordo do vapor *Pernambuco*, depois de divulgar durante meses a edição manuscrita dos *Lusíadas* em outros

estados do Brasil, desembarcou em Recife “[...] como particular e como homem de letras e representante dos distintos colegas que com ele dirigem a importante publicação que motivou a sua vinda a esta provincia” (O SENHOR..., 1884, p. 2).

As viagens de Jayme Victor ao Brasil foram importantes não só para divulgar obras, como também para estender a sua rede de sociabilidade no país. Em 1884 é convidado para ser o correspondente, em Portugal, de dois grandes jornais cariocas da época: *O Paiz* (RJ)⁸², no mesmo ano de sua fundação, e o *Jornal do Brasil* (RJ)⁸³. Mesmo residindo em Lisboa, o fato de trabalhar como correspondente em um jornal brasileiro já o aproximava de outros homens das letras dos dois lados do Atlântico:

Noticiando a aquisição que fizemos para correspondente do Jornal do Brasil, em Portugal, do notavel escritor Jayme Victor, diz o *Correio da Manhã*, de Lisboa, importante folha dirigida por Pinheiro Chagas: “o nosso presado amigo e colega Jayme Victor acaba de ser nomeado correspondente em Portugal da antiga e importante folha do Rio de Janeiro *Jornal do Brasil*, que passou a uma nova empresa, á frente da qual está um dos mais illustres advogados e escriptores brasileiros, o dr. Fernando Mendes de Almeida. O *Jornal do Brasil* é hoje considerado um dos jornaes mais sérios e um dos mais poderosos órgãos da opimião fluminense”. [...] (O NOSSO..., 1884, p. 1).

Debaixo deste titulo o *Jornal de Commercio*, de Lisboa, deu a seguinte noticia: “Sae com efeito no Rio de Janeiro, no dia 1 de Outubro proximo, o grande jornal *O Paiz*, de que é correspondente em Lisbõa o nosso colega Jayme Victor. Collaboradores effectivos de Portugal são: a Sra D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, Pinheiro Chagas, Antonio Ennes, Gervasio Lobato e o nosso colega nesta redação Christovam Ayres. A acreditada efirma da casa do conde de Matosinhos, que figura na empresa do jornal, a excellente colaboração do Brazil e de Portugal e todos os elementos de prosperidade com que vae fundar-se a grande folha americana, assegura-lhe vida larga e folgada, parte da qual vai de certo ser dedicada aos interesses da vasta colônia portugueza no Rio de Janeiro”. Nas folhas da corte ainda nada encontrámos a respeito. [...] (O PAIZ..., 1884, p. 1).

Jayme Victor, posteriormente, tornou-se redator do jornal *O Paiz*, ao lado de outros jornalistas e intelectuais brasileiros, como: Quintino Bocaiúva (1836-1912)⁸⁴, Joaquim Serra (1838-1888), Oscar Guanabara (1851-1937), França Júnior (1838-1890) e Joaquim Nabuco (1849-1910). Esse mesmo jornal também recebia artigos literários e correspondências de intelectuais portugueses, a exemplo de Camilo Castelo Branco (1825-1890), Pinheiro Chagas

⁸² Localizado na rua do Ouvidor e vizinho ao *Jornal do Commercio*, o periódico *O Paiz* foi fundado em 1º de outubro de 1884. (Cf. BARBOSA, 2007, p. 46).

⁸³ Fundado em 9 de abril de 1891, o *Jornal do Brasil* surgiu fortemente capitalizado, com a intenção de vida longa, e visava atingir um público de menor grau de instrução e menor poder aquisitivo. (BARBOSA, 2007, p. 41; LOPES, 2006, p. 333).

⁸⁴ Um dos mentores e dirigente nos primeiros anos do jornal *O Paiz* e, segundo Sodré (1999, p. 252), a figura mais eminente da imprensa brasileira e do periodismo republicano em sua época.

(1872-1935), António Enes (1848-1901) e Gervasio Lobato (1850-1895) (cf. PACOTILHA, 1887, p. 2-3).

Além disso, pode-se concluir que alguns dos escritores ou redatores desses impressos já haviam transitado pelo Brasil e/ou tinham um prévio conhecimento acerca deste território, por meio da imprensa. Segundo Isilda Monteiro e Fernanda Paula Maia (2013, p. 211), Jayme Victor e o visconde de São Boaventura (1855-1910), responsáveis pelo quinzenário ilustrado português intitulado *Jornal do Brasil*, no primeiro número desta publicação, esclarecem: “[...] conhecemos o Brasil porque já por lá andamos e porque, através da sua imprensa lidamos com ele, todos os dias, há muitos anos” (JORNAL..., 1897, p. 1.).

É interessante também ressaltar que no final dos Oitocentos o governo de Portugal, estrategicamente, também buscava se aproximar politicamente do Brasil para afirmar-se como uma potência colonial, uma vez que as colônias portuguesas da África estavam em constante pressão perante as outras potências europeias que cobiçavam o território africano⁸⁵. Neste sentido, a imprensa foi essencial para dar voz aos interlocutores nas relações entre Portugal e suas antigas e atuais colônias. Não por acaso que jornalistas e redatores portugueses, como Jayme Victor e João de Sousa Lage (1875-1925)⁸⁶ escreveram e/ou dirigiram para jornais do Rio de Janeiro, pois além de serem profissionais reconhecidos pelo periodismo no exterior, através deles possibilitava-se cultivar as relações bilaterais entre os dois países.

De acordo com Lucia Lippi Oliveira (2006) a política de aproximação entre Portugal e Brasil contou com intelectuais e homens das letras dos dois países, sobretudo, aqueles que faziam defesa a obediência aos cânones da língua. No entanto, segundo a autora, essa aproximação foi uma demanda mais portuguesa que brasileira, como uma forma de mostrar a continuidade e permanência do seu passado em relação ao Brasil.

Jayme Victor também fez uso dos jornais brasileiros para divulgar obras ou mesma publicá-las por meio de transcrições, a exemplo do romance *Os escândalos de Lisboa*, escrito por ele e outros escritores portugueses, como Augusto Xavier de Mello, Carlos de Moura Cabral, Eduardo Schwalbach Lucci, Gervasio Lobato, João Costa e Urbano Castro. Esse romance passou a ser produzido em 1885, especialmente, para ser publicado através de folhetins pelo *Correio da Manhã* (cf. DIÁRIO..., 1908, p. 1). No Brasil ele foi transcrito e publicado, por partes, pelo *Jornal de Recife* (PE) na seção de Literatura, por mais de um ano.

⁸⁵ Com o ultimato imposto pelo governo inglês, em janeiro de 1890, Portugal teve que renunciar a um vasto território africano compreendido entre as colônias de Angola e Moçambique (cf. MARTINEZ, 1992, p. 505-510).

⁸⁶ De acordo com Sodré (1999), Lage passou a comandar a direção do jornal *O Paiz* em 1902. Posteriormente tornou-se proprietário, “recebendo benefícios materiais em troca da posição do jornal” (1999, p. 381).

Entre os anos de 1886 e 1887, Jayme Victor e Gervasio Lobato revisaram, desenvolveram e publicaram, com desenhos de Manuel de Macedo, pela Casa Editora David Corazzi de Lisboa, as obras *Os invisíveis de Lisboa: grande romance em 6 volumes*, e *Os Dramas D'Africa: Grande Romance de Sensação*, composto por 5 volumes, por Leite Bastos. De acordo com o anúncio publicado no *Jornal do Commercio* (14 out. 1886, p. 7), no Brasil, o romance *Os invisíveis de Lisboa* foi publicado semanalmente aos fascículos com 6 folhas de 8 páginas, pelo valor de 200 réis, que deveriam ser pagos no ato da entrega. Alguns periódicos como a *Gazeta de Noticias* (RJ)⁸⁷, *O Mequetrefe* (RJ)⁸⁸ e *Pacotilha* (MA)⁸⁹ registraram o recebimento de alguns fascículos como forma de divulgação da obra. Nos jornais *Pacotilha* (MELANCOLIA, 1887, p. 2) e o *Jornal do Recife* (ARTES..., 1890, p. 1) pode-se também encontrar sonetos e poemas da autoria de Jayme Victor publicados em diferentes épocas. Conforme já ressaltado, ele publicou em Lisboa, no ano 1877, pela Tipografia de G. A. Gutierrez da Silva, o livro de poemas intitulado *Herculano e Michelet* (Figura 15), oferecido em memória dos historiadores Alexandre Herculano (1810-1870) e Jules Michelet (1798-1874). Isso demonstra que, para além de jornalista, ele também atuava como poeta.

Jayme Victor analisava obras e trocava cartas com outros poetas, a exemplo do manuscrito (Figura 16) enviado a Joaquim de Araújo (1858-1917), poeta e bibliófilo português. Na carta, Jayme Victor faz menção ao livro de poesias *Lyra Intima*⁹⁰, publicado em 1881, salientando que, com sua exceção, não havia em Lisboa quem não tivesse lido a obra. Para tanto, atribui a falta de leitura como motivo de não ter recebido do autor um exemplar do livro. Assim como Jayme Victor, Joaquim de Araújo também avaliava poesias de outros autores (cf. CURADO, 2014, p. 114). Pode ser que ambos tenham se correspondido a fim de analisarem seus respectivos versos.

⁸⁷ Ver edições de 2 de novembro de 1886 e 16 de agosto de 1889.

⁸⁸ Ver edições de 10 de novembro de 1886, 10 de dezembro de 1886 e 10 de janeiro de 1887.

⁸⁹ Consultar a edição de 15 de janeiro de 1887.

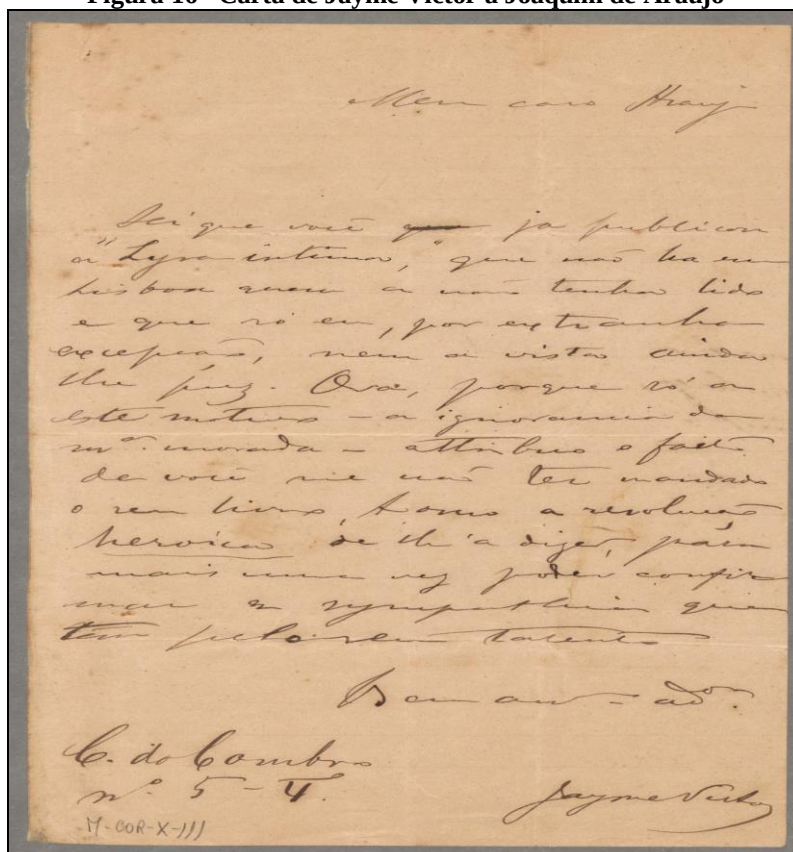
⁹⁰ Na Revista *Era Nova* (1881), Teófilo Braga analisa os versos dessa obra. Consultar: *Revista Era Nova* (1881, p. 569-572)

Figura 15 – Livro de poemetos de Jayme Victor (1877)



Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal. Cota L. 1676/37 P.

Figura 16– Carta de Jayme Victor a Joaquim de Araújo



Fonte: Biblioteca Pública Municipal do Porto. Cota M-COR-X-III

Segundo a transcrição feita pelo *Jornal do Recife* do periódico português, *Século*, Jayme Victor aparentemente tinha também proximidade com um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, o escritor Valentim Magalhães, além dele ter sido um dos colaboradores brasileiros da revista *Brasil-Portugal*. No registro, o jornal enfatiza a presença de Jayme Victor dentre outros “amigos e admiradores” que participaram do banquete oferecido a Valentim Magalhães. No período em que o artigo foi publicado, Brasil e Portugal haviam recém estabelecido as relações diplomáticas, que foram reatadas em 15 de março. Convidados da imprensa brasileira e portuguesa se fizeram presentes nessa celebração e brindaram o momento festivo:

Lê-se no *Século de Portugal*, edição de 28 do mes de Março ultimo findo: Realisou-se hontem no hotel Central o banquete offerecido ao illustre escriptor brasileiro, Sr. Valentim Magalhães, pelos seus amigos e admiradores. Presidiu o Sr. Conselheiro Thomas Ribeiro, que tinha ao seu lado direito Valentim Magalhães, e ao seu lado esquerdo o nosso amigo Sr. Luciano Cordeiro. Seguiam-se-lhe indistinctamente os Srs. Raphael Bordello Pinheiro, Luis Osorio Bernardino Machado, conde de Monsarn, Dr. Teixeira de Queiroz, **Jayme Victor**, visconde de S. Boa Ventura, Brito Aranha, Teixeira Bastos, José de Paiva, João de Paiva Monteiro Ramalho, Magalhães Lima, etc. [...] **Jayme Victor** declara que, só por doença, Pinheiro Chagas podia estar ausente d’esta festa, e levanta um brinde, a imprensa brasileira, que é hoje desempenhada pelos primeiros e melhores espiritos do Brasil. [...] Valentim Magalhães agradece e brinda a imprensa portuguesa. [...] Depois recitaram poesias, no meio dos grandes applausos, o conde de Monsaras, Luiz Osorio, **Jayme Victor**, Valentim Magalhães, visconde de S. Boaventura, e Thomas Ribeiro que recitou o *Tear da rainha*. Foi prestada uma homenagem a João de Deus, e o conde de Monsaras e Magalhães Lima recitaram versos seus, muito victoriades. E assim terminou esta festa, uma das mais brilhantes, das mais expansivas a que temos assistido. Era cerca de meia noite. (VALENTIM..., 1895, p. 2, grifos meus).

De acordo com artigos encontrados no *Jornal do Recife*⁹¹, Jayme Victor costumava participar de reuniões que envolviam os representantes da imprensa jornalística. Nessas reuniões, junto a outros jornalistas, Jayme fazia parte de um universo de sociabilidade que se reunia por interesses intelectuais, como também por condicionantes sociais e culturais. No Congresso Internacional da Imprensa, que ocorreu em setembro de 1898, em Lisboa, fez parte da comissão local executiva na função de secretário, ao lado de outros jornalistas e intelectuais portugueses como os já citados Brito Aranha, Teixeira Bastos (1833-1914) e Raphael Bordello Pinheiro. Dessa forma, levanto a hipótese que Jayme Victor conheceu Lorjó Tavares justamente nesses espaços de sociabilidade, dado que transitavam pelas redações de diferentes periódicos, a exemplo da revista ilustrada *O Occidente* (1878-1915), em que ambos

⁹¹ Ver edições de 15 de abril de 1898 e 28 de julho de 1898.

foram colaboradores literários⁹². Mas, para além dos laços profissionais, é interessante destacar que eles também se tornaram parentes, pois de acordo com publicações encontradas nos jornais *Novidades*⁹³ (RJ) e *O Paiz*⁹⁴ (RJ), Lorjó Tavares e Margarida Victor, irmã de Jayme Victor, celebraram o casamento em fevereiro de 1887, ou seja, 12 anos antes de dirigirem juntos a revista *Brasil-Portugal*.

2.3.1.3 Lorjó Tavares: o dramaturgo

Nascido na cidade de Faro, em Portugal, José Bernardo Camilo Lorjó Tavares (1857-1939) fez carreira como jornalista, publicista e dramaturgo, colaborando em diversos periódicos como o *Correio da Noite*, *A Ilustração Portuguesa*, *Diario da Manhã*, *O Occidente* e para o *Almanach do Algarve*⁹⁵, além de fundar e dirigir as revistas ilustradas *Perfis Contemporaneos* e *Brasil-Portugal*. Foi também sócio da Associação de Jornalistas e Homens das Letras do Porto. Como dramaturgo, escreveu comédias dramáticas como *O Segredo da Confissão* (1892) e *O Suicida* (1894), além de atuar em várias peças, estreando como ator na ópera cômica *A Moira de Silves*, com música de João Guerreiro da Costa, apresentada em 1891, no Teatro da Trindade (MÜLLER, 2011a; MESQUITA, 1983). Em 1933, publicou e estreou no Teatro Nacional de São Carlos, em Lisboa/PT, a sua última comédia em três atos intitulada *Divórcio*.

Nos jornais *Pacotilha* (MA), *O Vassourense* (RJ), *Regeneração* (SC), *A Província do Espírito Santo* (ES), datados entre 1886 a 1888, foram encontrados contos pequenos assinados por Lorjó Tavares. Mais tarde, em 1891, é noticiado no *Diario de Pernambuco* como um dos fundadores da *Revista Luso-Brazileira*, um periódico quinzenal ilustrado que versava sobre literatura, política, agricultura e comércio, destinado a Portugal, possessões ultramarinas e ao Brasil. Produzida em Lisboa, o seu programa compreendia diversos assuntos e questões imbricados na ideia de progresso e a de civilização engendrados na época:

Critica de todas as artes, chronicas literárias, poesias, contos e romances apreciações da industria com os desenhos das fabricas nacionais, relação do movimento comercial das nações portugueza e brasileira e suas transacções com os paizes estrangeiros, noticiário desenvolvido e selecto dos acontecimentos interessantes, theatros, circos, concertos, e finalmente tudo quanto representa um progresso, um novo passo no caminho da civilização,

⁹² Conforme artigo publicado na *Gazeta de Noticias* em 9 de abril de 1892.

⁹³ Ver edição de 17 de fevereiro de 1887.

⁹⁴ Ver edição de 18 de fevereiro de 1887.

⁹⁵ Em uma publicação adornada de muitas gravuras e histórias sobre o Algarve (Portugal), dirigida por Marcos Algarve e José Castanho, e editada pela Tipografia Minerva de Gaspar Pinto de Sousa & Irmão, desde a sua fundação, em 1903, Lorjó de Tavares colaborou nesse anuário ao lado de literatos como Bernardo de Passos, Julio Dantas, João Bucha e Candido Guerreiros. (ALMANACH DO..., 1903, n.p).

uma manifestação da atividade humana, terá lugar na Revista. São proprietários e diretores os Srs. Cruz Pinto e Lorjô Tavares, tendo por colaboradores as mais notáveis penas da pleiade litteraria portugueza (REVISTA..., 1891, p. 3).

Na condição de ator teatral Lorjô Tavares (Figura 17) chegou a desembarcar no Brasil para divulgar a opereta *Moura de Silvas*, em 3 atos e 5 quadros, cuja apresentação ocorreu nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Pará:

No dia 8 embarcou em Lisboa com destino ao Rio de Janeiro a companhia de opereto, cuja estreia é a Pepa, que Souza Bastos vem dirigir, e que foi contratada em Lisboa pelo Sr. José Fernandes de Carvalho. [...] O repertorio é vasto. A estréa no theatro Lucinda, do Rio de Janeiro, será com o *Burro do Sr. Alcaide*, de Gervasio Lobato e D. João da Camara e musica de Cyriaco do Cardoso. Subirá depois á scena a revista *Tim-tim* por *tim-tim*, original de Souza Bastos. A esta seguir-se-há a opera comica *Moura de Silves*, original de Lorjô Tavares com musica do maiogrado maestro João Guerreiro da Costa. Parece que se representarão tambem as peças *Barba Azul*, *Grã-Duqueza*, *Miss Helyell*, *Tio Celestino*, e outras ainda, se para isso houver tempo. A companhia irá depois a S. Paulo e Pará, regressando á Europa no mez de outubro. A companhia ensaiou em Lisboa o *Tim-tim*, o *Burro do Sr. Alcaide* e a *Moura de Silves*. Estreará aqui com a 2ª destas peças. (ARTES..., 1892, p. 2).

Figura 17– Lorjô Tavares



Fonte: (BRASIL-PORTUGAL, 1899, p. 11).

Sob o tratamento de “distinto jornalista” e “conhecido comediographo” (cf. BELEM..., 1898a, p. 2), um ano antes de fundar a revista quinzenal *Brasil-Portugal*, Lorjô Tavares visitou o Pará para divulgar o *Perfis Contemporaneos*, que atuou como secretário da

redação, ao lado de Jayme Victor e Ernesto Bartholomeu, que também dirigiram esse periódico. Na visita ao jornal *O Para*, Lorrj Tavares apresentava a redação com um volume que apresenta a biografia e o retrato de Augusto de Castilho, seu futuro colega da empresa *Brasil-Portugal*. Desde o momento de sua chegada até a sua despedida, o jornal emitiu notas para retratar a sua estadia, tratando-o sempre de maneira enaltecedora:

[...] Lorrj Tavares, o laureado jornalista portuguez, o exforçado secretario dos *Perfis Contemporaneos*, após estadia entre nós, volve á patria, amanhã. Enviando-nos seu cartão de despedida, Lorrj Tavares põe ao nosso serviço todo seu valimento, o que é motivo para grande regozijo e reconhecimento da nossa parte. Vendo-o partir, ficamos votos para que bons ventos o levem ao porto do destino, e no velho Portugal continue no posto de sacrificios, que é a imprensa moderna, a prestar os relevantes serviços que seus coevos têm o direito de esperar da sua brilhante pena. (BELEM..., 1898b, p. 2).

Esses indícios indicam que, antes de ser reconhecido como diretor e principal divulgador da *Brasil-Portugal*, seja como jornalista, seja como dramaturgo, seu nome já circulava em meio à imprensa brasileira, estreitando os laços entre os dois continentes engendrado, sobretudo, pela *intelligentsia* portuguesa. Na segunda metade de Oitocentos, apesar de vários periódicos serem publicados em Portugal, aproveitando da presença de imigrantes portugueses no Brasil, a imprensa periódica buscou atingir leitores dos dois lados do Atlântico, de modo que o mercado brasileiro contribuiu para a manutenção financeira de muitos títulos, especialmente após a lei de 1 de julho de 1848 que passou a isentar de porte as publicações literárias. Somado a isso, com as inovações industriais e o desenvolvimento sociocultural aplicados à imprensa periódica no último quartel do século XIX, possibilitou-se o aumento das tiragens sem acrescentar custos, diminuindo o preço de cada número e, por consequência, a perspectiva de conquistar novos públicos. A partir dessa expansão, permitiu-se a venda direta através da abertura de escritórios e agências, aumentando a distribuição dos títulos não só por todo o território nacional, como também pelo Brasil, consolidando um número maior de leitores brasileiros (MONTEIRO; MAIA, 2013). Nesse contexto, alargava-se uma tipologia de periódicos que incorporava no seu título ou subtítulo uma referência as palavras Brasil ou Luso-Brasileiro.

Ao pesquisar por periódicos no sítio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital do Brasil, através da palavra-chave “Lorrj Tavares”, percebe-se que seu nome é constantemente elencado as revistas *Brasil-Portugal* uma vez que, de acordo com os registros encontrados (Quadro 1), Tavares costumava viajar por diferentes estados brasileiros a fim de promover as revistas pelo país. Para tanto, no quadro abaixo, indico os jornais que publicaram

as notícias acerca da visita de Lorjó Tavares e os estados em que ele desembarcou para divulgar a *Revista*, seguidos da data e título da matéria veiculada.

Quadro 1– Divulgação da Revista *Brasil-Portugal* pelo Brasil (1899-1901)

JORNAIS/ESTADO	LOCAL DE DIVULGAÇÃO	DIA/MÊS/ANO	TÍTULO
Jornal do Brasil (RJ)	Pará	9 de abril de 1899	Lorjó Tavares
A Federação (AM)	Amazonas	13 de maio de 1899	Sala de Visitas
Diario do Maranhão (MA)	Amazonas	29 de maio de 1899	Em Manaus
Diario do Maranhão (MA)	Maranhão	20 de junho de 1899	Festa de S. Pedro no Iguahyba
Pacotilha (MA)	Maranhão	20 de junho de 1899	Portugal-Brazil
Pequeno Jornal (PE)	Pernambuco	5 de julho de 1899	Honrosa Volta
Diario de Pernambuco (PE)	Pernambuco	6 de julho de 1899	Lorjó Tavares
Jornal de Recife (PE)	Pernambuco	6 de julho de 1899	Lorjó Tavares
Pequeno Jornal (PE)	Pernambuco	7 de julho de 1899	Brazil-Portugal
Cidade do Rio (RJ)	Rio de Janeiro	2 de agosto de 1899	Cambio
Gazeta de Noticias (RJ)	Rio de Janeiro	2 de agosto de 1899	Depoimentos
Jornal do Brasil (RJ)	Rio de Janeiro	2 de agosto de 1899	Queixas do povo
O Paiz (RJ)	Rio de Janeiro	2 de agosto de 1899	Loteria da Caridade
A imprensa (RJ)	Bahia	19 de outubro de 1899	Força Electrica
A imprensa (RJ)	Bahia	10 de novembro de 1899	Lorjó Tavares
Gazeta de Noticias (RJ)	Rio Grande do Sul	19 de novembro de 1899	Brasil-Portugal
O Commercio de São Paulo (SP)	Pará	11 de maio de 1901	O Café
Diario do Maranhão (MA)	Maranhão	27 de junho de 1901	Sala de Ordens Militares
Cidade do Rio (RJ)	Rio de Janeiro	31 de julho de 1901	Vida Social

Fonte: dados coletados⁹⁶ pela autora, mar. 2017.

Observa-se que de acordo com os periódicos que veicularam a visita de Lorjó Tavares, entre abril de 1899 a 31 de julho de 1901, o dramaturgo visitou nesse espaço de tempo 8 estados brasileiros, retornando ao Rio de Janeiro e o Pará para uma segunda estadia e divulgação da *Brasil-Portugal*. Percebe-se também que os jornais cariocas eram os que mais promoviam a presença de Tavares ao passo que, além da capital federal agrupar parte

⁹⁶ Os dados podem ser consultados no sítio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital do Brasil, disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 15 mar. 2017.

significativa dos jornais do país, o Rio de Janeiro mantinha intelectuais e homens das letras portugueses como colaboradores de seus impressos. Isso justifica a as redes de sociabilidade circundadas pelo diretor da *Revista*, que costumava adentrar nas redações e entregar pessoalmente alguns números da *Brasil-Portugal*, dado que “[...] todo grupo de intelectuais organiza-se a partir de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades, que alimentam o desejo e o gosto de conviver” (SIRINELLI, 1996, p. 246). Além disso, de acordo com Ana Luiza Martins, o envio descompromissado de exemplar para apreciação era uma das técnicas experimentadas de venda para nortear os empreendimentos dos periódicos. Ao enviar o exemplar, algumas revistas acrescentavam a solicitação de endereços de conhecidos para remessas de amostras com a mesma finalidade de “[...] angariar assinaturas” (MARTINS, 2008, p. 228). Ainda segundo Martins, tinha-se também “[...] o hábito de enviar o exemplar para análise, juntamente com o encarte da assinatura, condicionando o interessado ao compromisso de compra imediata” (2008, p. 230.) Desse modo, Lorjó Tavares estrategicamente estabelecia redes de sociabilidade ao mesmo tempo em que divulgava e/ou vendia assinatura dos periódicos.

Neste caso, supõe-se que ele tenha sido um dos principais interlocutores na aproximação luso-brasileira, sobretudo, tomando também como referência o quadro desenhado por Fernanda Suely Müller (2011a, p. 108-109), que a partir de cerca de 30 artigos encontrados no próprio impresso – entre os anos de 1899 a 1914, coleta os registros das longas viagens e estadas realizadas por Lorjó Tavares a fim de promover o periódico, sendo a primeira delas anunciada ao público em 1899, na edição número 5, da revista *Brasil-Portugal*.

O nosso companheiro de direcção, tão estimado pelo seu valor pessoal, tão notavel pelas suas qualidades de trabalhador infatigavel, que no theatro e na imprensa tem por tantas formas revelado faculdades não vulgares, acaba de partir para o Brasil com o fim de lançar por uma propaganda activa nos principaes Estados da Republica esta Revista, á qual está consagrando todas as horas de pensamento e de trabalho. Os seus collegas que empenham com ele sacrificios e esforços para que o *Brasil-Portugal* seja no futuro o que no principio *quizeram*, acompanham-no em espirito pelas terras hospitaleiras e longinquoas, que o hão de acolher como elle merece pelos primores da educação e do character, e pela ideia de confraternidade e estreitamento de relações entre os dois povos amigos, que presidiu ao programma do *Brasil-Portugal*. (BRASIL-PORTUGAL, 1899, p. 11, grifos no original).

Vale ressaltar que Fernanda Müller (2011b, p. 51), intrigada com a presença constante de Lorjó Tavares no Brasil, chega a questionar se o diretor não teria participado ou pelo menos seguido de perto os desdobramentos da Revolta da Armada e, por isso, tenha se empenhado tanto na propaganda de Portugal a partir da sua *Revista*. Contudo, não foi achado

nenhum vestígio que confirmasse a hipótese da autora, dado que entre os três diretores da empresa, o único que há registros sobre a sua participação na Revolta cabe ao conselheiro Augusto de Castilho. Na citação em que Müller utiliza para levantar essa questão, retirada da *Revista Brasil-Portugal*, que reproduz um trecho do *Mala da Europa*⁹⁷, o periódico parece se referir aos outros dois companheiros de direção, isto é, ao “jornalista” – Jayme Victor – e, o “outro”, o oficial da marinha portuguesa – no caso, o conselheiro Augusto de Castilho – e não o próprio Lorjó de Tavares, como supõe ser:

[...] Sabemos que, em cada uma das pessoas com quem tratou no Pará, Lorjó Tavares deixou um amigo. E é de crer que o acolhimento que vae fazer-lhe a esplendida capital do norte do Brasil seja igual áquelle que então lhe foi feito. Pelo seu valor, pelo seu character, pelas suas excepçionaes qualidades de trabalho e pelo arrojo da empresa que fundou e **em que tem por companheiros** um nome de ha muito conhecido no Brasil **como jornalista**, e **outro** que tem universal consagração em todo o territorio da Republica **como um dos mais valentes e honrados officiaes da marinha portugueza**, por tudo isto merece Lorjó Tavares que o Brasil, auxiliando a sua empresa, secunde os seus esforços e contribua poderosamente para que a obra que ele iniciou seja levada a efeito com o mais feliz e prospero resultado. [...] (LORJÓ..., 1899, p. 2, grifos meus).

Fernanda Müller também afirma ser intrigante que Lorjó Tavares tivera sido oficial da Marinha portuguesa, “[...] bem como a divulgação de que o dramaturgo seria já um jornalista muito apreciado no Brasil, embora seu nome não conste em nenhuma gazeta contemporânea como colaborador” (2011a, p. 111). Embora não tenha colaborado em nenhuma gazeta contemporânea brasileira, conforme já discutido em linhas anteriores, Lorjó foi reconhecido pelo jornal *Pará* (29 de junho de 1898) como um “laureado jornalista” e “secretario dos *Perfis Contemporaneos*”, além de ter sido um dos proprietários e diretores da *Revista Luso-Brazileira*. Entretanto, isso não justifica o fato dele ter sido o escolhido para desempenhar o papel de divulgador da revista, até porque Jayme Victor também atuava como jornalista, assim como colaborava para jornais estrangeiros.

Por outro lado, há de se concordar com a autora quando ela pressupõe que o plano de divulgação da *Revista Brasil-Portugal* no Brasil, sobretudo, na região Norte do país, se deve ao número exagerado de propagandas das casas comerciais portuguesas instaladas essa área geográfica. Nesse sentido, o periodismo transformava-se em desaguadouro dessa propaganda e/ou publicidade⁹⁸ ao colocar no mercado tudo que as cidades precisavam de “novo”.

⁹⁷ Periódico fundado e produzido em Lisboa que circulou de 1894 a 1916 (cf. RAFAEL; SANTOS, 2002, p. 83).

⁹⁸ É importante esclarecer que, de acordo com Ana Luiza Martins (2008, p. 253), “[...] ao contrário da *propaganda*, de caráter ideológico contemporâneo do próprio surgimento da imprensa, a *publicidade* dita nasceu em contexto posterior, passível de ser remetido para 1870, aos quadros da Grande Depressão”. Assim, o caráter propagandístico da publicidade potencializou-se como elemento decisivo na conduta social do século XX.

Segundo Müller (2011a, p. 110-111), havia cerca de 70% no total do espaço reservado à publicidade em cada região, portanto, pode-se conjecturar que o impresso contava com o apoio dos empresários e comerciantes estabelecidos na região Norte do Brasil. Por isso, não foi à toa que Lorjó Tavares, para além do Rio de Janeiro, escolheu visitar e divulgar a sua *Revista* em estados nortistas do país.

3 O CIRCUITO DOS IMPRESSOS *BRASIL-PORTUGAL*: DA REDAÇÃO À OFICINA TIPOGRÁFICA

Mais do que atentar para o suporte de textos e as redes de sociabilidade criadas no interior desses impressos, nesta seção pretende-se determinar o lugar ocupado pela *Revista*, observando a sua representatividade e importância no universo cultural em que circulou, em meio aos dilemas de sua época. Para isso, elegi o mesmo caminho proposto por Tania Regina Luca, para compreender os seguintes aspectos nos impressos aqui estudados:

[...] O momento do lançamento, os nomes que levaram cabo a empreitada, os diretores, secretários e/ou responsáveis pela revista – atentando-se para as eventuais mudanças que possam ter ocorrido ao longo de sua existência – a tiragem, periodicidade, objetivos explícitos e implícitos, o projeto gráfico (capa, formato, dimensões, tipo de informação contidas no frontispício) permitem compor o perfil geral do periódico. Tal passo é fundamental tanto para a compreensão da linha editorial quanto das suas formas de inserção no universo cultural da época em que circulou. [...] A descrição e análise interna do material publicado, a forma de apresentação e distribuição dos conteúdos, as seções e o seu lugar de perenidade, a presença de propagandas e o lugar reservado para o material iconográfico também são aspectos importantes, pois permitem levantar hipóteses a respeito do público a que se destinava a revista, além de fornecer pistas em relação aos ideais que uniam seus propugnadores, ensejando análises de caráter comparativo com outras publicações. (LUCA, 2006, p. 318).

Esse levantamento também será útil no âmbito de esquadrihar os grupos reunidos em torno da publicação, observando a sua concepção de mundo, posições políticas e estéticas assumidas, “[...] além de delinear uma metodologia de abordagem para tais fontes/objetos de pesquisa” (LUCA, 2006, p. 318). Julgo essas orientações imprescindíveis como contributos na compreensão de como se deu a circulação desses impressos – revistas e almanaques *Brasil-Portugal* – e sua recepção pela imprensa na interação com o contexto em voga. Acrescenta-se a isso, como atenta Ana Luiza Martins (2001, p. 21), a pertinência das revistas como testemunho do período é válida, sobretudo, se levarmos em consideração as suas condições de produção, de sua negociação, de seu mecenato propiciador, das revoluções técnicas, isto é, a natureza dos capitais que envolviam esse gênero de impresso.

Ao burilar os almanaques *Brasil-Portugal*, acredita-se que este seguia o mesmo público-alvo destinado a *Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada*, a qual “[...] afirmou-se como um produto dirigido às elites, sobretudo, as da comunidade portuguesa no Brasil e das colônias” (CORREIA, 2009, p. 1). Desse modo, será realizada uma “arqueologia” do impresso quinzenal *Brasil-Portugal*, atentando para o suporte de textos e as redes de

sociabilidade criadas no interior dessas *Revistas*, uma vez que os almanaques foram constituídos a partir desse periódico, conforme será discutido nos itens a seguir. Nessa trajetória, observar-se-á de que forma os impressos ilustrados da empresa *Brasil-Portugal* surgiram como veículos ideais para o processo civilizatório em curso, configurando-se sob o ritmo de seu tempo cultural, de seus projetos e de suas ideologias.

3.1 *Revista Brasil-Portugal: diretores, colaboradores, correspondentes e o público leitor*

Sob a direção de Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lorjó de Tavares e, posteriormente, João de Vasconcelos, a *Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada* teve seu primeiro número publicado em 1 de fevereiro de 1899. Impressa pela tipografia da Companhia Nacional Editora⁹⁹, a redação e administração da *Revista* – que dividia o mesmo espaço com o *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* – nos seus anos iniciais instalou-se na Rua Ivens, número 52, em Lisboa; bem como contava com agências situadas em outras localidades de Portugal, no Brasil e na África.

De acordo com a apresentação produzida pelos diretores, a *Revista*¹⁰⁰ tinha por propósito, acima de tudo, “[...] manter e apertar as relações do commercio e da indústria entre as duas nações irmanadas pelo sangue, pelo sentimento e pela tradição. Eis aqui a ideia que traz consigo o *Brasil-Portugal*” (CASTILHO; VICTOR, TAVARES, 1899, p. 2, grifo no original). Esse empreendimento editorial que surgiu atrelado a empresa *Brasil-Portugal*¹⁰¹, uma empresa incutida em interesses mercadológicos e políticos que visava o lucro, tinha por finalidade estreitar os laços entre Brasil e Portugal, seja na perspectiva econômica, seja no âmbito artístico-literária, “[...] tornando apreciados de ambos, os escriptores e os artistas, que na mesma lingua, rica, sonora e rythmica, dizem o que na patria portugueza e na patria brasileira tem o sentimento mais intenso e delicado e as ideias de mais profundo e brilhante” (CASTILHO; VICTOR, TAVARES, 1899, p. 2).

⁹⁹ Formada em 1888, com sede no Largo do Conde Barão e oficinas na Rua da Rosa, sob a administração de Justino Guedes (1852-1924), a Companhia Nacional Editora denominava-se como uma sociedade anônima de responsabilidade limitada, passando a se chamada, posteriormente, de A Editora (DOMINGOS, 1985, p. 65-66). Com o objetivo de absorver a Imprensa Nacional, tornou-se a maior tipografia privada, empregando mais de uma centena de trabalhadores. Para maiores informações sobre a indústria tipográfica portuguesa, ver Barreto (1981).

¹⁰⁰ É importante ressaltar que a *Revista*, antes de tudo, era parte integrante da empresa *Brasil-Portugal*. Por isso, muitas vezes os objetivos e propósitos desse empreendimento confundiam-se com a *Revista* e o *Almanach*, uma vez que esses impressos dividiam um projeto editorial sob a mesma direção da empresa.

¹⁰¹ Não foi encontrado nenhum indício que apresente informações sobre o surgimento dessa empresa, mas especula-se que ela foi fundada nos idos do século XIX, em um período anterior à revista *Brasil-Portugal*, com a finalidade de administrar e propagar seus periódicos.

Na primeira publicação da *Revista* já são apresentados, aos leitores, os colaboradores permanentes, sendo a maior parte composta por portugueses, a exemplo de Abel Botelho (1855-1917), Anselmo de Andrade (1844-1928), Júlio Brandão (1869-1947), Mattoso dos Santos (1849-1921), Silva Pinto (1848-1911) e do próprio Augusto de Castilho, responsável pelos artigos que tratavam sobre as colônias ou a respeito do Brasil. Em suas seções havia também a presença de colaboradores brasileiros como Olavo Bilac, Machado de Assis (1839-1908), barão de Marajó (1932-1906), Itiberê da Cunha (1870-1953), Sena Freitas (1840-1913) e Valentim Magalhães. Além desses, o periódico dispunha de colaboradores artísticos portugueses, tais como: Augusto Pinna (Alçobaça, 1872-1938), Celso Hermínio¹⁰² (Lisboa, 1871-1904), Manuel Bordalo Pinheiro (Lisboa, 1867-1920), Raphael Bordallo Pinheiro (Lisboa, 1846-1905) e Roque Gameiro (Minde, 1864-1935). É também perceptível a presença constante de seções e/ou artigos colaboradas pelo gênero feminino, a exemplo de Ana de Castro Osório (Mangualde, 1872-1935) e Ana Maria de Ribeiro Só (?-?), que faziam defesa ao feminismo – em seus passos iniciais em Portugal – e a emancipação das mulheres.

Os trabalhos de reprodução por fotogravura, de fotografias e de ilustrações, uma das principais atrações da *Revista*, a exemplo da capa do periódico (Figura 18), eram executadas nas oficinas de Pires Marinho & Cia, em Portugal. Entre os fotógrafos, figuravam profissionais renomados como o português Augusto Bobone (1825-1910), o alemão Emílio Biel (1838-1915) e o português radicado no Brasil, Felipe Fidanza (1847-1903).

Segundo Ana Luiza Martins, o hábil recurso da imagem seduzia o público leitor, fazendo do ilustrador um profissional imprescindível das revistas do período:

Numa ordem aproximada de colocação destes profissionais do traço, sucedem-se, com forte presença nas páginas revisteiras, o caricaturista, o ilustrador artístico, o artista da propaganda e o fotógrafo, responsáveis pelo acurado registro crítico de quem viveu e documentou a época com talento e sensibilidade. (MARTINS, 2003, p. 71).

Em linhas gerais, as revistas *Brasil-Portugal* lidavam com a publicação de textos com temáticas diversas, sendo predominantes as crônicas e as ilustrações que tomavam parte significativa desses impressos, tornando a leitura mais leve através de várias imagens. Pelo recurso da fotografia¹⁰³, acompanhada de legendas meramente descritivas, seus leitores apreciavam produções artísticas-culturais, registros de acontecimentos políticos, econômicos

¹⁰² Até a edição de nº 5, a direção artística ficou sob responsabilidade do ilustrador e caricaturista do *Jornal do Brasil*, Celso Hermínio (1871-1904), mas por ser colaborador efetivo do *Diário de Notícias*, do *Branco e Negro* e depois correspondente do *Jornal do Brasil*, e não dispor de tempo para dirigir a *Revista*, Hermínio permanece apenas como colaborador.

¹⁰³ Acerca dos usos e funções sociais atribuídas às imagens fotográficas no passado e sua utilização nos diferentes campos da análise histórica, conferir: Maria Eliza Linhares Borges (2005).

e sociais luso-brasileiros e do estrangeiro, figuras de políticos – dos dois lados do Atlântico – e, especialmente, imagens fotográficas de mulheres. Assim, pensando em uma sociedade tomada pelo alto índice de analfabetismo – como era o caso da população portuguesa e brasileira, as imagens poderiam comunicar mais que o texto, cabendo a fotografia “[...] fazer da cidade a matriz ideal para a percepção do propalado progresso, ilustrações que confirmavam graficamente a transformação da cidade [...]”. (MARTINS, LUCA, 2008, p. 91).

Figura 18– Capa da Revista Brasil-Portugal (1899)



Fonte: (ALMANACH..., 1901, p. 222).

No 3º número a *Revista* já evidencia que o seu público leitor se destina às elites e, sobretudo, para a comunidade portuguesa no Brasil e das colônias, conforme citação a seguir:

A aristocracia, o commercio, a arte, o *sport*, a indústria, as damas portuguesas, todas as classes que mais alto representam a nossa sociedade, secundando o aplauso da imprensa, teem feito um acolhimento tão gentil e tão vasto ao *Brasil-Portugal*, que nos prova ter-se por completo realizado o proposito com que iniciamos esta publicação; torna-la interessante, duradoura, agradável, precisa á sociedade portugueza. E, para melhor ser coroada a esperança que nos animou, é dever registrar aqui um

agradecimento publico a todos os nossos compatriotas que viveram no Brasil e residem hoje em Portugal e a todos os filhos d'essa illustre nação que nos dão a honra de ser nossos hospedes, pela fórma significativa com que tem mostrado compreender a utilidade da missão que o Brasil-Portugal ao apparecer em publico compendiou no seu programma (O BRASIL-PORTUGAL..., 1899, p. 1).

Como atenta Fernanda Müller (2010, p. 257), dada a presença maciça de jornalistas portugueses na imprensa brasileira, foram promovidas publicações voltadas para a colônia lusitana no Brasil, a exemplo da *Revista Luso-brasileira* (1860), *A Ilustração Luso Brasileira* (1856, 1858, 1859), o jornal *Brasil e Portugal: Jornal Dedicado aos Interesses dos Dois Países – Sciencias, Artes, Commercio e Industria* (1872), além do famoso *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* (1851-1932). Nesse sentido, muito embora a *Revista* se autodesignasse como luso-brasileira, o seu principal enfoque visava a promoção de Portugal na perspectiva de estreitar as relações com o Brasil no intercâmbio de ideias e projetos editoriais e intelectuais, assim como manter o contato com o público imigrante que a circundava.

No primeiro ano da *Brasil-Portugal* a revista exibia seções permanentes e uma organização linear dos seus conteúdos. Após a capa de cada edição, apresentava-se o sumário, as páginas suplementares e o número de ilustrações. Como esse impresso enveredava assuntos de cunho econômico, logo surgiu em suas primeiras páginas um espaço permanente chamado de “A quinzena financeira”. Nessa seção abordava-se, sucintamente, sobre o mundo financeiro e os principais mercados monetários europeus. Por conseguinte, havia um espaço destinado a opinião da imprensa intitulado “A imprensa do Brasil”, com a transcrição de periódicos brasileiros comentando a respeito dos números publicados, uma vez que geralmente eram enviados e/ou distribuídos para vários jornais brasileiros. Portanto, o intuito dessa seção era de promover a *Revista* e, respectivamente, a imagem de Portugal através do fortalecimento da “promoção da amizade luso-brasileira”.

Ao buscar os periódicos novamente no sítio da Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional do Brasil, foi possível observar como a imprensa, a partir de alguns jornais, tais como *A Noticia* (RJ), *O Paiz* (RJ), *Cidade do Rio* (RJ), *Diario do Maranhão* (MA) e a *Federação* (AM), recepcionou o primeiro número da revista *Brasil-Portugal*. Essa recepção era importante para divulgar a revista e apresentar o formato do periódico, bem como tentar alcançar mais leitores haja vista que, com o passar do tempo, tanto o número de anúncios de produtos brasileiros quanto o de correspondentes espalhados por diversos estados do país tornava-se maior:

Temos sob os olhos o primeiro numero da revista *Brazil-Portugal*, publicada em Lisboa, e de que são diretores Augusto de Castilho, Jayme Victor e Lorjô Tavares. A nova revista está magnificamente impressa, tem uma elegante capa a diversas cores e contem magnificas gravuras, dentre as quais se destacam os retratos de sua majestade o rei de Portugal e do Sr. Dr. Campos Salles, presidente da Republica. O texto é primorosamente feito pelas penas mais festejadas dos dous paizes. Folgamos em registrar o aparecimento da bela publicação. (BRAZIL-PORTUGAL, 1899a, p. 3).

O primeiro numero da revista *Brasil-Portugal* dos Srs. Conselheiro Augusto de Castilho, Jayme Victor e Lorjô Tavares também contém algumas paginas consagradas a Garret. Vem a proposito dizer que o primeiro numero d'essa revista apareceu no dia 1 do corrente e que alem d'uma casa a cores, traz muitas illustrações e variado texto, apresentando na lista dos colaboradores os primeiros nomes das nossas letras. (NOTICIAS..., 1899, p. 2).

O primeiro numero do *Brazil-Portugal*, publicada em Lisboa, e de que são diretores Augusto de Castilho, que acaba de nos chegar pelo correio, é uma garantia de vida e de successo da nova revista. Além de uma colaboração litteraria e escolhida, firmada por nomes laureados, o *Brasil-Portugal* traz umas excellentes illustrações. São diretores da revista, que se publica em Lisboa, os Srs. Augusto de Castilho, Jayme Victor e Lorjô Tavares. (BRAZIL-PORTUGAL, 1899b, p. 1).

Brasil-Portugal é o nome de uma nova publicação, em Lisboa, para ser lida no Brasil, e que tem por fim, diz uma carta, combater o *Portugal* e *Brasil*, iniciada ha pouco tempo. Da nova publicação é diretor como dizem os cartazes, o conselheiro Augusto de Castilho, e redactores jornalistas Lorjô Tavares e Jayme Victor. (DIARIO..., 1899, p. 2).

Deve ter apparecido a 1º de fevereiro findo em Portugal o primeiro numero da Revista *Brasil-Portugal*, dirigida pelos srs. Conselheiro Augusto de Castilho (oficial de marinha), Lorjô Tavares e Jayme Victor. A revista é quinzenal em edição de luxo e destinada á propaganda do commercio, ás finanças, á indústria, a literatura e á arte do Brazil em Portugal e reciprocamente o movimento de Portugal no Brazil. PROJECTO JORNALISTICO Terá 20 paginas de texto e dará em media 20 gravuras. A capa é de Roque Gameiro. Para a parte artística entrou o sr. Celso Herminio. (A FEDERAÇÃO, 1899, p. 379).

No transcorrer da revista havia duas seções mais direcionadas para divertir e educar os leitores. A primeira delas, com o nome de “Sciencia Facil”, buscava apresentar informações aos leitores sobre higiene, curiosidades, dicas de culinária e/ou biografias breves sobre “personagens célebres da história do mundo” (PERSONAGENS..., 1899, p. 3) como Robespierre, Shakespeare, Sócrates, Balzac, entre outros. A segunda, chamada de “Horas de Ocio” (Figura 19), destinava-se a passatempos que requeriam um pouco mais de raciocínio dos leitores para a realização de charadas, enigmas, exercícios de álgebra e logogrifos. As respostas deveriam ser enviadas para a redação da revista, indicando o número equivalente a

pergunta a ser respondida. As decifrações eram publicadas em números posteriores e, segundo observado, eram enviadas não só por leitores portugueses, como também pelo público brasileiro. Isso demonstra que a revista não só atingia um público leitor mais amplo, como também abria a possibilidade de se comunicar com esse público.

Figura 19– O bilhar, da seção "Horas de Ocio"(1900)



Fonte: (HORAS..., 1900, p. 2)

Percebe-se também que além da intenção em educar o público leitor, desejava-se a permanência de uma comunidade cultural luso-brasileira desde o primeiro número, quando a revista oferece as suas colunas como meio de divulgação da liga dos estudantes brasileiros em Portugal. A publicação do primeiro número coincidiu com a criação, em Coimbra, da liga dos estudantes que tinha por finalidade vulgarizar em Portugal, por meio de livros, artigos e conferências públicas a literatura e os progressos da ciência e das artes no Brasil. No entanto, apenas no décimo número é publicado um texto sob o título de “Pro Patria”, assinado pelo presidente da liga dos estudantes brasileiros, Antonio da Gama (?-?). No texto, Gama propõe um movimento “claro e forte” que procure demonstrar as qualidades e primaciais condições da nacionalidade brasileira. Entende-se como vantagem e dever, tanto para portugueses quanto para brasileiros, “[...] o perfeito conhecimento das coisas, dos intellectos e da sua evolução no Brasil, uns e outros têm vindo publicando livros, e mais promettem sobre a arte e o civismo da grande Republica do Sul d’America” (LIGA..., 1899, p. 2). Para a liga de estudantes os livros ainda se restringiam a uma pouco numerosa fila de leitores, de modo que o Brasil continuava ignorado e mais ou menos mal apreciado, por isso se fazia necessário disseminar a leitura:

Muito, pela, sua índole, deve, para este fim, concorrer esta Revista; e pois que n’ella encontramos, por amabilidade extrema dos directores, porta aberta, em successivos artigos, se nos torna prazer buscar incutir e impregnar (pra o

que bastante será mostrar-lh'a) ainda os menos cultos, da superioridade social, moral e intellectual da grande aggremação, que chama Patria Brasileira. Isso, breve, começaremos de fazer. (LIGA..., 1899, p. 1).

Essa preocupação em prestar serviços à pátria, sobretudo, a portuguesa, assim como a ideia de instruir os menos cultos – ainda que o público leitor fosse mais restrito a uma elite letrada – estava presente no itinerário da própria revista, com artigos que buscavam enaltecer a memória, o progresso e a história dos grandes homens luso-brasileiros, pautados em uma cultura liberal.

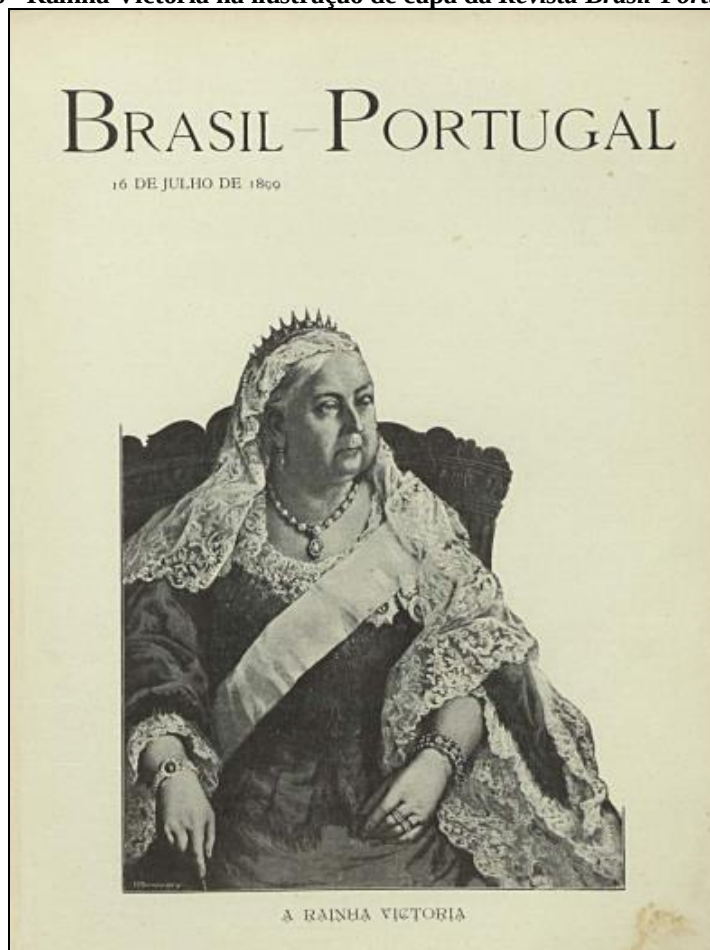
A seção de “Chronica Eletrica” surgia para registrar acontecimentos e fatos sob a luz do progresso e da modernidade que iluminavam as cidades, sobretudo, da Europa. Não é à toa que no decorrer da apresentação da coluna, explicava-se o título da seção do seguinte modo: “[...] parece que uma corrente electrica imprime á sociedade moderna tal movimento de aceleração que toca a vertigem. Dão se analogos phenomenos de velocidade no mundo phisico e no mundo social [...] ” (CHRONICA..., 1899, p. 2). Contudo, o registro do progresso, da modernidade e o pensamento civilizador demarcavam não só essa coluna, como perpassava por toda a *Revista*. A ideia de civilização condizente ao periódico buscava justificar a superioridade da cultura portuguesa e, ao mesmo tempo, pressupor a possibilidade que culturas “outras” pudessem se basear frente ao modelo europeu moderno e progressista, engendrado na virada do século XIX para o XX. E o Brasil, na ânsia por civilizar-se e por ser vitrine de sua modernidade, tornava-se um dos principais receptores do projeto de civilização da Europa. Para além das fundações de academias e instituições científicas e educacionais, conforme destaca Isabel Lustosa (2000, p. 16-32), as publicações escritas tiveram um papel preponderante no século XIX na função de vetor ideológico para o progresso civilizatório do país. Dessa forma, a *Brasil-Portugal* pode ser considerada como um veículo continuador de uma cultura ocidental-civilizadora, em que a ideia de modernidade aparece como um estágio avançando do progresso¹⁰⁴ marcado pela velocidade, em tempos de cultivo da rapidez.

Após a seção de “Chronica Eletrica”, assinada pela direção da revista, havia uma coluna que geralmente homenageava figuras históricas e/ou monumentos, a exemplo de Emilio Castelar (1832-1899), condecorado na edição de 1º de junho de 1899; a capela de São João Bastista em São Roque (PT), encomendada pelo rei D. João V, que foi capa da edição de 1º de julho de 1899; e a Rainha Victoria (1819-1901), que foi capa da edição número 12, publicado em 16 de julho de 1899 (Figura 20). Nos números posteriores também surgiu um

¹⁰⁴ Segundo Norbert Elias (1993, p. 23-50), no que compreende ao *processo civilizador*, a cultura ocidental e europeia é considerada um fator de orgulho da identidade comum nas nações que se constituíram na Europa.

espaço chamado de “Fócus”, com caricaturas de poetas ou mesmo de políticos, como Olavo Bilac¹⁰⁵ e o General Medeiros Malet¹⁰⁶ (1840-1907), que na época atuava como ministro de guerra do Brasil.

Figura 20– Rainha Victoria na ilustração de capa da *Revista Brasil-Portugal* (1899)



Fonte: (BRASIL-PORTUGAL..., 1899, n.p).

Uma seção de nome “Instituições portuguesas no Brasil” também passa a ser publicada a partir do terceiro número, sob responsabilidade de Visconde de Faro e Oliveira (1847-1906), que tinha por finalidade divulgar os serviços relevantes prestados na capital do Brasil – na época, o Rio de Janeiro – aos estabelecimentos portugueses de instrução e beneficência, principalmente o Liceu Literário Português. De acordo com a *Brasil-Portugal* o “[...] sr. Visconde de Faro e Oliveira e outros benemeritos da nossa importante colonia, deve essa alta instituição portuguesa no Rio de Janeiro a grandeza e o prestígio que em todos o Brasil a recomendam como um exemplo a portuguezes do que pode a vontade, o desinteresse e o patriotismo” (VISCONDE DE..., 1899, p. 1). Tais matérias tinham o intuito não só de

¹⁰⁵ Consultar a edição nº11, publicada na seção “Fócus”, em 1º de julho de 1899.

¹⁰⁶ Consultar a edição nº12, publicada na seção “Fócus”, em 16 de julho de 1899.

instruir os leitores quanto à presença de tais instituições no país, como também de enaltecê-las como “associações” da nação portuguesa.

Por fim, havia uma seção responsável por enfatizar as principais empresas jornalísticas de Brasil e Portugal, no final do século XIX, sob o título de “Galeria da Imprensa”, e outra dedicada aos “Theatros”, assinada por Abel Botelho. Nos últimos números do ano de 1899 foi acrescido um espaço denominado de “O cartaz da quinzena”, em que eram divulgados peças e recitais nos principais teatros de Portugal e do Brasil. Quanto aos anúncios, que inicialmente ocupavam somente cerca de duas páginas da revista e estavam concentrados em empresas, em sua maioria, de Portugal, estavam sob responsabilidade de Augusto Soares – proprietário da Agência Nacional, em Lisboa – e de Carlos Affonso, no Porto.

Não obstante, é importante destacar como a revista *Brasil-Portugal* alterou a sua estrutura não só em termos de conteúdo e formato das seções do impresso, como também repaginou os seus correspondentes, colaboradores e até os valores da assinatura da revista, conquistando mais anunciantes, uma vez que as páginas de anúncios aumentaram em relação às edições anteriores¹⁰⁷. Atrair mais assinantes significava garantir a existência da publicação por, pelo menos, um ano. Com essa modalidade viabilizava-se tanto a venda, quanto à sua divulgação.

Conforme o anúncio publicado na primeira edição (Figura 21), esse periódico era composto de 16 páginas de texto, 4 páginas suplementares e cerca de 25 gravuras por número, representando paisagens, monumentos, fábricas, personalidades, salões e ateliers, cidades e vilas do Brasil e de Portugal, além de versos, contos e crônicas ilustradas. O valor da assinatura anual no Brasil era de 45\$000 réis e o número avulso custava 2\$500 réis, podendo ser encontrada para à venda em livrarias, tabacarias e nos escritórios da revista. A diversificação de venda em locais físicos espalhados por diferentes estados do país, a exemplo de Pernambuco, Rio de Janeiro, Maranhão, Amazonas, Pará e Ceará, possibilitavam uma maior circulação, especialmente, aqueles localizados em trechos de intensificação da vida urbana.

Ao compararmos com os preços levantados por Jorge Americano (1957), na cidade de São Paulo, entre os anos de 1895 e 1915, 40 mil réis era equivalente ao que uma cozinheira ganhava por mês (morando fora e trabalhando também aos domingos), bem como 3 mil réis era o valor da diária de um operário. Isso demonstra que os valores da *Revista* não eram acessíveis para a população menos abastada.

¹⁰⁷ Entre a edição de número 5, de 1º de abril de 1899, ao número 15, de 1º de setembro de 1899, a seção de anúncios que antes só ocupava uma página passou a tomar três laudas do periódico.

Em termos de comparação com outros periódicos que circulavam no Brasil, na década de 1890, observa-se que o valor da assinatura anual da *Brasil-Portugal* não estava aquém dos preços estabelecidos no país. De acordo com Ana Luiza Martins (2008, p. 230), ao inferir as revistas sofisticadas da época que circularam em São Paulo, dentre as quais exemplifica *A Paulicéia* (1896), com assinatura no valor de 30\$000 réis, e *Capital Paulista* (1899), por 60\$000 réis. Como se pode perceber, o custo da assinatura anual da *Revista* estava entre os valores correspondentes aos periódicos mencionados acima.

Em Portugal os preços variavam conforme a época. Maria Manuela Ribeiro aponta, por exemplo, que o preço da assinatura mensal do aluguel de livro “[...] variava entre 200 e 600 réis, na década de 40, e entre 200 e 400 réis nos anos 80. O preço do jornal atingia 20 ou 40 réis, as obras de Balzac e de Dumas compravam-se por 2\$500 réis e um livro de Júlio Veme custava 200 réis” (1999, p. 195). Isso justifica a oscilação dos valores na *Revista* que se ajustava de acordo com as demandas e interesses comerciais do período.

Figura 21– Anúncio do primeiro número da Revista Brasil-Portugal

Brasil-Portugal

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores—AUGUSTO DE CASTILHO, JAYME VICTOR, LORRÓ TAVARES
Director artistico—CÉLSO HERMINIO

Collaboradores litterarios—OS PRINCIPAES ESCRIPTORES DE PORTUGAL E BRASIL
Collaboradores artisticos—OS MELHORES DESENHADORES DE PORTUGAL

Capa artistica, 16 paginas de texto, 4 paginas supplementares, media de 25 gravuras por numero, representando paisagens, monumentos, fabricas, personalidades, salões e ateliers, cidades e villas, do Brasil e de Portugal.
Versos, contos, chronicas illustrados.
BRINDE ANNUAL a assignantes e annunciantes.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

BRASIL		ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO		PORTUGAL	
Anno (moeda brasileira)	45000 réis	Anno	8000 réis	Anno	7000 réis
6 mezes	4500 réis	6 mezes	4500 réis	6 mezes	4000 réis
Numero avulso	2500	Numero avulso	500 réis	3 mezes	2000 réis
				Numero avulso	500 réis

Brasil-Portugal tem correspondentes nas principaes terras do paiz e do Brasil.
Vende-se em todas as livrarias, na tabacaria Monaco, e nos escriptorios da Revista.

52, RUA IVENS, 52
— LISBOA —

Fonte: (BRASIL-PORTUGAL..., 1899, p. 4)

Somente a partir do número 13, publicado em 1 de agosto de 1899, que começa a ser divulgado os nomes dos correspondentes brasileiros e os respectivos estados que representam no periódico *Brasil-Portugal*:

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes nos diversos Estados do Brasil: RIO DE JANEIRO (provisoriamente) João José da Silva Lima. PERNAMBUCO – Leopoldo A. da Silveira. PARA’ – Manuel Ferreira Santos Junior (casa Very-Well). MANAOS – Lino Aguiar & C.^a. MARANHAO – Leoncio J. de Medeiros & C.^a. CEARA’ – Salles Torres & C.^a. A empresa BRASIL-PORTUGAL espera dentro em pouco completar a relação de seus correspondentes em todos os outros Estados. Com elles se poderão entender directamente todos os srs. subscriptores d’esta publicação, no Brazil. (AGENTES..., 1899, p. 2).

Conforme Ana Luiza Martins e Tania Luca (2008, p. 84), a prática do envio de correspondentes ao exterior se efetivava no país, assim como a contratação de agências de transmissões dos acontecimentos. No último número do primeiro ano da *Revista*, nota-se que a quantidade de representantes da revista expandiu consideravelmente. No Brasil, para além dos Estados acima citados, surgiram também correspondentes em São Paulo, Maranhão, Bahia, Porto Alegre e Rio Grande do Sul. Na África a empresa *Brasil-Portugal* ganhou correspondentes em Bolama, Mossamedes (atualmente, Namibe) e Quelimane. E, por fim, em Portugal, foram enviados dois agentes gerais, sendo um destinado para o Porto e outro para Évora. Apesar da *Revista* indicar êxito durante o primeiro ano de sua publicação, aumentando o número de tiragens e atingindo uma larga circulação, o preço da assinatura e da venda avulsa foi reduzido a partir do seu primeiro número do segundo ano. Com a redução de preços, o valor da assinatura de 1 ano em Portugal que era de 7\$000 réis passa a custar 6\$000 réis. Já o avulso que, em 1899 era vendido por 400 réis, passa a ter o valor de 350 réis, em 1900.

Os anúncios também ganham mais espaço nos últimos números de 1899 para 1900. Observa-se que, com o aumento dos correspondentes em diferentes estados do Brasil e as visitas estratégicas de Lorjó Tavares para divulgar a revista, os anunciantes brasileiros ocupam cada vez mais as páginas da *Brasil-Portugal*, principalmente nas cidades em que o número de representantes é mais elevado. Parte significativa das empresas anunciadas eram de Pernambuco, do Pará e Amazonas, desde a propaganda de seguradoras a drogarias, com contratos firmados a longo prazo e ilustradores especiais para anúncios ilustrados (cf. BRASIL-PORTUGAL..., 1899, p. 8).

Segundo Ana Luiza Martins (2008, p. 230), após obter assinatura, os “[...] brindes, concursos, preços especiais para anunciantes, jogos e charadas, suplementos infantis e de

moda” estavam entre a série de expedientes das revistas para cativar os leitores e garantir a sua posterior dependência do periódico. Seguindo essa perspectiva, os dois últimos números do primeiro ano da *Revista* ofereceram como brinde anual aos assinantes a promessa de um almanaque ilustrado, isto é, o *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*. Ele surge, a princípio, anunciado pela impressão em uma “formosa edição em papel de luxo”, contendo o calendário dos dois países, mais de 400 gravuras, em grande parte inéditas, com a vasta colaboração de portugueses e brasileiros, além de uma abundante seção de anúncios (ALMANACH..., 1899, p. 1). Inclusive, já na página 4 da edição de nº 23, além do anúncio do *Almanach*, é pautado nele uma proposta de Concurso de Arte que afirmava ter o intuito de incitar a arte. O concurso voltava-se aos pintores, ilustradores e poetas portugueses, premiando aqueles que, no soneto ou ilustração, melhor definissem e sintetizassem o reinado de D. Manuel. A ilustração que obtivesse a primeira classificação teria o prêmio no valor de 60\$000 réis e o soneto no valor de 20\$000 réis.

Contudo, tão logo desistiu-se da ideia do almanaque ilustrado e resolveu-se publicar “Número Extraordinário” – assim intitulado pelos diretores do periódico, de modo que a empresa *Brasil-Portugal* decidiu distribuir gratuitamente uma edição especial de centenário para todos os assinantes de Portugal, do Brasil e das colônias ultramarinas, em formato de Revista. A proposta desse “Número Extraordinário” foi de realizar um repositório histórico e documental que, através de desenhos e fotogravuras, reproduzissem documentos e cartas geográficas do Brasil, no intento de comemorar o IV Centenário de Descobrimento:

[...] O **Numero Extraordinario** cuja tiragem será de muitos milhares de exemplares, no formato da Revista, e no mesmo papel de luxo, deverá conter cerca de 150 paginas, em que os maiores artistas e escriptores dos dois paizes, deixarão fixado o seu nome, firmando ilustrações, versos, contos, artigos, será um repositorio abundante, não só do glorioso passado, porque fomos reproduzir pela photographia e pela aguarella o que de mais notavel para o grande feito que se celebra possuem os archivos da Torre do Tombo, da Bibliotheca Nacional e da Sociedade de Geographia, – mas também do que de mais brilhante conta, no momento actual, a mentalidade portugueza e a mentalidade brasileira. Illustradores afamados dos dois paizes lá figuram com desenhos originaes, e cerca de cem escriptores portugueses e brasileiros dos mais queridos e dos mais altamente cotados, bizarramente accederam ao nosso appello, firmando com os seus nomes trabalhos expressamente feitos para este **Numero Extraordinario**. (O BRINDE..., 1900, p. 2, grifos no original).

O segundo ano da *Brasil-Portugal*, registrado pelo número 25 e publicado em 1º de fevereiro de 1900, inicia com diversas mudanças. Álvaro Pinheiro Chagas torna-se o

secretário da redação, e, Augusto Pinna¹⁰⁸, que antes era colaborador artístico, passa a ser o novo diretor artístico, ocupando oficialmente o lugar de Celso Hermínio, o qual ficou responsável pelas caricaturas da revista ao lado de Leal da Câmara (1876-1948). O fotógrafo português Arnaldo Fonseca (1868-1936) torna-se o diretor fotográfico, além de contar com Magalhães & C.^a como correspondente no Porto pela fotografia Universal. Entre os brasileiros que compunham a ilustrações da revista, menciona-se o nome do pintor paraibano José Américo (1843-1905).

As seções permanentes também foram alteradas e contavam com muitas colunas de crônicas, um dos gêneros mais apreciados pelo periodismo, mudando também os seus colaboradores que, em sua maioria, eram portugueses que viviam em Lisboa, Portugal. A seção de “Chronicas quinzenais”, por Ramalho Ortigão (1836-1915); “Chronicas financeiras”, sob a responsabilidade de Adrião de Seixas (1860-?) e Anselmo d’Andrade (1844-1928); “Chronicas mundanas”, por Alberto Braga (1851-1911); “Chronica d’Outros tempos” e “Chronica do Porto”, por Pinto de Carvalho (1858-1936). A incidência das crônicas nesse gênero impresso suscita algumas considerações importantes, sob o respaldo de Ana Luiza Martins, e que também se configuram nas seções da *Revista Brasil-Portugal*:

[...] Definida a partir de amplo conceito, a crônica exerceu vários papéis, ocupando o lugar do artigo de fundo, fazendo as vezes do que hoje se denomina editorial ou lançada no interior da revista, em seção exclusiva. Aproximava-se do artigo, sobretudo na característica comum de voltar-se para as ocorrências contemporâneas, no seu suceder imediato. Marcada pela reflexão despreocupada, redundou na forma ideal do trato literário de eventos cotidianos, driblando seu caráter efêmero. [...] Além disso, misto híbrido de jornalismo e literatura eram confiadas e produzidas por interessados em literatura, não constituindo-se em puro jornalismo ou reportagem. Através da crônica o aspirante a literato qualificava-se, diferenciando-se do então pouco valorizado jornalista, associado à produção maçica, apressada e pouco qualificada dos jornais. (MARTINS, 2008, p. 154 e 156).

Havia também na *Revista* um espaço para as “Relações comerciais de Portugal”, por Mattoso Santos (?-?) e uma seção para “Artes, letras, personalidades, festas e monumentos religiosos”, produzida pelo cônego António José Boavida (1838-1910) e o padre Manuel Damaso Antunes (?-?). A coluna “Instituições portuguesas no Brasil” prossegue com Visconde de Faro e Oliveira, que também passa a escrever para a seção “Salões, interiores e ateliers”. Já as seções “Theatro Scandinavo”, por Freitas Branco; e “Poetisas brasileiras da

¹⁰⁸ Augusto Pinna, ao lado do seu irmão Mariano Pinna (1860-1899), também colaborou em uma das revistas mais prestigiadas do final século XIX, *A Ilustração*, editada em Paris (1884-1892). Conforme informado nos registros online do arquivo da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), Augusto frequentou em Paris a Academie Julien, foi diretor artístico do Teatro Nacional e manteve colaboração na *Ilustração Portuguesa*.

actualidade”, por Alberto Pimentel (1849-1925), passaram a compor a revista. Apesar do periódico afirmar ter como enfoque a economia, como se pode perceber, a cultura é um dos temas mais predominantes na *Brasil-Portugal*. De acordo com o levantamento realizado por Fernanda Müller (2011a, p. 118)¹⁰⁹, dentre os eixos temáticos que abrangem a revista, o tema cultura ocupa quase 50% de suas matérias.

Em que pese aos colaboradores não permanentes da *Brasil-Portugal*, dentre os seus anúncios, a revista buscava divulgar anualmente os nomes de escritores portugueses e brasileiros que contribuíram com a publicação de artigos, contos ou versos. No que diz respeito aos brasileiros destaco os nomes de escritores e intelectuais, de diferentes estados do país, que colaboraram para esse periódico, tais como: Capistrano de Abreu (Maranguape/CE, 1853-1927), Guilherme Studart (Fortaleza/CE, 1856-1938), Joaquim Nabuco (Recife/PE, 1849-1910), José Veríssimo (Óbidos/PA, 1857-1916), Machado de Assis (Rio de Janeiro/RJ, 1839-1908), Nina Rodrigues (Vargem Grande/MA, 1862-1906), Quintino Bocaiúva (Itaguaí/RJ, 1836-1912), Ruy Barbosa (Salvador/BA, 1849-1923) e Sílvio Romero (Lagarto/SE, 1851-1914). Todavia, o maior destaque do 2º ano se deve ao IV Centenário de Descobrimento do Brasil, com o já mencionado Número Extraordinário, em que parte considerável desses escritores contribuiu, além de outras publicações referentes a essa “celebração” em outros números da revista.

3.1.1 O Número Extraordinário e o IV Centenário do Descobrimento

O Número Extraordinário do *Brasil-Portugal* foi publicado em abril de 1900, sendo ele vendido na redação da empresa, livrarias de Lisboa e nas agências do Porto, Coimbra e Évora, pelo valor de 1\$300 réis¹¹⁰ o volume, “[...] o que representa um *tour de force* verdadeiramente assombroso n’um paiz em que só costumam ser pagas por subido preço publicações d’esta grandeza” (NUMERO..., 1900a, p. 1, grifo no original). Esse número era composto por artigos, versos, contos, originais e inéditos, firmado por mais de cem escritores, sendo a maioria deles portugueses, tendo como justificativa a questão temporal e geográfica:

¹⁰⁹ Müller dividiu as 196 matérias coligidas acerca das relações luso-brasileiras em grandes eixos temáticos: Cultural, Economia, Sociedade, Política e Letras, resultando em 48,5% de matérias destinadas para a Cultura, 8,2% para a Economia, 4% para as Letras, 27,5% para a Política e 11,8% para a Sociedade.

¹¹⁰ Ao burilar os anúncios do *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* (1901) nota-se que este preço corresponde, na época, a diária de um quarto mais simples no Grande Hotel Borges, um hotel de luxo localizado na Rua Garret, conhecida por ser o pólo intelectual de Lisboa, no início do século XX.

[...] Poetas, artistas e prosadores insignes, de ambos os paizes, ahi estão a registrar, a sellar com o seu nome, a glorificação de uma data que enche uma das mais formosas paginas da Historia portugueza. E é para deveras sentir que nomes ilustrissimos do Brasil não figurem aqui em maior escala ao lado de tantos que constituem em Portugal a sua mais bela constellação litteraria. Não é felizmente nossa a culpa, porque a todos nos dirigimos: é porventura culpa do tempo, que era curto, e da distancia, que é grande. A empresa do *Brasil-Portugal* agradece reconhecidamente aos insignes prelados que, sollicitos e penhorantes, responderam ao seu appello, a todos os escriptores, a todos os artistas, que no *Numero Extraordinario* collaboram. (CASTILHO; VICTOR; TAVARES, 1900, n.p, grifos no original).

Para além de associar a edição do Número Extraordinário à comemoração do Descobrimento do Brasil, como um “repositorio do passado”, esse volume também serviu para figurar o discurso de estreitamento dos laços luso-brasileiros:

[...] Seja elle mais um elo na cadeia d’esta alliança fraterna, inter-oceanica; que estreita dois povos independentes no sentimento da mesma raça, na tradição da mesma patria, e nas glorias de ambos, expressas na mesma lingua. E, ao saudarmos com enthusiamos o feito do Descobrimento, ergâmos a voz, para que, mais do que nunca, no momento que corre, nos oiçam todos este brado fervoroso: Viva Portugal! Viva o Brasil! (CASTILHO; VICTOR; TAVARES, 1900, n.p).

De acordo com a página inicial da referida edição, foram meses de trabalho persistente para a sua realização, contando ainda com o apoio do governo português que facultou a reprodução de mapas seculares, livros de iluminuras, e demais documentos históricos, existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, da Sociedade de Geografia e da Biblioteca Nacional, que forneceram elementos auxiliares para a organização desse volume. A Companhia Nacional Editora e o atelier de Pires Marinho foram responsáveis pelo processo gráfico que, segundo os diretores da *Revista*, executaram com êxito o trabalho mesmo com o prazo curto que lhes fora fixado. Abaixo do índice do texto, é lançada uma nota justificando que devido ao prazo determinado e curto não foi permitido o envio para serem revistas as provas de artigos a alguns escritores.

Sobre a comissão comemorativa do IV Centenário de Descobrimento do Brasil, no Rio de Janeiro, o periódico ilustra as fotografias de todos os membros, quais são: Balthazar da Silveira, presidente; Ramiz Galvão, vice-presidente; Paulo de Frontin, vice-presidente; Oscar Varady, primeiro secretário; M. A. de Sousa Sá Vianna, secretário; Silvio Pellico Belchior, secretário; Coelho Netto, secretário; Conselheiro Julio Cezar d’Oliveira, tesoureiro; Ernesto Cybrão, tesoureiro; Villela dos Santos, diretor; Hermes da Fonseca, diretor; Honorario Ribeiro, diretor; Conrado Jacob de Niemeyer, diretor; Alexandre de Allencar, diretor. Os

membros que compunham essa comissão eram figuras políticas ou militares, o que demonstra a proximidade dos diretores da *Revista* com esses indivíduos ao homenageá-los através de fotos ou artigos específicos. Vale ressaltar que, de acordo com a edição nº 32 do *Brasil-Portugal*, de 16 de maio de 1900, Lorjó Tavares e Álvaro Pinheiro Chagas participaram das festas comemorativas do Descobrimento, bem como aproveitaram o ensejo para divulgar o Número Extraordinário. Lorjó de Tavares participou das festas do Rio de Janeiro¹¹¹ e em São Paulo. Pinheiro Chagas, que há pouco mais de um mês estava residindo no Brasil como delegado da empresa, representou a *Revista* nas festas que ocorreram na Bahia e em Pernambuco. A perspectiva das comemorações era de valorizar a herança lusitana através da celebração dos feitos das navegações.

Por se tratar de uma edição comemorativa parte considerável dos textos estavam voltados para sujeitos que, de alguma forma, fizeram parte do contexto histórico do Descobrimento. Neste sentido, a maioria dos artigos foram reservados a Pedro Álvares Cabral, creditado como o “Descobridor do Brasil”, enaltecendo o navegador português através de registros históricos de ilustrações, assinaturas, esculturas, estátuas e monumentos:

A guarda nobre do espirito moderno, que na lingua de Camões em duas nações se expande, vem, orgulhosa, sincera e contente, abrir alas e apresentar armas ao Passado, que n'estas paginas ergue a sua voz grandiloqua, e que tomando para symbolo a grande figura de Pedro Alvares Cabral, parece trazer-nos, com a recordação consoladora do que fomos, a vigorosa confiança no que havemos de ser. (CASTILHO; VICTOR; TAVARES, 1900, n.p).

Ao folhear essa edição percebe-se que há também vários artigos abordando sobre temas em torno do Brasil, como medicina, gênero, linguagem, caráter, arte e artistas, política, literatura, etnografia, moda, etc. Buscava-se apresentar ao leitor aquilo que fosse “tipicamente brasileiro”, embora entrelaçasse a influência portuguesa como principal herança, a exemplo do texto sobre “O caracter brasileiro”. Nesse texto, de autoria de Valentim Magalhães, o escritor acha indispensável declarar que no caráter brasileiro entra muito “[...] por influencia do character, do exemplo, da tradição e da hereditariedade da raça portugueza de que provimos e com a qual continuamos a mesclar-nos, fundir-nos e unificar-nos”. (MAGALHÃES, 1900, p. 46).

Para Roberto Moreira (1996, p.14) a definição da identidade mediante ao contraste com o estrangeiro precisava ser complementada pela marca identificatória, tornando-se necessário resolver as contradições colocadas pela diversidade interna, surgindo daí a

¹¹¹ No Rio de Janeiro, um carro alegórico da Revista *Brasil-Portugal*, dirigido e projetado pelo engenheiro Morales de los Rios (1858– 1928), fez figurar no cortejo cívico de 5 de maio. (O CARRO..., 1900, p. 2).

apropriação de manifestações culturais particulares para transformá-las em símbolos de coesão nacional. Contudo, ao mesmo tempo em que a heterogeneidade é lamentada pelas implicações com o modelo estrangeiro, por outro lado ela também é valorizada enquanto indicador de nossas singularidades:

[...] Num momento a heterogeneidade é lamentada como uma imperfeição de que se deve envergonhar e um obstáculo para se atingir o modelo estrangeiro; em outro, ela é valorizada como motivo da nossa singularidade e um elemento promissor do qual se pode valer para a construção de um futuro nacional. (MOREIRA, 1996, p. 15).

Segundo Renato Ortiz (2006) o dilema dos intelectuais do final do século XIX é o de construir uma identidade nacional. A ideia de construção logo remete outra noção que é a de mediação e que tem o intelectual como agente intermediário frente às dimensões que se confeccionam entre o particular e o universal, o singular e o global. Os intelectuais podem ser definidos como mediadores simbólicos na medida em que suas ações se voltam para uma vivência imediata e se orientam no sentido de elaborar um conhecimento de caráter globalizante. Portanto, a construção da identidade nacional necessita desses mediadores intelectuais, pois “[...] são eles que descolam as manifestações culturais de sua esfera particular e as articulam a uma totalidade que as transcende” (ORTIZ, 2006, p. 140-141).

No índice – dividido em “Prosa” e “Verso” – percebe-se a predominância de escritores portugueses, mesmo quando os textos eram direcionados para temas especificamente brasileiros, como os citados em linhas anteriores. Nomes de escritores e intelectuais portugueses e brasileiros, como Brito Aranha (Lisboa, 1833-1914), Ramalho Ortigão (Porto, 1836 -1915), Teófilo Braga (Ponta Delgada, 1843- 1924), Raul Brandão (Porto, 1867-1930), Candido de Figueiredo (Lobão da Beira, 1846- 1925) Valentim Magalhães (Rio de Janeiro/RJ, 1859-1903) e Xavier de Carvalho (São Luís/MA, 1871-1944) assinavam o índice de “Prosa” dessa edição da *Brasil-Portugal*. Quanto ao índice de “Verso” há diversos poemas publicados por autores brasileiros e portugueses como Rodrigues de Carvalho (Alagoinha/PB, 1867-1936), Jayme Victor (Torres Novas/PT, 1855-1924), António Feijó (Ponte de Lima/PT, 1859-1917), Ramos Coelho (Lisboa/PT, 1832-1914), Fillinto de Almeida (Porto/PT, 1857-1945), entre outros. Observa-se que não há nenhum artigo ou poema de autoria feminina, embora tenha imagens de mulheres por meio de ilustrações e retratos ocupando várias páginas da *Revista*.

Há apenas uma seção dedicada, sobretudo, às escritoras brasileiras, fazendo menção a teatróloga Adelina Lopes (Lisboa/PT, 1850-?) e, sua irmã, a escritora Julia Lopes de Almeida (Rio de Janeiro/RJ, 1862-1934), além das poetisas Narcisa Amalia (São João da Barra/RJ,

1856-1924), Ibrantina Cardona (Nova Friburgo/RJ, 1868-1956) e Aurea Pires (Rio de Janeiro/RJ, 1876-1949). Dessas, Adelina Lopes e Julia Lopes de Almeida prestaram colaboração à *Revista Brasil-Portugal* em textos que, geralmente, faziam defesa ao feminismo e levantavam questões de gênero aos moldes da época. Por outro lado, havia uma coluna direcionada para “A Geração Nova no Brasil”, figurada por Olavo Bilac, Coelho Netto, Luiz Murat (1861-1929), Aluísio Azevedo (1857-1913) e Pardal Mallet (1864-1894) que, segundo o redator Carlos Malheiro Dias (1875-1941) “[...] são esses cinco homens, cujos nomes vão no cabeçalho d’este artigo, que sobre os destroços das galas literárias do Imperio, dão em construir a escola nova, plantando no Brasil os processos da arte contemporanea” (DIAS, 1900, p. 77). Assim, mais uma vez, o cânone literário daquela geração ficava reservado aos homens de letras.

As homenagens do Número Extraordinário eram destinadas aos “grandes homens”, através de artigos ilustrados por reis, imperadores e presidentes do Brasil, estampando-lhes fotografias e glorificando os seus feitos, muitas vezes com a finalidade de obter recursos para as suas publicações. Para tanto, havia também uma seção destinada aos retratos de jornalistas brasileiros, estes em sua grande maioria diretores de jornais como *O Paiz*, *Jornal do Commercio*, *Gazeta de Noticias* e *Jornal do Brasil*¹¹². Para os dirigentes e colaboradores desses periódicos escrever na imprensa não significava apenas uma fonte de renda, mas também uma forma de condecorar prestígio, legitimação ou mesmo poder político¹¹³. E, para isso, a publicidade era um meio importante para ascender na imprensa. Para tanto, potencializa-se a *letra e imagem* de modo que, não por acaso, segundo Ana Luiza Martins, tornou-se a revista a embalagem preferencial da propaganda e da publicidade:

[...] a revista constituiu-se no meio de comunicação ideal para manipulação de valores, ao sabor dos interesses mercadológicos e políticos. Coube-lhes, através da propaganda investir na cooptação ideológica. Na publicidade, o exemplo do periodismo gratuito de alguns estabelecimentos comerciais [...]. (MARTINS, 2008, n.p).

¹¹² Marialva Barbosa (2007, p. 41), apoiando-se nas informações do escritor Olavo Bilac, afirma que acrescido o jornal *Correio da Manhã*, eram essas as cinco folhas mais importantes do Rio de Janeiro. Juntas, tiravam cerca de 150 mil exemplares em uma cidade que contava com pouco mais de 600 mil habitantes, na virada do século XIX para o XX. Na cidade de São Paulo, no início do período republicano, *O Estado de S. Paulo* e o *Correio Paulistano* eram os maiores jornais da época, lídimos representantes da elite cafeeira. (Cf. GUIMARÃES, 2017).

¹¹³ Assim como os dias atuais, de acordo com Ana Luiza Martins (2008), a imprensa também tinha o poder de selecionar políticos e decidir eleições. Por outro lado, a transformação da pauta desse jornalismo que transformava o ofício dos homens de letras em uma profissão remunerada, “[...] teve seu lado drástico para o literato, subtraindo-lhe o tradicional espaço, relegando-o a suplementos literários ou impingindo-lhe a colocação em revistas”. (2008, p. 140). Entretanto, Martins ressalta que embora a remuneração do jornal fosse efetiva, o literato tinha preferência pela revista por colocar-se literalmente nela, “[...] fosse pelo apuro da linguagem ou para o reconhecimento como homem de letras, e não jornalista” (2008, p. 141).

Desse modo, os anúncios tornavam-se uma “via de mão dupla”: como caráter publicitário e como apoio econômico aos veículos. Muitos desses jornais eram exibidos nas seções do *Brasil-Portugal*, portanto, publicar esses retratos pode ser considerada uma estratégia do periódico para divulgar os jornais e, conseqüentemente, firmar as relações com essas empresas jornalísticas que pagavam para ter reservado um espaço na *Revista*. Segundo Monica Pimenta Velloso (2006, p. 314): “[...] a articulação entre as elites empresariais e intelectuais, revela o papel estratégico exercido pelas revistas como lugar de estruturação das redes de sociabilidade [...]”. Assim, criava-se uma rede de sociabilidade sustentada por alianças políticas-culturais que eram estabelecidas e fortalecidas por meio da circulação desses impressos e pela dinâmica do mercado editorial.

No índice de gravuras – que engloba assinaturas, estátuas e monumentos, ilustrações, mapas e documentos, retratos e diversos – a *Revista* reúne, em primeira ordem, assinaturas em *fac-simile* de reis e imperadores que tiveram importância na História do Brasil e Portugal. As estátuas e monumentos também homenageavam sujeitos históricos como Pedro Álvares Cabral (1467-1520), Infante D. Henrique (1394-1460), José de Alencar (1829-1877) e Afonso de Albuquerque (1453-1515). Quanto as ilustrações há obras de Pedro Américo (1843-1905), Rodolfo Amoedo (1857-1941), Modesto Brocos y Gómes (1852-1936), Alfredo Candido (1879-1960), Benvindo Ceia (1870-1941), Antonio Ramalho (1858-1916), Francisco Villaça (1850-1915) e Pedro Weingärtner (1853 -1929). O índice de mapas e documentos reproduzia cartas, livros e mapas mais voltados para as navegações e descoberta do Novo Mundo. A Carta de Pero Vaz de Caminha, ao El-Rei D. Manoel, dando conta do Descobrimento do Brasil, é um dos documentos mais repetidos no decorrer desse volume.

Em relação aos retratos há imagens de arcebispos, bispos, poetas, intelectuais, políticos, imperadores e reis dos dois lados do Atlântico. No que diz respeito aos retratos de brasileiros, destaco os registros feitos de Pedro Américo, Aluísio de Azevedo, Olavo Bilac, Quintino Bocaiúva, Marechal Deodoro da Fonseca, Saldanha da Gama, Floriano Peixoto, Sílvio Romero e Campos Sales. Há também um retrato dos estudantes brasileiros da Universidade de Coimbra (Figura 22), em 1900, com um texto de caráter poético – em que se declamava sobre as chuvas do mês de abril, recorrentes em Portugal – assinado pelo já mencionado presidente da liga dos estudantes, Antonio da Gama, sob o título de “Os moços brasileiros”. Não se sabe o motivo da escolha desse retrato, até porque a imagem estava deslocada do tema do texto.

Figura 22 – Estudantes brasileiros na Universidade de Coimbra (1900)



Fonte: (ESTUDANTES..., 1900, p. 64).

É notória a preocupação dos diretores do periódico em enfatizar, no decorrer das suas páginas, imagens e publicações versando sobre literatura, saúde, higiene, história, artes e política, com o propósito de educar os leitores proclamados no caráter cívico-patriótico, “[...] associando-se á gloriosa comemoração do Descobrimento do Brasil [...] e que tomando para symbolo a grande figura de Pedro Alvares Cabral [...]” (CASTILHO; VICTOR; TAVARES, 1900, n.p).

Para o Brasil, esse tipo de publicação também beneficiava na “formação de seus futuros cidadão” dado que a questão do civismo cumpria um papel preponderante no país. De acordo com Angela de Castro Gomes (2009, p. 9), era preciso “aprender a amar o Brasil” e tal formulação iria se constituir “[...] em uma das matrizes mais difundidas e compartilhadas entre intelectuais da Primeira República, orientando seus projetos político-pedagógicos, entre os quais a da produção de uma literatura cívico-patriótica, sob a forma de livros ou revistas [...]”. Para a autora, isso significava a necessidade de instruir a população, no sentido de combater o analfabetismo, como também de educa-la, criando o “sentimento de amor à pátria”, um dos pilares da educação nacional. Mas também era uma forma de enaltecer uma fidelização à Portugal ao rememorar o seu passado histórico, simbolizando a figura de portugueses como “salvadores da pátria”.

No interior desse contexto, sobressaía-se a ideia de ampliar e difundir a população o ensino, esse orientado por propostas que contemplassem a civilização da nação, através da

moralização dos costumes e inculcação de valores cívico-patrióticos. Para Rosa Fátima de Souza e Faria Filho (2006, p. 29), por todas as regiões do Brasil, verificavam-se semelhanças nas representações e nas práticas discursivas em torno da importância política e social da instrução pública. A responsabilidade pela formação integral do povo tanto moral quanto intelectual se pautava em “[...] um amplo projeto civilizador que foi gestado nessa época e nele a educação popular foi ressaltada como uma necessidade política e social” (SOUZA, 1998, p.27). Partindo desse pressuposto, a escola – em especial, de ensino primário – ganhou papel preponderante na formação do cidadão republicano, mediante ao ideário republicano que se constituía em promover no país o progresso, a ordem, a modernização e o desenvolvimento social e econômico:

[...] A escola primária Republicana instalou ritos, espetáculos e celebrações. Em nenhuma outra época, a escola primária, no Brasil, mostrara-se tão francamente como expressão de um regime político. De fato ela passou a celebrar a liturgia política da República; além de divulgar a ação republicana, corporificou os símbolos, os valores, e a pedagogia moral e cívica que lhe era própria. (SOUZA, 1998, p. 241).

A escola primária da Primeira República constituía-se em uma instituição para combater o analfabetismo predominante no Brasil, de modo que a formação da nova moralidade pública fazia o papel necessário para redefinir o papel pedagógico nela empregado. Para isso era preciso elaborar uma literatura escolar carregada de valores nacionais que entrelaçassem o modelo culto da língua tradicional e o modelo adequado à jovem nação. (BOTELHO, 2002; LAJOLO, 1982).

Ainda no tocante ao índice de gravuras havia uma categoria denominada de “Diversos”. Como indica o próprio nome havia uma diversidade de fotografias de cruzadores, engenhos, teatros, fazendas de café, palácios, gabinetes, igrejas, entre outros, que buscavam retratar aspectos de ordem social e da natureza, de tal modo que o leitor pudesse relacionar a ideia de civilidade, através dos vários aspectos de convivência social figurados em ilustrações, pinturas, gravuras, desenhos e nos textos que as ilustravam.

A partir da edição nº 31, de 1 de maio de 1900, a *Revista* passou a publicar apreciações da imprensa portuguesa e brasileira sobre a recepção do Número Extraordinário, por meio da reprodução de jornais. Periódicos portugueses como o *Commercio do Porto* e *Jornal de Noticias*, como também os impressos brasileiros *Jornal do Brasil*, *Gazeta de Noticias*, *Jornal do Commercio*, *O Pará*, *Republica*, *Folha do Norte* e *Imprensa* expuseram opiniões acerca da publicação desse Número. Para Ana Luiza Martins (2008, p. 240), quando do lançamento de

cada novo periódico e reproduzidos na própria revista, à guisa de agradecimento, os elogios recebidos pela grande imprensa eram amplamente divulgados.

Dentre os ensaios de técnica de venda e propaganda, a autovalorização da publicação foi uma prática constante na *Brasil-Portugal* que, ao reproduzir a opinião da imprensa divulgava, favoravelmente, a *Revista*:

A empresa d'esta brilhante Revista quinzenal acaba de publicar um esplendido numero commemorativo do descobrimento do Brasil, collaborado pelos mais laureados escriptores e artistas portuguezes e brasileiros. Constitue um primoroso trabalho artistico e litterario, que merece ser adquirido. Vende-se em todas as livrarias. (*Do Jornal de Noticias*). (NUMERO..., 1900b, p. 1).

[...] De todas as manifestações commemorativas do quarto centenario do descobrimento do Brasil pelo grande navegador portuguez Pedro Alvares Cabral é, sem duvida, uma das mais brilhantes a que realizou a empresa da importante revista illustrada *Brasil-Portugal*, publicando um numero illustrado de 112 paginas em que não sabemos que mais admirar, se a belleza das gravuras, nitidas e perfeitas, se os belos trechos litterarios firmados pelos mais distinctos homens de letras dos dois paizes. [...] (*Da Academia*, de Evora). (NUMERO..., 1900b, p. 1).

O nosso illustre colega da imprensa portugueza sr. Lorjô Tavares, chegado ultimamente de Lisboa, trouxe consigo o *Numero Extraordinario* que a importante Revista de que é redactor – *Brasil-Portugal*, vae offerecer como brinde aos seus assignantes, por occasião das festas do Centenario. Esse *Numero Extraordinario* é um livro de grande formato e de mais de 100 paginas. A' sua organização e á disposição das materias presidiram um alto criterio e um fino gosto artistico. Como era natural, occupa uma grande parte do precioso volume tudo que diz respeito a Pedro Alvares Cabral, como retratos, mappas, monumentos, projectos de estatuas, etc. Na parte puramente historica collaboram escriptores da mais indisputavel competencia. O Brasil, os seus homens e as suas cousas tomaram tambem parte importante do livro, que contem mais de 200 estampas, entre retratos e copias de quadros celebres de artistas brasileiros e portuguezes. Apenas tivemos tempo de folhear o primoroso livro e esta pequena noticia é apenas o resultado de uma ligeira impressão. Ella nos basta, porém, para convidarmos o leitor a adquirir um exemplar de tão util publicação. Fazendo-o, a empresa do *Brasil-Portugal* fez jus a ver coroados os seus esforços pelo mais brilhante êxito. (*Da Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro). (NUMERO..., 1900c, p. 2).

Brasil-Portugal, revista quinzenal illustrada, publicada em Lisboa. O numero que temos presente consagrado a commemoração do centenario da descoberta do Brasil é edição extraordinaria e tem 111 paginas de texto, intercallado de magnificas illustrações, que tornam cada vez mais recommendavel a formosa Revista. O nosso confrade sr. Antonio Brazão, redactor representante do *Brasil-Portugal*, veio visitar-nos e trazer-nos o exemplar de que nos occupamos e que é um primor no genero. Este numero encontra-se também á venda para as pessoas que não sejam assignantes e queiram conservar tão boa recordação do centenario, nas differentes livrarias

e no Restaurant Coelho, estando n'esta casa, encarregado da venda dos Numeros Extraordinarios o conhecido Vieira dos cravos. A empresa d'esta brilhante Revista quinzenal acaba de publicar um esplendido numero commemorativo do descobrimento do Brasil, collaborado pelos mais laureados escriptores e artistas portuguezes e brasileiros. Constitue um primoroso trabalho artistico e litterario, que merece ser adquirido. Vende-se em todas as livrarias. (*De O Pará*, do Pará). (NUMERO..., 1900d, p. 2).

Brasil-Portugal, a deliciosa Revista, mimoso escrito das mais finas produções litterarias. O numero que temos á mão é consagrado á commemoração do centenario do descobrimento do Brasil, edição feita com arte e talento. Traz na primeira pagina, em photogravura, os membros da commissão dos festejos commemorativos do 4º centenario e em seguida autographos de Cabral, Gama, Affonso de Albuquerque, etc., e dois bellissimos retratos – um do rei de Portugal, D. Carlos, outro do presidente Campos Salles. Ao lado da primorosa confecção artistica, onde o gosto se revela original educado, fino, leve, gracioso, deliciando a gente, está a parte litteraria, vibrante, rutila, a despedir fulgurações de estylo, n'uma linguagem correcta, agradabilissima e impressionista. Um delicioso mimo a Revista. (*Da Republica*, de Belem do Pará). (NUMERO..., 1900d, p. 2).

Percebe-se que esse tipo de publicação se pautava em uma variedade de ilustrações e de títulos, além do estilo literário e das temáticas abordadas no âmbito de agradar os leitores dos dois lados do Atlântico. Assim, muitas vezes, o sucesso da *Revista* dependia do sucesso dos escritores e redatores, assim como os meios de divulgação desses impressos que, conforme vimos, eram propagados através de anúncios, publicações de jornais ou mesmo, quiçá, através do “boca a boca” feito por aqueles que assinavam o periódico. Segundo Morel e Barros (2003, p. 104), “[...] as chamadas elites culturais, isto é, as letradas e com acesso aos instrumentos da divulgação impressa, se relacionavam com diferentes setores da população, socialmente abaixo ou acima delas”. Para os autores havia distinções, todavia, isso não eliminava as interações sociais que se estabeleciam, formalmente ou não. Partindo desse pressuposto, de acordo com Jean François Sirinelli, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade:

[...] As revistas conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão – pelas amizades que subtendem, as fidelidades que arrebanham e a influências que exercem – e de exclusão – pelas decisões tomadas, os debates suscitados, e as cisões advindas. Ao mesmo tempo que um observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são um lugar precioso para a análise do movimento de ideias. [...] (SIRINELLI, 1996, p. 249).

O próprio fato da *Revista Brasil-Portugal* ser convidada para o certame universal de 1900, na aclamada Exposição de Paris¹¹⁴, que reuniu durante sete meses pavilhões temáticos exibindo produtos de várias nações, além de fazer propaganda da ação civilizadora de alguns países como a França e a Inglaterra, aconteceu possivelmente pelo seu êxito nos meios de divulgação e práticas de sociabilidade.

Seguindo o cronograma de comemorações, a *Brasil-Portugal* publicou uma diversidade de artigos voltados para o IV Centenário de Descobrimento do Brasil em números posteriores ao Número Extraordinário. Os números 34 e 35, de junho e julho de 1900, por sua vez, foram os que mais enfocaram as comemorações. Nessas edições são retratadas imagens de excursionistas (Figura 23) em pontos turísticos do Rio de Janeiro, como o alto do Corcovado e do Chapéu do Sol (Figura 24), o carro alegórico do *Brasil-Portugal* (Figura 25), um passeio marítimo oferecido pelo Club Naval à oficialidade do cruzador D. Carlos (Figura 26), além da divulgação do quadro premiado do concurso de pintura (Figura 27), aberto pela Associação do IV Centenário aos representantes de Portugal e da Itália. Em linhas gerais, nota-se que as imagens se destinavam a uma elite, seja em relação aos locais escolhidos, seja em relação pessoas que ambientavam as fotografias.

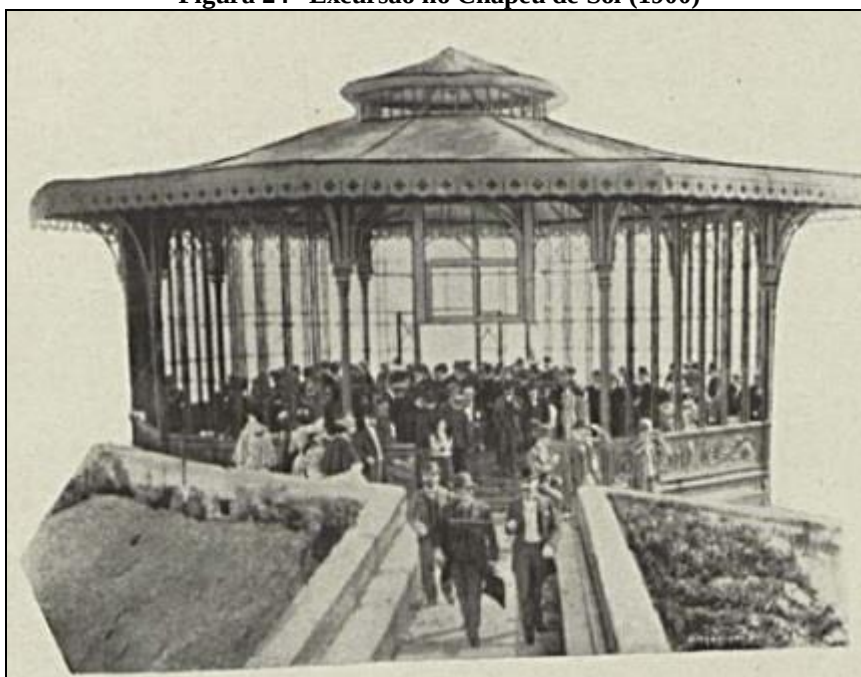
Figura 23– Excursionistas e membros da diretoria da Associação do 4º centenário (1900)



Fonte: (O GRUPO..., 1900, p. 148).

¹¹⁴ Segundo João Barreira, em artigo publicado na revista *Brasil-Portugal*, edição de 16 de fevereiro de 1900, foi aberto um concurso pelo governo com arquitetos portugueses com a finalidade de escolher dois projetos para escolher os pavilhões de Portugal. Contudo, o autor não descreve qual foi o critério de seleção e nem o que motivou o convite para a *Revista*.

Figura 24 –Excursão no Chapeu de Sol (1900)



Fonte: (NO CHAPEU..., 1900, p. 147).

Figura 25 – Carro alegórico do *Brasil-Portugal* no cortejo cívico de 5 de maio, no Rio de Janeiro (1900)



Fonte: (O CARRO..., 1900, p. 149).

Figura 26 – Reembarque na barca Seguro no Arsenal da Marinha (1900)



Fonte: (O REEMBARQUE..., 1900, p. 168).

Figura 27 – Quadro premiado no Concurso de Pintura do Rio de Janeiro (1900)



Fonte: (O QUADRO..., 1900, p. 169)

3.1.2 Administração, circulação e locais de venda nos primeiros anos da *Revista*

A *Revista do Brasil-Portugal* inicia o ano de 1901, sem explicar o motivo, alterando o endereço do escritório da administração e redação para o 1º andar da Rua do Carmo, nº 13. No entanto, sabe-se que na virada do século XIX para o XX, nessa rua, situava-se o grande centro comercial de Lisboa, o que talvez explique a escolha da mudança para esse

endereço por se tratar de um local mais estratégico pela proximidade com outras zonas do Chiado, onde circulavam intelectuais da época. Além disso, pode ser que com o crescimento do periódico tenha sido necessário um espaço maior para comportar a administração.

Quanto aos correspondentes, de acordo com a edição nº 47, surgiram novos agentes na África, em Portugal e na França. Na África foi destinado um agente para Benguela. Em Portugal foram enviados três agentes para Benavente, Ponte de Lima e Coimbra. E, por fim, na França foi encaminhado um agente geral para Paris. As seções da revista seguiam o mesmo formato do ano de 1900, com muitas ilustrações e páginas suplementares repletas de contos, crônicas e anedotas. O número de anúncios de empresas brasileiras, em cada edição que se passava, ganhavam mais espaço. Neste sentido, agradecendo especialmente o aumento do público leitor dos dois países que vinha respondendo aos esforços da revista, a *Brasil-Portugal* planejava iniciar o seu terceiro ano com melhoramentos e aquisições:

[...] Fechamos com este nº 48 o 2º anno da publicação, e é com o maior jubilo que nas columnas d'estas paginas annunciamos melhoramentos e aquisições para os numeros seguintes, no intuito de tornar de anno para anno mais interessante e attrahente a nossa Revista. Pelas noticias que seguem, poderão os leitores do *Brasil-Portugal* verificar que o mais ardente desejo d'esta empresa e dos seus directores é dar á publicação um interesse crescente, tornando-a, tanto na sua feição litteraria como artistica, necessaria, util e agradavel. E agora que vae começar a faina para o nº 49, agora que o 3.º anno começa, deixemos aqui registrado bem alto o nosso reconhecimento a todos os assignantes, collaboradores, auxiliares, artistas e leitores do Brasil-Portugal, que para o exito alcançado teem em larga escala contribuído. (O BRASIL-PORTUGAL..., 1901, p. 1).

A representação de agentes em Portugal, que até a edição de nº 48 eram 7, na edição de nº 49 chega a 15 localidades, passando a ter representantes também no Castelo Branco, Abrantes, Elvas, Alcobaça, Portalegre, Leiria, Figueira da Foz, Viana do Castelo e Coruche. No entanto, assim como ocorreu no ano anterior, mais uma vez há uma redução no preço da assinatura (Figura 28) e na venda do avulso¹¹⁵, tanto em Portugal como nas colônias portuguesas e nos Estados do Brasil. Além da promessa de melhoramentos a serem introduzidos no interior da Revista – ainda que os diretores não destaquem que tipo de melhoramentos pretendem fazer, a empresa compromete-se em dedicar um espaço consagrado as últimas modas. Há também o indicativo, a partir do nº 50, de uma seção nas páginas suplementares destinada a notícias que “[...] interessem os portuguezes no Brasil e os que nas

¹¹⁵ No segundo ano a *Revista Brasil-Portugal* possuía, em média, 20 páginas (sem contar com os anúncios) mas não há, contudo, informações sobre a tiragem. De acordo com Fernanda Müller (2011a), esses impressos tiveram uma duração relativamente longa em um período onde era comum que as publicações alcançassem apenas a tiragem de alguns números escassos.

colonias portuguesas tanto hoje contribuem para o engrandecimento da metropole" (BRASIL-PORTUGAL..., 1901, p. 1).

Figura 28 – Anúncio do 3º ano da *Revista Brasil-Portugal*



Fonte: (BRASIL-PORTUGAL..., 1901, p. 7)

A finalidade de reduzir o preço era uma estratégia para concorrer ao lado de outros periódicos de forma que, segundo a *Brasil-Portugal*, os valores reduzidos tornaram-se mais baratos que as revistas similares estrangeiras. Para comparar a redução nos valores da assinatura e na venda do avulso, reproduzo as duas tabelas (Tabela 2 e Tabela 3), antiga e nova, que foram publicadas no primeiro exemplar de 1900 da *Revista* para que os leitores pudessem apreciar a redução dos preços:

Tabela 2– Tabela Antiga de assinaturas (1900)

(continua)

<i>Estados Unidos do Brasil</i>	
Anno	Moeda Brasileira 45\$000
Numero Avulso	Moeda Brasileira 2\$500
<i>Portugal</i>	
Anno	6\$000
6 mezes	3\$500

(continuação)

3 meses	2\$000
Numero Avulso	\$350
<i>Ilhas, Africa e Estrangeiro</i>	
Anno	8\$000
6 meses	4\$500
Numero Avulso	\$500

Fonte: (BRASIL-PORTUGAL..., 1901, p. 2).

Tabela 3 – Tabela Nova de assinaturas (1901)

<i>Estados Unidos do Brasil</i>	
Anno	Moeda Brasileira 36\$000
Numero Avulso	Moeda Brasileira 2\$000
<i>Portugal</i>	
Anno	5\$400
6 meses	2\$900
3 meses	1\$500
Numero Avulso	\$300
<i>Ilhas, Africa e Estrangeiro</i>	
Anno	7\$400
6 meses	4\$000
Numero Avulso	\$400

Fonte: (BRASIL-PORTUGAL..., 1901, p. 2).

Como se pode observar, no Brasil, o valor da assinatura anual foi reduzida em 9\$000 réis e o número avulso em 500 réis. Em Portugal a assinatura anual passou a custar 600 réis a menos, bem como a assinatura de 6 meses e 3 meses baixou 500 réis e o número avulso diminuiu 50 réis. No que diz respeito as Ilhas, África e Estrangeiro a assinatura anual reduziu

600 réis e a de 6 meses 500 réis. Já o número avulso custou menos 100 réis em relação ao seu valor anterior. Dessa forma, compreende-se que as assinaturas anuais foram a que tiveram uma maior redução em seus custos, como uma estratégia de adquirir mais assinantes a longo prazo. Essa redução também pode ser justificada pelo incremento de anunciantes nas páginas desse periódico, ao notarem a revista como um recurso publicitário eficaz.

Além da redução dos preços da assinatura, a empresa também anuncia a presença de mais dois novos colaboradores e escritores: Raul Brandão¹¹⁶ e Manuel Penteado (1874-1911). Raul Brandão firma uma série de contos e artigos, e o médico e publicista Manuel Penteado publica suas primeiras crônicas. O terceiro ano também marca o início da publicação do romance de Perez Galdós (1843-1920), na versão livre de Lorjó Tavares. Por fim, anuncia-se o “Nosso jornal” que é apresentado ao público como uma rápida revista que tratará de todos os assuntos políticos, mundanos, comerciais, financeiros e teatrais, na perspectiva de deixar todos os assinantes, especialmente aos que estão na África e no Brasil, à par dos acontecimentos que durante a quinzena tivessem dado em Portugal. Todavia, ainda que a *Revista* carregue o título para portugueses e brasileiros, fica nítido que parte das suas seções são destinadas a colônia portuguesa, isto é, aos portugueses residentes na África e no Brasil.

No ano de 1901 também são anunciadas viagens de Lorjó Tavares para o Maranhão, Pará e Manaus. De acordo com o número 51 da *Brasil-Portugal*, posteriormente o diretor prosseguiria para o Rio de Janeiro e algumas cidades do Sul do país, a fim de divulgar a revista e manter o contato com as empresas que anunciam no periódico.

Um dos principais destaques temáticos da *Revista* no terceiro ano são os artigos dedicados à moda, especialmente a moda feminina para as classes mais abastadas, ao passo que a mulher era parcela importante do público desse periódico. Com a industrialização, surgiram novas referências e valores, impulsionando os indivíduos a se adaptarem com as inovações tecnológicas que refletiam no consumo de expressão da moda. As revistas ilustradas, especialmente aquelas destinadas ao público feminino, tiveram um papel preponderante nos padrões de comportamento desejáveis para a mulher da época:

Nesse discurso – da imprensa em geral e da feminina em particular –, a tônica recaía sobre as formas de conduta da mulher no lar e no mundo. Nesse sentido, ultrapassavam o papel de vitrine dos costumes da época,

¹¹⁶ Nascido em Foz do Douro, Raul Germano Brandão foi um militar, ficcionista, dramaturgo e jornalista. Dentre as suas principais obras, destaco: *Húmus* (1917), *Memórias* (1919; 1925; 1931) e *Os Pescadores* (1923). Essa segunda obra foi publicada na revista *Brasil-Portugal* entre os anos de 1901 e 1902, através de um folheto sobre a “gente do mar” que antecipa em duas décadas o livro. Raul Brandão também foi colaborador em outros periódicos, além de atuar como secretário nos jornais *O Dia*, *O Imparcial* e pelo *República*. Sobre a sua biografia, consultar: Guilherme de Castilho (2006).

constituindo-se em veículo privilegiado de imposição de um modelo social. (MARTINS; LUCA, 2008, p. 117).

Na *Revista Brasil-Portugal* uma das formas de forjar um papel social e normativo para as mulheres era instruí-las sobre como deveriam se portar e vestir. Para tanto, recorria-se a história para apontar as variações da moda – já que as roupas são também símbolos de processos históricos e de cultura de uma determinada sociedade – pautadas na inspiração do estilo Vitoriano e pela *Belle Époque*, influenciada pela *Art Nouveau* e suas formas curvilíneas, o que demonstra que aqueles que escreviam esses artigos tinham ao menos uma noção sobre a história da moda. Havia diversas sugestões de usos de blusas, vestidos (Figura 29), penteados femininos, chapéus, espartilhos, sapatos, sombrinhas, entre outros adornos e/ou acessórios de moda para diferentes ocasiões que tornassem os indivíduos elegantes, conforme sugeria o título do artigo – “Elegancias e mundanidades” – publicado no número 66. No entanto, um dos principais escritores da seção, João Pinto Ribeiro de Carvalho (1858-1936), não era especialista em moda. Pinto de Carvalho era jornalista e olisipógrafo – logo após o seu nome, em parênteses, figurava o título de olisipógrafo em seus artigos – o que significava que ele se debruçava em escritos relacionados ao desenvolvimento histórico, artístico e urbano da cidade. Dentre as suas obras publicadas destaca-se o livro de crônicas “Lisboa D’Outros Tempos” (1898) e a “História do Fado” (1903), o que sugere que suas publicações estavam mais voltadas para a área de história e da literatura, do que propriamente para a moda.

Figura 29– Vestidos de passeio



Fonte: (MODAS..., 1901, p. 256).

Outra questão a destacar no ano de 1901 é a mudança de endereço da *Revista*. Em 1 de julho, sem apresentar nenhuma notificação aos leitores, a redação e administração do periódico passam a funcionar na Rua de São Roque, no Bairro Alto. Mas as páginas suplementares continuam a ser impressas pelas oficinas de Estevão Nunes & Filhos, localizadas na Rua de Assunção. Não há indícios sobre o motivo da mudança, mas ao pesquisar sobre a Rua São Roque, hoje conhecida como Rua da Misericórdia, nota-se que até o início do século XX havia jornais e tipografias instaladas por suas redondezas do Bairro Alto¹¹⁷, como o órgão republicano de António França Borges (1871-1915), *O Mundo*, além de contar com a circulação de jornalistas, tipógrafos, escritores e políticos. Por ser o Bairro Alto considerado, naquele período, um ambiente de efervescência intelectual e política, pode-se justificar o fato da sede da *Revista* ter se deslocado para aquele local, dada a possibilidade de alargar as suas redes de sociabilidade¹¹⁸ e ficar mais próximo dos espaços de produção e circulação de impressos.

No terceiro ano da *Brasil-Portugal*, é anunciada a saída do secretário Álvaro Pinheiro Chagas, que passou pouco mais de um ano ocupando o cargo na redação. Porém, não é informado ao leitor quem viria a assumir seu lugar¹¹⁹. Por outro lado, Celso Hermínio, que já havia sido diretor artístico da *Revista*, torna-se colaborador permanente, traçando os tipos populares de Lisboa e do Rio de Janeiro com seu “lápiz humorístico” (*O NOSSO...*, 1901, n° 68, p. 1). O fotógrafo português e editor de cartões-postais, José Marques Pereira, foi também anunciado como o novo colaborador artístico em Santos (SP), Brasil. Por fim, a escritora portuguesa Claudia de Campos (1859-1916) começa a colaborar com a *Brasil-Portugal*, assim como Arnaldo da Fonseca, que antes tinha o cargo de diretor fotográfico na revista, passando a ser colaborador artístico. Embora não anunciado, vez por outra, o dramaturgo João da Camara (1852-1908), também passou a assinar algumas crônicas publicadas nesse periódico.

Percebe-se, mais uma vez, o aumento de correspondentes do *Brasil-Portugal* na África, como também na Índia, onde ainda não havia nenhum agente. A África começa a contar com um correspondente em Lourenço Marques, que na época era capital da colônia

¹¹⁷ Sobre o Bairro Alto, consultar a obra coordenada por Hélder Carita “Bairro Alto: Mutações e Convivências Pacíficas”, publicado pelo Arquivo Municipal de Lisboa, em 2013.

¹¹⁸ Sobre as relações e as redes de sociabilidade firmadas nessa localidade, ver Heitor Frúgoli Jr. (2013). O autor apresenta uma investigação etnográfica do Bairro Alto, traçando várias conexões entre os agentes que ali circulavam, através da reconstituição de diversas redes de relação que, de certa forma, se condensam num determinado território, ou seja, no próprio bairro.

¹¹⁹ Há uma hipótese de que João Costa tenha assumido o seu lugar, dado que nesse mesmo período é ele o responsável como secretário da redação do *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* para o ano de 1903.

portuguesa. Na Índia, em Nova Goa, surge o correspondente Antonio M. da Cunha, através da Casa Luso-Francesa, localizada na Rua Afonso de Albuquerque.

No número 72, publicado em 16 de janeiro de 1902, é findado o terceiro ano da *Brasil-Portugal*, afirmando corresponder o acolhimento do público português e brasileiro e mantendo os créditos artísticos. Ainda conforme a redação da *Revista*, caso tivessem realizado um programa este estaria cumprido, dado o aumento do número de gravuras, o registro especial nos acontecimentos mais importantes e a “[...] colaboração variada entre os mais brilhantes escriptores portuguezes e brasileiros” (O BRASIL-PORTUGAL..., 1902, p. 1). Assim, compromete-se em buscar outros melhoramentos, a fim de “[...] dar um impulso grande á unica revista artistica portugueza, que se publica á semelhança das melhores illustrações do estrangeiro”. (O BRASIL-PORTUGAL..., 1902, p. 1).

A partir da primeira publicação de fevereiro, do 4º ano, a *Revista Quinzenal Illustrada* passa a se autodenominar como “[...] essencialmente portugueza, feita para levar aos nossos compatriotas residentes na vasta republicana dos Estados Unidos do Brasil, a resenha viva dos grandes acontecimentos do Brasil e de Portugal” (O BRASIL-PORTUGAL..., 1902, p. 1), apresentando características que se aproximam mais de um viés artístico-literário, o que difere um pouco da sua proposta inicial, afirma ter como enfoque a economia. Observando o sumário é possível perceber que o índice de artigos literários, com crônicas, romances e operetas, com o passar dos números, foram ganhando mais espaço na *Revista*. As ilustrações também, inclusive, a *Brasil-Portugal* abre uma seção para realizar uma galeria de fotografias de seus assinantes a fim de serem reproduzidas em fotogravuras, mencionando o nome dos assinantes, local de residência e profissões ou situação. A ideia era de conhecer o seu público leitor de maneira inovadora – a *Revista* tinha esse traço de afirmar-se “pioneira” dentre os outros periódicos concorrentes, aproximando-se de seus leitores, na perspectiva de angariar ainda mais assinantes com tal iniciativa.

[...] Introduz-se d’esta forma em Portugal uma innovação original e extremamente interessante, nunca até hoje adoptada na Europa, e o *Brasil-Portugal* tornar-se-ha em pouco tempo um album de valor, em que figurem as mais illustres e as mais modestas individualidades. Representa um grande augmento de despeza, é certo esta idéa. Mas ella não será impraticavel se a Empresa fôr secundada pelos srs. Assignantes do *Brasil-Portugal*. Esperamos, portanto, que os srs. assignantes enviem directamente á redacção da Revista, rua S. Roque, 125, 1º, Lisboa, as respectivas photographias, e desde já agradecemos. [...] (ALBUM..., 1902, p. 1).

Diferente dos últimos dois anos, a *Revista* não reduziu os seus valores, prosseguindo com os mesmos preços de venda em todos os lugares em que era distribuída. Uma outra

novidade foi o acréscimo dos anúncios no sumário do periódico que objetivavam atingir amplo público, estimulando os leitores em adquirirem os produtos oferecidos.

É de se considerar que as mensagens veiculadas pela publicidade e propaganda conformavam a mentalidade do período, em uma sociedade que se dividia entre a valorização das tradições a incorporação de novos modelos – muitos deles incorporados do estrangeiro – e incutidos sistematicamente pelo periódico. Os anúncios visavam atender e estimular o consumo dos leitores, ávidos por novos produtos oriundos da industrialização e crescente urbanização das cidades. Para Ana Luiza Martins, os instrumentos da publicidade e propaganda avançavam no mesmo propósito das revistas, tornando-se um elemento vital do mercado capitalista:

Dos vários suportes que se prestaram à propaganda e à publicidade, a revista talvez tenha sido dos mais efetivos, concentrando a força da propaganda e a evolução da dinâmica da publicidade, expressando-as em suas representações mais acabadas. Para a última, em particular, tornou-se de tal forma o veículo ideal que, em sua essência, quase se confundia com ela, uma vez que ambas, *revista* e *publicidade*, direcionavam-se para o mesmo propósito, qual seja: dar-se a conhecer, divulgar-se, “produzir-se para vender-se”, razão pela qual muitos periódicos revelaram-se economicamente viáveis, tão-só pela proposta de divulgação de produtos, isto é, pelo seu caráter publicitário. A revista, pois, era a publicidade; ou por outra, no periodismo da época, a revista transformou-se na embalagem ideal para o produto publicidade. (MARTINS, 2008, p. 244, grifos no original).

A maioria dos anúncios da *Revista Brasil-Portugal* eram de empresas de Lisboa, do Porto e do Rio de Janeiro, com propagandas de chocolates, vinhos, hotéis, dentista, chapelarias, escolas, livros, companhia de crédito, joalheria, fábrica de gravatas, entre outros. Em meio a essa lista de anúncios, destaco a propaganda do romance histórico brasileiro “O Tiradentes” (2 volumes), de José Agostinho, editado pela Livraria de Antonio Figueirinhas, no Porto, também foi bastante anunciado na *Revista*, na perspectiva de descrever a conjuração mineira e imortalizar Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, como um grande patriota. Essas obras custavam em média entre \$500 a 10\$000 réis e versavam, principalmente, sobre história, política e literatura, com o enfoque textual no Brasil, Portugal e África, lugares onde circulava a *Revista*. Em Portugal, o aluguel era mais acessível do que a aquisição de uma obra, mas nem todos os setores poderiam pagar a assinatura mensal de um gabinete de leitura (cf. RIBEIRO, 1999, p. 195).

A respeito do analfabetismo, ao folhear a *Revista Brasil-Portugal*, é notória a preocupação de alguns colaboradores com essa questão. Para tanto, destaco o texto publicado sem a assinatura de autoria, sob o título “A imprensa portuguesa contra o analfabetismo”, que foi reproduzido do jornal *Diário de Notícias*, de Lisboa, no dia 19 de abril de 1902. Partindo

da discussão sobre a redução do tempo do serviço militar em benefício daqueles que soubessem ler, o redator salienta que outros meios poderiam ser empregados para o mesmo fim, inclusive, por intermédio da Associação dos Jornalistas. Ele sugere que essa Associação poderia abrir um inquérito na imprensa do país, na perspectiva de buscar caminhos práticos para extinguir, ou a menos reduzir, o analfabetismo.

No decorrer do texto, o redator demonstra preocupação com o analfabetismo em Portugal pois, segundo ele, em um país de “cinco milhões de habitantes” a ação da imprensa pode dizer-se circunscrita a um pequeno número de leitores. Assim, fazendo um comparativo com a população do país, chega-se à conclusão que a tiragem dos jornais é quase nada, de forma que se a maioria soubesse ler, a tiragem dos jornais se multiplicaria extraordinariamente numa progressão crescente. Para ele, seria através da instrução que a nação poderia desenvolver-se e progredir:

[...] E para o mais: por que a Instrução é a unica atmosfera em que os progressos de uma nação podem germinar e desenvolver-se. Sendo a nação a somma dos individuos, a força natural de cada um d'estes só com a instrucção póde fructificar-se. [...] (A IMPRENSA..., 1902, p. 3).

Em seguida, reproduz um questionário para ser respondido e enviado pelo correio à Associação dos Jornalistas de Lisboa com perguntas sobre o ensino elementar, o ensino obrigatório e a liberdade de ensino. De acordo com o Censo da População do Reino de Portugal¹²⁰, de 1 de dezembro de 1900, a taxa de analfabetismo era de quase 79%, especialmente, nas áreas rurais. Em 1900, apenas 20% eram alfabetizados com idades iguais ou superiores a 7 anos. A porcentagem maior de alfabetização, de 30%, estava entre os indivíduos de 20 a 24 anos e de 30 a 34 anos. No caso do analfabetismo por sexo, o número de mulheres analfabetas era ainda mais acentuado, chegando a 85% em 1900 (ESTEVES, 2001). Já no Brasil, considerado o Censo de 1890¹²¹, a taxa de analfabetismo era de 82,6% para as pessoas de 5 anos ou mais, sendo esse um dos temas mais debatidos no Brasil Republicano, tanto nos pronunciamentos oficiais, quanto nas conferências públicas, ainda que permanecesse como algo mais velado apenas na esfera do discurso, pois na prática faltava uma proposta orgânica para todo o país. Nessa perspectiva, para Ana Luiza Martins (2008), o

¹²⁰ O Censo da População do Reino de Portugal, publicado em Lisboa pela Imprensa Nacional, está disponível em: <<http://censos.ine.pt/>>. Neste sítio foram publicados os censos dos anos de 1864 a 2011, realizados com base nas publicações respeitantes a cada recenseamento.

¹²¹ Segundo Alceu Ravello Ferraro e Daniel Kreidlow (2004, p. 185), o Censo de 1900 tem sido deixado de lado nos estudos sobre o analfabetismo, dado que “[...] o sub-recenseamento de extensas áreas rurais em 1900 resultou em subestimação do analfabetismo para várias Unidades da Federação e, consequentemente, para o conjunto do País”.

saber ler, durante esse período, era atributo significativo para o cidadão da nova Ordem, junto à necessidade de formar leitores-consumidores:

[...] Enquanto no Império o requisito da escrita e leitura não funcionavam como predicado fundamental à população marcadamente agrária, na República, a situação se invertia. No quadro da urbanização, com uma população, pelo menos em tese, livre da escravidão e imbuída das luzes da ilustração, o *saber ler* tornou-se emblema distintivo. Não só para a colocação no mercado de trabalho, potencializado pelo crescimento do terciário como para o exercício da cidadania. Afinal, pela Constituição de 1891, o direito do voto só cabia aos maiores de 21 anos que soubessem ler e escrever. [...] (MARTINS, 2008, p. 56, grifo no original).

A leitura se tornava uma prática valiosa que conferia *status* e servia de ingresso ao exercício da cidadania. Contudo, como ressalta Ana Luiza Martins (2008), no recenseamento da época havia um distanciamento entre o entendimento do ser alfabetizado e do saber ler e escrever efetivamente, assim como o saber ler e a prática efetiva da leitura, o que indica que havia níveis de alfabetização. Para Marialva Barbosa (2010), alguns também sabiam ler, sem saber escrever, e outros não sabiam ler, nem escrever, mas tomavam contato com os sinais impressos. Referindo-se aos jornais, a autora afirma que esses tinham “[...] mais ouvintes do que leitores” e que eram “[...] certamente mais ouvidos e vistos do que lidos” (p. 206). Sendo assim, mesmo com a falta de domínio da leitura, os não letrados poderiam ser influenciados pelo que ouviam e reapropriarem-se dessas mensagens de forma diferenciada. Contudo, ainda que o público destinado aos jornais nem sempre seja o mesmo das revistas ilustradas, é interessante pensar que os veículos variam não só em função da recepção e apropriação particular das mensagens, como também da forma como essas chegam e as expectativas que causam em leitores diversos.

Algo que também merece ser destacado é que embora o Rio de Janeiro tenha atraído os homens das letras, através da expansão da imprensa periódica, houveram outros espaços e de leitura no Brasil nos Oitocentos. Nelson Schapochnik (2005) aponta a proliferação de bibliotecas dentre os espaços consagrados à leitura letrada, no período entre 1810 e 1900. Segundo o autor, o estado de São Paulo possuía mais bibliotecas que o Rio de Janeiro, seguido por Pernambuco, o que demonstra que apesar das bases institucionais de leitura implantadas na cidade carioca o público leitor não fica restrito a este território.

À guisa de discussões que tratam sobre os jornais *versus* revistas é interessante pensar como esses impressos tornaram-se espaços disputados, especialmente, para a divulgação da literatura no decorrer do século XIX, reunindo figuras consagradas no gênero literário. Mas, enquanto o jornal debruçava-se no propósito de veicular uma informação imediata como um

impresso que, geralmente, era diário, a revista por apresentar uma elaboração mais cuidada, limitou-se a uma periodização que exige mais tempo para vir à lume.

Considerada como um instrumento eficaz de propagação de valores culturais, com uma leitura ligeira, informação diversificada e composta por recursos técnicos inovadores, apesar da discriminação de especialistas que alegavam polarização de seus conteúdos e das críticas sobre o caráter científico ou frívolo de alguns impressos desse gênero, essa modalidade de publicação periódica tornou-se um objeto desejado pelos consumidores. Em meio aos avanços técnicos aprimorados no segundo quartel do século XIX, os recursos de ilustração – marco revolucionário na imprensa da época – foram os principais responsáveis por atrair cada vez mais leitores para as revistas ilustradas:

[...] Certo de que há muito, desde os *incunábulo*s, a ilustração se fizera presente nos textos, diversificando-se com o passar dos anos através de iluminuras, xilogravuras, litogravuras, águas-fortes. Contudo, o extraordinário avanço técnico registrado na Europa, a partir do último quartel do século XIX, foi amplamente utilizado pelos periódicos, enriquecendo ainda mais aquelas publicações, transformadas em objetos atraentes, acessíveis até mesmo ao público menos afeito à leitura, se não à população analfabeta, que recebia as mensagens através dos desenhos grafados de forma visualmente inteligível. [...]. Outros recursos técnicos de ilustração – da fotografia ao cliché em cores e à rotogravura – seriam desenvolvidos até o final do século, a serviço prioritariamente do impresso revista. A modalidade *revista ilustrada* passou a ser preferencial da população leitora: na sua esteira, o *magazine*, alternativa de revista periódica, acentuando a magia da ilustração enquanto embalava a publicidade de bens de consumo, potencializado as características comerciais do gênero; igualmente os *hebdomadários*, publicações que aceleravam a periodicidade das revistas, infundindo-lhes com precisão a marca temporal. (MARTINS, 2008, p. 40 e 42, grifos no original).

Essas questões dão norte à reflexão, em relação às revistas do *Brasil-Portugal*, sobre qual seria o seu público leitor diante de taxas tão altas de analfabetismo, na virada do século XIX para o XX, nos dois países, exatamente quando se deu o surgimento do periódico e a sustentação de que, gradativamente, aumentava-se o número de assinantes e, portanto, de leitores. Mas, mesmo assim, é difícil remontar seguramente o perfil do seu público – se era composto por mais homens ou mulheres, qual a faixa etária dos leitores ou mesmo se os periódicos se restringiam apenas para uma elite letrada – dado que as páginas especiais em que foram (e/ou seriam) publicadas as galerias de retratos de fotogravuras dos assinantes não foram encontradas na *Revista*. Essas fotogravuras possivelmente nos daria mais pistas sobre o perfil do público leitor da *Brasil-Portugal*, ainda que fosse analisado mais o estereotipo desses leitores.

Outro fato marcante no periódico foi o anúncio da posse do presidente da República no Brasil, Rodrigues Alves, filiado ao Partido Republicano Paulista (PRP) que assumiu o cargo em 1 de março de 1902, em disputa eleitoral com Quintino Bocaiúva, do Partido Republicano Conservador (PRC). A festa comemorativa do aniversário da Proclamação da República foi celebrada em conjunto com a posse do novo presidente, de modo que a *Brasil-Portugal* registrou essa celebração através de fotografias do Palácio do Catete e do desfile das tropas da marinha para a cerimônia de posse de Rodrigues Alves, além da chegada do Cruzador D. Carlos, enviado pelo governo português para assistir às festas de 15 de novembro no Rio de Janeiro. Sendo assim, registrar fatos considerados “oficiais” poderia ser uma estratégia para se aproximar dos grandes homens da República Brasileira, bem como continuar a manter os laços de “irmandade” entre Brasil-Portugal, tanto na perspectiva cultural como também no âmbito econômico, já que as empresas brasileiras continuavam a ocupar espaços dos anúncios da *Revista*, o que certamente despendia de alguma incumbência financeira.

Sobre os anúncios, no último número referente ao terceiro ano, o número de estabelecimentos propagados cresce notoriamente. Tanto que das 32 páginas que totalizam a *Revista* número 96, 12 são destinadas somente para os anúncios. Se compararmos aos dois primeiros anos, torna-se ainda mais nítido o aumento do número de empresas anunciadas, o que pode representar um ganho de popularidade desse periódico e, conseqüentemente, de mais assinantes e/ou leitores, já que os anúncios visavam atingir muitos consumidores.

Vale também ressaltar que a *Brasil-Portugal* não só anunciava outros periódicos, assim como vendia em seu escritório a assinatura de outras revistas (Figura 30), a exemplo da *Revista Industrial e Mercantil do Estado de Pernambuco*. Considera-se, portanto, que esse empreendimento editorial também lucrava com a venda de outros impressos.

No número 96, a empresa intitula-se também como “única revista artística que no genero se publica em Portugal”, afirmando estar melhorando suas seções, buscando um “papel mais bonito e mais calandrado para as suas gravuras” e esforçando-se para dar aos seus leitores e assinantes “todas as novidades literarias e artisticas” (O BRASIL-PORTUGAL..., 1902, p. 2). Assim, a *Revista* encerra mais um ano com a perspectiva de aumentar mais o interesse dos leitores e proporcionar a todos que a acompanham novas surpresas.

Figura 30– Anúncio da Revista Industrial e Mercantil do Estado de Pernambuco pela *Brasil-Portugal*



Fonte: (BRASIL-PORTUGAL..., 1901, p. 7).

Foram poucas as mudanças em relação ao quarto ano da *Revista Brasil-Portugal*. Os valores permanecem assim como o ano anterior, bem como o número de correspondentes aumentaram, especialmente, no Brasil que passa a ter agentes em Vitória (ES), São Paulo (SP), Santos (SP), Amparo (SP), Ribeirão Preto (SP) e Solimões (MA). Conforme é informado ao leitor na página de anúncios, no dia 1 de junho, os escritórios do periódico passam a funcionar na Calçada do Sacramento, 14, 2º, que liga a Rua Garret e o Largo do Carmo, localizada também no Chiado. Nesse sentido, a assinatura e a venda em locais estratégicos, somados à figura do agente-representante, foram de fundamental importância para a efetivação do periódico no mercado. Sobre os agentes-representantes, Ana Luiza Martins (2008, p. 237) afirma que: “[...] as revistas mais sólidas anunciavam a existência de *agentes* espalhados pelo Estado ou pelo País, quando não pelo mundo, facilitando ao interessado a aquisição individual ou a tomada de assinatura. [...]”.

Alcântara Carreira (1876-1928), poeta e jornalista português reconhecido pelas obras “Livros da Alma”, “Doida Juventude” e “Deixando a Pátria”, que antes era apenas colaborador da *Brasil-Portugal* torna-se redator representante da *Revista*, assumindo a direção desse periódico no Brasil. De acordo com a nº 113, de 1 de outubro de 1903, o poeta apesar de residir na época em Paris ficaria responsável de fazer a “tourneé” de propaganda da república brasileira. Ele, inclusive, foi quem escreveu o artigo sobre a batalha das flores que aconteceu no dia 15 de agosto de 1903, no Rio de Janeiro. Para esse evento – que contou com a presença do Presidente do Brasil e o prefeito do Rio de Janeiro, Alcântara Carreira atuou na comissão organizadora como o representante da *Brasil-Portugal*. Mais uma vez, isso demonstra, a proximidade dos dirigentes e/ou colaboradores da *Revista* com a elite política brasileira.

Para além dos textos voltados para as questões políticas e culturais, também foram publicados anúncios e textos sobre temas que envolviam educação e saúde. A Escola Académica¹²² (Figura 31), por exemplo, aparecia constantemente entre os anúncios, apresentando ao leitor o corpo diretivo da instituição, estrutura, funcionamento da escola e organização do tempo dos alunos internos. O ensino moral e religioso, bem como os assuntos relacionados à educação física e a higiene, ocupavam parte significativa do programa oficial da instituição que, ao que se pode perceber, era destinada a um público mais abastado. Ter um anúncio de uma escola com esse perfil, publicado na *Brasil-Portugal*, significa pensar na hipótese de que havia um público para ela que poderia advir da revista.

Figura 31– Anúncio da Escola Académica de Lisboa

ESCOLA ACADEMICA
Instituída em 1 de outubro de 1847

Fundador — Antonio Florencio dos Santos
DIRECTOR E PROPRIETARIO
Jayme Mauperrin Santos
Bacharel formado em Philosophia e Medicina pela Universidade de Coimbra;
Lente do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa
Medico dos Hospitais Civis

INSPECTOR DOS ESTUDOS
Antonio Dias de Sousa e Silva
Bacharel formado em Philosophia, com o curso de Mathematicas puras pela Universidade de Coimbra
Curso Theologico no Seminario de Vizeu
e Professor de Mathematica da Escola Academica desde 1874

Distribuição do tempo dos alunos internos

Levantam-se ás 5 1/4, excepto os da classe infantil. Seguem immediatamente para as salas de banho, onde todos tomam diariamente um banho geral d'asperção, frio ou morno, conforme lhe está preceituado.

As **salas de banho**, installadas no centro dos dormitórios, uma em cada andar, teem cada uma 17 banhos d'asperção, separados uns dos outros, permitindo assim que 34 estudantes possam banhar-se e lavar-se ao mesmo tempo. Terminada a lavagem, regressam aos dormitórios, onde completam a sua toilette.

A's 6 1/4 dirigem-se as diferentes secções á Capella, rezam a sua oração da manhã e descem em seguida para o andar das aulas, onde se distribuem conforme os cursos e respectivos annos, tendo o seu primeiro estudo das 6 1/2 ás 7 1/2 horas da manhã.

A's 7 1/2 é servido o almoço, que consta d'um prato de garfo, chá e pão com manteiga. Terminado o almoço, ás 8 horas, teem recreio até ás 9 horas.

Das 9 horas ao meio dia, 1.º periodo de aulas, havendo ás 10 e 11 horas pequenos intervallos, que permittem a mudança dos professores e o descanso dos alumnos.

Do meio dia ás 3 horas da tarde interrupção geral de todos os trabalhos litterarios. Durante este periodo teem lugar o *lunch* e as aulas de recreio: — gymnastica, dança, jogos de florete e de pau, esgrima, musica theorica e instrumental. Todos os alumnos são obrigados á frequencia d'estas aulas (sem pagamento especial para isso), estando divididos em grupos, que alternam durante este periodo na frequencia d'estas aulas e nos recreios e jogos (Lawn tennis, Malha e Croquet).

Das 2 ás 4 horas, 2.º periodo de aulas, havendo ás 3 horas o intervalo necessario para as mudanças dos professores e descanso dos alumnos.

A's 4 horas, jantar, que consta de sopa, dois pratos, vinho e sobremesa, conforme a *tabella das refeições que corre impressa*.

Das 5 ás 7, recreio geral nos terraços, jogos ou salas de recreação, estando ali os alumnos divididos em 5 secções, conforme as suas idades.

A's 7 horas, estudo geral nas suas respectivas aulas, que dura até ás 9 horas da noite, excepto a instrução primaria, cujo trabalho termina ás 8 1/2 da noite.

A's quartas e sabbados, das 8 1/2 ás 9, uma das 5 secções, em que os alumnos internos estão divididos, tem uma catechese do capellão da Escola para o seu ensino moral e religioso e explicação da doutrina christã.

A's 9 horas, ceia, que consta de leite e pão.

Em seguida dirigem-se as diferentes secções á Capella, rezam a oração da noite e recolhem aos dormitórios.

Nos domingos e dias sanctificados levantam-se ás 6 1/2. Depois do almoço, assistem á missa na Capella da Escola e á explicação do Evangelho do dia, feita pelo capellão.

A's 11 horas ouvem uma pequena prelecção sobre assumptos de hygiene, feita pelo Director.

¹ Durante este periodo teem lugar os ensaios da fanfara e da tuna, dirigidos pelos respectivos professores, e as aulas especiaes de musica.

2 Lisboa e secretaria da Escola Academica, aos 11 de abril de 1901.

O DIRECTOR — MAUPERRIN SANTOS

Fonte: (BRASIL-PORTUGAL..., 1903, p. 5).

Dentre os textos que compunham o tema da educação destaca o artigo, sob o título “Escola Industrial Marquez de Pombal”, que abordava sobre as primeiras tentativas para o

¹²² Fundada em outubro de 1847 e, inicialmente, voltada aos alunos do sexo masculino, em regime de internato e externato, a Escola Académica de Lisboa foi pioneira em Portugal ao reunir a em um mesmo estabelecimento de ensino particular a instrução primária, secundária e profissional, num mesmo estabelecimento de ensino. Para além do Colégio Militar, foi a Escola Académica a primeira a introduzir um regime obrigatório de educação física para todos os alunos. Sobre a Escola Académica de Lisboa, ver: <<http://193.137.22.223/pt/patrimonio-educativo/museu-virtual/exposicoes/escola-academica-de-lisboa-1847-1977/>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

desenvolvimento do ensino industrial em Portugal até a sua instalação, inaugurada em 1889, na rua Direita de Alcântara. Há também imagens e notas biográficas dos indivíduos responsáveis pela fundação e direção da Escola Industrial, além de fotografias da própria instituição (Figura 32).

Figura 32– Fachada principal da Escola Industrial Marquez de Pombal



Fonte: (ESCOLA..., 1903, p. 107).

Por outro lado, embora fizesse elogios aos resultados alcançados com a propagação e direção de escolas industriais e de desenho industrial, o redator – que não assina o nome no artigo – assinala uma crítica à falta de instrução da população, justificando o clima, o caráter e a acomodação do próprio povo como um dos fatores que impedem de receber as compensações ofertadas ao ensino industrial. Esse tipo de crítica, diga-se de passagem, era uma prática recorrente nos discursos das elites que culpavam a população por algo que o Estado deveria prover:

[...] No nosso paiz, onde as classes productoras são aferradas á rotina, porque as invade uma descrença nociva e infundada, é difficil ás classes dirigentes impor-lhes a remodelação e o aperfeiçoamento dos methodos de ensino e dos processos de trabalho. E a falta de instrucção própria, de exemplo e de estímulo, que assim determina esta apathia, em que dormitamos, ha muitos annos. O nosso clima enerva; o caracter sóbrio e accommodaticio do nosso povo dispensa-lhe excessos de energia para manter a sua sustentação; o isolamento, em que tem vivido, não lhe permite apreciar, pratica e experimentalmente, as compensações moraes e materiaes provenientes d'essa grande e fecunda elaboração industrial, que transforma, enriquece e nobilita os povos modernos. Tudo isto tem actuado no seu character, deprimindo-o a ponto de resistir ás investidas dos homens que mais teem lidado n'esta cruzada civilisadora, de regenerar e engrandecer o homem pelo trabalho. [...] (ESCOLA..., 1903, p. 107).

Na segunda metade do século XIX, a saúde pública portuguesa, assim como a brasileira, centrou-se em estratégias preventivas para a promulgação de medidas higienistas. Com isso, através da publicação de normas jurídicas, foram institucionalizados valores e preocupações na defesa de condições envolventes e propiciadoras da saúde. Neste sentido, os anúncios designados a saúde e higiene multiplicaram-se na *Revista*, especialmente, os manuais de higiene que possibilitavam orientar toda a família sobre o corpo e suas funções quando acometidos por alguma doença. Publicado pela Laemmert & C. Livreiros-editores, o Platen (Figura 33) – vendido como um manual para o tratamento e cura das moléstias para toda a família – era composto de 2 volumes com cerca de 1500 páginas, sob o valor de 40\$000 réis, segundo anúncio publicado na edição de número 107.

Figura 33 – Anúncio do Platen, manual de higiene

LAEMMERT & C. — Livreiros-Editores || RIO DE JANEIRO-Ouvidor, 66-S. PAULO-15 de novembro, 32

➔ ACABA DE SAHIR A LUZ ➔

PLATEN O NOVO METHODO DE CURAR

Manual de hygiene, regras de vida, preservação de saúde e cura de molestias sem auxilio de drogas. Thesouro de familia e guia dos doentes e das pessoas que gosam saúde, contendo 432 gravuras em madeira, 17 estampas coloridas, 8 estampas anatomicas coloridas, cada qual representando os diversos órgãos superpostos, podendo-se separar, a vontade, (Nariz, Ouvido, Boca, Vista, Cabeça, Modelo anatomico do corpo do homem, Modelo anatomico do corpo da mulher com os órgãos durante a gravidez).

2 grossos volumes de cerca de 1500 paginas, impressos com esmero, encadernados em percaline com titulo artistico estampado em ouro e cinco cores.

PREÇO..... 40\$000

Obra indispensavel em toda a casa de familia, na mais em linguagem clara e ao alcance de todo o mundo como se evitam as molestias — Como se curam as doenças — Como se restabelece a saúde — Como se tratam os accidentes — O que se deve comer, beber e evitar — Como deve ser nossa roupa e nossa moradia — O cuidado que devemos dar á pelle, ao cabelo, aos olhos, ao ouvido, ao nariz, aos dentes, etc. — esta obra põe o leitor ao par de todas as minuciosidades da Estrutura do corpo humano e dedica particular attenção ás Molestias das mulheres e das crianças. Encerra capitulos exhaustivos sobre Hydrotherapia, Massagem, Electricidade, Hypnotismo, Exercicios de Gymnastica Hygienica, etc.

O numero enorme e admiravel de informações concernentes ao corpo e suas funções durante a saúde e a molestia tornam a obra de **PLATEN** o mais completo MANUAL para o tratamento e cura das molestias.

Envia-se gratis o PROSPECTO ILLUSTRADO a quem o pedir

Fonte: (BRASIL-PORTUGAL..., 1903, p. 15).

Conforme afirma Marialva Barbosa (2010, p. 229), o discurso higienista encarregava-se de construir polaridades, do tipo saúde *versus* doença, limpo em contraposição ao sujo, associando a ideia de moderno, progresso e enriquecimento à de embelezamento e limpeza.

[...] Longe de ser uma preocupação humanitária, a valorização dos aspectos higiênicos pretende melhorar o mundo da produção, tornando-o, dessa forma, mais eficaz. O corpo passa a ser objeto de estudos, cuidados e controle. Introjetando o discurso veiculado incessantemente pelos jornais, o leitor também clama por higiene. [...] (BARBOSA, 2010, p. 229).

Em relação aos artigos sobre a saúde publicados na *Revista*, um dos tópicos mais recorrentes tratava-se sobre a febre amarela que, no final do século XIX ao início do século XX, deflagrou campanhas em seu combate, especialmente, no Rio de Janeiro, onde muitos imigrantes padeceram e morreram, sendo vista como “[...]um phantasma que, de longos

annos, tantos braços tem afugentado do Brasil [...]” (FEBRE AMARELA, 1903, p. 133, nº 105). No texto é reproduzido o artigo do médico e diplomata português, Bettencourt Rodrigues (1854-1933), sobre o tratamento da febre amarela pelas injeções de soro antiofídico, afirmando que, quando aplicadas no início da doença, poderiam ser eficazes. O artigo, que trazia uma linguagem científica para envergar mais respaldo ao leitor, aparentemente, tentava tranquilizar a sociedade apresentando formas de combate à febre amarela.

Na revista de nº 119 também há uma seção destinada a “Sciencia” com um texto dissertativo sobre as “sezões” – termo utilizado, até a segunda metade do século XX, para a designação desta doença, conhecida também como malária (SAAVEDRA, 2010), suas principais manifestações e formas de combate. A linguagem também é científica e é composta de imagens para ilustrar o parasita.

3.1.3 Entre mudanças e permanências: a Proclamação da República portuguesa e o fim da *Revista Brasil-Portugal*

Entre o ano de 1903 a 1904 foram poucas as mudanças realizadas no editorial. As seções de “Chronica”, assinada por Barbosa Colen (1849-1917), de “Politica Internacional”, produzida por Consigliere Pedroso (1851-1910), e de “Teathros”, elaborada por Jayme Victor, continuaram a vigorar nas revistas e nos anos posteriores. Ao completar cinco anos de existência e entrar para o sexto ano de publicação, a empresa continuava prometendo melhoras e inovações:

Entra hoje no seu sexto anno de publicação o *Brasil-Portugal*. Em cinco annos de trabalho consecutivo nem uma só parte do programma, com que a Revista encetou a sua existencia, deixou de ser cumprida: antes procurávamos sempre exceder o que d’uma publicação d’esto genero podem exigir os que se interessam pela arte e pelas letras. Em tantas centenas de paginas que constituem os cinco annos decorridos pode dizer-se que desfila toda a vida portugueza e toda a vida brasileira. Os nossos photographos, os nossos artistas, os nossos escriptores, deixaram aqui, através da objectiva, da pena e do lapis, a impressão de todos os conhecimentos n’este longo prazo decorrido. Entramos no sexto anno, e o enthusiamos com que começámos, está vivo, não arrefeceu em nós, antes se completa com o proposito feito de aperfeiçoarmos, de desenvolvermos, de melhorarmos. Ha progressos a fazer, há innovações a introduzir. Deante de nenhum obstáculo recuamos para podermos corresponder ao favor publico, ás sympathias com que desde o primeiro numero o *Brasil-Portugal* foi acolhido pelo publico dos dois paizes que falam mesma lingua. De ambos elles solicitamos apenas que continuem, com o mesmo sincero fervor, a receber e a honrar o *Brasil-Portugal* agora que ele vae começar o sexto anno da sua publicação (O BRASIL-PORTUGAL..., 1904, p. 399).

Em relação aos anos posteriores do periódico, ainda que ultrapassem o recorte temporal deste trabalho, há algumas questões pertinentes a se destacar. A partir de 1908, na capa da *Revista Brasil-Portugal*, passam a figurar como proprietários os nomes de Jayme Victor e Lorjô Tavares, bem como Augusto de Castilho é intitulado apenas de diretor. Contudo, não se sabe o motivo dessas alterações e como isso vigorou no comando da empresa.

Na edição de nº 282, do dia 16 de outubro de 1910, passados alguns dias da implantação do regime republicano em Portugal – proclamada em 5 de outubro de 1910 – na capa da empresa *Brasil-Portugal* (Figura 34), intitulada de “República Portuguesa”, consta um retrato do Presidente do governo provisório, o poeta e político Teófilo Braga, que permaneceu um ano nesse cargo. Posteriormente foram publicadas imagens de ministros, membros do governo provisório, com uma pequena biografia sobre cada sujeito. Há também diversas fotos para ilustrar a “Revolução Republicana em Lisboa”, seguida da publicação do hino republicano português, composto por Alfredo Reil (1850-1907) e da poesia de Lopes de Mendonça (1856-1931) que conclamava a lutar pela pátria. Nas últimas páginas da *Revista* foi destinado um espaço para a vinda do marechal Hermes da Fonseca (1855-1923) em Lisboa, na época presidente do Brasil, que desembarcou poucos dias antes do movimento republicano estourar.

Nas edições posteriores, referente ao ano de 1910, prosseguem os textos em razão da República Portuguesa. Seja sobre a cobertura de acontecimentos, como a viagem ministerial ao norte, seja sobre a cerimônia de entrega das credenciais depois da Proclamação da República. Levanto essas questões dado que, na ficha histórica assinada por Rita Correia, publicada junto ao acervo digital da *Revista Brasil-Portugal*, a autora afirma que a empresa *Brasil-Portugal* conheceu dois momentos distintos durante o seu programa editorial: primeiro, como veículo de informação geral e entretenimento e, posteriormente, com a implantação da República, como plataforma de oposição:

Ainda que os directores e a redacção da *Brasil-Portugal* afirmem a sua independência política com alguma insistência e até redundância (editoriais de abertura de cada ano), a simpatia pelo regime monárquico vai-se revelando no tempo e de modos diversos. As crónicas que têm por objecto os progressos do movimento republicano e aos principais líderes do Partido Republicano Português são temperadas com uma agressividade ou com acidez irónica crescentes. (CORREIA, 2009, p. 2).

Há crônicas e artigos que fazem alusão a discussões polêmicas que perduraram na transição do regime monárquico para o republicano. Nas edições de 1 e 16 de dezembro de

1910, por exemplo, há críticas em relação à mudança das cores da bandeira portuguesa, sugerindo que “[...] conserve-se a bandeira verde e encarnada como pavilhão da república e seja a bandeira azul e branca a bandeira da pátria”. (A BANDEIRA..., 1910, p. 342). Para o autor do texto não se tratava de justificar uma bandeira qualquer com quaisquer cores, mas é que para ele uma bandeira da pátria deveria ser aquela consagrada por muitos séculos, não desprezando os antepassados que a legaram.

Figura 34– Theophilo Braga na capa da Revista *Brasil-Portugal* (1910)



Fonte: (BRASIL-PORTUGAL..., 1910, s.p).

Apesar das críticas em relação à separação da Igreja do Estado, as leis de imprensa ou atos eleitorais (cf. CORREIA, 2009, p. 2), não se pode generalizar e afirmar que a *Revista Brasil-Portugal* era um veículo de oposição ao governo republicano. É preciso levar em consideração que a propaganda republicana¹²³ foi perpetuada estrategicamente em alguns eventos históricos, inclusive, nas comemorações camonianas que demarcaram o III Centenário da morte de Luís de Camões (1524-1580) – decorridas na Sociedade de Geografia de Lisboa, onde o comandante Augusto de Castilho foi sócio por muitos anos – e que contou

¹²³ Segundo Angela de Castro Gomes, “[...] tanto no Brasil quanto em Portugal, a propaganda republicana desenvolveu-se entre uma elite política e intelectual, cada vez mais crítica ao regime monárquico, sobretudo nas últimas décadas do século XIX” (2009, p. 4).

com uma comissão formada por indivíduos que faziam parte do Partido Republicano Português (Partido Democrático) e que, ao mesmo tempo, foram também colaboradores do periódico como Teófilo Braga, Ramalho Ortigão e Pinheiro Chagas (que, diga-se de passagem, foi secretário de redação da *Brasil-Portugal* e trabalhou como colaborador durante anos ao lado de Jayme Victor no jornal *Paiz* e no *Correio da Manhã*). Vale salientar também que Consigliere Pedroso – responsável pela seção de “Política Internacional” da *Revista* – foi eleito deputado representando o PRP antes da Proclamação da República. Foi ele “[...] um dos principais fomentadores das relações luso-brasileiras no período, divulgando com verdadeira obstinação suas ideias na imprensa periódica da época [...]” (MÜLLER, 2011a, p. 154), visando aproximar os dois países.

Por isso, não se pode afirmar que a empresa *Brasil-Portugal* era um veículo de oposição ao regime republicano, uma vez que havia colaboradores que representavam o PRP circulando e produzindo nos mesmos espaços que os diretores, tanto na *Revista*, quanto em outros periódicos. E, também, por outro lado, ainda que em alguns momentos o periódico faça exaltações a figuras políticas que representavam a República Brasileira no decorrer das publicações – como foi o caso da edição em que cobriu a recepção de Hermes da Fonseca a Lisboa – não se pode concluir que esse periódico apenas promovia o sistema republicano. Vale ressaltar que essa exaltação é algo que intriga Fernanda Müller (2011a, p. 128), pois segundo ela não haveria benefício nenhum em promover a República/imprensa brasileira, dado que “[...] a implantação da República brasileira em nada contribuiu para o ‘estreitamento’ das relações luso-brasileiras [...]”.

Em contrapartida, penso que a empresa *Brasil-Portugal* procurava se aproximar, independentemente de regimes, daqueles que detinham o poder e que de algum modo poderiam trazer benefícios para o periódico, independentemente se fosse homenageando republicanos ilustres ou tradicionais monarquistas. O importante era agradar ao segmento economicamente potencializado que fosse ao encontro de suas demandas e que, de alguma forma, investisse naquele editorial que girava em torno de uma cultural liberal e burguesa.

A aproximação poderia render bons investimentos para a empresa, tanto por meio dos anúncios, quanto por outros privilégios que, de alguma forma, facilitassem os meios de circulação da revista. Ademais, ainda que o rompimento das relações diplomáticas, em 1894, e o sentimento antilusitano perpetuado no início do século XX¹²⁴, tenham fomentado mal-estar

¹²⁴ De acordo com Ricardo Luiz de Sousa (2007, p. 147), o sentimento antilusitano, motivado por fatores econômicos, culturais, políticos, derivado tanto do estranhamento e da alteridade quanto da semelhança, esteve presente desde o período colonial, consolidando-se no período da Independência do Brasil e prosseguindo até a

e deixado resquícios entre os imigrantes portugueses e os brasileiros, as relações luso-brasileiras continuaram a ser mantidas, especialmente, no interior das *Revistas* onde o número de colaboradores e agentes brasileiros só aumentava com o passar dos anos, conforme evidenciado em linhas anteriores.

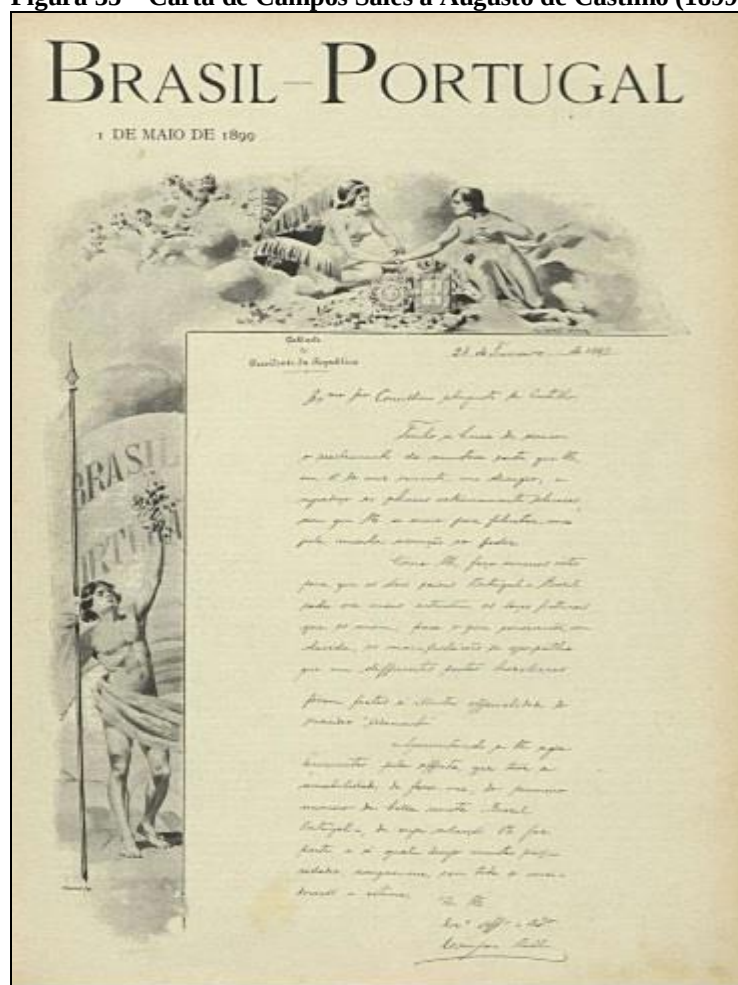
Um episódio importante a mencionar é quando, em 21 de fevereiro de 1899, o então presidente do Brasil, Campos Sales¹²⁵, envia um manuscrito feito de próprio punho, agradecendo o recebimento da carta de Augusto de Castilho¹²⁶ pelas “phrases extremamente delicadas com que [não legível] se serviu para felicitar-me pela minha ascensão ao poder” e pelo envio do primeiro número da *Revista Brasil-Portugal*, desejando que “[...] os dois países Portugal e Brasil cada vez mais estreitem os laços fraternais que os unem [...]” (BRASIL-PORTUGAL..., 1899, p. 5). Esse trecho da carta (Figura 35), publicado na edição número 7, de 1º de maio de 1899, demonstra que, mesmo durante e após o restabelecimento das relações diplomáticas, brasileiros e, sobretudo, portugueses esforçavam-se para estreitar os laços fraternais entre os dois países, na difusão da promoção da amizade luso-brasileira que, nesse caso, foi selada por meio de um projeto editorial, orientado pelo progresso e modernização, e imbuído de intencionalidades e propósitos transpostos em interesses comerciais, frente ao modelo de civilização eurocêntrico que se desenhava na época.

virada do século XIX para o início do século XX.

¹²⁵ Filiado ao Partido Republicano Paulista (PRP), em 1º de março 1898 assumiu a presidência da República, permanecendo no cargo até o ano de 1902.

¹²⁶ Na primeira edição da *Revista Brasil-Portugal*, Augusto de Castilho dedica uma página do periódico para relatar a trajetória de Campos Sales até a sua chegada na presidência do Brasil.

Figura 35 – Carta de Campos Sales a Augusto de Castilho (1899)



Fonte: (BRASIL-PORTUGAL..., 1899, p. 5).

A partir de 1 de abril de 1911 a *Brasil-Portugal* deixa de ser impressa pela Companhia Nacional Editora e passa a contar com a tipografia do Anuário Comercial. Em 1 de maio de 1911, altera-se também o editor da revista que, no lugar de Carlos de Magalhães Burguete, assume Manuel Pedro da Silva. Não se sabe o motivo das mudanças, pois não há pistas que indiquem o motivo dessas alterações.

No dia 30 de março de 1912, Augusto de Castilho vem a falecer. Na edição de 1 de abril do mesmo ano a *Revista Brasil-Portugal* homenageia o comandante com uma matéria de capa, bem como reproduz um artigo composto por Jayme Victor, na época em que Castilho foi nomeado ministro da Marinha e do Ultramar, em 1908. Na edição posterior há várias páginas dedicadas ao comandante, com registros fotográficos da época em que era guarda-marinha, e quando mais maduro, com um de seus netos e com sua família. Foram também publicados poemas de autoria do comandante e diversas fotos do seu funeral. Os artigos perduraram entre lembranças que o congratulam como herói e seus últimos suspiros que o

agonizariam até o leito de morte. Em 1914 foi homenageado postumamente ao batizarem um navio de guerra português em seu nome, o NRP Augusto de Castilho.

Logo após a morte de Augusto de Castilho a *Revista* passou por algumas mudanças editoriais. O nome de Castilho passa a figurar como fundador e não mais como diretor. Manoel Pedro da Silva (?-?) deixa de ser o editor do periódico, entrando em seu lugar Carlos Abreu (?-?). Quem assume como chefe do escritório do *Brasil-Portugal* foi J. Nunes de Freitas que, segundo Rita Correia (2009), produziu crônicas e artigos pautados em críticas ao regime em vigor. Percebe-se que ao assumir o escritório, as matérias que fazem alusão a incursão monárquica se perpetuam no impresso de maneira mais velada. Não obstante, os artigos que condecoram a República Brasileira e suas figuras políticas continuaram a serem publicados.

A partir da edição nº 331, de 1 de novembro de 1912, João de Vasconcellos (?-?) assume a direção da empresa, ao lado de Jayme Victor e Lorjô Tavares. É também publicada na capa da *Revista* uma lista de colaboradores efetivos em que integram somente portugueses, a saber: Padre Alvares de Almeida, Antonio do Valle e Sousa, Conde de Esperança, E. Severim de Azevedo (Crispim), Ferreira Mendes, D. Jorge de Menezes, J. Nunes de Freitas, Luiz Trigueiros e D. Maria O'Neill. Por meio dessa edição Jayme Victor começa a publicar uma seção intitulada de “Cartas do Rio de Janeiro”, quando passa a residir na capital fluminense. Inclusive, em um artigo Jayme Victor faz considerações importantes acerca dos jornalistas portugueses que desembarcaram no Rio de Janeiro à trabalho pela imprensa. Dentre os nomes citados, inclui ele próprio, Lorjô de Tavares, Augusto de Castilho e João de Vasconcellos para confirmar que todos foram acolhidos como colaboradores pelo *Jornal do Brasil*, periódico este que apoiou a República. Através da lista de nomes, Jayme Victor conclui que: “[...] todos os extinctos partidos de monarchia têm no Rio de Janeiro representantes-reliquias. Que é grande tambem o contingente de republicanos que trocaram Portugal pelo Brasil. E concluem o resto todos os que queiram applicar um pouco de observação aos phenomenos sociaes”. (CARTAS..., 1913, p. 274).

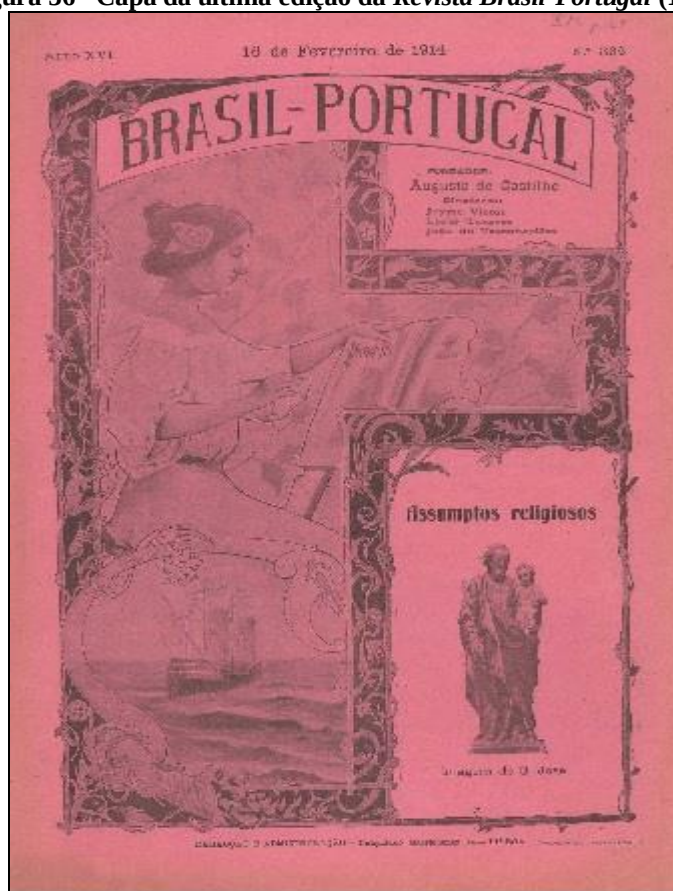
Apesar da promessa de continuidade, a *Brasil-Portugal: revista quinzenal illustrada* fechou suas portas com a publicação do último volume (Figura 36)¹²⁷, de nº 362, em 16 de fevereiro de 1914, finalizando 15 anos de publicações, “[...] archivando nas suas paginas tudo quanto possa ser agradável aos que distinguem o “Brasil-Portugal” com sua amizade, tudo

¹²⁷ É interessante salientar que o sitio da Hemeroteca Digital registra como última edição da *Revista Brasil-Portugal* o número 361, publicado em 1 de fevereiro de 1914. Contudo, no sítio da Casa Comum, da Instituição Fundação Mário Soares, está publicado na íntegra o nº 362. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=07043.011#>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

quanto possa honrar as tradições do paiz e as suas crenças religiosas” (15 ANNOS..., 1914, p. 2).

Não se sabe o motivo do seu encerramento, mas folheando o nº 362 percebe-se a diminuição considerável do número de correspondentes da *Revista* e de espaços vagos no lugar dos anúncios que antes preenchiam muitas páginas. Nota-se também que os valores do periódico, quando comparados com a tabela de preços do ano de 1901, foram reduzidos significativamente. No Brasil, pela moeda brasileira, o valor da assinatura anual era de 14\$000 réis e o número avulso custava 600 réis. Em Portugal, Ilhas e África o valor fixado anual era de 3\$600 réis, o de 6 meses 1\$900 réis, o de 3 meses 1\$000 réis e o avulso 200 réis. No estrangeiro¹²⁸ – que naquela altura tinha apenas um correspondente na Califórnia (EUA), o anual custava 4\$200 e o de 6 meses 2\$200. Contudo, mesmo com os preços reduzidos não foi possível manter o impresso. É importante também frisar que a *Revista Brasil-Portugal* parou de publicar poucos meses antes de eclodir a Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Figura 36– Capa da última edição da Revista Brasil-Portugal (1914)



Fonte: (DBG, 1914, n.p).

¹²⁸ Apesar de ser um país estrangeiro para Portugal a *Revista* indicava separadamente, desde o início das publicações, os valores da assinatura e o número avulso para o Brasil. Nos últimos anos do periódico a empresa continuou a utilizar a designação de “Estrangeiro” para dispor dos preços das revistas para outros países, exceto para o Brasil e a África, que passou a ter o mesmo valor venda correspondente a Portugal.

Assim, a *Brasil-Portugal* serviu por muitos anos de plataforma para propagar os valores e tradições lusitanas, além de estabelecer as relações luso-brasileiras, através da manutenção do *status quo* que, orientado por uma cultura liberal, buscava estreitar os laços entre duas “nações irmãs”, tendo a língua comum como seu principal elo. Para tanto, a transmissão e circulação de ideias elucidadas na *Revista* eram de fundamental importância para a constituição da modernidade política e de uma identidade nacional¹²⁹ que se forjava em Portugal e no Brasil, junto a ideia de progresso.

Além disso, como atenta Ana Maria Mauad (2006, p. 373-374), no interior das revistas ilustradas os proprietários, bem como os intelectuais associados a ela que detinham de um grande controle do capital simbólico, buscavam ampliar a audiência de seus veículos para, conseqüentemente, garantirem o seu lugar na dinâmica social entre as elites culturais da época. Nessa perspectiva, as redes de sociabilidade, engendradas no decorrer dos periódicos aqui estudados, podem ser consideradas fundamentais para a manutenção dessa dinâmica.

3.2 ***O Almanach Illustrado do Brasil-Portugal: um projeto anexo a Revista Brasil-Portugal?***

Como foi visto, em linhas anteriores, o *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* surgiu, *a priori*, como um brinde anual aos assinantes da *Revista Brasil-Portugal*, o que depois viria a se tornar o Número Extraordinário, lançando em abril de 1900, como edição comemorativa em face ao IV Centenário de Descobrimento do Brasil:

[...] Assim, pôz de parte a primitiva ideia que consistia em offerecer como brinde o *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*, que por estes dias sae dos prélos da Companhia Nacional Editora. Apesar de ser este almanach unico no seu genero, uma novidade no nosso mercado litterario impresso em papel de luxo, com o calendario de Portugal e do Brasil, cerca de 500 gravuras, intercalladas no texto sempre interessante e variado, resolveu a impresa pôr á venda as duas edições já anunciadas d’este precioso volume e preferiu dar para brinde o **Numero Extraordinario**. Esta preferencia representa, como é facil de vêr, um verdadeiro sacrificio para a empresa, que a nenhum deseja poupar-se para mostrar a todos os seus assignantes o reconhecimento que lhes deve pelo exito cada vez maior d’esta illustração. (O BRINDE..., 1900, p. 1-2, grifos no original).

¹²⁹ Para Ricardo Luiz de Souza (2007, p. 18-23), as identidades nacionais são ritualizadas e ligadas a valores vinculados por pais fundadores que as encarnam como símbolos, na perspectiva de reverenciar um passado. Sendo assim, determinados símbolos e discursos são selecionados e elaborados propositalmente, no intuito de serem enquadrados em um corpo de tradições que atuam, finalmente, como elementos estruturantes na formação de identidade. Logo, essas identidades são construções discursivas, não estáticas e permanentemente reformuladas, ou seja, “[...] nascem de uma imagem construída, não verificável e não empiricamente demonstrável” (SOUZA, 2007, p. 25).

Os almanaques foram produzidos na redação do *Brasil-Portugal*, localizada na Rua Ivens, dirigidos pelo mesmo corpo diretivo inicial da *Revista* e impressos pela Tipografia Nacional Editora em janeiro de 1900, com cerca de 150 páginas composta por textos e ilustrações. Vale ressaltar que além do *Almanach*, a Companhia Nacional Editora também imprimia outras publicações consagradas na época, a exemplo da *Revista Brasil-Portugal*, *Almanach Bertrand*, *Perfis Contemporâneos*, *Portugal Agrícola* e *Mala da Europa* (antigo jornal de grande formato ilustrado, destinado ao Brasil). Considerada uma das oficinas mais completas de Portugal, conforme consta nas seções de anúncios dos próprios almanaques, a empresa ganhou uma medalha de ouro, três de prata e quatro de bronze na famosa exposição de Paris, ocorrida em 1900. Leva-se a crer que o projeto editorial buscava investir em técnicas inovadoras que prezavam pela qualidade dos periódicos *Brasil-Portugal*. Afinal, nesse período os impressores e editores se empenhavam na busca de aperfeiçoamentos no prelo e na fabricação de papel para produzir e atender com maior rapidez a demanda de leitores. (BRAGANÇA, 2005).

O primeiro volume do *Almanach Ilustrado do Brasil-Portugal* (Figura 37) contou com a presença de vários colaboradores, especialmente, de ascendência portuguesa, a saber: Abel Botelho, Eça de Queirós, Visconde de Faro e Oliveira, Guilherme Gama, Guerra Junqueiro, António Ennes, Sousa Viberto, Pinto de Carvahô, Alfredo da Cunha, Silva Pinto, Fialho d'Almeida e Ramalho Ortigão. No que condiz aos colaboradores brasileiros, destaca-se alguns nomes, tais como: Adelina Lopes, Valentim Magalhães, Aurea Pires, Fontoura Xavier, Olavo Bilac, Nuno de Andrade e Garcia Redondo. Embora em menor quantidade, havia também outros colaboradores estrangeiros, a exemplo dos franceses Élisée Réclus, Anatole France, Paul Bourget e do italiano Edmondo de Amicis.

Figura 37– Capa do *Almanach Ilustrado do Brasil-Portugal* para 1900



Fonte: Almanach Ilustrado do Brasil-Portugal para 1900 por Augusto de Castilho, Jayme Victor e Lorjô Tavares. (1900, n.p).

Por meio dessa lista de colaboradores portugueses e brasileiros percebe-se que, além de dividir o mesmo espaço físico da redação e ter sob a sua direção Augusto de Castilho, Lorjô Tavares e Jayme Victor, alguns colaboradores da *Revista Brasil-Portugal* como Abel Botelho, Eça de Queirós, Visconde de Faro e Oliveira, Valentim Magalhães, Silva Pinto, Pinto de Carvalho, Ramalho Ortigão e Olavo Bilac também figuraram as páginas do *Almanach*. O diretor artístico do *Almanach*, Augusto Pinna, assim como o secretário da redação, Álvaro Pinheiro Chagas tiveram os mesmos cargos e funções que já ocupavam na *Revista Brasil-Portugal*, no início do ano de 1900. Com isso, acredita-se que o *Almanach Brasil-Portugal* surgiu como um “projeto” anexo a *Revista Brasil-Portugal*, ao passo que seus diretores, secretário e parte de seus colaboradores foram oriundos do periódico quinzenal.

Ao contrário dos volumes posteriores, o primeiro ano não teve muita repercussão por parte da imprensa e nem tampouco foi propagada na página de anúncios no espaço da *Revista Brasil-Portugal*, dado que a empresa era a principal interessada em divulgar os seus impressos para atrair mais leitores. Naquele momento o periódico estava focado em divulgar o número comemorativo relativo ao IV Centenário do Brasil, de forma que foi encontrada apenas uma nota sobre o *Almanach Ilustrado do Brasil-Portugal*, publicada pelo *Correio Mercantil* de Pelotas (RS) e reproduzida pela *Revista* em 1º de junho:

[...] Accusando a recepção d'este bello almanach, diz o *Correio Mercantil*, de Pelotas: “A empresa da notavel Revista *Brasil-Portugal* que se publica em Lisboa sob direcção de Augusto de Castilho, Jayme Victor e Lorjô Tavares, e que tão conhecida é em todo o Brasil, acaba de publicar o *Almanach* que tem aquelle titulo, e do qual agradecemos o exemplar que temos á vista. É uma verdadeira novidade litteraria e artistica, um livro interessantíssimo, em papel de luxo, com mais de 150 paginas, 200 gravuras, folhinha portugueza e brasileira, com originalissimo juizo do anno, primorosa capa a cores do pintor portuguez A. Ramalho, colaboração e retratos de escriptores portuguezes e brasileiros, caricaturas, anedoctas, indicações uteis aos dois paizes, contos, modas, etc. Esta novidade litteraria que acaba de fazer grande sensação em Portugal, custa apenas... 2\$000 réis da nossa moeda, nas livrarias e na agencia do *Brasil-Portugal*, que é a Livraria Americana dos srs. Carlos Pinto & C.^a, Sucessores”. (ALMANACH..., 1900a, p. 3, grifos no original).

Ao realizar uma comparação entre os valores no Brasil do *Almanach* – ofertado por 2\$000 réis¹³⁰ – e o preço do número avulso da *Revista Brasil-Portugal* – vendida por 2\$500 réis, em 1900, nota-se que apesar de ser mais volumoso, impresso em papel de luxo com dimensões de 16,5 x 23,5 cm e com muitas ilustrações, era menos oneroso ao público leitor que o periódico quinzenal. O valor do anuário aproximava-se, em certa medida, das edições suntuosas dos almanaques Garnier ou da Laemmert que custavam entre 3\$000 réis a 5\$000 réis ao consumidor (cf. EL FAR, 2004). Por outro lado, o Número Extraordinário foi ofertado por um valor ainda menor que os outros dois impressos, isto é, pelo custo de 1\$300 réis. Somente no ano seguinte que, com a redução dos valores das assinaturas, o exemplar avulso da revista foi equiparado ao preço do *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*. No entanto, é importante ressaltar que para os assinantes da *Revista Brasil-Portugal*, os almanaques foram oferecidos como brinde, sem custo adicional.

Nos primeiros anos da República Brasileira um trabalhador pobre teria que gastar, em média, um terço do que ganhava em um dia de serviço para conseguir comprar um romance de sucesso. Já um profissional mais qualificado tinha uma maior margem de gastos, “[...] podendo adquirir ao longo do mês bem mais do que um exemplar” (EL FAR, 2010, p. 96). Apesar de Alessandra El Far estar se referindo aos livros e ao fato desses, aos poucos, deixarem de ser algo atrelado ao saber erudito e passarem a ser vistos também como entretenimento, é pouco provável que o *Almanach* tenha conseguido atingir as classes menos abastadas, tendo em vista o alto índice de analfabetismo em relação aos menos favorecidos e o valor atribuído a esses impressos.

¹³⁰ Segundo Jorge Americano (1957), na cidade de São Paulo, este valor era equivalente ao preço de duas dúzias de ovos.

Em relação ao *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* para o ano de 1901 é possível encontrar mais pistas sobre o seu processo de produção, divulgadas no interior da *Revista*. Sob o pretexto de ser produzido um segundo volume pelo êxito dado no primeiro, na edição de 1º de agosto de 1900, o periódico chama atenção de seus leitores para informar que o *Almanach* publicaria anúncios no texto e na seção respectiva, que poderiam ser entregues na administração da *Revista*, em Lisboa, ou nas agências no Brasil, Portugal e África, até o dia 31 de outubro. Isso demonstra que os anúncios não ficariam restritos apenas para empresas portuguesas, de modo que as brasileiras também teriam espaço para anunciar no periódico. Com a promessa de grandes surpresas artísticas e literárias, o anuário se propôs a atingir a tiragem entre 40 a 50:000 exemplares, garantindo espaço para os anunciantes realizarem a propaganda de seus artigos:

[...] O *Almanach do Brasil-Portugal para 1901*, será, sob o ponto de vista artístico, uma verdadeira novidade. Mais de 350 gravuras, todas inéditas, ornamentarão as paginas, que, litteraria e artisticamente, constituirão uma verdadeira surpresa para os leitores. Algumas d'essas paginas serão a côres. O *Almanach do Brasil-Portugal para 1901*- do formato do almanach de 1900, - formará um volume de perto de 500 paginas, collaboradas pelos escriptores mais distinctos e pelos artistas mais afamados. A edição será toda feita em papel de luxo, mandado expressamente fabricar para ella. A sua tiragem attingirá a 40 a 50:000 exemplares, o que reserva ao annunciante uma larga propaganda em todo o Brasil, como em Portugal, ilhas e Africa. O *Almanach do Brasil-Portugal* será oferecido como brinde aos srs. Assignantes da *Revista Brasil-Portugal*. (ALMANACH..., 1900b, p. 1, grifos no original).

Sob o mesmo corpo diretivo do primeiro volume, impresso em novembro de 1900, nas oficinas da Companhia Nacional Editora, e dirigido sob compilação de Arnaldo Fonseca – que na época era colaborador artístico da *Revista Brasil-Portugal*, e edição de José Antonio Sanches, para o segundo volume do *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* colaboraram também Ramalho Ortigão, Gomes Leal, D. João da Camara, Fernando Mendes de Almeida, Brito Aranha, Arthur de Azevedo, Antonio Ennes, Eugenio de Castro, Garcia Redondo, Coelho Netto, Alberto de Oliveira, Ernesto Senna, Carlos Dias Fernandes e Anselmo de Andrade, entre outros escritores que participaram do *Almanach* anterior e/ou já colaboravam com a *Revista*.

Posto à venda na primeira quinzena de dezembro, com um pouco mais de 250 páginas e cerca de 500 gravuras, o *Almanach* para o ano de 1901 (Figura 38) foi aberto pela seção “Juízo do Anno”, produzida por Fialho d’Almeida e ilustrada pelo caricaturista Jorge Collaço. Com capa impressa a cores em uma elegante cartolina colorida, “[...] fingindo a encadernação

d'um velho codice medieval”, podia-se encontrar diversas ilustrações, especialmente de artistas portugueses, expressamente feitas para essa publicação (ALMANACH..., 1900c, p. 2).

O universo gráfico era de suma importância para os impressos ilustrados, tendo algumas vezes o ilustrador uma atuação mais relevante que o próprio redator. De acordo com Ana Luiza Martins o ilustrador era um “ [...] profissional no momento, a serviço da imagem, sua presença era imprescindível, fosse por reproduzir as novas técnicas ou por qualificar a publicação com seu traço, garantindo colocação no mercado”. (MARTINS, 2008, p. 184).

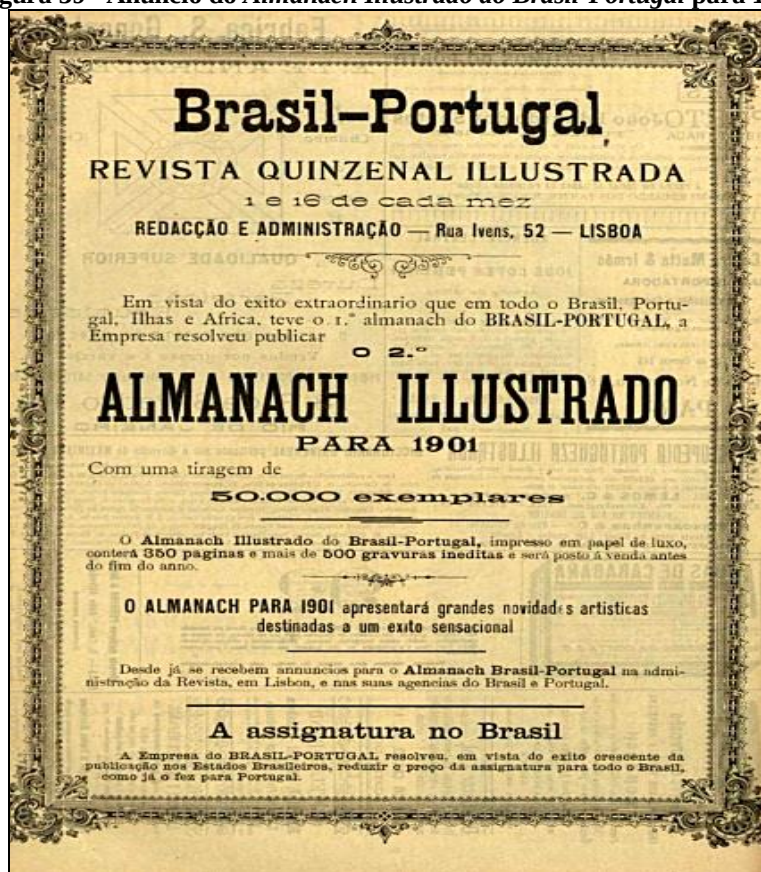
Distribuído também como um brinde aos assinantes a empresa enaltecia esse impresso, considerando-o como “ [...] uma primorosa publicação artística, em que figuram illustracções de alguns dos nossos primeiros pintores, expressamente feitas para o *Brasil-Portugal*”. (ALMANACH..., 1900d, p. 1). Inclusive, quando ocorreu o atraso na distribuição de dois números do periódico quinzenal, a *Revista* chega a emitir uma nota aos assinantes pedindo desculpas e motivando como causa a grande tiragem – 50 mil exemplares (Figura 39) – que teve que ser feita do *Almanach* para 1901. Isso demonstra o investimento da empresa no almanaque que naquele momento concentrava-se em realizar a sua divulgação.

Figura 38– Capa do *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* para 1901



Fonte: *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* para 1901 por Augusto de Castilho, Jayme Victor e Lorjô Tavares. (1901, n.p).

Figura 39– Anúncio do *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* para 1901



Fonte: (BRASIL-PORTUGAL..., 1900, p. 10).

Para propagar a sua divulgação e tentar atrair mais leitores, a *Revista Brasil-Portugal*, de número 46, adotou como tática o envio de exemplares do almanaque para algumas redações jornalísticas e a reprodução de críticas positivas da imprensa portuguesa sobre a recepção do *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*, publicados em uma das seções do próprio periódico quinzenal, denominada de “opinião dos jornaes de Lisboa”. Abaixo destaco algumas dessas opiniões que, diga-se de passagem, culminavam em elogios ao ilustrado:

Acabamos de receber o *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal para 1901*, que é um elegantissimo livro, primor de impressão e repositório das illustrações mais artisticas. Agradecemos os exemplares que nos enviaram e mais minuciosamente nos referiremos a elle. O almanach abre com opinião de 46 dos mais distinctos prosadores e poetas sobre o anno que vae começar. (*Do Diario de Noticias*). (ALMANACH..., 1900c, p. 1, grifos no original).

Recebemos o *Almanach do Brasil-Portugal para 1901*, um interessantissimo volume, primorosamente impresso e collaborado pelos mais distinctos escriptores da actualidade. A falta de espaço inhiibe-nos de referir aos nossos leitores as bellezas que encerra o esplendido almanach, belezas litterarias de primeira ordem. Brevemente, cumpriremos este gostoso dever. Entretanto, recommendamos o almanach a todas as pessoas de bom gosto, e felicitamos calorosamente os nossos excellentes collegas do *Brasil-Portugal* – a primorosa revista illustrada que tão grande e justa acolhida tem tido – pela

sua nova e soberba publicação. (*Do Correio da Noite*). (ALMANACH..., 1900c, p. 2).

É o segundo almanach ilustrado publicado pela empresa do *Brasil-Portugal*, e tão interessante como o seu antecessor, póde justamente considerar-se como uma das melhores publicações do genero. O texto, muito cuidado e primoroso, insere um *Juizo do anno* chistoso e original, apropriado ao efeito, prosa e verso de conhecidos escriptores brasileiros e portuguezes. A parte artistica é muito variada e trabalhada com esmero, evidenciando-se a linda capa da publicação illustrada por Alfredo de Moraes, um talentoso desenhista, que dia a dia, affirma os seus creditos com produções similares. Agradecendo o exemplar que nos foi enviado, de justiça é o recommendarmos tão interessante e útil almanach, que revela aprimorado gosto artistico, a par d'uma factura litteraria digna de menção. (*Da tarde*). (ALMANACH..., 1900c, p. 2).

Acabamos de receber um esplendido almanach editado pela empresa da Revista *Brasil-Portugal*, bellamente impresso e contendo, esparços por um texto escolhido e brilhante, numerosos retratos das personalidades mais eminentes de Portugal e Brasil. Vende-se ao preço de 300 réis em todas as livrarias. (*Do Seculo*). (ALMANACH..., 1900c, p. 2).

No que diz respeito à imprensa brasileira, ao pesquisar no acervo periódicos da Hemeroteca Digital do Brasil, entre o período de 1899 a 1909, não foi encontrada nenhuma menção ao *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*. Todavia, a *Revista Brasil-Portugal* (1901, p. 1), número 47, afirma que para várias cidades do Brasil foram expedidos, nos últimos vapores, 30 mil almanaques, conforme os pedidos dos correspondentes do periódico. Vendido ao preço de 300 réis em Portugal, o impresso que estava disponível em livrarias e agências da empresa, já divulgava a produção e o recebimento de anúncios para o ano de 1902. Nas seções de anúncios da *Revista Brasil-Portugal* (Figura 40), de número 51, o periódico quinzenal era anunciado junto ao anuário que, naquele momento, mudava de endereço a sua redação para a Rua do Carmo. As inscrições do almanaque poderiam ser realizadas na sede da *Revista*, em Lisboa, ou nas suas agências de Portugal, Brasil e Lisboa. Desse modo, o *Almanach Brasil-Portugal* convertia-se também em uma estratégia de venda da *Revista*, seu principal instrumento de publicidade, beneficiando reciprocamente os dois impressos, dado que as suas respectivas propagandas estampavam em ambos periódicos.

Figura 40– Anúncio de preparação do *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* para 1902

BRASIL-PORTUGAL
Revista litteraria illustrada, quinzenal
 MEDIA 50 GRAVURAS POR NUMERO
 litteratura, sciencia, viagens, modas, chromos, a côres, etc.
 Os nomes illustres de Portugal e do Brasil
 O n.º 49, de 1 de fevereiro, abre o 3.º anno
 Consideravel redução no preço da assignatura
 Outras vantagens aos assignantes
 Rua do Carmo, 15, 1.º

ALMANACH ILLUSTRADO
 DO **Brasil-Portugal**
 Está á venda em todas as livrarias e agencias o **ALMANACH ILLUSTRADO DO BRASIL PORTUGAL** para 1901.
 EM PREPARAÇÃO:
O ALMANACH PARA 1902
 Aceitam-se desde já annuncios

Fonte: (BRASIL-PORTUGAL..., 1901, p. 7).

Embora tenha sido divulgada a preparação para 1902, o impresso demorou a sair dos prelos, de forma que até o número 76, datado em 16 de março de 1902, a *Revista Brasil-Portugal* ainda aguardava o recebimento de anúncios nos escritórios da empresa (Figura 41) – na Rua de S. Roque, que na época, era o endereço de sua redação – para o *Almanach* que agora seria para o ano de 1903, ao passo que esses impressos geralmente saíam prontos das oficinas para à venda um ano antes.

Figura 41– Anúncio do *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* para 1903

BRASIL-PORTUGAL
Almanach illustrado para 1903
 Desde já se recebem annuncios para o **ALMANACH ILLUSTRADO** do **BRASIL-PORTUGAL** para o anno de 1903.
 O almanach constará de 150 paginas com perto de 300 gravuras.
 Escritorio do **BRASIL-PORTUGAL**
 Rua de S. Roque, 125, 1.º

Fonte: (BRASIL-PORTUGAL..., 1902, p. 4).

Aguardado “com capa a côres e grandes surpresas artisticas” (BRASIL-PORTUGAL 1902, p. 7, nº 80), o *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* de 1903 (Figura 42) foi impresso

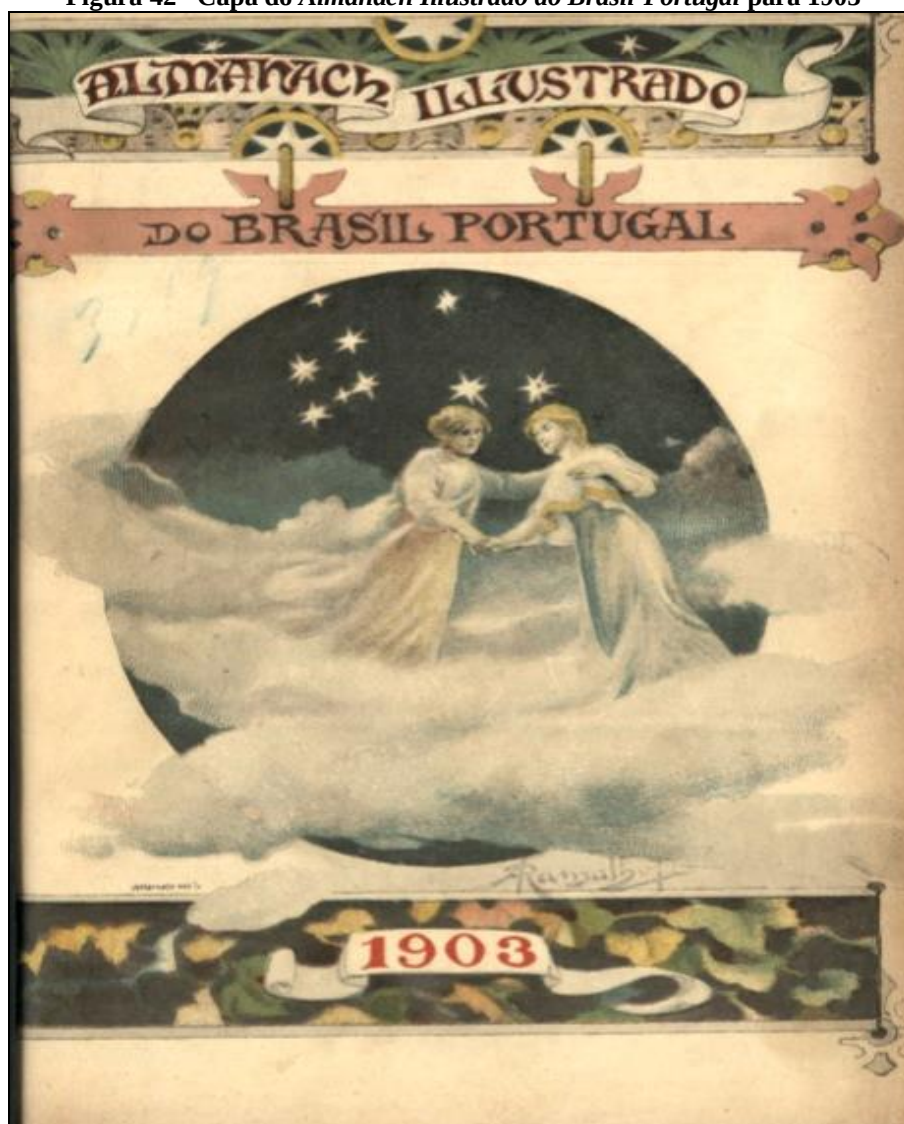
pela Companhia Nacional Editora, editado por José Antonio Sanches e veio à lume em junho de 1902. Com os mesmos diretores dos volumes anteriores, alterava-se apenas o secretário que, no lugar de Álvaro Pinheiro Chagas, assumia João Costa. Impresso em papel de luxo, com desenho de capa assinado pelo pintor António Ramalho e ilustrações de Celso Hermínio, o *Almanach* contava com cerca de 128 páginas mais os anúncios, além de 200 fotogravuras produzidas nas oficinas de Pires Marinho & Cia. As ilustrações, mesmo que muitas vezes desconexas dos textos que figuravam, preenchiam a maioria das páginas dos almanaques, o que expressa a importância do universo gráfico nesses impressos.

A colaboração variada escolhida, tanto artística, quanto literária, reunia artigos e versos de autores como Urbano de Castro, João Penha, Alberto Bramão, Fernando Leal, Guilherme Gama, Barão de Roussado, Alberto Braga, Conde de Mesquita, João da Camara, Alfredo de Mesquita, entre outros poetas e escritores estrangeiros. Na *Revista Brasil-Portugal*, publicada em 16 de agosto de 1902, a empresa apresentava o *Almanach* ao público leitor como um impresso constituído de uma “leitura ligeira, agradável e útil” que, acrescida de uma ilustração, permitia a assimilação imediata da mensagem mesmo para uma população sem tradição de leitura:

Acompanhando o calendario de 1903, dá em cada mez uma serie de receitas agricolas para pomar, horta e jardim. Publica uma centena de adivinhações, logogriphos, enigmas illustrados, charadas, bilhetes postaes, oferecendo á primeira pessoa que enviar a decifração de todos elles, um volume encadernado do 4º anno do *Brasil-Portugal*, insere vistas lindas do Brasil e de Portugal, de costumes retratos de atrizes portuguezas, contos mudos, pequenas vinhetas, caricaturas, e uma espendida pagina firmada pelo grande artista Raphael Bordallo Pinheiro, representando os primeiros interpretes do drama de Pinheiro Chagas *A Morgadinha de Valflor*, interpretes na maioria hoje já fallecidos mas que foram dos mais brilhantes mestres na nossa arte dramatica.(O NOSSO., 1902, p. 2, grifos no original).

Ainda que no final do *Almanach* de 1903 se afirme que as decifrações das charadas, logogrifos e adivinhações seriam publicadas no *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* para o ano de 1904, esse impresso não saiu dos prelos e/ou mesmo não chegou a ser produzido, dado que nas *Revistas* posteriores não há nenhuma menção a seu respeito. Dessa forma, as decifrações foram recebidas pelas páginas suplementares do periódico quinzenal *Brasil-Portugal*, oferecendo um volume encadernado com o 4º ano da *Revista*, desde o nº 73 a 96, como brinde a pessoa que enviasse primeiro todas elas.

Figura 42– Capa do *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* para 1903



Fonte: *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* para 1903 por Augusto de Castilho, Jayme Victor e Lorj3 Tavares. (1903, n.p).

Acerca da circulaça3o dos almanaques *Brasil-Portugal* n3o foram encontrados registros que façam alus3o 3 sua distribui33o pelos estados do Brasil, com exce33o das informa33es sobre a recep33o do *Almanach* pela imprensa portuguesa e brasileira, como discorrido em linhas anteriores. Nessa perspectiva, penso que uma das formas de levantar ind3cios sobre a circularidade desses impressos 3 retomar os an3ncios publicados nos tr3s anu3rios.

No primeiro volume do *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* os an3ncios foram todos centrados em Lisboa e ocupavam somente 8 p3ginas do impresso. O per3odo de sua produ33o coincide com a publica33o dos 3ltimos n3meros do primeiro ano da *Revista* que na 3poca aumentou a quantidade de representantes e correspondentes, expandindo-se em outras regi3es do pa3s, para al3m do eixo Rio-S3o Paulo.

No entanto, os anúncios só passam a ganhar mais espaço nos almanaques para o ano de 1901, aparecendo aleatoriamente entre os textos publicados e na própria “Secção de Annuncios” que contou com 63 páginas. Só que mesmo com o crescimento e a divulgação do periódico quinzenal, os anúncios voltaram-se, em sua maioria, para o Rio de Janeiro, a partir de propagandas de chapelarias, tapeçarias, artigos para dentistas, perfumarias, farmácias e drogarias, lojas de aviamentos, calçados, fábrica de cervejas, joalheiros, alfaiatarias, hotéis, entre outros. De resto, havia um número reduzido de anúncios endereçados à Manaus, São Paulo, Pará e Pernambuco que, em linhas gerais, divulgavam instrumentos musicais, hotéis, bebidas, farmácias, depósitos e fábricas. Possivelmente a escolha dos anunciantes tenha relação com as viagens realizadas por um dos diretores, Lorjó de Tavares, em razão da festa do IV Centenário de Descobrimento do Brasil, que ocorreu no então distrito federal (pouco meses antes do segundo volume do almanaque sair para o prelo), servindo também de mote para divulgar o Número Extraordinário da *Revista*. Além disso, em 1901 são anunciadas pelo diretor outras viagens com destinos para o Maranhão, Pará e Manaus. Como já salientado, as viagens de Lorjó tinham o intuito de publicizar as revistas e, em contrapartida, firmar relações com empresas que pagavam para ter um espaço reservado no empreendimento editorial. Pelo fato dos periódicos e anuários serem dirigidos pela mesma empresa, a Brasil-Portugal, possa ser que os almanaques tenham sido oferecidos e distribuídos junto à *Revista*.

No terceiro e último volume publicado os anúncios preenchem 64 páginas, mas muda-se o predomínio das propagandas dos anunciantes, que antes localizados em maior parte no Rio de Janeiro, passam a voltar-se principalmente para a cidade de Manaus. Os estados de Pernambuco, Pará e Bahia também exibiram muito mais anúncios se comparados com os almanaques anteriores, acompanhando o aumento do número de empresas propagadas na região norte pela *Revista Brasil-Portugal* em meados de 1902, período em que o *Almanach* para o ano de 1903 foi publicado. Hoteis, armazéns, depósitos, fábricas, perfumarias, aviamentos, mercearias, artigos de luxo compunham a “Secção de Annuncios” que se destinava, sobretudo, aos estados nortistas.

Portanto, supõe-se que os almanaques circularam não somente no Rio de Janeiro, mas principalmente pela região Norte do país, em justificativa do espaço reservado à essas duas regiões, ao passo que esses impressos provavelmente contavam com o apoio de empresários e comerciantes estabelecidos, sobretudo, nessas áreas geográficas. Partindo desse pressuposto, as relações luso-brasileiras também eram construídas mediante troca de interesses que eram sustentadas por um mercado editorial imbricado em redes de sociabilidade articuladas entre as intelectuais e as elites empresarias.

Assim como as revistas *Brasil-Portugal*, não se sabe o motivo desses impressos deixarem de ser produzidos, mas, sabe-se que, enquanto circularam, materializou-se o desejo de permanência de uma comunidade luso-brasileira, baseado muitas vezes no discurso civilizador europeu – que naturalizava a supremacia e a autoridade do colonizador português, como uma estratégia de domínio cultural (DUTRA, 2005; ROMARIZ, 2011). Nessa perspectiva, esses impressos traziam à baila elementos cívico-educacionais que, por intermédio da propagação de uma cultura liberal orientada para o progresso e a modernização, possibilitava a multiplicação de trocas políticas e culturais entre Portugal e Brasil, tendo a língua e o idioma comum como importante elemento de ligação e aproximação entre as duas nações.

4 DINÂMICAS DE PRODUÇÃO, SOCIABILIDADES E OFÍCIOS: O PERFIL INTELCTUAL DOS COLABORADORES DO *ALMANACH BRASIL-PORTUGAL*

Os almanaques estão entre os livros de grande circulação que compõem uma variedade de formatos, desde os mais rudimentares aos mais bem elaborados. Em meio a diversidade de formatos, públicos e conteúdos, há uma semelhança que os unem: a ideia de modernidade preconizada pela relação mítica do homem com o tempo – tempo este que se comporta na descontinuidade e na transformação, em uma equação entre passado, presente e futuro. O almanaque realiza, portanto, a fusão do jornal, da revista e do livro, reunindo notícias do presente, memórias do passado e reflexões prospectivas relacionadas com o ano vindouro (ROMARIZ, 2011, p. 13). É essa a primeira impressão que se tem do *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* ao folhear as suas páginas que são guiadas, inicialmente, pela cronologia e, consequentemente, por uma temporalidade. A segunda é que sua materialidade é extremamente complexa, por isso, é tão difícil defini-lo, pois o *Almanach* pode parecer tanto quanto popular e prazeroso, como também erudito e meticuloso. A terceira é que ele pode ser considerado um catalisador de obras e escritores, podendo agrupar uma comunidade de leitores dado que, segundo Chartier (1999), mesmo antes do século XVII, o almanaque já era tido como um gênero literário e editorial. Por esse motivo, ele é um importante instrumento na história da cultura e, por sua vez, na história cultural, tendo o intelectual mediador como a figura que transmite e conduz uma mensagem ou produto cultural através da sua materialidade.

No âmbito da história cultural é possível pensar nas diferentes práticas sociais que, ao se apoderarem de bens simbólicos e culturais, produzam usos e significados diferenciados. Ao se preocupar com as dinâmicas de produção desses bens é fundamental atentar para os fenômenos de sua “mediação”. Afinal, se os estudos da história cultural defendem que todos os sujeitos históricos são produtores de sentidos e valores – sem que haja receptores/consumidores/leitores/expectadores passivos – os mediadores também estão envolvidos nessas dinâmicas de produção, tendo em vista os seus esforços em colocar os bens culturais em contato com grupos sociais mais amplos, formando públicos, criando novos produtos culturais ou novas formas de comunicação (GOMES; HANSEN, 2016). Neste sentido, concordo com Angela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen ao afirmarem que:

[...] o intelectual que atua como mediador cultural produz, ele mesmo, novos significados, ao apropriar de textos, ideias, saberes e conhecimentos, que são reconhecidos como preexistentes. Com esses outros sentidos inscritos em sua produção, aquilo que o intelectual “mediou” torna-se,

efetivamente, “outro produto”: um bem cultural singular. (GOMES; HANSEN, 2016, p. 18).

Amparando-se no conceito de apropriação, formulado por Roger Chartier (1999, p. 77), que compreende a ideia de apropriar-se como “[...] transformar o que se recebe em algo próprio, é produzir um ato de diferenciação que se contrapõe a qualquer tentativa rígida imposta [...] é atividade de invenção, de produção de significados[...]”, entende-se que os sentidos dos bens culturais não estão imbricados somente na intenção de seus autores, mas também nas práticas de apropriação que envolvem os processos de recepção e consumo firmadas pelo público.

Sabe-se que não existe a possibilidade de texto sem a apropriação crítica dos seus leitores que completam a autoria da obra pela ação da leitura. Da mesma forma em que há sempre um autor implicado na obra, há também um leitor para quem o texto é produzido. Portanto, a mediação da leitura é de suma importância para que a obra obtenha significância completa e o leitor possa se apropriar da proposta inscrita no mundo do texto (BARBOSA, 2010; RICOEUR, 1997).

É importante ressaltar que a recepção do texto não é simplesmente mecânica e automática, ao passo que o leitor sempre realiza interpretações e reconfigurações da obra, transformando a leitura em uma nova interpretação/significação. Cada leitor entende de forma distinta os sinais do texto, apropriando-se e construindo leituras diversas do periódico a fim de adentrar no universo particular daquelas páginas.

Os intelectuais mediadores têm o papel de se comunicar com o público, seja dirigindo-se a um público de pares, seja comunicando-se a um público não especializado, isto é, empenhando-se no uso de linguagens e estratégias que corroborem para a recepção de sentidos aos bens e práticas resultantes de sua atividade. De acordo com Gomes e Hansen (2016) trabalhar com os intelectuais mediadores traz implicações. Uma delas é atentar para as diversas funções e posições acumuladas ao longo das suas trajetórias profissionais. É, portanto, por meio dessa via que esta seção pretendeu se guiar. A partir da produção de um quadro que remonta a trajetória dos colaboradores do *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*, realiza-se uma análise visando articular os intelectuais e os lugares de sociabilidade, bem como suas produções intelectuais e mediações culturais por eles preconizadas.

Esse caminho incide na reflexão de Chartier (2002) acerca da importância de considerar os documentos não apenas pelas informações que nos fornecem, mas também pela condição em que são produzidos e por suas utilidades estratégicas. Assim, atentarei tanto para a organização discursiva quanto ao material dos almanaques *Brasil-Portugal*, “[...] incluindo

as representações, as formas, a materialidade e as práticas concretas do ato de ler” (CHARTIER, 2002, p. 316).

No entanto, é importante ressaltar que construir itinerários não se trata de mencionar linearmente as etapas e formação da vida de um determinado indivíduo, mas a percepção da construção do intelectual em múltiplas dimensões espaço-temporais. Segundo Cláudia Alves (2012), para Sirinelli, a análise das trajetórias de intelectuais contribui também com “[...] uma observação comparada de caminhos oriundos de uma matriz comum” (1999, p. 19), sobretudo, nos casos em que os itinerários de intelectuais se entrecruzam e apresentam similitudes.

Para tentar compreender um itinerário faz-se necessário também atentar para as relações que uniram determinados indivíduos a outros agentes envolvidos no mesmo campo e espaço de sociabilidade. Como destaca Gomes e Hansen (2016, p. 24-25), o estudo das trajetórias individuais ou coletivas não é possível sem a articulação às redes e lugares, sendo necessária a análise de sua construção e ação para a compreensão das intenções dos sujeitos, sem perder de vista também os vínculos estabelecidos na esfera cultural e política. Por isso é fundamental que busquemos interpretar não só o significado daquilo que foi dito por um determinado autor, como também a intenção e os comportamentos individuais e coletivos sob à luz das estruturas de sociabilidade.

A elaboração do quadro de colaboradores do *Almanach* (Apêndice A) foi desenhado tomando como referência o espaço temporal e geográfico onde trilharam suas trajetórias, bem como os principais traços de suas atividades profissional e produções intelectuais. Assim, foram levantadas as biografias e, sobretudo, os verbetes biográficos dos colaboradores do almanaque, seguindo a ordem cronológica – iniciando a busca pelo almanaque *Brasil-Portugal* para o ano de 1900, seguido pelo de 1901 e de 1903 – e nominal dos autores, conforme aparecem nesses impressos. Para tanto, recolheu-se as informações biográficas a fim de organizar os dados dos colaboradores que resultam do seguinte recorte: nome completo e, em parêntese, o nome assinado no *Almanach*, data de nascimento, nacionalidade, atividade profissional e produção intelectual.

Nessa esteira, convém destacar que este trabalho se remete à História Intelectual sob o viés de Carl Schorske (1988) uma vez que, segundo o autor, nesse campo em particular de pesquisa deve o historiador buscar situar e interpretar a obra no tempo e inscrevê-la no cruzamento de duas linhas de forças, as quais pretendo me guiar para deslindar os itinerários dos sujeitos. A saber:

Uma vertical, diacrônica, pela qual ele se relaciona um texto ou um sistema de pensamento a tudo em que precedeu em um mesmo ramo de atividade cultural (pintura, política, etc.); a outra horizontal, sincrônica, pela qual o historiador estabelece uma relação entre o conteúdo do objeto intelectual e o que se faz em outras áreas na mesma época. (SCHORSKE, 1988, p. 17).

Pelo fato das fontes para compor o levantamento de informações biográficas serem muito escassas e/ou vagas foi necessário recorrer, em alguns casos, a verbetes biográficos de dicionários e/ou enciclopédias *online* que, muitas vezes, buscam apresentar as trajetórias de forma sistemática, linear e coerente. Todavia, é possível perceber que determinadas narrativas biográficas foram realizadas por encomenda da família que “[...] por uma série de circunstâncias são os principais interessados em cultuar a contribuição (econômica, política, intelectual, científica, qualquer que seja) do biografado, o que não deixa de ser uma estratégia de rentabilizar o capital familiar disponível”. (MICELI, 2001, p. 350). Sabe-se que essas trajetórias não serão retratadas como uma série única e por sucessivos acontecimentos previamente estabelecidos, ao passo que elas permeiam em representações derivadas por “[...] quem as escreve, do seu tempo e espaço, marcadas por instituições e grupos” (BORGES, 2006, p. 16).

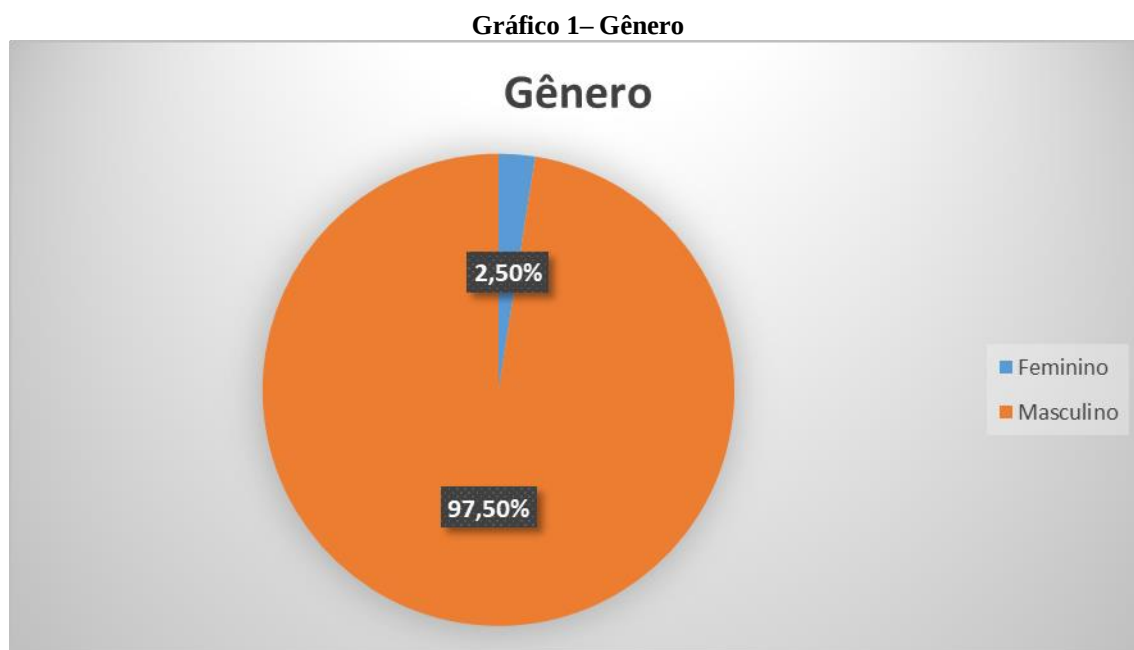
A partir dos três volumes do *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* levantou-se as informações biográficas de 80 colaboradores¹³¹, porém, na possibilidade de analisar meticulosamente o perfil coletivo desse grupo acolheu-se como baliza as categorias: gênero, idade em que publicou no referido impresso, geração, nacionalidade, produção intelectual e atividade profissional. Conforme já salientado, essa análise busca mapear os lugares de sociabilidade e mediações culturais preconizadas por estes intelectuais, que serão escalonadas nas próximas seções deste estudo.

4.1 Gênero, idade, geração e nacionalidade dos colaboradores

Após a coleta e a tabulação dos dados levantados acerca dos colaboradores do *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*, por meio de gráficos, esquadrinhou-se o perfil dos intelectuais que compunham estes impressos, elencando-os ao conteúdo que remonta os almanaques, ao passo que partirei dos sujeitos para destrinchar a materialidade dos impressos.

¹³¹ Foram reunidos os dados apenas dos colaboradores ativos – isto é, aqueles que produziram em vida para o *Almanach*, pois muitos escritores tiveram suas obras publicadas como homenagem pós-morte – assim como aqueles que apresentavam informações biográficas. Vale ressaltar que não foi possível encontrar os dados de todos os colaboradores, especialmente, por dois motivos: a abreviação dos nomes dos autores nos impressos dificultando a sua identificação, bem como a falta de informações acerca do sujeito a ser biografado.

Para tanto, inicia-se a organização desse perfil com uma constatação: embora as *Revistas* e os *Almanach Brasil-Portugal* dividissem a redação e mantivessem os mesmos diretores, nem todos os colaboradores que produziram para a *Revista* escreveram para o *Almanach*. Este dado torna-se evidente ao realizar o levantamento em relação ao gênero, especialmente, no que concerne às colaboradoras dos almanaques, conforme pode-se observar no gráfico abaixo:



Fonte: dados coletados pela autora, set. 2018.

Do total de 80 colaboradores, 78 são do gênero masculino e apenas 2 do gênero feminino, o que corresponde a 2,50% de mulheres. Somente Aurea Pires da Gama e Adelina Amélia Lopes Vieira foram identificadas como colaboradoras, o que difere do perfil de escritoras da *Revista Brasil-Portugal* que, conforme o apontamento realizado por Rita Correia (2009), a presença de mulheres era em maior número em comparação aos almanaques. Correia (2009, p. 2) evidencia a presença feminina pelo “[...] protagonismo crescente na Brasil-Portugal e porque muitas assumem uma defesa desassombrada do feminismo”, destacando a colaboração de “[...] Adelina Lopes Vieira, Ana de Castro Osório, Ana Maria Ribeiro de Sá, Branca de Carvalho, Constança Telles da Gama, Héloise Cordeiro, Júlia Lopes, Margarida Bodin, Maria Amália Vaz de Carvalho, Maria O’Neill, Sophia da Silva”. (CORREIA, 2009, p.2). No entanto, embora não faça menção à Áurea Pires, é possível também encontrar publicações de sua autoria nas revistas.

Mas, por que a presença tão diminuta das mulheres nestes impressos? Conforme os índices de alfabetização feminina coletados pelo Ministério da Agricultura, Indústria e

Comércio, no período correspondente entre 1880 a 1920, 20% das mulheres sabiam ler e escrever, contra 29% dos homens. Em países europeus, a exemplo de Portugal, as mulheres também apresentam índices de alfabetização¹³² inferiores aos dos homens, fator esse que as afastava do acesso ao campo literário da época. Mas apesar do baixo índice de alfabetização feminina, elas – especialmente as que pertenciam as camadas sociais mais favorecidas – eram leitoras da época, muito embora a leitura e a escrita fossem muitas vezes utilizadas como forma de dominação e associadas ao poder em uma sociedade patriarcal. Tão logo, a questão parece se moldar na naturalização de papéis femininos que envolviam qualidades “quase abstratas” (cf. BUITONI, 2009) como “delicadeza” e “doçura” para definir o que representava o “mundo da mulher”. Tanto que no século XIX os romances eram considerados adequados para as mulheres por serem elas vistas como “[...]criaturas em que prevalecia a imaginação, com capacidade intelectual limitada, frívolas e emotivas [...] era a antítese da literatura prática e instrutiva. ” (LYONS, 2002, p. 172). Em suma, os romancistas eram coniventes com os valores patriarcais do período, reforçando esterótipos e modelando as condutas esperadas a uma mulher da sociedade.

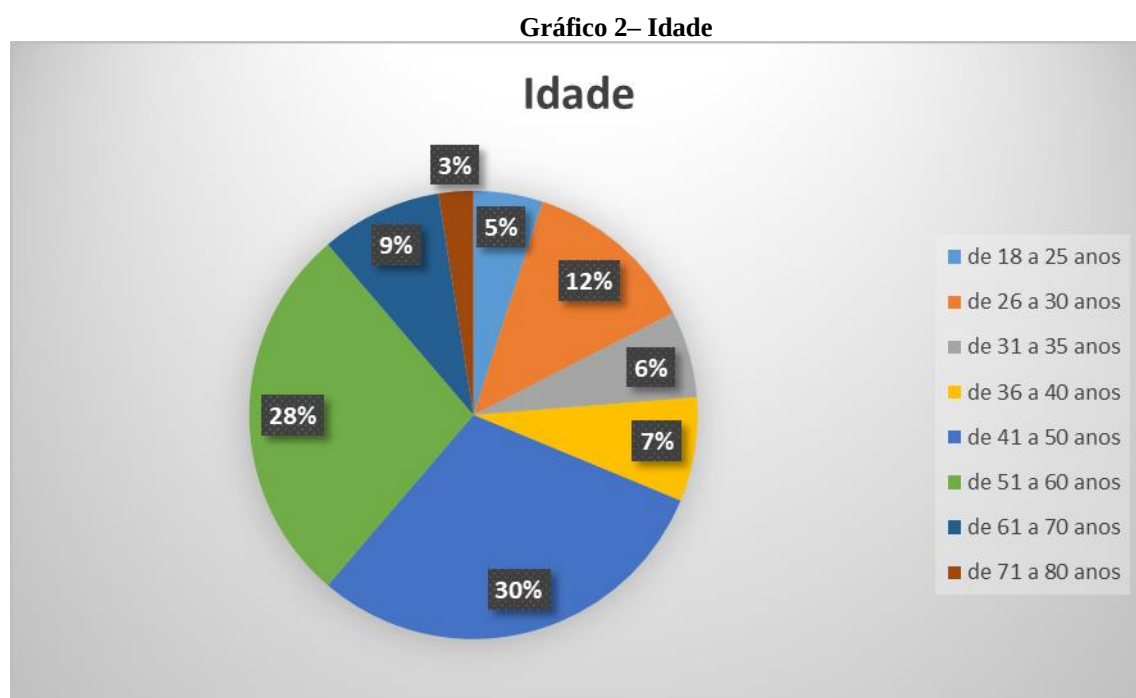
Assim como os impressos *Brasil-Portugal*, parte considerável dos periódicos eram dirigidos por homens, tal qual a imprensa era dominada pelo gênero masculino, dado que a mulher era para ser dirigida e não dirigir. Contudo, embora as escritoras tenham sido por muito tempo excluídas da historiografia literária ou mesmo pouco representadas nos impressos há de se considerar a presença dessas mulheres, ainda que atuando nos “bastidores” desses espaços de escrita, já que eram constantemente silenciadas e/ou retratadas sob o viés masculino, a partir de concepções cristalizadas sobre o que deveria ser ou não atribuído ao gênero feminino, que se tentava alcançar o olhar das mulheres. Neste sentido, é interessante ressaltar também que “[...] as publicações femininas eram editadas em veículos destinados a um público pertencente a ambos os sexos, pois a ideia de público específico, como hoje se tem, não existia, porque a mulher não era sequer considerada” (TEIXEIRA, 2014, p. 82). E mesmo as seções que eram concebidas objetivando um público feminino não eram escritas por mulheres, como se pode notar nos impressos *Brasil-Portugal*¹³³. Mas, ainda que

¹³² É importante enfatizar a distinção entre alfabetização e escolarização apontada por Justino Magalhães (1996). Este autor considera a alfabetização “[...]marcada por uma lógica de verticalização, que se traduz numa diferenciação/distinção que visa superar a dimensão de horizontalidade, tomando, frequentemente por modelo, os estratos sócio-culturais superiores, vulgarmente representados por grupos urbanos, ou sectores especializados [...]” e a escolarização desenvolvida “[...] por uma lógica de horizontalização, uma lógica de uniformização sócio-cultural, aos níveis básicos da comunicação escrita e dos meios de socialização” (MAGALHÃES, 1996, p. 441).

¹³³ Na seção 5 realiza-se uma discussão mais abalizada sobre a presença do gênero feminino no *Almanach*, partindo das duas colaboradoras - Áurea Pires da Gama e Adelina Amélia Lopes Vieira - que produziram para

atribuídas ao papel de “belas, recatadas e do lar”, conforme afirma Ana Luiza Martins (2003), as mulheres encontraram a alternativa de aquisição do impresso, não apenas como leitoras e pelo viés da produção de escrita feminina, mas sobretudo como consumidoras de produtos de toda ordem, anunciados estrategicamente pela imprensa comprometida com o lucro. Assim, “[...] paulatinamente principiavam a desestabilizar-se as fronteiras simbólicas entre os sexos, desfazendo-se papeis ancestralmente construídos na secular sociedade patriarcal brasileira” (MARTINS, 2003, p. 67-68) que, em grande medida, eram cultivadas aos moldes de mães e donas de casa, sob o modelo proposto de mulher etérea.

Outro fator a ser destacado é a idade dos colaboradores, de modo que também será observada a geração destes intelectuais. Para tanto, foi elaborado o gráfico 2 que, para melhor compreensão dos dados, foi dividido em 8 grupos por idade, numa escala entre 19 a 80 anos. A fim de estimar a idade dos colaboradores durante a produção no *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* utilizei como parâmetro o ano de 1901, por se tratar de um período que concorre entre as publicações dos impressos, que vieram à lume em 1900, 1901 e 1903.



Fonte: dados coletados pela autora, set. 2018.

este impresso e atuaram como professoras, dado que o referido ofício será um dos critérios de seleção para se partir para a materialidade dos almanaques, norteando-se pelo contexto histórico-educacional da época.

Conforme aponta o gráfico, 5% dos colaboradores estão na faixa entre os 18 a 25 anos. O colaborador mais jovem foi um brasileiro com apenas 18 anos, Álvaro de Sá Castro Menezes (1883-1920), que assinava no *Almanach* como A. S. Castro Menezes. Escritor, jornalista e magistrado contribuiu nas páginas dos almanaques *Brasil-Portugal* através de poesias, dedicando uma delas a Saturnino de Meyrelles (1878-1906), com quem fundou a revista do movimento simbolista do Rio de Janeiro, o periódico *Rosa-Cruz* (1901-1904).

Vale salientar que 3¹³⁴ dos 4 colaboradores mais jovens, além de produzirem para estes impressos, apresentam um laço de sociabilidade em comum: foram responsáveis pela fundação da *Rosa-Cruz*. Segundo Alfredo Bosi (2006), ao lado de outros poetas, Álvaro de Sá Castro Menezes, assim como Saturnino Soares de Meyrelles Filho e José Félix Alves Pacheco (1879-1935) fundaram a revista no Rio de Janeiro com a finalidade de cultuar a memória de Cruz e Souza (1861-1898) repetindo, muitas vezes, os traços mais evidentes do seu estilo. Embora Saturnino de Meyrelles seja considerado um dos impulsionadores da carreira literária do poeta¹³⁵, “[...] há em quase todos uma exasperação de maneira baudelaireana do Cruz e Souza iniciar, quer no modo de conceber as relações entre corpo e alma, quer na pose estetizante, pseudomística” (BOSI, 2006, p. 282). Um outro traço em comum a ser destacado é o fato de Castro Menezes e Félix Pacheco frequentarem a redação no *Jornal do Commercio*, no Rio de Janeiro, onde ambos atuaram como redatores e secretários, entre o final do século XIX e início do século XX. Félix Pacheco, em 1923, chegou à posição de diretor e no ano seguinte tornou-se o proprietário, entregando a direção do órgão ao jornalista Vitor Viana (1881-1937)¹³⁶.

Algo também a ser considerado é que os 4 colaboradores são brasileiros, assim como ocupam as profissões de escritores, advogados, jornalistas e poetas. E nesse grupo de escritores mais jovens figurava também a poetisa e professora Áurea Pires da Gama, selando a sua contribuição para o *Almanach* aos 25 anos.

Quanto aos colaboradores que apresentavam entre 26 a 30 anos somam o total de 10 intelectuais, todos do gênero masculino, representando 12% do gráfico. Ao analisar os perfis observa-se que havia apenas 2 brasileiros¹³⁷: Carlos Augusto Furtado de Mendonça Dias

¹³⁴ São eles: Álvaro de Sá Castro Menezes (1883-1920), Saturnino Soares de Meyrelles Filho (1878-1906) e José Félix Alves Pacheco (1879-1935).

¹³⁵ Cf. consta no *Dicionário literário afro-brasileiro* (2007, n.p), produzido por Nei Lopes.

¹³⁶ Cf. os acervos do *Dicionário Histórico-biográfico da Primeira República*, produzido pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV). Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PACHECO,%20F%C3%A9lix.pdf>> e <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-comercio>>. Acesso em: 11 ago. 2017.

¹³⁷ Durante a análise dos gráficos meu enfoque se deu nos brasileiros no sentido de angariar pistas acerca da formação de redes de sociabilidade com os portugueses, considerando também a circulação desses impressos.

Fernandes (1874-1942) e Domingos Magarinos de Souza Leão (1874-194?). Mais conhecido no impresso como Carlos D. Fernandes, o poeta e escritor paraibano frequentava o mesmo círculo de sociabilidade que Castro Menezes e Félix Pacheco, Álvaro de Sá, uma vez que também fez parte da fundação da revista *Rosa-Cruz*, contribuiu para o movimento simbolista e foi amigo de Cruz e Sousa. Já o poeta e compositor pernambucano, Domingos Magarinos de Souza Leão, colaborou em uma das revistas literárias mais importantes do estado do Rio de Janeiro, a *Revista Contemporânea*, onde também expressava o seu diálogo com o simbolismo (ANDRADE, 2017, p. 39). Contudo, o que interliga Domingos Magarinos aos outros 6 dos 8 colaboradores portugueses é sua produção para o periódico *Serões: revista semanal ilustrada*¹³⁸, que circulou entre os anos de 1901 a 1911. Manuel Penteado (1874-1911), João José Grave (1872-1934), Affonso Henriques Vieira Gayo (1872-1941), Justino de Montalvão Coelho (1872-1949), João de Vasconcelos Sousa Castro e Melo (1871-1955) e Alfredo de Mesquita Pimentel (1871-1931) também colaboraram na revista *Serões*. Outros periódicos também entrecruzaram os lugares de sociabilidade destes indivíduos, a exemplo da *Revista Brasil-Portugal* em que Manuel Penteado, João Grave, Affonso Gayo e Alfredo de Mesquita foram colaboradores, e dos impressos *Atlântida: mensário artístico, literário e social para Portugal e Brasil* (1915-1920) e *Branco e Negro: semanario illustrado* (1896-1898), nas quais João Grave, Justino de Montalvão, D. João de Castro, Fausto Guedes Teixeira (1871-1940) e Alfredo de Mesquita contribuíram em, pelo menos, em uma das revistas acima citadas. Isso demonstra que as redes de sociabilidade eram tecidas dentro e fora do *Almanach*, através de outros espaços que também estavam relacionados à uma cultura letrada.

No que tange a faixa etária dos 31 a 35 anos tem-se o percentual de 6% e de 36 a 40 anos de 7%, referente aos que contribuíram para os almanaques *Brasil-Portugal*. Isso implica afirmar que 12% dos colaboradores tinham entre 30 a 40 anos, totalizando 11 dos 80 intelectuais. Entre eles figuram Egas Moniz Barreto de Aragão (1870-1924), Eugénio de Castro e Almeida (1869-1944) Arnaldo Fonseca (1868-1936), João Baptista Pinto Saraiva (1866-1948), João Baptista Barreira Júnior (1866-1961), Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac (1865-1918), Alfredo Roque Gameiro (1864-1935), Alberto Allen Pereira de Sequeira Bramão (1865-1944), Henrique Maximiano Coelho Netto (1864-1934), Hemetério Arantes (1864-1932) e Alfredo Carneiro da Cunha (1863-1942). Deste grupo apenas 3 são brasileiros, dos quais 2 deles estreitaram laços através do movimento republicano, da parceria em

¹³⁸ Na próxima seção irei me ater, com minuciosidade, nestes e em outros periódicos que demarcaram lugares de sociabilidade em comum entre os principais colaboradores do *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*.

publicações¹³⁹ e por meio da fundação da Academia Brasileira de Letras: Olavo Bilac e Coelho Netto. Ambos também estiveram juntos no primeiro governo republicano do Rio de Janeiro, governado por Francisco Portela (1833-1913), em que Bilac foi nomeado Secretário do Interior e Coelho Netto Secretário de Governo (MONTILHA, 2014). Já o simbolista Egas Moniz Barreto de Aragão, conhecido pelo pseudônimo Péthion de Villar, foi um dos fundadores da Academia de Letras da Bahia, bem como foi Sócio do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e do Grêmio Beneficente dos Professores. Assim como Olavo Bilac também colaborou para a *Revista Brasil-Portugal* e foi professor da Faculdade de Medicina da Bahia. Como se pode perceber os três circularam por Academias de Letras, além de transitarem por espaços que compartilham afinidades, influência ou mesmo afetividade. Por isso destaco o esforço e a importância de reconstituição das redes de sociabilidade para refazer a trajetória e apresentar o perfil desses intelectuais.

A faixa etária entre 41 a 50 anos e 51 a 60 anos é a que concentra a maior parcela de colaboradores do *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*. Quando somadas compreendem 58% dos intelectuais desses impressos, o que representa um pouco mais da metade dos escritores. Percebe-se também que parte considerável desses escritores já haviam publicado obras antes dos almanaques *Brasil-Portugal* ou mesmo colaborado em outros periódicos, indicando que tinham um pouco mais de experiência para exercer a função que lhes foi comendada. A experiência, portanto, é uma das possibilidades de se justificar o motivo do *Almanach* ter a maior concentração de sujeitos com uma idade mais madura, ao passo que alguns desses colaboradores galgavam a carreira como escritores e/ou criaram vínculos com a imprensa por meio de outros impressos, oferecendo mais respaldo e prestígio ao *Brasil-Portugal*.

Dos 46 colaboradores há 9 brasileiros, 2 franceses, 1 espanhol e 1 italiano, o que demonstra a maioria de portugueses nesse anuário, contabilizando 33 sujeitos de nacionalidade portuguesa. Os brasileiros são: Valentim Magalhães, Ernesto Senna (1858-1913), Alberto de Oliveira, Fontoura Xavier (1856-1922), Arthur de Azevedo (1855-1908), Garcia Redondo (1854-1916), Nuno Ferreira (1851-1922), Adelina Lopes (1850-?) e Fernandes Mendes de Almeida (1845-1921), com idade entre 42 a 56 anos. Desses, apenas Valentim Magalhães e Adelina Lopes colaboraram para a *Revista Brasil-Portugal*. Em

¹³⁹ A exemplo de *A Terra fluminense* (1898), *Contos pátrios* (1904) e *A pátria brasileira* (1909), todos voltados para a educação cívica e para os alunos das escolas primárias. Cf: BIBLIOTECA Nacional. Exposição comemorativa do centenário de nascimento de Coelho Neto. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro/ Ministério da Educação e Cultura, 1964. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1285844.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2018.

relação a outros periódicos em comum entre os escritores do *Almanach* destaco *Branco e Negro: semanário illustrado*, *Atlântida: mensário artístico, literário e social para Portugal e Brasil* e *Jornal do Brasil*. Contudo, não se conseguiu levantar muitas informações sobre estas vinculações, nem tampouco sobre os laços de sociabilidade. Entrecruzando os dados entre Antônio Valentim da Costa Magalhães e Adelina Amélia Lopes Vieira é possível identificar que além de ambos produzirem para a *Revista Brasil-Portugal*, a sua irmã, Júlia Lopes (1862-1934), também colaborou para *A Semana*, um periódico literário editado no Rio de Janeiro e dirigido por Valentim Magalhães. No que concerne aos outros colaboradores estrangeiros notou-se que o francês Jacques Anatole François Thibault (Anatole France) (1844-1924) e o italiano Edmondo de Amicis (1846-1908) também escreveram para o semanário *Branco e Negro*, ao lado de Valentim Magalhães e Sousa Viterbo. No entanto, isso não significa que estes sujeitos tenham se conhecido, dado que a redação e a administração do jornal localizavam-se em Lisboa e que era prática comum contratar correspondentes ou colaboradores de outros países. Estas informações podem ser úteis para buscar as redes de sociabilidade entre estes intelectuais, de tal modo que foi possível se chegar ao conhecimento, por exemplo, de que Valentim Magalhães traduziu uma das edições de *Cuore*, escrita por Edmondo de Amicis, em 1887, através da editora Teixeira & Irmão, em 1891, e pela Empresa Literária Universal (Lisboa/Portugal), com data de 1938 (BASTOS, 2004). Valentim não só traduziu, como também prefaciou a edição brasileira intitulada de *Coração*, um romance que fez bastante sucesso na Itália.

Na faixa etária que abrange os colaboradores entre 61 a 70 anos encontra-se Pedro Xavier da Cunha (1840-1920), Louis Henri Didon (1840-1900), António de Azevedo Castelo Branco (1839-1919), José Duarte Ramalho Ortigão (1836-1915), Pedro Wenceslau de Brito Aranha (1833-1914), Manuel Roussado (1833-1909) e Thomaz António Ribeiro Ferreira (1831-1901). Dos 7 citados apenas 1 é estrangeiro e os demais são portugueses que atuavam como escritores, poetas e/ou jornalistas, como também apresentavam uma produção intelectual mais vasta em publicações de obras e na participação de outros periódicos anteriores ao *Almanach*. Ramalho Ortigão e Brito Aranha já haviam colaborado para *O Diário de Notícias* e *A Imprensa: revista científica, literária e artística* (1885-1891), além de terem participado, juntamente com Manuel Roussado de *A Questão Coimbrã (bom senso e bom gosto)*¹⁴⁰ em que ambos faziam parte de um grupo de intelectuais que defendia questões

¹⁴⁰ Nome dado ao embate travado na segunda metade do século XIX entre os escritores António Feliciano de Castilho (1800-1875) e Antero Quental, através de opúsculos, artigos e folhetins. A polémica iniciou-se em 1865 e envolveu um grupo de intelectuais conhecido como “geração de 70” ou “[...] geração nova, que visava uma

relacionadas à literatura e ao contexto histórico-social da época, bem como posicionamentos referentes à liberdade e individualidade da produção intelectual (BRITO, 2015). Manuel Roussado, conhecido também como Barão de Roussado, colaborou para o seminário ilustrado *Branco e Negro*, assim como António de Azevedo Castelo Branco (João Penha), Ramalho Ortigão e Thomaz Ribeiro. Do mesmo modo que Thomaz Ribeiro, o francês Louis Henri Didon (Padre Didon), colaborou para o suplemento do *Jornal do Commercio* intitulado *A Semana de Lisboa*, contudo, não foi encontrado nenhum indício que o vinculasse aos outros 5 colaboradores. Xavier da Cunha e Ramalho Ortigão, por outro lado, publicaram textos para o *Álbum de Costumes Portugueses* (1888), impresso pela Tipografia das Horas Românticas. E, por fim, Ramalho Ortigão e João Penha colaboraram para o *Serões: revista semanal ilustrada*. Nisso, percebe-se que Ortigão foi o que mais construiu redes de sociabilidade entre os outros colaboradores.

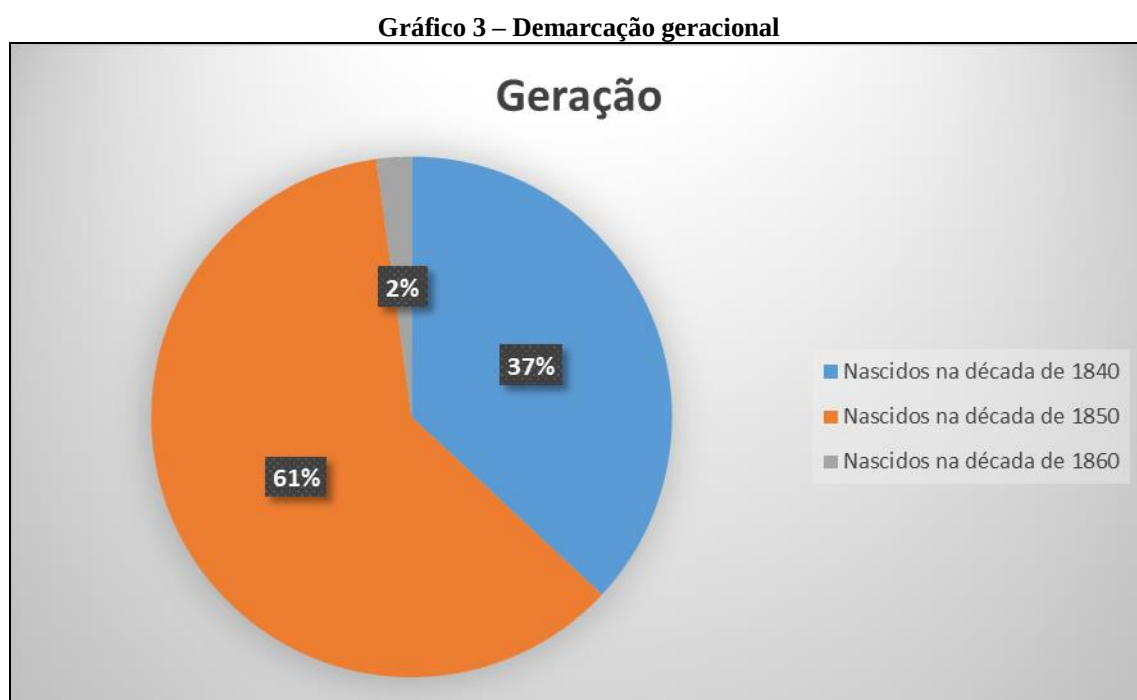
Quanto aos colaboradores com idade entre 71 a 80 anos há 2 sujeitos, que correspondem a menor porcentagem do gráfico, isto é, 3% dos escritores do almanaque *Brasil-Portugal*. São eles: Jean Jacques Élisée Reclus (1830-1905), que assinava no *Almanach* como Élisée Reclus e Raimundo António Bulhão Pato, mais conhecido como Bulhão Pato. Élisée Reclus era francês, geógrafo e militante anarquista, responsável também por ter colaborado para o periódico *Amanhã: revista popular de orientação nacional* (1909) e por publicar livros como *Estados Unidos do Brasil: geografia, etnografia, estatística* (1899), *O Porto em 1950 - Subsídios demográficos, económicos e financeiros referentes à cidade do Porto* (1955) e *Do sentimento da natureza nas sociedades modernas e outros escritos* (2015). Quanto a Bulhão Pato, ainda que tenha nascido na Espanha, mudou-se para Portugal ainda muito jovem, onde construiu a sua trajetória como poeta, tradutor e escritor, escrevendo para diversos periódicos e publicando algumas obras. Fora o *Almanach* não foi encontrado nenhum vínculo que interligasse estes dois sujeitos, mas sabe-se que ambos deixaram um acervo rico em obras.

Muito embora não tenha sido realizado um levantamento minucioso quanto ao ano em que estes sujeitos publicaram nos mesmos periódicos, supõe-se que por fazerem parte da mesma geração e por circularem por lugares sociais em comum é possível que tenham não só cruzado os mesmos lugares de sociabilidade, como também se conhecido em algum destes espaços. A fim de investigar a geração em que a maioria destes intelectuais compartilharam,

mudança na forma de se conceber a sociedade portuguesa e a superação de uma decadência que teria se instalado no país". (BRITO, 2015, p. 154). Recomendo ver: FERREIRA, Alberto; MARINHO, Maria José. *A questão coimbrã (Bom senso e Bom gosto)*. Lisboa: Editoria Comunicações, 1988.

foi elaborado o gráfico abaixo. No entanto, faz-se necessário indicar que o que forma uma geração não é a data de nascimento em comum entre eles, pois como afirma Mannheim (1952) a demarcação geracional é algo apenas potencial, levando-se em consideração o processo histórico compartilhado por sujeitos de um mesmo grupo etário.

Para construir o gráfico foi considerado os dois grupos com a faixa etária de maior representatividade entre os colaboradores, isto é, os sujeitos com idade entre 41 a 50 anos e 51 a 60 anos, totalizando 46 indivíduos, ou seja, um pouco mais da metade dos escritores do *Almanach*. A partir destes dados considerou-se as datas de nascimento preponderantes que abrangem as décadas de 1840, 1850 e 1860, conforme elencado a seguir:



Fonte: dados coletados pela autora, set. 2018.

Ao analisar o gráfico nota-se que os intelectuais nascidos na década de 1840 representam 37% dos colaboradores do *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*. Desses, há 2¹⁴¹ intelectuais nascidos em 1841, 1¹⁴² em 1842, 3¹⁴³ em 1844, 3¹⁴⁴ em 1845, 4¹⁴⁵ em 1846, 1¹⁴⁶ em 1847 e 3¹⁴⁷ em 1848.

¹⁴¹ Henrique José das Neves (1841-1915) e Augusto César Ferreira de Mesquita (1841-1912).

¹⁴² Antônio de Azevedo Castelo Branco (1842-1916).

¹⁴³ Emídio Júlio Navarro (1844-1905), Anselmo José Franco de Assis de Andrade (1844-1928) e Jacques Anatole François Thibault (1844-1924).

¹⁴⁴ José Maria de Eça de Queirós (1845-1900), Francisco Marques Sousa Viterbo (1845-1910) e Francisco Marques Sousa Viterbo (1845-1910).

Já os nascidos na década de 1850 representam a maior parcela, isto é, 61% dos colaboradores que resulta em 28 intelectuais. Tomando como parâmetro esta proporção há 5¹⁴⁸ nascidos em 1850, 3¹⁴⁹ em 1851, 3¹⁵⁰ em 1852, 1¹⁵¹ em 1853, 2¹⁵² em 1854, 2¹⁵³ em 1855, 4¹⁵⁴ em 1856, 3¹⁵⁵ em 1857, 4¹⁵⁶ em 1858 e 1¹⁵⁷ em 1859.

Quanto aos nascidos em 1860 há o indicativo de 2%, ao passo que há 1¹⁵⁸ colaborador entre os intelectuais dentro da faixa etária selecionada. A porcentagem é baixa tendo em vista que foi considerada a amostra de colaboradores que possuíam até 60 anos. Mas caso fosse levantados os 80 colaboradores que nasceram na década de 1860, além do Guilherme Gama (1860-1947) encontraríamos mais 10 intelectuais: Alfredo Carneiro da Cunha (1863-1942), Alfredo Roque Gameiro (1864-1935), Henrique Maximiano Coelho Netto (1864-1934), Hemetério Arantes (1864-1932), Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac (1865-1918), Alberto Allen Pereira de Sequeira Bramão (1865-1944), João Baptista Pinto Saraiva (1866-1948), João Baptista Barreira Júnior (1866-1942), Arnaldo Fonseca (1868-1936) e Eugénio de Castro e Almeida (1869-1944).

Neste sentido, constata-se que a geração de 1850 era a mais prevalecente entre os colaboradores do *Almanach*. Jean François Sirinelli aponta a importância da categoria de geração para a história dos intelectuais, ao lado dos itinerários e das estruturas de sociabilidade. De acordo com Sirinelli a geração é concebida como uma escalada móvel do

¹⁴⁵ Raphael Augusto Prostes Bordallo Pinheiro (1846-1905), Fernando da Costa Leal (1846-1910), Antônio Cândido de Figueiredo Taunay (1846-1925) e Edmondo de Amicis (1846-1908).

¹⁴⁶ Luis de Faro e Oliveira (1847- 1906).

¹⁴⁷ Antônio José de Orta Ennes (1848-1901), Antônio José da Silva Pinto (1848-1911) e Antônio Duarte Gomes (1848-1921).

¹⁴⁸ Francisco Villaça (1850 -1915), Adelina Amélia Lopes Vieira (1850-?), Urbano de Castro (1850-1902), Carlos Roma du Bocage (1850-1918) e Abílio Manuel Guerra Junqueiro (1850-1923).

¹⁴⁹ Nuno Ferreira de Andrade (1851-1922), Antônio Sérgio da Silva e Castro (1851-1929) e Alberto Leal Barradas Monteiro Braga (1851-1911).

¹⁵⁰ João Maria Evangelista Gonçalves Zarco da Câmara (1852-1908), Paul Charles Joseph Bourget (1852-1935) e Antônio de Macedo Papança (1852-1913).

¹⁵¹ Acácio Graciano Antunes Brás (1853-1927).

¹⁵² Manuel Ferreira Garcia Redondo (1854-1916) e Wenceslau José de Sousa Moraes (1854-1949).

¹⁵³ Arthur Nabantino Gonçalves de Azevedo (1855-1908) e Bernardo Pinheiro Correia de Melo (1855-1911)

¹⁵⁴ Abel Acácio de Almeida Botelho (1856-1917), Antonio Vicente da Fontoura Xavier (1856-1922), Henrique Lopes de Mendonça (1856-1931) e Marcellino Antônio da Silva Mesquita (1856-1919).

¹⁵⁵ Eduardo de Barros Lobo (1857-1893), José Valentim Fialho de Almeida (1857-1911) e Antônio Mariano Alberto de Oliveira (1857-1932).

¹⁵⁶ João Pinto Ribeiro de Carvalho (1858-1936), José Maria de Alpoim Cerqueira Borges Cabral (1858-1916) Ernesto Senna (1858-1913) e Joaquim Antônio de Araújo e Castro (1858-1917).

¹⁵⁷ Antônio Valentim da Costa Magalhães (1859-1903).

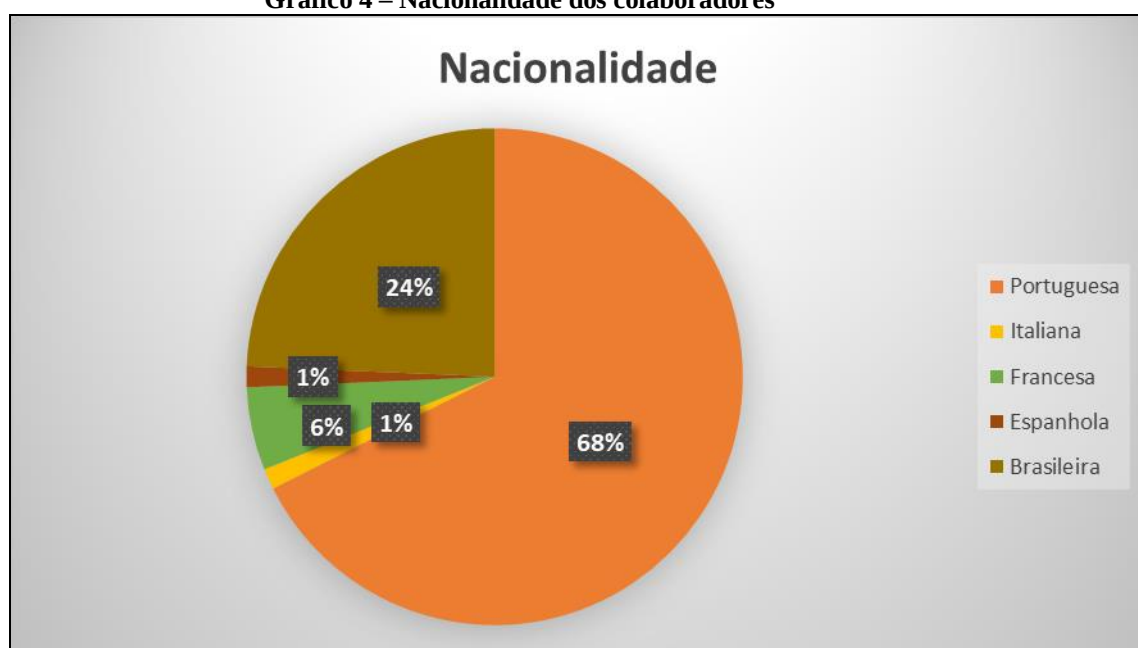
¹⁵⁸ Guilherme Gama (1860-1947).

tempo, permanecendo fecunda para a análise histórica, bem como para as aspirações do tempo:

[...] A geração existe, portanto, no território do historiador, ao mesmo tempo como objeto de história e como instrumento de análise. [...] Por um lado, seguramente a geração padrão não existe: em nenhum caso podemos distinguir nela uma estrutura cronologicamente invariável, que transcende as épocas e os países. Por outro lado e sem que haja contradição com a primeira observação de geração é seguramente uma peça essencial, da “engrenagem do tempo”, mas cuja importância pode variar conforme os setores estudados e os períodos variados. (SIRINELLI, 1996, p. 137).

Assim, deve-se analisar a geração mediante ao conjunto de mecanismos de capilaridade social, evitando cair na armadilha de uma suposta homogeneização. Deve-se também ter cuidado em analisar as fontes usadas como paradigmas preconcebidos, generalizando as interpretações através dos materiais levantados. Assim, para além de mapear o grupo geracional do *Almanach Brasil-Portugal* são observados outros dados que possibilitem apresentar o perfil coletivo dos colaboradores. Abaixo elenco o gráfico que ilustra a nacionalidade referentes aos colaboradores dos almanaques.

Gráfico 4 – Nacionalidade dos colaboradores



Fonte: dados coletados pela autora, set. 2018

Conforme os dados levantados 68% dos colaboradores eram de nacionalidade portuguesa, o equivalente a dizer que mais da metade dos escritores do *Almanach* eram portugueses. Atrás dos portugueses estavam os brasileiros que representaram 24%, seguido

dos franceses (6%), espanhóis e italianos que separadamente compunham apenas 1% da nacionalidade dos colaboradores. A maioria de portugueses se justificava, supostamente, pela sede da empresa *Brasil-Portugal* localizar-se em Lisboa, assim como os seus diretores serem de origem portuguesa.

Quanto à percentagem dos colaboradores de nacionalidade brasileira possivelmente se deve não só pelo anuário ser voltado para as comunidades luso-brasileiras, como também pelas redes de sociabilidade firmadas entre os dois países, garantindo a presença de escritores portugueses e brasileiros, ao passo que era comum a presença de ambas nas redações de periódicos dos dois lados do Atlântico. Contudo, apesar do anuário também ser vendido em agências na África não há nenhum colaborador africano. Expecula-se que tal ausência tenha se dado pelo fato dos almanaques *Brasil-Portugal* estarem destinados aos portugueses residentes na África e não necessariamente ao público africano. Deve-se também levar em consideração que no período em que esses impressos circularam estendia-se a colonização portuguesa, outrora escravagista, em parte do território africano. Não obstante, não se pode negar também o florescimento de várias associações, sociedades, grêmios e jornais nas colônias africanas de língua portuguesa nos idos do século XIX, período em que criou a imprensa de Angola e Moçambique (SANTILLI, 1985). Segundo Maria Aparecida Santilli, até o final do século XIX avolumou-se o número de jornais, “[...] os quais contaram com a participação de europeus e africanos” (1985, p. 10). Assim, não se pode dispensar a existência de escritores africanos de língua portuguesa, muito embora a imprensa só tenha se tornado mais estabelecida com maior autonomia no tramitar do século XX.

Para além da presença majoritária de portugueses, seguidos de brasileiros, havia uma ínfima quantidade de colaboradores de outras nacionalidades. No que compete a nacionalidade espanhola destaca-se 1 colaborador que representa 1% do gráfico 4. Raimundo António Bulhão Pato, embora tenha nascido em Bilbau, Espanha, era filho de portugueses e só vivenciou a sua infância no território espanhol. Como já frisado neste trabalho foi em Portugal que Bulhão Pato construiu a sua trajetória profissional como escritor, memorialista e poeta. Em relação ao número de colaboradores de nacionalidade francesa enumera-se 4, o que representa 6% do gráfico acima. O Jean Jacques Élisée Réclus (1830-1905), Jacques Anatole François Thibault (1844-1924), Louis Henri Didon (1840-1900) e Paul Charles Joseph Bourget (1852-1935) são figuras que tem em comum a nacionalidade, mas que apresentam posicionamentos políticos ideológicos bastante variados. Élisée Réclus era considerado militante anarquista, diferente de Paul Bourget que se intitulava defensor da monarquia, do nacionalismo e da extrema direita (PETRY, 2016, p. 162). Por outro lado, Anatole France foi

bibliotecário assistente no Senado Francês, quando Louis Didon foi um padre dominicano e pedagogo. Isso demonstra a diversidade de pensamentos, ideias, valores e concepções que configurava entre os escritores do *Almanach*.

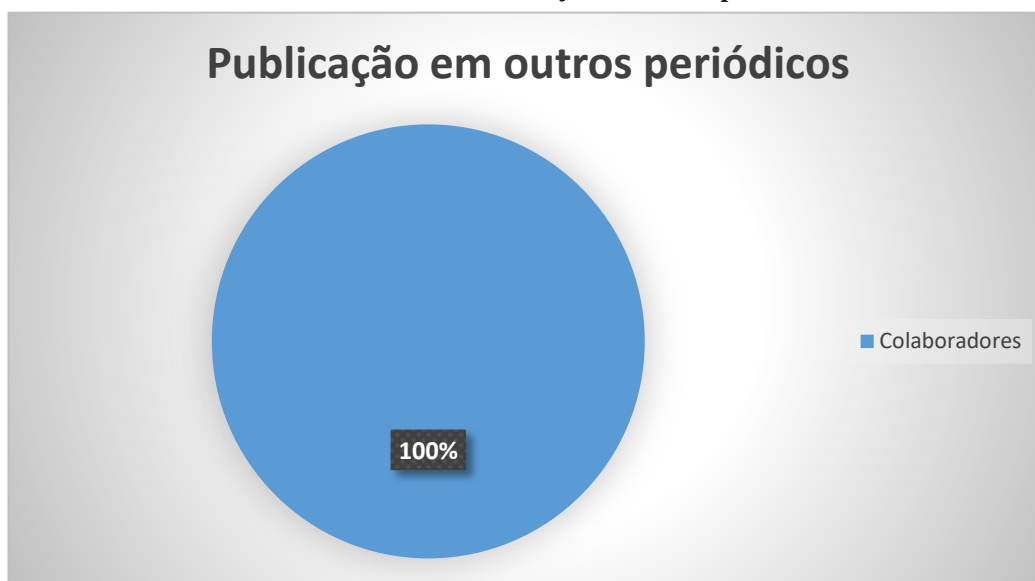
Por fim, quem representou 1% dos colaboradores de nacionalidade italiana foi o escritor e militar Edmondo de Amicis (1846-1908). De acordo com Bastos (2004) suas obras se debruçam em 3 pilares: a pátria, os jovens na fase da escolarização e a população pobre, a exemplo de *A Vida Militar* (1868), *Romance de um Professor* (1895), *A Professora dos Operários* (1895). Conforme já discutido neste estudo Edmondo de Amicis teve reconhecimento com o seu livro intitulado *Cuore*, um romance que foi traduzido e prefaciado pelo português Valentim Magalhães, que também foi colaborador do almanaque *Brasil-Portugal*. Nesse sentido, demonstra-se a estreita rede de sociabilidade entre portugueses e demais estrangeiros, ainda que esses últimos sejam colaboradores em menor escala. Além disso, esboça-se a identidade sociocultural dos escritores ao identificar aqueles que estão em maior número e que, respectivamente, ocupam um espaço mais atuante nos impressos aqui analisados.

4.2 Produção intelectual dos colaboradores

Mediante ao elevado número de escritores do *Almanach*, foi realizado um levantamento sobre a produção intelectual dos colaboradores, inventariando os seguintes pontos: a) colaboração em outros periódicos; b) periódicos publicados em comum entre os colaboradores dos almanaques; c) obras publicadas. Parte-se aqui da ideia de que o referido levantamento poderá recolher mais indícios sobre os lugares de sociabilidade desses intelectuais, articulado as suas produções e mediações culturais, de fora para dentro dos almanaques *Brasil-Portugal*.

Segue abaixo o gráfico 5 referente a publicação dos colaboradores em outros periódicos:

Gráfico 5 – Publicação em outros periódicos



Fonte: dados coletados pela autora, set. 2018.

Conforme o mencionado gráfico, 100% dos colaboradores publicaram em, pelo menos, um periódico. Isso demonstra que, para além do *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*, os intelectuais brasileiros e portugueses já produziam e/ou estavam produzindo paralelamente para outros impressos. Como já frisado, a imprensa foi um dos principais espaços de sociabilidade como *locus* entre os colaboradores, uma vez que foi por meio dela que muitos compartilharam das mesmas funções e dos mesmos periódicos, conforme será evidenciado nas linhas posteriores.

Foram encontrados vários outros periódicos assinados pelos colaboradores do *Almanach Brasil-Portugal*, a exemplo da *Revista Contemporânea*, *Brasil-Portugal*, *Serões*, *Atlântica*, *Gazeta de Notícias*, *Acção Realista*, *Feira da Ladra*, *Arte portuguesa*, *A imprensa*, *A semana de Lisboa*, *A Leitura*, *Ribaltas e Gambiarras*, *Diário de Notícias*, entre outros impressos que são, em sua maioria, oriundos da imprensa portuguesa. Contudo, por se tratar de uma quantidade volumosa de periódicos para se enumerar, apresento através do quadro 2 os impressos em que mais de 10 escritores do *Almanach* tenham partilhado da colaboração em outras publicações.

Quadro 2 – Publicações dos colaboradores em outros periódicos

TÍTULO DO PERIÓDICO	TOTAL DE COLABORADORES	PORCENTAGEM
Branco e Negro: semanário ilustrado	29	36, 25%
Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada	27	33,75%
Serões: revista mensal ilustrada	26	32,50%
A imprensa: revista científica, litteraria e artistica	16	20%
A semana de Lisboa: suplemento do Jornal do Commercio	12	15%
A Leitura: magazine litterario	10	12,50%
Ribaltas e Gambiarras: revista semanal	10	12,50%

Fonte: dados coletados pela autora, out. 2018.

*Branco e Negro: semanário ilustrado*¹⁵⁹ foi o periódico que contou com o maior número de colaboradores em comum ao *Almanach*. Isto é, 29 dos colaboradores que escreviam para o almanaque *Brasil-Portugal* também colaboraram para o *Branco e Negro*. De acordo com o site da Hemeroteca Digital de Lisboa¹⁶⁰, o semanário ilustrado começou a ser publicado em Lisboa em 5 de abril de 1896 e manteve-se até 27 de março de 1898, totalizando 104 números. Ao que tudo indica o *Branco e Negro* chegou ao fim com a doença do seu editor, António Maria Pereira (1856-1898) que faleceu 4 meses após o encerramento do periódico. Segundo Rita Correia (2012), a Livraria e casa editora António Maria Pereira (Livraria AMP), constituída em 1848, era considerada um empório no seu campo de ação, o livro. Embora o livro fosse um mercado incipiente em Portugal em razão dos baixos níveis de escolarização da população, “[...] o mercado do livro, ainda assim, conhecia uma progressiva expansão, em todas as suas componentes: autores, leitores, editores e edições” (CORREIA, 2012, p.1). A autora conta também que *Branco e Negro* não foi a primeira iniciativa da AMP, destacando outras publicações anteriores ao referido semanário. Rita Correia enfatiza que o

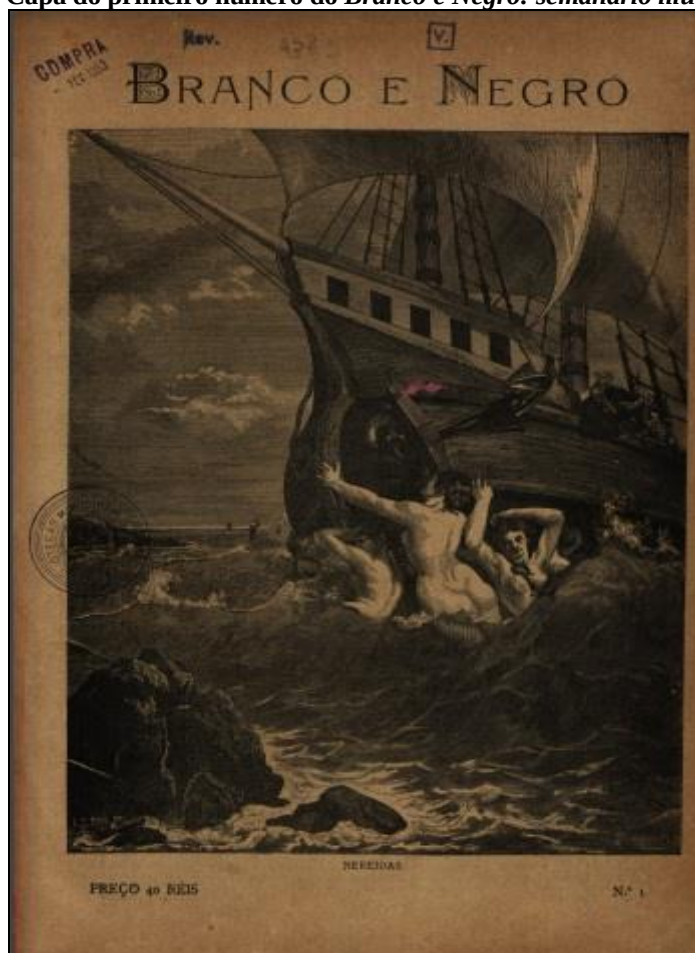
¹⁵⁹ Os periódicos estão disponíveis no site da Hemeroteca Digital e podem ser acessados *online* através do seguinte link: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/BrancoeNegro/BrancoeNegro.htm>>. Acesso em 27. Out 2018.

¹⁶⁰ Todas as informações referentes aos periódicos listados no quadro 3 foram retiradas das fichas histórias – em sua maioria, assinadas por Rita Correia – presente no sítio da Hemeroteca Municipal de Lisboa, que pode ser acessadas em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt>>. A Hemeroteca Digital disponibiliza, através da Internet, em formato HTML e PDF, diversos títulos de publicações periódicas, com destaque para as coleções digitais de periódicos do fundo local e histórico, completadas com fichas históricas de apresentação dos jornais e revistas, raridades bibliográficas relacionadas com a imprensa escrita, e bibliografia de referência para o estudo e consulta do acervo bibliográfico da HML. Há também outros recursos informativos, resultantes da atividade cultural e científica da biblioteca, bem como o acesso a serviços eletrônicos.

sucesso alcançado como editor e empresário se deve as relações que cultivava no campo das letras e das artes.

Branco e Negro (Figura 43) tinha por diretores José Sarmento (1870-1939) e Domingos Guimarães (1869-1934) e teve como base uma revista espanhola de entretenimento e informação, voltada para o público em geral, sob o título de *Blanco y Negro*. Contando com o canal difusor do catálogo de AMP, o *Branco e Negro* foi um projeto editorial que buscou aliar a natureza comercial – a partir da divulgação e promoção do catálogo da Livraria AMP – com o caráter recreativo e formativo de suas publicações, conciliando-se com o ambiente cultural do país. Vendido pelo valor de 40 réis, o jornal ilustrado obteve larga divulgação tanto em Portugal, como também no Brasil, através de seus colaboradores. Segundo Correia (2012) havia uma colaboração regular de autores brasileiros, de modo que a partir de outubro de 1896 foi aberta uma seção específica para a “Litteratura Brasileira”. Na imprensa portuguesa, “[...] o ‘mercado brasileiro’ integrava o horizonte de vendas do *Branco e Negro*, como se depreende da sua referência no preçário (CORREIA, 2012, p. 5).

Figura 43– Capa do primeiro número do *Branco e Negro*: semanário ilustrado (1896)



Fonte: *Branco e Negro*: semanário ilustrado por António Maria Pereira (1896, n.p).

Entre os colaboradores brasileiros que escreveram para o *Almanach*, bem como para o semanário *Branco e Negro* estão: Valentim Magalhães, Olavo Bilac e Coelho Netto. No que condiz aos colaboradores artísticos há também a presença do caricaturista Celso Hermínio, do fotógrafo Arnaldo Fonseca e do desenhista Roque Gameiro, todos também integrantes dos *Brasil-Portugal*. No rol dos autores considerados por Rita Correia como “mais patriarcas” e que deixaram a sua contribuição ao *Branco e Negro*, destaca-se os que também colaboraram com os almanaques:

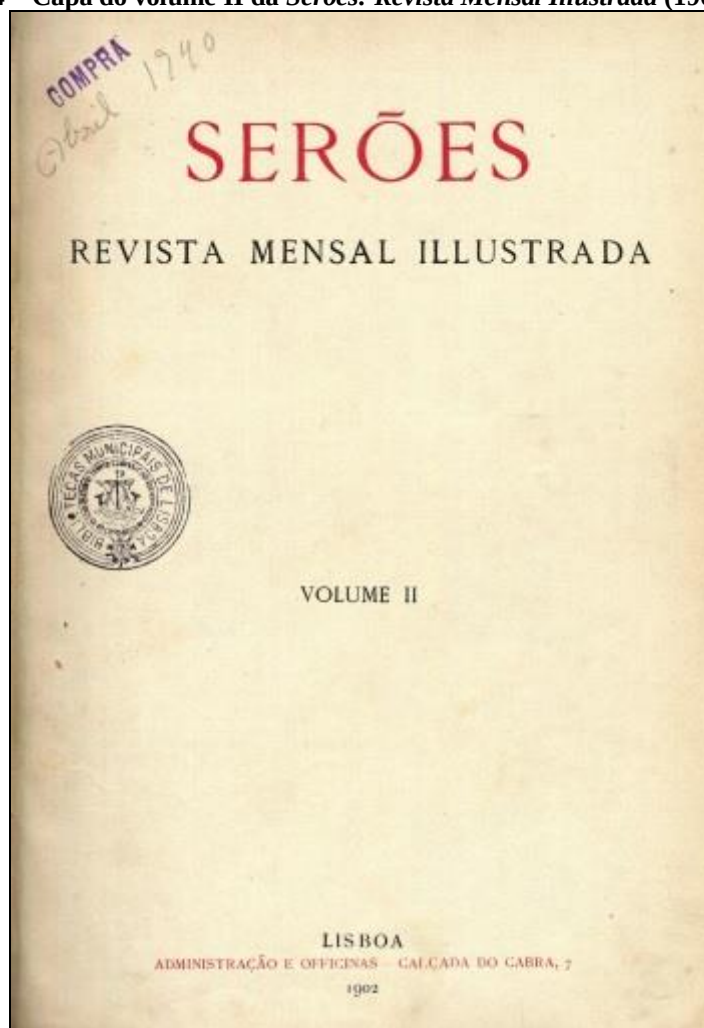
[...] Afonso Gayo, Antero de Quental, Albertina Paraíso, Alberto Pimentel, Alice Pestana, **Bulhão Pato**, Carlos Malheiro Dias, **D. João de Castro**, **Eça de Queirós**, **Eugénio de Castro**, **Fialho de Almeida**, Gervásio Lobato, **Guerra Junqueiro**, Guiomar Torrezão, João Chagas, Júlio César Machado, Lourenço Cayolla, **Marcelino Mesquita**, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, **Pinto Carvalho (Tinop)**, **Sousa Viterbo**, **Wenceslau de Moraes**, Xavier de Carvalho, entre muitos outros. (CORREIA, 2012, p. 9, grifos meus).

Na sequência do *Branco e Negro*, 27 dos 80 colaboradores do *Almanach* também fizeram parte da *Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada* que, como já frisado neste trabalho, foi a precursora dos almanaques. Abel Botelho, Roque Gameiro, Visconde de Faro e Oliveira, Guilherme Gama, Valentim Magalhães, António Ennes, Alfredo da Cunha, Fialho d’Almeida, Silva Pinto, Bulhão Pato, Pinto de Carvalho, Celso Hermínio, Lopes de Mendonça, Olavo Bilac, Manuel Penteado, Afonso Gayo, Ramalho Ortigão, Gomes Leal, Alfredo de Mesquita, Emygdio Navarro, Péthion de Villar, Adelina Lopes, Wescenlau de Moraes, Anselmo de Andrade, Arnaldo Fonseca, Alberto Braga e Conde de Monsaraz contribuíram para os ambos os periódicos.

O periódico *Serões: revista mensal ilustrada*¹⁶¹, publicado em Lisboa entre março de 1901 e dezembro de 1911, conta com 32,50% dos colaboradores do *Almanach*. Voltada para o entretenimento e direcionada ao grande público (pequena e média burguesia), com o valor de 200 réis, a revista *Serões* (Figura 44) foi um também um canal de divulgação e promoção da Livraria Ferreira & Oliveira – Editores, centrando-se nos temas da literatura, na história e nos costumes. A literatura brasileira também teve espaço na 2ª série da *Serões*, mas o foco do impresso era Portugal, embora ambicionasse estender as suas vendas para o outro lado do Atlântico. No que diz respeito a colaboração artística percebe-se, novamente, a presença de nomes como Arnaldo Fonseca, Roque Gameiro e das fotgravuras produzidas nas oficinas de Pires Marinho, a mesma utilizada pelas revistas e almanaques *Brasil-Portugal*.

¹⁶¹ Os periódicos estão disponíveis no site da Hemeroteca Digital e podem ser acessados online através do seguinte link: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Seroes/Seroes.htm>>. Acesso em 27 out. 2018.

Figura 44 – Capa do volume II da *Serões: Revista Mensal Ilustrada* (1902)



Fonte: *Serões: revista mensal ilustrada* (1902, n.p).

Outro impresso que contou com a presença de 20% dos colaboradores do *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* foi a *A imprensa: revista científica, litteraria e artistica*¹⁶². Com periodicidade quinzenal e direção literária de Afonso Vargas (1859-?), publicado em Lisboa, o periódico circulou entre 1885 até 1891, através de um conteúdo diversificado que abordava desde questões histórico-sociais, à arte, cultura e ciências. De acordo com Helena Bruto da Costa (2006), tratava-se de uma revista¹⁶³ de opinião, de viés socialista (o diretor literário frisava a opção pelo “socialismo conservador”), mas que se direcionava para assuntos ligados ao progresso científico e tecnológico, especialmente, no que concerne à evolução da imprensa.

¹⁶² Os periódicos estão disponíveis no site da Hemeroteca Digital e podem ser acessados online através do seguinte link: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IMPREENSA/AImprensa.htm>>. Acesso em 27 out. 2018.

¹⁶³ Não foram encontradas imagens ilustrativas referentes à capa de *A imprensa: revista científica, literária e artística*.

Sobre os autores, Costa (2006) ressalta que durante o período em que a revista foi produzida, não estavam regulados juridicamente os direitos de autor, de modo que qualquer peça escrita ou gravada podia ser “apropriada” e reproduzida quando considerada em domínio público (isto é, já publicada). Não obstante, revela que o índice de autores ultrapassava a centena, destacando os nomes de alguns colaboradores:

[...] Além do próprio Afonso Vargas, que se revela como o grande impulsionador da publicação, destacam-se nomes como Lamartine (biografia de João Gutenberg, tradução de J. António Dias), Silva Pereira – A. Xavier da Silva (v. artigo que fecha o último número da revista, intitulado “Os primeiros jornais que se apregoaram pelas ruas), Albertina Paraíso, célebre poetisa e ensaísta, com forte participação no movimento feminista do seu tempo **Brito Aranha**, Viator, Lydio, Javdac (os últimos três possíveis pseudónimos). A lista de autores publicados vai desde **Eça de Queirós** (v. “A Irlanda e a Liga Agrária” e “Lord Beaconsfield”), Emílio Zola (v. “Lenda de Amor”), **Ramalho Ortigão** (“Carta a Pio IX), “Venalidade” (Padre António Vieira), entre muitos outros. (COSTA, 2006, p. 2, grifos meus).

Com 15% dos mesmos colaboradores dos almanaques *Brasil-Portugal*, *A semana de Lisboa: suplemento do Jornal do Commercio*¹⁶⁴ foi impressa pela Tipografia Cristóvão e publicada em Lisboa, aos domingos, entre 1º de março de 1893 e 10 de março de 1895. Segundo Álvaro Costa de Matos (2010), o suplemento era distribuído gratuitamente aos assinantes do *Jornal do Comércio*, mas para o público não-assinante o ASL era vendido na Livraria Gomes à uma tiragem em papel especial, pelo custo de 5\$000 réis a assinatura anual e 100 réis pelos exemplares avulsos. *A Semana de Lisboa*¹⁶⁵ foi dirigida por Alberto Braga – um dos colaboradores do *Almanach* e Mariano Pina como redator efetivo. De acordo com o primeiro número, o semanário tinha por propósito “[...] fornecer semanalmente aos assignantes do JORNAL DO COMMERCIO um numero de agradável e facil leitura, consagrando um medalhão das personalidades portuguesas políticas, militares, profissionaes, scientificas, litterarias, financeiras, commerciaes, industriaes e simplesmente mundanas” (A SEMANA..., 1893, p. 3). Costa de Matos (2010) pontua que o periódico conseguiu atingir o seu objetivo devido a três motivos: 1º) O formato semelhante ao de outras revistas de sucesso da época, como *O Ocidente* ou a *Revista Brasil-Portugal*, que apresentavam um manuseamento e leitura fácil, quando comparadas aos jornais; 2º) Aos tipos de textos

¹⁶⁴ Os periódicos estão disponíveis no site da Hemeroteca Digital e podem ser acessados online através do seguinte link: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ASemanadeLisboa/ASemanadeLx.htm>>. Acesso em 27. out 2018.

¹⁶⁵ Não foram encontradas imagens ilustrativas referentes à capa de *A semana de Lisboa: suplemento do Jornal do Commercio*.

publicados que era predominantemente informativos, objetivos e claros; 3º) Em razão do modelo ou estrutura seguida pela revista, demarcado por seções diversas. Portanto, a ASL situava-se “[...] entre a imprensa de recreio e lazer e a imprensa instrutiva tão típica da primeira metade do século XIX, destinada sobre tudo à *hight-society* alfacinha, com ênfase no público feminino” (MATOS, 2010, p. 3).

Com 10 colaboradores que também escreveram para os almanaques *Brasil-Portugal*, o impresso *A Leitura: magazine litterario*¹⁶⁶ foi publicado em Portugal, entre os anos de 1894 a 1896. Por ausência da ficha história não foram encontradas informações acerca desse periódico, mas os dados que constam nas próprias páginas indicam que *A Leitura* (Figura 45) circulou em Lisboa e no Rio de Janeiro, uma vez que está fixado na capa dois endereços atribuídos as mencionadas cidades. Conforme o índice o impresso dividia-se em seções de romances, contos, novelas, filosofia, histórias, memórias, viagens e poesias. Não se sabe quem é o responsável pela direção, mas dentre os colaboradores em comum com os *almanaques Brasil-Portugal* estão Guerra Junqueiro, Alfredo da Cunha, Olavo Bilac, Gomes Leal, D. João Camara, Eugénio de Castro, Urbano de Castro, Anatole France, Paul Bourget e Edmondo de Amicis.

Assim como *A Leitura*, o periódico *Ribaltas e gambiarras: revista semanal*¹⁶⁷ compõe 12,50% dos colaboradores que fazem parte do *Almanach*. Publicada em Lisboa, entre 1º de janeiro de 1881 e 30 de outubro de 1881, o responsável pela revista foi o livreiro e editor Henrique Zeferino de Albuquerque (1842-1925), tendo por redatora Guiomar Torrezão. Segundo Pedro Teixeira Mesquita (2013) a revista podia ser adquirida em todos os teatros de Lisboa e na Livraria Zeferino ao preço unitário de 20 réis ou, pela assinatura de 25 números, a 500 réis, e no Rio de Janeiro, na casa dos Srs. Sousa Teixeira e Morais Calabre, pelo valor 2\$000 réis os mesmos 25 números. O impresso passou por três tipografias durante o seu funcionamento, repartindo-se ordenadamente pelas Tipografia de Cristóvão A. Rodrigues, Tipografia Verde e Adolphe & Modesto Tipografia e Litografia Portuguesa. Apesar de não ter um programa editorial, *Ribaltas e Gambiarras*¹⁶⁸ deu maior enfoque nas áreas teatral e literária, muito embora também se apresentasse como uma revista semanal, crítica, científica e humorística (MESQUITA, 2013, p. 2). Mesmo com o êxito nos primeiros números e com a

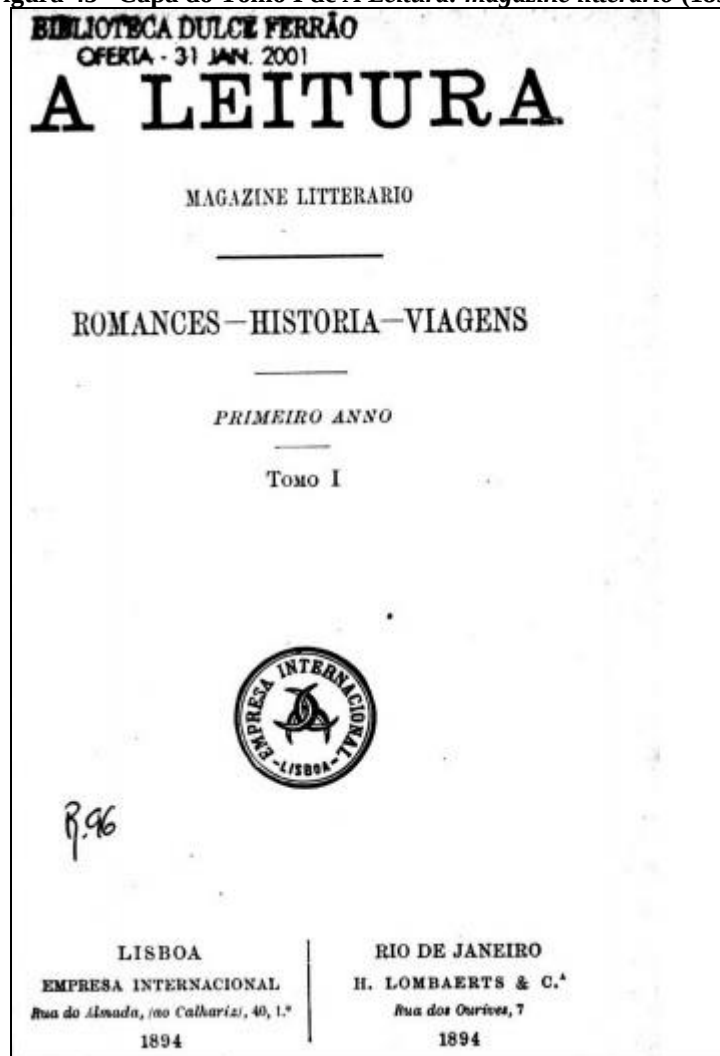
¹⁶⁶ Os periódicos estão disponíveis no site da Hemeroteca Digital e podem ser acessados *online* através do seguinte link: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ALeitura/ALeitura.htm>>. Acesso em 27. out 2018.

¹⁶⁷ Os periódicos estão disponíveis no site da Hemeroteca Digital e podem ser acessados *online* através do seguinte link: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/RibaltaseGambiarras/Ribaltasegambiarras.htm>>. Acesso em 27. out 2018.

¹⁶⁸ Não foram encontradas imagens ilustrativas referentes à capa de *A semana de Lisboa: suplemento do Jornal do Commercio*.

contribuição de diversos colaboradores, a revista encerrou as suas publicações antes de completar um ano.

Figura 45– Capa do Tomo I de *A Leitura: magazine litterario* (1894)



Fonte: *A Leitura: magazine litterario* (1894, n.p)

É importante ressaltar que, assim como o *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*, todos os periódicos retratados acima tiveram a capital, Lisboa, como local de publicação, além da maioria ter circulado no Brasil, entre o final do século XIX e início do século XX, mesmo período em que os almanaques começaram a ser produzidos e divulgados. Destaca-se também que os colaboradores, especialmente os artísticos, se revezavam em outros impressos cumprindo a mesma função. A presença de colaboradores brasileiros também é demarcada em todos os impressos, no entanto, a direção é de origem portuguesa, tal qual ocorre no *Almanach*. A estrutura de alguns periódicos percorre uma organização e formato semelhante à

Revista Brasil-Portugal, tanto no uso de ilustrações, quanto na questão da linguagem verbal, baseando-se em uma mais leitura fácil e dinâmica.

Para além de periódicos, buscou-se levantar também se os colaboradores publicaram livros¹⁶⁹, segundo consta na identificação de suas biográficas e/ou verbetes biográficos que, como já salientado, devido à escassez de informações acerca dos sujeitos aqui estudados, possivelmente há lacunas em relação à produção intelectual. Abaixo foi realizado um gráfico a fim de identificar a representatividade dos colaboradores dos almanaques *Brasil-Portugal* que tiveram livros publicados e os que não publicaram livros e/ou não tiveram suas obras localizadas no transcorrer desta pesquisa.



Fonte: dados coletados pela autora, out. 2018.

Conforme o gráfico 94% dos colaboradores publicaram livros, indicando uma proporção alta em relação ao total de autores do *Almanach*. Ao burilar as obras nota-se que há temáticas e gêneros diversos, abrangendo desde livros de poesias a peças teatrais. Isso significa que estes intelectuais atuavam na produção de bens culturais, além de formarem redes de sociabilidade em relação a outros atores (na forma de tipógrafos, editores e/ou de

¹⁶⁹ Para pensar o conceito de livro faço alusão ao Roger Chartier (1998, p. 8) que define: “[...]manuscritos ou impressos, os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis. As obras, os discursos, só existem quando se tornam realidades físicas, inscritas sobre as páginas de um livro, transmitidas por uma voz que lê ou narra, declamadas num palco de teatro”.

livrarias) que possibilitavam a divulgação de suas obras. Ter um livro publicado era indicativo de um saber que diferenciava das outras pessoas, sobretudo, no Brasil, um país que apresentava altos índices de analfabetismo. E sua publicação também poderia garantir e legitimar posições tanto na esfera cultural, quanto na política, uma vez que o mercado editorial¹⁷⁰ ainda era restrito no país, de forma que a produção do livro em alta escala só veio a ocorrer após a década de 20 do século XX (cf. HALLEWELL, 2005). Os livros também operavam na circulação de ideias, tendo em vista que muitos intelectuais buscavam intervir, muitas vezes, em questões histórico-educacionais, visando a superação de problemas, através de projetos de cunho cívico e nacional que apresentavam na forma desses impressos.

Ainda no século XIX surge a figura do editor-empresário e dos grandes editores escolares, ocorrendo inovações nas formas, conteúdos e circuitos de distribuição dos livros nos países de vanguarda do impresso. O comércio do livro se expande e se internacionaliza, formando redes editoriais que se beneficiam com a expansão de ideias e orientações científicas, evolucionistas, positivistas e da cultura francófona em geral. Segundo Aníbal Bragança (2005, p. 232) “[...] este é o século do apogeu da Galáxia de Gutenberg¹⁷¹ e da cultura letrada, das utopias e das grandes narrativas. Triunfo do livro!”. É também o período em que se fundam as academias nacionais e o prestígio do intelectual letrado chega ao auge.

Alguns colaboradores também integraram associações, institutos, sociedades e academias de letras que tiveram papéis importantes quanto à produção do conhecimento, contribuindo para a história, a ciência e as profissões que nelas se alicerçavam. Ao burilar o quadro de colaboradores (Apêndice A) visualiza-se a participação efetiva desses sujeitos – na condição de fundadores, presidentes ou sócios – em diferentes instituições, em Portugal e no Brasil, a exemplo da Academia Brasileira de Letras, da Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro, Associação de Jornalistas e Escritores Portugueses, da Sociedade de Geografia de Lisboa, Associação de Jornalistas de Lisboa, Associação de Jornalistas e Homens de Letras de Lisboa, Associação de Jornalistas Portugueses, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Sociedade Portuguesa de Fotografia, Sociedade de Propaganda de Portugal, Academia Real das Ciências de Lisboa, Sociedade de Geografia

¹⁷⁰ Sobre a história social do livro e os estudos sobre editoração ver: Roger Chartier (1998) e Robert Darnton (1990).

¹⁷¹ O editor, em sentido pleno, surgiu no Ocidente quando Johannes Gutenberg (1400-1468) criou a “escrita mecânica”, inaugurando a tecnologia da imprensa – a primeira tecnologia moderna de produção em série – que permitiu a transferência do domínio da produção do livro para mãos leigas. (Cf. BRAGANÇA, 2005, p. 225). Para uma compreensão etimológica e conceitual acerca da função do editor de livros, pelo viés da tipologia histórica, recomendo ver: *Sobre o editor. Notas para a sua história* (2005). Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=465645953002>>.

Comercial do Porto, Sociedade Nacional Camoniana e Grêmio Literário e Recreativo Infante D. Henrique.

Participar dessas instituições também fortalecia as redes de sociabilidade, assim como os processos de acesso, recepção e mediação de bens culturais, pois como atentam Angela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen (2016, p. 19), o intelectual “[...] muitas vezes ocupa um cargo estratégico numa instituição cultural, pública ou privada, numa associação ou organização política, ou atua desde um lugar privilegiado numa rede de sociabilidades, de onde protagoniza projetos de mediação cultural de enormes impactos políticos”. Não obstante, esses espaços político-educacionais de fala também se vinculam ao almanaque justamente através de suas produções, isto é, pela cultura escrita.

Na próxima seção secundária, perscrutarei o perfil profissional dos colaboradores com o propósito de verificar as redes de sociabilidade construídas nos espaços de atuação, dado que esses intelectuais podiam estar inseridos em redes que comungavam de um mesmo *métier*. Assim, além de se perceber quais os lugares sociais que transitavam através do vínculo profissional serão recolhidas as pistas acerca da materialidade dos almanaques *Brasil-Portugal*, uma vez que as trajetórias profissionais estavam geralmente vinculadas à sua escrita.

4.3 Entre escritores, jornalistas, políticos e professores: as atividades profissionais dos colaboradores

No âmbito de realizar um levantamento das atividades profissionais mais recorrentes dos colaboradores pensou-se, inicialmente, em construir um gráfico. Só que no transcorrer da pesquisa notou-se que um mesmo sujeito acumulava mais de uma atividade durante a sua trajetória, de forma que para evitar que fosse realizada uma análise simplista, optou-se *a priori* em apresentar um quadro com todos os ofícios levantados em torno dos 80 colaboradores para, por conseguinte, destacar as profissões mais recorrentes.

O quadro 3 foi desenhado elencando ordenadamente as atividades mais recorrentes para as menos frequentes entre os colaboradores. Apresentou-se o total numérico de intelectuais identificados por suas trajetórias, através de biografias e/ou verbetes biográficos, bem como a porcentagem representativa de cada profissão no que concerne aos 80 sujeitos analisados.

Quadro 3 – Atividades profissionais dos colaboradores

(continua)

ATIVIDADE PROFISSIONAL	TOTAL	PORCENTAGEM
Escritor	41	51, 25%
Poeta	29	36,25%
Jornalista	29	36,25%
Político	16	16%
Professor	12	15%
Tradutor	6	7,50%
Crítico literário	5	6,25%
Diplomata	5	6,25%
Dramaturgo	5	6,25%
Advogado	5	6,25%
Militar	4	5%
Cronista	3	3,75%
Médico	3	3,75%
Pedagogo	2	2,50%
Bibliógrafo	2	2,50%
Teatrólogo	2	2,50%
Pintor	2	2,50%
Ilustrador	2	2,50%
Historiador	2	2,50%
Bibliotecário	2	2,50%
Ensaísta	1	1,25%
Romancista	1	1,25%
Desenhista	1	1,25%
Caricaturista	1	1,25%
Compositor	1	1,25%
Memorialista	1	1,25%
Olisipógrafo	1	1,25%
Inspetor de ensino	1	1,25%
Arquiteto	1	1,25%
Decorador	1	1,25%
Tipógrafo	1	1,25%
Contista	1	1,25%
Farmacêutico	1	1,25%
Crítico de arte	1	1,25%

(continuação)

Magistrado	1	1,25%
Oficial da marinha	1	1,25%
Oficial do exército	1	1,25%
Economista	1	1,25%
Geógrafo	1	1,25%
Fotógrafo	1	1,25%
Biógrafo	1	1,25%
Filólogo	1	1,25%

Fonte: dados coletados pela autora, out. 2018.

De acordo com o quadro 2, totaliza-se em 42 (quarenta e duas) atividades profissionais, no entanto, há de se perceber que há atividades que estão inseridas em um mesmo grupo de áreas afins. A profissão de escritor, por exemplo, também pode ser atribuída a um romancista, ensaísta e cronista. Isso depende da forma de como estes intelectuais se identificavam ou eram identificados por seus biógrafos ou leitores. O mesmo vale para alguns colaboradores que foram descritos como militares e outros que, possivelmente por questão de *status* e/ou hierarquia, preferiram usar a denominação de oficial do exército ou oficial da marinha.

Embora as atividades profissionais sejam bastante variadas entre os colaboradores, o que torna o *Almanach* um impresso que recebe diferentes profissionais, é o ofício de escritor que representa mais da metade dos sujeitos (51%). Logo abaixo dos escritores estão os poetas (36%) e os jornalistas (36%), com o mesmo contingente. E não era à toa que estas 3 atividades profissionais estão entre as primeiras dos colaboradores dos almanaques *Brasil-Portugal*. No Brasil, parte considerável dos escritores publicaram seus textos através da imprensa e galgaram reconhecimento por intermédio dos periódicos. O jornalismo literário ficou caracterizado pela disseminação da literatura brasileira nos impressos, especialmente, a partir da criação dos folhetins e da atuação de escritores em jornais e revistas. A respeito da relação entre escritores e periódicos, Felipe Pena (2008) – que faz uma análise acerca do jornalismo literário no Brasil¹⁷² – afirma que “[...] o casamento entre imprensa e escritores era perfeito. Os jornais precisavam vender e os autores queriam ser lidos” (PENA, 2008, p. 32).

Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca também apontam que os laços entre o jornalismo e a literatura tiveram efeito nos periódicos denominados “literários”, de modo que os círculos intelectuais eram formados em torno dos homens de letras que, no final do século

¹⁷² Sobre o conceito e as perspectivas apontadas pelo autor para a sua consolidação recomendo a obra *Jornalismo literário* (2008).

XIX, “[...] combinavam a atividade literária com o emprego em jornais e revistas, apontando para a profissionalização da atividade” (2008, p. 107). Constatou-se que a maioria dos intelectuais que escreviam para os almanaques já haviam atuado ou estavam atuando em outros impressos, seja em jornais, seja em revistas. Isso demonstra o vínculo entre a imprensa, os escritores e ascensão da literatura que perpetuou no primeiro e segundo jornalismo¹⁷³, localizado entre os anos de 1789 a 1900, segundo Ciro Marcondes Filho (2000). Conforme este mesmo autor:

É a época de ebulição do jornalismo político-literário, em que as páginas impressas funcionam como caixa acústica de ressonância, programas político-partidários, plataformas de políticos, de todas as ideias. Época em que o jornal se profissionaliza: surge a redação como um setor específico [...] Nessa época do jornalismo literário, os fins econômicos vão para segundo plano. Os jornais são escritos com fins pedagógicos e de formação política. (MARCONDES FILHO, 2000, p. 11-12).

Para Jorge Pedro Sousa (2002), em Portugal, o aumento de noticiaristas e a diminuição proporcional do número restante de colaboradores que atuavam na imprensa periódica motivou a queda do prestígio da profissão de jornalista, encarada como um ofício técnico, mesmo contando com a contribuição de vários vultos da cultura portuguesa oitocentista, a exemplo de “[...] Oliveira Martins, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Alexandre Herculano, Almeida Garret, etc” (SOUSA, 2002, p. 44).

Político é a quarta atividade profissional, representando 16% dos colaboradores do *Almanach*. A imprensa brasileira, desde as suas primeiras publicações, foi demarcada por grupos que se apropriavam de atividades jornalísticas para difundir ideias e aspirações como instrumento de luta política, seja para fazer oposição à República, seja para se contrapor à Monarquia (MARTINS; LUCCA, 2008). Durante o início do século XX, passa a ser vista como uma grande empresa que se beneficia com o lucro, através da publicidade e dos anunciantes, priorizando maior espaço para aqueles que apresentassem um maior investimento. Ao observar a biografia dos 16 colaboradores dos almanaques *Brasil-Portugal*

¹⁷³ Marcondes Filho (2009) divide a história do jornalismo em 4 fases: O primeiro jornalismo, de 1789 a 1830, é caracterizado pelo conteúdo literário e político, com a função de informar e fiscalizar o poder público; o segundo jornalismo, de 1830 a 1900, é demarcado pela profissionalização dos jornalistas e pela imprensa de massa, inserindo-se na lógica de produção capitalista; o terceiro jornalismo, de 1900 a 1960, é identificado pelos monopólios e a massificação da informação, havendo concentração do grande capital; e o quarto jornalismo, de 1970 até os dias atuais, se define pelo predomínio da “comunicação” sobre o “jornalismo”, com ampla utilização da tecnologia, velocidade na transmissão de informações, mudança das funções do jornalista e maior concentração de poder aos donos das empresas.

nota-se que eles apresentam diferentes posturas no que condiz à suas escolhas ideológicas e partidárias. Portanto, assim como a *Revista Brasil-Portugal*, os almanaques não podem ser considerados impressos de oposição ao regime republicano, pois há tanto colaboradores republicanos quanto aqueles que faziam exaltações à República Brasileira no interior de suas publicações. Só que isso não nega a hipótese de que esses colaboradores poderiam utilizar a empresa *Brasil-Portugal* como um lugar de promoção política que, em contrapartida, poderia gerar investimento aos periódicos, seguindo a lógica de produção capitalista. Nessa perspectiva, penso que as tramas políticas, realizadas dentro ou fora dos periódicos, também se formatam como mais uma seara em que essas redes de sociabilidade tenham se configurado.

Uma outra via de sociabilidade são os espaços político-educacionais, em que estão inseridos, para além de outros sujeitos, os professores. Conforme o quadro 3, 15% dos colaboradores atuaram na docência em algum momento durante as suas trajetórias profissionais. Dessa forma, leva-se a crer que os colaboradores dos almanaques *Brasil-Portugal* circularam em espaços culturais, assim como nas instituições de ensino e que, a partir dos debates materializados nesses lugares político-educacionais, pode-se verificar se foi difundido o pensamento histórico-educacional, em meio aos ideais de progresso e modernidade que norteavam os impressos.

Na próxima seção, alinhada à caracterização desse projeto editorial elaborado por intelectuais portugueses e brasileiros, debruçar-me-ei com maior atenção nos 12 colaboradores¹⁷⁴ que em sua trajetória atuaram como professores como fio condutor para a materialidade dos almanaques, especialmente, no que concerne aos temas da educação, civilização e cultura engendrados nos três anuários. No entanto, cabe aqui salientar que apesar de ser destrinchado o contexto histórico-educacional do período, não será realizada uma discussão pautada na instrução como prática pedagógica ou como elemento da cultura escolar. Como alertado na introdução deste trabalho, trago à baila a educação como principal aliada na questão nacional que se configurava na virada do século XIX para o XX. Também não se pretende adentrar na questão da profissionalização do ofício de professor, ao passo que esses sujeitos muitas vezes acumulavam funções administrativas e/ou políticas, além do exercício de suas respectivas profissões. O enfoque dado será no campo das ideias, tendo como premissa a mediação cultural desses colaboradores, do que propriamente o ofício.

¹⁷⁴ Dentre eles 8 (oito) colaboradores brasileiros e 4 (quatro) portugueses, respectivamente, à saber: Adelina Lopes, Aurea Pires, Garcia Redondo, Nuno de Andrade, Egas Aragão, Fernando de Almeida, Coelho Netto, Alberto de Oliveira, Eugénio de Castro, Wenceslau de Moraes, João Barreira e Sousa Viterbo.

5 ITINERÁRIOS DE PROFESSORES E CIRCULAÇÃO DE IDEIAS CÍVICO-EDUCACIONAIS: REVELANDO OS CONTEÚDOS E DESVELANDO A MATERIALIDADE DOS ALMANAQUES *BRASIL-PORTUGAL*

[...] O Almanach tudo diz, tudo mostra, tudo desvenda, tudo patenteia, tudo explica, tudo aclara, tudo ensina¹⁷⁵. Tem tudo quanto tinha a Folhinha, augmentado de tudo quanto encerram os Tratados. É informativo, é elucidativo, é instructivo, é recreativo. É Borda d'Água e Larousse. É Seringador e Encyclopedia. [...] Mas, na avidez insaciavel, quiz que o Almanach lhe dissésse mais, lhe fizesse saber mais. O Homem quiz chegar a saber, por meio do Almanach, aquillo que não se sabe!
(Alfredo de Mesquita – *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*, 1903)

Com a perspectiva de atender aos propósitos desta pesquisa foi necessário fazer algumas escolhas concernentes às temáticas e aos critérios de seleção e análise. Nesse âmbito, como já alertado em linhas anteriores, direcionei a materialidade dos impressos *Brasil-Portugal*, norteando-me pelos colaboradores que se atrelaram ao magistério em meio a suas atividades profissionais, pois foi uma das profissões que comportou uma parte dos intelectuais que produziram para o *Almanach*. Ademais, este recorte analítico também será importante no sentido de elucidar como era construído o pensamento histórico-educacional a partir dos lugares sociais em que os sujeitos transitaram, inseridos em redes que comungavam de um mesmo protocolo profissional.

Pela similitude entre os temas, agrupou-se os conteúdos que perpassaram pelo viés da cultura, educação e civilização, dado que essas categorias fazem parte de paradigmas que forjavam um duplo sentido: o sentimento de unidade e de coletividade nacional. O projeto civilizatório a ser desenvolvido do outro lado do Atlântico, fruto de uma herança portuguesa, procurava se consolidar nos dois territórios, buscando se firmar como nação civilizada e independente, embora os laços luso-brasileiros estivessem atados. No entanto, para que a civilização germinasse era necessário instruir e civilizar a população. E quando se fala em educar não se remete apenas à instituição escolar, mas em práticas educativas que envolvessem a manifestação de valores e padrões de comportamento, implicando em normas socialmente aceitáveis para a manutenção da unidade social e do *status quo* que se emoldurava no arquétipo do homem civilizado.

Procurava-se estabelecer uma identidade nacional, bem como um sentimento de pertencimento, tendo como expoente a aceitação de comportamentos e valores cívicos e morais que eram considerados necessários ao desenvolvimento e ao progresso da nação.

¹⁷⁵ Este trecho foi tomado como referência para compor o título que nomeia a presente tese de doutorado.

Como aponta o português Alfredo de Mesquita (1871-1931), o *Almanach* é instrutivo, um impresso ávido e insaciável de saberes endossado pelo “Homem”, designado como sinônimo de Humanidade. Assim, atribuía-se aos almanaques um viés de enciclopedismo, como necessidade de conhecimento geral de todos os domínios do saber, através de uma linguagem informativa, recreativa e elucidatória, mas sem perder de vista o seu papel instrutivo.

Abarcando mais de 600 páginas, os almanaques *Brasil-Portugal* avolumam uma materialidade bastante diversificada, de modo que se optou por descrever os principais assuntos para que seja analisado melhor o conteúdo que perpassa pelos temas aqui explorados. Impresso por uma das mais completas oficinas de Portugal, a Companhia Nacional Editora, os três volumes dispõem de textos históricos, instrutivos, teatrais e literários (poesias, romances, crônicas, contos), tradições, crenças, costumes, receitas, charadas, anedotas e logogrifos, perfil intelectual de escritores, homenagens à personalidades consideradas ilustres da época, matérias sobre a imprensa luso-brasileira, artigos e reflexões sobre a história política de ambos os países, indústria, moda, saúde e ciência. Portanto, os almanaques apresentam uma ampla gama de assuntos no que condiz não só as categorias da civilização, cultura e educação, mas também no que tange às relações luso-brasileiras. Concomitante à análise, constrói-se nesta seção uma narrativa que agrega os colaboradores em uma rede de itinerários e sociabilidades, a fim de perceber se suas produções fora do *Almanach*, de alguma forma, preconizam as publicações nos anuários *Brasil-Portugal*.

5.1 Civilização, educação e cultura: categorias redentoras para o progresso e a modernização das “nações-irmãs”

5.1.1 Dramaturgia, educação e poesia: representatividade e produção das mulheres nos impressos *Brasil-Portugal*

Ao folhear as primeiras páginas do *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*, assim como a maioria dos almanaques da época, a primeira parte é composta pela cronologia que respeitava o calendário do Brasil e de Portugal, com informações sobre os cálculos eclesiásticos, dias das festas móveis e dias santo, eclipses, feriados nos dois países, horário mensal do nascimento e pôr do sol, além de outros dados como a tabela de valores dos correios e telégrafos, passagens de companhias de navegação e preços por designação dos lugares nos teatros.

Para acompanhar o calendário era apresentada a astrologia de um mês, seguido do signo, este separado por gênero feminino e masculino. No entanto, observando as previsões

astrológicas era perceptível a mentalidade patriarcalista descrita através dos signos do horóscopo, ao demarcar papéis de gênero e lançar definições que estereotipavam a personalidade de homens e mulheres, conforme destaque em alguns trechos abaixo:

[...] Taurus (de 22 d'abril a 21 de maio). – Ousadia e força de caracter. O **homem** nascido sob este signo é cheio **d'audacia, brusco, colérico**, e triunfará dos inimigos. Sorri-lhe a felicidade, e a fortuna parece correr ao seu encontro. Viajará em terras estrangeiras, mas nunca por lá será feliz. Terá a alma pouco poetica. Será rico na segunda metade da vida mas tornarse-ha então taciturno, pouco sociável, e logo os seus melhores amigos o abandonarão. **A mulher** será enérgica e ajuisada. Por natureza violenta será contudo **esposa submissa e fiel** a não ser que o seu genio seja incompativel com o do marido. Antes de casar, as suas maneiras independentes e a sua inconstancia darão azo aos murmurios das más linguas... e sem razão... ou com ella. Enviuvará muitas vezes. [...] (ALMANACH..., 1900, p. 12, grifos meus).

[...] Sagitario (de 21 de Novembro a 20 de Dezembro). – VIAGENS, EXPLORAÇÕES, CONFIANÇA. **Os homens** nascidos sob este signo farão fortuna em viagens maritimas. Serão dotados **de temperamento vigoroso, de grande agilidade e espirito activo**, terão facilmente amigos de que dissiparão a fortuna. Serão também amadores intrépidos de todos os gêneros de sport: caça, pesca, rowing, equitação, cyclismo, esgrima, tiro, luta, socco, etc, etc. Serão justos, constantes, muito dados, trabalhadores, e com amor proprio e boas qualidades. As mulheres têm o espirito inquieto e irrequieto. Gostam de trabalhar e de viajar. Serão **dedicadas, piedosas e com bom coração**. O seu principal defeito será a presumpção. Casam, e muito bem, por volta dos 19 annos e tornam-se excelentes mães de familia. [...] (ALMANACH..., 1900, p. 26, grifos meus).

Como se pode perceber aos homens são dados os atributos da fortuna e das viagens, além de um temperamento “brusco”, “vigoroso” e de “espírito ativo”. Nos esportes retratados ao signo de sagitário as atividades físicas eram, em sua maioria, praticadas na época pelo gênero masculino, bem como estavam atreladas a força. Já em relação as mulheres, tanto no signo de touro, quanto o de sagitário, o casamento aparece como uma forma de evitar que sejam mal faladas, melhorarem o caráter e se tornarem “excelentes mães de família”. Logo, o casamento passa a ser considerado uma espécie de “salvação” e, ao mesmo tempo, uma transição para conduzir o gênero feminino à maternidade. Suas descrições estão associadas ao sexo masculino quando se fala, por exemplo, em “esposa submissa e fiel” e/ou ao próprio fato de “enviuverem” – porque o fato de se tornarem viúvas supõe que existiu um casamento – embora isso representasse uma libertação para algumas mulheres de elite, tendo em vista que elas poderiam se engajar nos negócios e/ou administrar suas propriedades sem a permissão de um marido. Ademais, as características femininas carregam também o estigma de dedicadas,

piedosas e do “bom coração”, validações das virtudes cristãs do amor e que atuam também como um predicado sobre as expectativas construídas em torno da mulher, sobretudo, no período em questão.

De acordo com Martins e Luca (2008), no Brasil, a participação das mulheres na produção de impressos era retratada de forma tímida, fossem elas produtoras, fossem elas consumidoras. Em geral, suas imagens relacionavam-se à moda e ensaios de literatura. Como produtoras buscaram visibilidade frente às suas matérias em um mercado predominantemente masculino. Como consumidoras tornaram-se alvo de editores sedentos por lucros e “[...] cientes do potencial de consumo daquele segmento às voltas com a economia do lar, dos produtos de saúde e beleza, de trabalhos domésticos, tricô, crochê e bordados – estampados com frequência nas páginas das revistas que já se tornavam variedades” (MARTINS; LUCA, 2008, p. 69).

A literatura contribuiu na inserção de uma sociedade letrada e nas práticas de leituras, principalmente, através do romance. Mas, mediante a sociedade que se formava, somente aos instruídos era concedido espaço para a participação na nova ordem vigente. E as mulheres, mesmo as oriundas de famílias mais abastadas, não tinham acesso ao ensino superior, com exceção de raros os casos em que algumas, a partir de uma série de documentos enviados às academias e apresentação de atestados de boa conduta, conseguiam a concessão para prosseguir os estudos. (CUNHA; SILVA, 2010, p. 100). Propunha-se um ensino secundário feminino que embora se permitesse a aplicação de novas técnicas pedagógicas, não se rompia com o caráter tradicional da formação feminina brasileira, de forma que a maioria das escolas continuavam a preparar a mulher para desempenhar sua missão de mãe e esposa junto à família, convertida à uma educação moral e esta com uma influência civilizadora.

Nos últimos anos a historiografia brasileira tem apresentado estudos sobre a condição feminina das mulheres pobres na sociedade brasileira oitocentista. Segundo Cunha e Silva (2010), estas mulheres, em grande parte, eram mães e solteiras que viviam sozinhas, ou, então, mulheres que conseguiam dividir as responsabilidades de criação e manutenção dos filhos com seus homens. E atuavam como doceiras, engomadeiras, lavadeiras, prostitutas e costureiras, apoiando-se no trabalho informal como estratégia de sobrevivência, o que as distanciava das mulheres das classes mais abastadas, que eram relegadas ao lar doméstico, assumindo o papel da maternidade como *status quo* da condição feminina.

Em linhas gerais, as mulheres pobres não tinham acesso a educação formal, assim como fugiram aos esterótipos atribuídos às características universais ao sexo feminino,

conforme afirma Rachel Soihet (1989), em estudo sobre as trajetórias de mulheres pobres, no Rio de Janeiro, entre os anos de 1890 a 1920:

[...] as mulheres de nossa amostra, em grande parte, não se adaptam às características dadas como universais ao sexo feminino, como submissão, recato, delicadeza, fragilidade, etc. São mulheres que trabalham e muito, em sua maioria não são formalmente casadas, brigam, pronunciam palavrões, fugindo, em grande escala, aos estereótipos que lhes são atribuídos (SOIHET, 1989, p. 11).

A respeito da participação feminina no mundo do trabalho em Portugal, Irene Vaquinhas (2009) afirma que pouco se sabe sobre as profissões femininas urbanas (criadas, amas, lavadeiras, costureiras, leiteiras, etc.), que congregavam uma parte importante da população ativa, bem como as atividades profissionais que não se adequavam à imagem de "sexo frágil", a exemplo das estivadoras, carregadoras de malas, distribuidoras do correio, entre outras.

No *Almanach Brasil-Portugal* são exibidas fotografias de mulheres em ateliers e em fábricas de costuras. Em uma das imagens (Figura 46) na legenda original do almanaque para o ano de 1900 destacam-se os dizeres: “Atelier de rendas da Exma Sra. D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro”. A mulher no centro da imagem, com uma vestimenta mais destoante das demais, era Maria Augusta Bordallo Pinheiro (1841-1915), irmã de um dos colaboradores do almanaque, do ilustrador Raphael Bordallo Pinheiro e do pintor Columbano Bordallo Pinheiro (1857-1929). No Dicionário histórico de Portugal¹⁷⁶, uma das poucas referências encontradas acerca da trajetória de Maria Augusta Pinheiro, informa que ela foi professora e diretora da Escola Industrial de Peniche, responsável por desenvolver a indústria artística de rendas de Peniche, dirigindo em Lisboa a sua oficina.

Para Miguel Dias Santos (2010), o ensino técnico-profissional em Portugal estava vinculado ao modelo industrialista de desenvolvimento econômico. O discurso de estadistas e intelectuais da segunda metade do século XIX associavam o progresso e a riqueza de um país à instrução de sua população, em um período em que a ideologia liberal dominante intimava o Estado a promover a alfabetização. Foi nesse cenário que a escola de desenho industrial de Peniche foi criada, através da Carta de Lei de 30 de junho de 1887, no quadro da reforma de Emídio Navarro¹⁷⁷. Por ordem da portaria de 23 de abril de 1888, chamada de Escola Rainha

¹⁷⁶ Disponível em: <<http://www.arqnet.pt/dicionario/bordaloaugusta.html>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

¹⁷⁷ Emídio Júlio Navarro (1844-1905), quando ministro de Obras Públicas, Comércio e Indústria (1886-1889), no governo presidido por José Luciano de Castro, em 30 de dezembro de 1889, estabeleceu uma reforma dos institutos industriais e comerciais de Lisboa e do Porto. Segundo o Regulamento das Escolas Industriais e de Desenho Industrial, de 1888, a reforma do ensino estabelecia como objetivo das escolas de desenho industrial “[...] ministrar o ensino do desenho com aplicação à indústria ou indústrias predominantes na localidade onde se

D. Maria Pia, era uma instituição de desenho elementar, disciplina que era então ministrada às crianças de 6 a 12 anos e adultos que tivessem interesse em desenho industrial. Segundo Santos (2010), a escola inicialmente ministrava disciplinas de desenho elementar e desenho industrial (ramo ornamental), para moças e rapazes, e abriu com 58 alunos, incluindo 13 estudantes do sexo masculino e 45 do sexo feminino, já com experiência profissional ao serviço dos rendeiros. Após as reformas ocorridas entre 1892 e 1901, a instituição passou a ministrar os cursos de desenho industrial elementar, de costureira e rendeira. Ao longo dos anos, a frequência do ensino na escola assume uma feição essencialmente feminina, projetando-se na indústria tradicional de rendas.

Figura 46 – Mulheres aprendizes no atelier de rendas de Maria Augusta Bordallo Pinheiro



Fonte: *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* para 1900 (1900, p. 17)

Folheando as páginas seguintes do *Almanach* para 1900, localiza-se um artigo intitulado de “Rendas portuguesas”, em que são apresentados mais dados sobre as indústrias das rendas em Portugal. Nele afirma-se que foi nos conventos que elas [as rendas] obtiveram os mais “primorosos e diffícies modelos”, uma vez que eram destinadas a paramentos do culto religioso, especialmente, a toalhas dos altares. Ainda de acordo com o texto do *Almanach* – que não constava de autoria – em todo o norte do país sempre houve rendeiras, mas foi Peniche que se adquiriu a “[...] maior e mais celebrada fama na factura d'èste artigo” (RENDAS..., 1900, p. 58). Com a organização da escola, confiada à direção técnica de Maria

acharem estabelecida”. Sobre o ensino industrial em Portugal, consultar: *Contributos para o estudo do ensino industrial em Portugal (1851-1910)*, de Luis Alberto Marques Alves (1998) e *A criação do ensino industrial em Portugal*, António Manuel Matoso Martinho (2006).

Augusta Bordallo Pinheiro que a indústria rendeira ganhou uma orientação “[...] methodica e illustrada”, procurando modelos conhecidos para serem imitados e criando outros da mais “apurada e delicada expressão” (RENDAS..., 1900, p. 58). Para Santos (2010, p. 7), a inovação metodológica imposta pela sua diretora adotava, em sua oficina, um sistema da divisão do trabalho em que as melhores rendas eram feitas em pequenas partes e por diversas operárias, que depois se uniam e produziam uma peça grande.

Ao que pese, não se sabe a origem das mulheres que ilustram a Figura 46, pois o texto não oferece pistas sobre elas. Na verdade, o artigo remonta a ideia de estabelecer uma indústria através do recolhimento de mulheres abandonadas, tal qual salienta existir na Bélgica ou mesmo por meio de instituições que pudessem – aparentemente – se voluntariar para uma oficina de rendeiras:

Por varias vezes se tem alvitado a idéa de estabelecer essa industria n'um grande recolhimento para raparigas abandonadas, á imitação do que existe em Bruxellas, mas até hoje nem particular nem oficialmente se tem resolvido qualquer cousa a este respeito. É bom seria que se resolvesse, aproveitando-se a corrente de beneméritas e philántropicas instituições que nos últimos tempos se teem desenvolvido no paiz, especialmente em Lisboa. Assim como o asylo de Santo Antônio tem dado os mais bellos e animadores resultados, de esperar seria que uma officina de rendeiras em larga escala dessa brilhante compensação a todos os sacrificios que se fizessem, para o instituir. (RENDAS..., 1900, p. 58).

Entretanto, nenhum indício foi encontrado que corroborasse com o que foi idealizado na matéria do almanaque. Um quadro elaborado por Santos (2010), através dos dados de anuários estatísticos de 1887 a 1910, aponta que entre o período de 1891 a 1900, o número total de alunos matriculados foi de 707, sendo 170 do sexo masculino e 537 do sexo feminino, além de mais 468 moças vinculadas às oficinas. Segundo o autor, o ensino técnico traduzia uma alternativa ao ensino primário, que só tornou obrigatória a instrução elementar (3 anos de duração), a partir da reforma educativa consubstanciada no Decreto de 29 de março de 1911¹⁷⁸, decorrida na primeira República portuguesa.

Duas páginas após o artigo das rendas portuguesas há uma fotografia (Figura 47) da Fábrica Confiança, situada em Porto, Portugal. A questão é que não há nenhuma conexão entre a imagem e o texto que acompanhava a mesma lauda do almanaque. O que se sabe é que a fábrica não tem nenhuma relação com a Escola Rainha D. Maria Pia, pois as informações

¹⁷⁸ A reforma de 1911 dividiu o ensino primário em três graus: elementar (3 anos), complementar (2 anos) e superior (3 anos).

que constam no sítio do Arquivo Municipal do Porto¹⁷⁹ dão conta de que se tratava de uma indústria de camisetas, instalada em 1883, que se dividia em oficinas de costura, de enxovais, de fição, de acabamentos, de empacotamentos e de embalagens.

Segundo Vaquinhos (2009) em relação ao operariado feminino o peso na população ativa não era muito abrangente, contando com cerca 19% de mulheres, em 1900. Os estudos disponíveis sobre as mulheres operárias ainda estão restritos a informações sobre as condições de vida, de trabalho e de salários, ou de pequenos *flashes* sobre a intervenção feminina no movimento grevista e sindicalista (VAQUINHAS, 2009, p. 250, grifo no original). Por outro lado, os temas educativos têm sido muito analisados, sobretudo, no que tange ao acesso da instrução, embora haja ainda muitos campos a serem aprofundados no âmbito da história das mulheres.

No *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* as duas fotografias contemplam o progresso e a modernização da sociedade portuguesa que se apoiava na industrialização como desenvolvimento econômico necessário para alcançar os ideais de civilização. A indústria, ligada com o progresso das ciências, era considerada um elemento indispensável a prosperidade pública. E o ritmo de desenvolvimento europeu servia como prerrogativa para a implementação do ensino de caráter mais técnico e profissional no panorama educativo europeu.

Figura 47 – Mulheres trabalhando na Fábrica Confiança, situada no Porto, em Portugal



Fonte: *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* para 1900 (1900, p. 17)

É de se ressaltar que, dentre várias ilustrações e fotografias, não há nos impressos qualquer identificação a respeito delas [das mulheres], ainda que estejam figuradas em trajes nobres e, hipoteticamente, estejam representadas como arquétipos de beleza feminina para o

¹⁷⁹ Disponível em: <<http://gisaweb.cm-porto.pt>>. Acesso em 21 nov. 2018.

público leitor. Nesse período eram enfatizados os atributos da mulher, especialmente, os segmentos mais ricos, que eram “[...] identificados com as ideias de delicadeza, de sensualidade e de uma certa dose de mistério” (BORGES, 2005, p. 45). Há também imagens de mulheres que são casadas com artistas, políticos e/ou que pertenciam a classe mais abastada – julgando pelas suas vestimentas e penteados glamorosos, bem como fotografias de cantoras líricas, no entanto, o foco principal era dado as atrizes da época. De acordo com Michelle Perrot (2007, p. 130), era melhor ser cantora lírica a ser atriz, atriz dramática a ser comediante, primeira bailarina a ser figurante. Embora esta profissão [de atriz] fosse uma forma de independência, a concorrência era muito forte e o meio, muito hierarquizado (PERROT, 2007, p. 130).

Burilando os três almanaques, há também fotografias e/ou ilustrações de atrizes e teatrólogas, tais como: Lucília Simões (Rio de Janeiro/BR, 1879-1962), Maria Guerrero (Madrid/ES, 1867-1928), Sarah Bernhardt (Paris/FR, 1844-1923), Rosa Damasceno (Gondomar/PT 1845-1904), Adelina Lopes (Lisboa/PT, 1850-?), Eleonora Duse (Vigévano/IT, 1858-1924), Angela Pinto (Lisboa/PT, 1869-?), Cinira Polonio (Rio de Janeiro/BR, 1857-1938) e Lucinda do Carmo (Lisboa/PT, 1861-1922). Destas, há três textos relacionados à Lucília Simões e Sarah Bernhardt, ambos produzidos por homens, e um trecho de uma peça teatral escrita por Adelina Lopes.

A primeira mulher a ser destacada no *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* é a atriz portuguesa Lucília Simões¹⁰, que tem sua fotografia (Figura 48) alinhada a um pequeno texto do colaborador Abel Botelho, responsável por abordar o trabalho da atriz em “A Casa de Bonecas”, uma peça de Henrik Ibsen, e que foi dirigida por sua mãe, Lucinda Simões¹⁸⁰ (1850-1928). Sobre a sua atuação, Botelho salienta que Lucília era dotada de recursos cênicos excepcionais, preparada por uma “[...] educação e uma ilustração realmente raras n’uma mulher” (ALMANACH..., 1900, p. 7). Com exceção de algumas informações sobre a sua personagem, chamada de Nora, nada mais se fala a respeito da atriz. Entre as páginas posteriores do *Almanach* há apenas uma fotografia (Figura 49) posicionada no canto esquerdo do impresso, junto a tabela de preços dos telégrafos no Brasil, com a legenda de “Scena da Casa da Boneca”, figurando a atriz e mais três crianças. Por conseguinte, não há mais nenhuma referência à atriz, nem no almanaque de 1900 e tampouco nos outros dois volumes.

¹⁸⁰ Lucília Cândido Simões Furtado Coelho (1879-1962) nasceu no Rio de Janeiro e fez carreira como atriz, contracenando em peças teatrais como “Frei Luís de Sousa”, de Almeida Garret; “Madame Sans-Gêne”, de Victorien Sardou e Émile Moreau, e “Casa de Bonecas”, de Henrik Ibsen. Lucília Simões, ao longo da sua vida, recebeu prêmios como a Comenda da Ordem de Santiago, em Portugal, e as Palmas de Ouro, da Academia Francesa. Faleceu no dia 8 de Junho de 1962, em Lisboa, Portugal.

Figura 48 – Fotografia da atriz Lucília Simões



Fonte: *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* para 1900 (1900, p. 7)

Figura 49 – Lucília Simões encenando a peça “Casa de Bonecas”



Fonte: *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* para 1900 (1900, p. 23)

Na página do pequeno artigo composto por Silva Pinto, em referência a Sarah Bernhardt, há dois cartazes com a ilustração da atriz (Figura 50) produzidos pelo pintor checo, Alphonse Mucha (Ivančice/CZ, 1860-1939), que foram lançados especialmente para os seus espetáculos, realizados em França, entre os anos de 1894 a 1900. Os cartazes colaboraram para a popularização da *Art Nouveau* – em que Mucha foi figura central deste movimento – além de alavancar a carreira de Bernhardt como atriz. Apesar do texto de Silva Sinto trazer em seu título o nome de “Sarah Bernhardt”, era a partir de Sousa Martins (1843-1897) que o autor revalidava com ironia o potencial da atriz:

[...] Um dos nossos homens eminentes que a adorava: Sousa Martins. Nunca me falou d’ella, sem se mostrar succumbido. – “Esta mulher é um abuso do creador!”, dizia-me ele, ao regressarmos da gare, aonde fomos despedirmos d’ella. A’ minha vista, depois de ouvir uma tirada brilhante e um tanto paradoxal de Sousa Martins, disse-lhe Sarah Bernhardt: – o sr. Professor é outro Julio Verne¹⁸¹. – Como phantasista?! – Não: como profeta. Eu creio que Julio Verne prevê: não fantasia. [...] (ALMANACH..., 1900, p. 93).

Não se sabe em qual contexto se deu este diálogo, uma vez que não foi encontrada nenhuma referência que apresentasse pistas sobre alguma ligação entre Sarah Bernhardt e Sousa Martins. Entretanto, não é lançada nenhuma nota sobre o trabalho atual da atriz naquele período, mesmo sendo ela uma mulher reconhecida na época pela dramaturgia. Segundo Michele Pierrot, com o sucesso, Sarah Bernhardt tornou-se uma mulher exigente, não só financeiramente, como também na vida cotidiana. Apesar de não se colocar como “sufragista”, afirmava-se feminista, preocupada, acima de tudo, “[...] com a igualdade salarial e com o direito de investigação da paternidade” (PERROT, 2007, p. 130).

Nas páginas seguintes do mesmo volume impresso, o *Almanach* para o ano de 1900, havia um texto de Mario Bertaux (?-?), responsável pela biografia da atriz¹⁸², acompanhado de duas ilustrações de Bernhardt (Figura 51 e Figura 52), realizadas por Augusto Pinna, um dos colaboradores artísticos da *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*. Mas, novamente, não há nenhuma que faça menção as suas peças e nenhuma nota sobre a sua turnê que fez no Rio de Janeiro, nos anos de 1886 e 1893, que causou bastante *frisson* durante as suas estadias pelos teatros cariocas (ROCHA; LANA, 2016, p. 3). Explora-se apenas a imagem da atriz.

¹⁸¹ Jules Gabriel Verne (Nantes/FR, 1828-1905) formou-se em Direito, mas seguiu a carreira literária como escritor e um dos precursores da moderna literatura de ficção científica. Lançou diversas obras e, por meio delas, recebeu prêmios pela Academia Francesa de Letras.

¹⁸² Ver: BERTAUX, Mario. *Sarah Bernhardt*. [S.l.]: A. Quantin, 1895.

Figura 50 – Cartazes da atriz Sarah Bernhardt produzidos pelo pintor Alphonse Mucha



Fonte: *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal para 1900* (1900, p. 93)

Figura 51 – Ilustração da atriz Sarah Bernhardt produzida por Augusto Pinna



Fonte: *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal para 1900* (1900, p. 94)

Figura 52– Ilustração da atriz Sarah Bernhardt produzida por Augusto Pinna



Fonte: *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* para 1900 (1900, p. 95)

De acordo com Jorge Pedro Sousa (2008), no final do século XIX, a ilustração – principalmente o retrato executado através de fotografias – começou a invadir os periódicos portugueses. No Brasil, em um país onde a maioria da população era analfabeta, a ilustração foi mais eficaz que a letra pelo alcance em que atingia, levando em conta que a força da imagem foi decisiva para a comunicação de massa. Já à fotografia coube a dimensão mais abrangente como recurso de ilustração, invadindo progressivamente os impressos, como instrumento ideal para “vender” a imagem do país civilizado e moderno (MARTINS, LUCA, 2006). Naquele momento, nos almanaques *Brasil-Portugal*, as ilustrações e fotografias atuavam como apreensões das mutações do moderno nos dois lados do Atlântico, focalizando a imagem que substituiu a palavra, constituindo um dos pilares que demarcavam a civilização e a cultura por meio do aprimoramento de técnicas que se materializavam em “modernidades”.

No que condiz a produção do gênero feminino nesses impressos, apenas uma mulher teve uma peça de sua autoria veiculada ao *Almanach*. Junto a sua ilustração (Figura 53), foi

publicado o Ato I e a Cena VII da peça “A virgem de Murillo”, drama em 3 atos em verso, da professora e teatróloga Adelina Lopes. O fato da autora ter recebido esta abertura provavelmente se deve por Adelina e sua irmã, a escritora Julia Lopes de Almeida, prestarem colaboração à *Revista Brasil-Portugal* que, por ser vinculada ao mesmo corpo diretivo dos anuários, partilhava de parte considerável dos mesmos escritores e escritoras do periódico quinzenal, o que poderia oportunizar a produção nos dois impressos.

Além do laço familiar, Adelina e Julia estabeleceram relações profissionais no campo literário e publicaram juntas, em 1886, o livro *Contos Infantis*¹⁸³. A obra que contém 58 contos das duas irmãs e do escritor francês Luiz Ratisbonne (?-?), com tradução de Adelina, foi escolhido e aprovado para o uso nas escolas primárias brasileiras, por decisão da Inspectoria Geral da Instrução Primaria e Secundaria, em 1891. (cf. STANISLAVSKI, 2004; ARROYO, 1968). Conforme Diana Gonçalves Vidal (2004, p. 43), ao lado do livro *História de nossa terra*, de Julia Lopes, a obra *Contos Infantis* foi adotada para leituras suplementares e auxiliares para o ensino primário em São Paulo pela Comissão nomeada, em 1918, por Oscar Rodrigues Alves, Secretário do Interior da Província.

Figura 53 – Adelina Amelia Lopes Vieira



Fonte: *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* (1901, p. 142)

¹⁸³ Stanislavski (2004) e Diana Gonçalves Vidal (2004) apresentam um estudo sobre o livro escolar *Contos Infantis*, as quais se utilizam, respectivamente, da 9ª edição e da 13ª edição, ambos publicados pela Editora Francisco Alves (RJ).

A aproximação de Adelina Lopes com a literatura escolar não foi por um acaso. Nascida em Lisboa, Portugal, Adelina Amelia Lopes Vieira, com um pouco mais de 1 ano veio morar ao Brasil junto aos seus pais, Valentim José da Silveira Lopes e de Antonia Adelina¹⁸⁴. Formou-se professora pela Escola Normal do Rio de Janeiro, por volta de 1870, bem como foi professora da 2ª cadeira de meninas da freguesia do Espírito Santo. Professora, escritora, contista, Adelina escreveu peças teatrais, foi tradutora e colaborou em vários periódicos, a exemplo de *O Tempo*, *A Mensageira*, *Revista Brasil-Portugal* e *A Faceira*. Segundo Menezes (1969), Adelina deixou uma vasta bibliografia poética: *Saudade de palmeiras* e *No echo das damas*, publicados no Rio de Janeiro, em 1879; *O primeiro peccado de Margarida*, tradução de uma ballata de Henry Murger; *Estella matutina*, publicado no *Novo almanaque luzobrazileiro*, em 1880; *As duas estrellas*, poesia em oitava rima, publicada no *Almanaque das senhoras* para o ano de 1882, em Lisboa; e *Pombal*, poemeto publicado no Rio de Janeiro em 1882, que mandou imprimir e o ofereceu ao “Club Litterario Portuguez”, para aplicar os benefícios das vendas em suas aulas (STANISLAVSKI, 2004, p. 203).

Nos poucos verbetes biográficos encontrados sobre a autora¹⁸⁵, ela é considerada como uma das pioneiras em criar uma literatura infantil de cunho nacional. Stanislavski (2004), apoiando-se em Arroyo (1968), afirma que a “literatura escolar” produzida por brasileiros e que se consolidou posteriormente como gênero literário (literatura infantil) tinha por finalidade “[...] ensinar às nossas crianças valores morais e religiosos, de maneira agradável, como forma de reação a esse tipo de literatura produzida na Europa e que nos chegava por meio de adaptações e/ou traduções portuguesas[...]” (STANISLAVSKI, 2004, p. 201).

André Botelho (2002), citando José Veríssimo, afirma que ele reclamava no seu manifesto *A educação nacional* (1890) que a literatura escolar, com vistas para o futuro, tinha o papel de reordenar as representações do passado e do próprio presente, como sementeira da nação. Com isso, a literatura brasileira que ganhava espaço nos programas escolares encontrou na educação o complemento adequado para a consecução de seus objetivos, passando a ser concebida como manifestação da língua e como expressão da sociedade e do sentimento nacional (BOTELHO, 2002; LAJOLO, 1982).

¹⁸⁴ Justifica-se o fato de Adelina Lopes figurar entre os colaboradores brasileiros, tendo em vista que veio residir no Brasil desde os seus primeiros anos, além de se considerar que sua formação escolar e profissional se deu no referido país.

¹⁸⁵ Em razão da falta de fontes para remontar a biografia de Adelina Lopes, foram consultados os sítios da Enciclopédia Itaú Cultural, disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21550/adelina-lopes-vieira>> e da Biblioteca Nacional Digital do Brasil, disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-<literatura/personagens-periodicos-literatura/adelina-lopes-vieira/>>>, que constam alguns dados sobre a trajetória de vida da autora.

Atrelada a sua contribuição para a literatura infantil, Adelina também enfatizava a importância da instrução, como pode ser observado no poema *Pombal*, publicado no Rio de Janeiro em 1882, no prefácio que homenageou o centenário da morte de Marquês de Pombal, por ocasião do Festival Comemorativo organizado pela Grande Comissão nomeada pelo Club de Regatas Granabarense¹⁸⁶, segundo transcreve Leonora De Lucca:

Educar a mocidade de hoje é destruir e aniquilar a ignorância de amanhã. A instrução é a maior riqueza que podemos legar a nossos filhos. Nós, que caminhamos para o ocidente da vida, iluminaremos o oriente dos que chegam [...]. Se no correr do nosso século, com o operário em trevas, são tão prodigiosas as maravilhas da ciência, das artes e das indústrias, que milagre produzirá, então, o obreiro instruído?” (VIERA, 1882 apud DE LUCCA, 1999, p. 297).

Apesar da sua vasta produção literária, a sua única publicação no *Almanach* restringiu-se à sua atuação como teatróloga, que também foi significativa para a dramaturgia. Mas isso não quer dizer que o impresso ou mesmo a escritora não valorizava as suas publicações em outros gêneros. Na verdade, isso demonstra que nem todos os colaboradores se dedicavam somente à uma única profissão, exercendo muitas vezes um outro ofício. Deve-se também ser levado em consideração que o espaço concedido nos periódicos possibilitava que os escritores pudessem angariar um reconhecimento maior na sociedade, uma vez os impressos eram um dos meios de se comunicar com o público leitor e divulgar as suas produções. Assim, através da divulgação impressa, os leitores poderiam ser induzidos a buscar conhecer outras publicações de Adelina.

O mesmo se pode falar de Aurea Pires, colaboradora brasileira que também se formou como professora, mas ficou conhecida como poeta. Nascida em Angra dos Reis, no Rio de Janeiro, Aurea Pires da Gama¹⁸⁷ iniciou seus estudos em Minas Gerais, finalizando-os no estado carioca. Estimulada pelos seus pais, o poeta e autor teatral Trajano Augusto Pires (?-?) e de Dionísia Maria da Fonseca Pires (?-?), com 14 anos publicou o seu primeiro soneto intitulado de *Impossível*, no jornal *O Astro* da cidade de Barbacena, Minas Gerais. Uma das obras que consagrou Aurea Pires foi o livro em versos *Flocos de Neve* (1898), prefaciado pela

¹⁸⁶ O Centenário do Marquês de Pombal: coleção de poesias distribuídas no Imperial Theatro D. Pedro II por ocasião do Festival Comemorativo (1882) pode ser acessado na íntegra através do sítio da Hemeroteca Digital de Lisboa. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/RaridadesBibliograficas/Raridades_HomenagemaoMarquesdePombal.htm>. Acesso em: 05 nov. 2018.

¹⁸⁷ Em razão da falta de fontes para compor a sua trajetória utilizei parte das informações disponível no sítio da Biblioteca Nacional Digital do Brasil, disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/aurea-pires/>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

escritora Inês Sabino (1853-1911)¹⁸⁸. Foi justamente o poema, com o mesmo nome do livro, que teve publicação no almanaque *Brasil-Portugal* para o ano de 1900, descrito abaixo:

Quando eu parti, minh'alma aberta em chagas
Partiu também, seguindo a minha sina.
— Corri florestas, solitárias fragas,
Buscando allivio á dor que me domina.
E depois de rever longiquas plagas
ünde brinquei quando era pequenina,
Olhando o mar, que as transparentes vagas
Entornavam na praia alabastrina;
Depois de vêr cidades populosas,
Palácios, cathedraes maravilhosa»,
Jardins floridos como eu nunca vi;
Voltei, sentindo o mesmo horror'ao mundo,
Trazendo n'alma o mesmo mal profundo
A mesma angustia que levei d'aqui.
(FLOCOS..., 1900, p. 127).

Ainda que tenha sido bem recepcionada pela obra, Sylvia Perlingeiro Paixão (1990) ressalta que no periódico *A Mensageira: revista literaria dedicada a mulher brasileira*, publicada em São Paulo e que circulou entre 1897 a 1900, um dos colaboradores aborda o livro de forma condescendente, tecendo elogios, mas “[...] destacando a poetisa mais pelos dotes físicos do que pelo talento propriamente dito”, bem como apresentando críticas em alusão aos versos que depois ameniza, “[...] concluindo que, entre as mulheres, ela pode ter seu mérito” (1990, p. 54). Tais críticas se devem a tendência de uma atmosfera de fragilidade que é acentuada em um contexto paternalista, que buscava reforçar o estigma da mulher como um ser inferior e frágil, sobressaindo mais as qualidades físicas da mulher do que o seu saber literário. É interessante frisar que esta mesma revista foi dirigida pela educadora, poeta e fundadora da Academia Paulista de Letras, Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944), irmã de Julia Lopes de Almeida e Adelina Lopes. Destaca-se também que *A Mensageira* é reconhecida como a primeira publicação periódica editada por mulheres, no Brasil¹⁸⁹, em que figuravam escritoras como Maria Clara da Cunha Santos (1866-1911), Júlia Lopes de Almeida, Delminda Silveira (1854-1932) e da portuguesa Guiomar Torrezão, além das

¹⁸⁸ Para saber mais sobre a trajetória de vida da escritora, consultar: *Áurea Pires da Gama: perfil de uma poetisa angrense* (1974), de Elmo Elton.

¹⁸⁹ Algumas informações sobre o histórico do periódico podem ser acessadas por meio do sítio da Biblioteca Nacional Digital do Brasil, disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/titulos-periodicos-literatura/a-mensageira-revista-literaria-dedicada-a-mulher-brazileira/>>. Alguns exemplares foram digitalizados e podem ser acessados na mesma página, através do seguinte link: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/per352438_contente/per352438_item1/P2.html>.

presenças de Adelina Lopes e Aurea Gama, perpetuando como um meio de divulgação de uma tradição literária feminina.

De acordo com Raissa Nunes Pinto (2017), ao ser notificada pela Directoria Geral da Instrucção Pública de São Paulo sobre o novo tema das festas escolares – a festa das aves, através da solicitação de um concurso literário, Presciliana Duarte de Almeida decidiu começar a pesquisar poemas que tratassem as aves como objeto central, buscando autores tanto brasileiros como franceses e portugueses, para assim auxiliar os professores da época nas escolas de São Paulo. Publicado em 1914, *O Livro Das Aves: crestomathia em prosa e verso*, contou com um total de 468 páginas, ilustrações de pássaros e com a presença de textos introdutórios de autoras que compunham o seu periódico, a exemplo, mais uma vez, de Julia Lopes de Almeida, Adelina Amelia Lopes Vieira e Aurea Pires da Gama. Fora essas publicações, estas três escritoras também partilharam da colaboração no impresso *A Faceira: culto a mulher*, que circulou no Rio de Janeiro entre 1911 a 1917. Dirigida por José Carvalhaes Pinheiro (?-?), a revista abordava sobre o universo feminino, por meio de artigos diversos, ilustrações, crônicas, peças teatrais e poemas.

Levantar a trajetória intelectual das duas mencionadas colaboradoras do *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* em outros periódicos é necessário para se perceber que, ao lado de outras mulheres, elas faziam parte de redes de sociabilidade entrelaçada pelos lugares de escrita, bem como atuavam como mediadoras, dirigindo-se a um público de pares, como o feminino e o escolar, como também à um público mais heterogêneo e abrangente, como os almanaques. Ambas também atuavam na educação que, naquele momento, assumia o lugar central para os intelectuais que, imbuídos em diferentes orientações ideológicas, estavam convencidos da necessidade de uma reforma moral da sociedade como condição da construção efetiva de uma nação moderna no país (BOTELHO, 2002).

5.1.2 Manual de civilidade, modelo de civilização: elementos cívico-morais expressos no *Almanach*

No transcorrer dos três almanaques, entre charadas, enigmas, poemas e receitas culinárias, eram publicadas junto às seções um arsenal de piadas e, muitas delas, relacionadas ao gênero feminino. As piadas ora ridicularizavam as mulheres ao ironizar que “[...] quando uma mulher se torna escriptora faz, de uma vez só, dois males: aumenta o numero dos livros e diminue o das mulheres” (ALMANACH..., 1903, p. 64), ora tratavam-nas como incapacitadas: “[...] É uma inabilidade exigir á mulher respostas cathgoricas e precisas, porque isso chama-a á prudencia e a reflexão, e n’esse campo ella só pode responder: não”

(ALMANACH..., 1903, p. 64). Além disso, havia também piadas sobre o casamento que atribuíam ao gênero feminino o estigma de perdulárias: “Reflexão melancolica de um recémcasado: ‘Antes do meu casamento, minha mulher era-me *cara* e eu era o seu *thesouro*. Agora ainda me é mais cara e eu sou seu thesoureiro’” (ALMANACH..., 1903, p. 64, grifos no original). Não se sabe quem escrevia as piadas, dado que não havia identificação de autoria, entretanto, na época era comum as anedotas de cunho machista, misógino e/ou que banalizavam a imagem das mulheres. De acordo com Rachel Soihet (2004, p. 15-19) o recurso da ironia e da comédia eram utilizados para desmoralizar a luta pela emancipação feminina, além de reforçar os padrões de feminilidade considerados atributos naturais, pois o discurso conservador dos meios de comunicação fez muitas mulheres rejeitarem o feminismo, tido como incompatível com o ideal vigente de beleza, meiguice, paciência e resignação.

Assim como a *Revista Brasil-Portugal*, no *Almanach* também havia artigos que buscavam forjar um papel social e normativo para as mulheres, instruindo-as de que forma deveriam se portar e vestir, conforme indicavam alguns artigos como “O vestuário”, de Sousa Martins e texto para o “O Juízo do anno”, de Ramalho Ortigão.

No primeiro artigo, retirado das *Lições de pathologia geral e semiologia*¹⁹⁰, o autor inicia com uma abordagem sobre o vestuário e calçados femininos discorrendo sobre os malefícios quanto ao uso do colete e do salto, passando posteriormente pela utilização dos chapéus e os cuidados relacionados à higiene e finalizando com algumas ponderações sobre a saúde das roupas e a disposição com relação ao quarto. A medicina condenava todos os adereços que viessem a prejudicar o corpo feminino e, por conseguinte, uma função primordial da mulher naquela época, a maternidade:

[...] Desde que a cabeça não esteja num plano ligeiramente superior aos pés, a circulação encephálica não se faz bem e dá-se uma espécie de congestão, o que é contrário ao trabalho psychico do cérebro, e a outras funções . O quarto deve ser espaçoso, e têr o cubo necessário pára que a respiração não seja prejudicada; deve têr 50 a 60 metros cúbicos de capacidade; de contrário o ar vicia-se pela própria respiração, e fica-se num estado de entoxicação permanente, que dá a maior tendência pára certas doenças, principalmente pára a tuberculose. O colchão deve sêr duro, para que não faça eovas, e permitta que a circulação se faça livremente. A roupa, se fôr muito pesada impede os movimentos de respiração, não de todo ê certo, mas em todo o caso prejudica a funeção; também não deve sêr leve de mais, porque então o corpo está numa refrigeração constante. (O VESTUARIO..., 1901, p. 85).

¹⁹⁰ Não se sabe se o texto foi retirado na íntegra, no entanto, o artigo original foi compilado e publicado por Décio Sanches Ferreira e Antonio Barbosa, em Lisboa, no ano de 1900, segundo consta no catálogo encontrado da obra. Ver: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/nlmcatalog/387098>>. Acesso em: 05. nov 2018.

Nota-se que à pauta do vestuário também está ligada a concepção higienista. Tanto no Brasil, quanto em Portugal, os ideais de higiene se misturavam ao desejo de modernidade e progresso que atravessaram o início do século XX. Não é à toa que o texto publicado é assinado por Sousa Martins, sujeito esse que integrava a profissão médica, representada por uma elite que naquele período propiciava as intervenções necessárias para o estabelecimento de uma ordem higienista na sociedade.

Os bons costumes e hábitos estrangeiros eram difundidos pelas classes mais favorecidas como um sinal de bom gosto que perpetuava, em especial, nas vestimentas e edificações. Segundo Nayara Mariano e Antonio Carlos Ferreira Pinheiro (2012, p. 2484) “[...] o saber médico, impulsionado em prol de uma “missão higienista” e embebido de um ideário de progresso e civilidade, passou a organizar propostas de intervenção e conformação da sociedade”. A medicina agia como um “dispositivo de poder/saber disciplinar”, que “[...] estruturou campanhas políticas de cunho pedagogizante e moralizante, saneando espaços públicos e privados, visando a modificação de hábitos” (MARIANO; PINHEIRO, 2012, p. 2484). Assim, o estudo da medicina se fazia importante para disciplinar os espaços e corpos, embasados na via de um “projeto civilizatório”, que tinha por finalidade proporcionar à nação – portuguesa e brasileira – um ambiente saudável para a edificação de uma civilização.

A limpeza, a ventilação e a pureza do ar eram um dos principais elementos para manter os ideais higienistas. Através de trocadilhos e ironias, os colaboradores sinalizavam a necessidade de portugueses e brasileiros se unirem para combater as doenças infecciosas que poderiam ser transmitidas pela falta de higiene, como foi o caso da peste bubônica, que aportou no Brasil e em Portugal no final do século XIX (CUKIERMAN, 2007). Nuno Ferreira de Andrade (1851-1922), na época Diretor Geral de Saúde Pública, estabelecida a partir da fusão das atribuições do Instituto Sanitário Federal e da Inspetoria Geral de Saúde dos Portos, de maneira humorada alerta os leitores do *Almanach*: “[...] em minha opinião no anno de 1901 Portugal e Brasil darão as mãos para uma paz perduravel. Os dois paizes irmãos promulgarão leis salutareis prohibindo o uso... da peste bubônica" (JUIZO..., 1901, p. 13). A mensagem do médico Nuno de Andrade provavelmente foi dita em razão da existência de um caso de peste bubônica no Porto, visto que no almanaque *Brasil-Portugal* para o ano de 1900 foi produzido um artigo em que afirmava que embora não tivesse sido expedida uma declaração pública a respeito, após diversas discussões pautadas em assembleia pela Sociedade de Medicina e Cirurgia, por unanimidade, deliberou-se que “[...] era a genuína, a authentica peste bubonica que estava no Porto” (A PESTE..., 1900, p. 131).

O segundo texto do escritor Ramalho Ortigão segue a mesma linha, ligando o uso dos da moda à higiene, pois os trajes e os adornos poderiam ser considerados uma infecção moral da sociedade:

O século XX com os seus collarinhos d'ida e volta, os seus *plastrons* irisados de gemmas, os seus casacos-saccos do londrino Cook, os seus chapéus *thermidor*— isto para os fortes e para os feios — e com as suas elegantíssimas capas *aiglon*, de golas altas, e vestidos medievos nos enrocados e nas mangas empolladas isto para vós, excellentíssimas senhoras, frágeis e bellas —dá-me idéa pela largueza d'algumas roupas e pelo colleante d'outras do que elle será de largo e estreito, d'apertado e d'amplo pelo desenrollar dos seus mysteriosos cem annos. Por minha parte, sr. redactor, espero que elle nos trará a grandiosa obra da hygiene, posta em pratica - e ao serviço d'uma classe miserável que até hoje tem sido fustigada por aquelle immorredouro principio de Sturday que diz: "os povos que não teem hygiene não pensam"! (JUIZO..., 1901, p. 6, grifos no original).

A estética burguesa era uma preocupação no modo de vida europeu, assim como servia de objeto de apreciação para as demais camadas sociais. Era preciso se manter dentro dos padrões de moralidade e distante dos vícios que pudessem degenerar a sociedade pela insalubridade do meio. Era necessário educar a população, através de comportamentos higiênicos-sociais, fomentados por costumes, hábitos e práticas que mantivessem o ambiente sadio e civilizado. A produção de sentidos que modela o corpo feminino no início do século XX e a forma que era esculpida a beleza é influenciada pela articulação de valores morais, políticos e éticos. Neste sentido, os cuidados com o corpo eram tomados com preocupação, de modo que a estética física se tornou, cada vez mais, moldada por uma cultura da padronização da beleza. Assim, o corpo é considerado “[...]uma argila que se molda à vontade da cultura física e aos cuidados da beleza” (VIGARELLO, 2006, p. 219). Em uma relação que imbricava saúde, higiene e estética, o *Almanach* reproduzia em suas páginas o padrão vigente como um “tipo de beleza” (Figura 54) a ser seguido e cultuado, promovendo o que considerava “belo” a partir do próprio público leitor.

Norbert Elias, através de manuais de etiqueta europeus de diferentes períodos, apresenta por meio de *O Processo Civilizador* (1993, 1994), as modificações do comportamento adquiridas com o passar do tempo, apontando como o uso dos corpos passa a ter outros sentidos na sociedade ocidental:

[...] Hoje essa regra é aceita quase como natural. É altamente característico do homem civilizado que seja proibido por autocontrole socialmente inculcado de, espontaneamente, tocar naquilo que deseja, ama, ou odeia. [...]

O emprego do sentido do olfato, a tendência de cheirar o alimento ou outras coisas, veio a ser restringido como algo animal. Aqui vemos uma das interconexões através da qual um diferente órgão dos sentidos, o olho, assume importância muito específica na sociedade civilizada. De maneira semelhante à da orelha, e talvez ainda mais, um olho se torna um mediador do prazer precisamente porque a satisfação direta do desejo pelo prazer foi circunscrita por grande número de barreiras e proibições (ELIAS, 1994, p. 200).

O controle efetuado por terceiros sobre o comportamento do indivíduo se converte em autocontrole, que consiste em conter impulsos emocionais subjulgados em uma conduta imposta socialmente. Nessa perspectiva, o sujeito deve ter internalizado o autocontrole e o abrandamento das emoções. (ELIAS, 1993, p.193). O autocontrole dos comportamentos dos padrões de conduta, dos hábitos e das emoções surge para reter o aumento das teias de relações que os sujeitos estabeleciam, mantendo a ordem e a convivência entre eles. Quando o autocontrole já não é mais suficiente para regular as emoções, um novo controlador (externo) surge para realizar a intervenção.

Figura 54 – Tipo de beleza feminina segundo o *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*



Fonte: *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* (1903, p. 127)

No caso dos almanaques *Brasil-Portugal* é notória a intenção nos impressos de incorporar determinados padrões e deserdar outros, por serem considerados desagradáveis, deselegantes e causarem constrangimento, até porque “[...] o medo de provocar tais associações, difundem-se gradualmente dos círculos que estabelecem o padrão para os outros mais amplos, através de numeras autoridades e instituições. [...]” (ELIAS, 1994, p. 134). Uma vez incorporados, como comportamento e padrão de conduta a ser seguido, passam a ser produzidos e reproduzidos no seio dos grupos sociais que colocam em foco a ideia de progresso.

Na contramão do conceito heteronormativo e de uma sociedade historicamente patriarcal, que cristalizava e ditava o que era “ser mulher” de maneira mais majoritária, foi publicado no Almanach para o ano 1901 um texto de autoria de Garcia Redondo, sob o título de “Feminismo” – que aparece entre parênteses como advindo “de um livro inédito”, mas que não foi encontrado entre as obras do autor –, escrito em agosto de 1899. No referido texto, que tem um formato de uma crônica argumentativa, Garcia Redondo inicia descrevendo um diálogo entre *um viveur*¹⁹¹ e o narrador acerca do propósito do feminismo.

Neste diálogo o *viveur* afirma que o papel da mulher é um só: ela nasceu para fazer o jantar e o homem para comê-lo. A partir desta afirmação o narrador, identificando a frase de Grimod de la Reynière (Paris/FR, 1758-1837), salienta ser esta “grosseira e aparentemente desdenhosa” e que “ella [a mulher], ao menos, sabe fazer o jantar e o homem só sabe comê-lo” (ALMANACH..., 1901, p. 38). Segundo o narrador, nessa perspectiva a mulher “[...] representa o cérebro que pensa e resolve” e “o braço que trabalha para fazer a janta”, diferentemente do homem, que representa o “estomago que devora[...]” (ALMANACH..., 1901, p. 38).

O diálogo continua se desenrolando entre os dois personagens até que, ao ser questionado pelo *viveur* sobre o que as mulheres querem, o narrador responde que é a reivindicação de seus diretos. A partir daí são utilizadas várias justificativas, exemplos e comparações para se fazer uma defesa das mulheres, ainda que dotada de estereótipos sobre o papel da mulher e de pré-concepções pautadas nas ideias de civilização, progresso e fisiologia. Neste sentido, ele responde ao *viveur* que a mulher não é intelectualmente inferior ao homem tendo como argumento que sua capacidade intelectual não depende do peso absoluto do cérebro, mas exclusivamente da relação entre o peso do cérebro e o da medula, relação essa que, segundo ele, é precisamente a mesma no gênero feminino e masculino. Em

¹⁹¹ Segundo o narrador um *viveur* são estes senhores “que mais ousam e os que mais abusam” (ALMANACH..., 1901, p. 38).

termos morais, o narrador salienta que ela também não é inferior ao homem, uma vez que é a mulher a quem se confia a educação dos filhos e o encaminhamento do espírito embrionário do homem. Os temas da educação e da civilização aparecem no texto atrelados a questão moral, para a refutação da assimilação do social pelo biológico como categorias análogas:

[...] O papel da mulher é então cheio de responsabilidades e certamente a ella não confiariamos **a educação** de nossos filhos, no periodo melindroso da existência, se a não considerassemos com a capacidade moral precisa para o desempenho d'essa elevada e espinhosa missão. Como **elementos de civilização, como instrumento de progresso**, a mulher vale mais do que o homem, porque nenhum homem dispõe da sua tenacidade, da sua extraordinaria acuidade, da sua resistencia ao soffrimento, ás privações e á dôr e portanto da sua capacidade para agir sem desfallecimentos, para empreender sem receios, para realizar sem vacillações. **Moralmente, ellas valem mais, muito mais que nós, meu caro.** [...]. (ALMANACH..., 1901, p. 39, grifos meus).

No que diz respeito ao físico feminino, o narrador prossegue justificando que a mulher é um ser mais fraco que o sexo oposto, exclusivamente, devido ao servilismo, a escravidão e a vassalagem forçada que o homem a condenou. Dessa forma, ele atribui a educação física dada a mulher como influência em sua “inferioridade physica”, resultando em sua fraqueza e, como mãe, na fraqueza do seu filho. Sendo assim, ele sugere que a mulher receba a mesma educação que é dada ao homem, facultando-lhe os mesmos exercícios físicos, a exemplo da ginástica, do remo e da natação, para ser tão forte quanto o gênero masculino

O diálogo se estende até o *viveur* interrogar sobre o sexo. Nesta oportunidade o narrador aproveita para fazer comparações, a partir de diferentes espécies de animais e para demonstrar que as relações com a resistência e força são semelhantes entre eles, independentemente se são machos ou fêmeas, concluindo que: “[...] n'esses animais, a educação, o labor e o exercicio tendo sido os mesmos desde que nasceram, os sexos nivelaram-se, e tão forte ficou o macho como a femea”. (ALMANACH..., 1901, p. 40).

O texto de Garcia Redondo, embora reforce algumas características de personalidade em relação aos homens, como a agressividade e a força física, e nas mulheres a afetividade e o cuidado com os filhos, possibilita refletir sobre os direitos das mulheres e a sua capacidade de fazer o equivalente aos homens, contradizendo os padrões de inferioridade que minimizavam as mulheres, em diversos setores da sociedade, no início do século XX. Garcia Redondo, ao contrário dos outros colaboradores do *Almanach*, foi o único que deu espaço e voz às mulheres para além do *status* apregoado de beleza, levantando uma das principais bandeiras do feminismo, isto é, a conquista de espaço igual entre homens e mulheres. Não foi à toa que,

reportando-se a Conferência do Conselho Internacional das Mulheres, em Paris, o autor conclamou as ilustradas do Brasil para se agremiarem, a fim de se juntarem com os que lutam para nivelar os direitos dos dois sexos (MAGALDI, 1995).

Ao adentrar na trajetória de vida do referido colaborador é possível compreender sobre os caminhos tomados até a sua chegada à redação dos almanaques *Brasil-Portugal*, tendo em vista a sua formação e jornada em outros periódicos luso-brasileiros. Manuel Ferreira Garcia Redondo nasceu em São Paulo e formou-se em engenharia e bacharel em ciências físicas e matemática pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Frequentou também por um tempo a Universidade de Coimbra, em Portugal, onde cursou humanidades e se aproximou de escritores portugueses, como Guerra Junqueiro e Cândido de Figueiredo (1846-1925). É considerado membro fundador da Academia Brasileira de Letras, na qual fundou a cadeira nº 24, que tem como patrono o escrito e gramático Júlio Ribeiro (1845-1890). Atuou como professor, teatrólogo, engenheiro, contista e jornalista, além de colaborar em periódicos portugueses e brasileiros, como *Atlântida: mensário artístico literário e social para Portugal e Brazil*, *Novo Almanaque Lusobrasileiro de Lembranças*, *O Peregrino*, *A República*, *A Ideia* e *Jornal do Comércio*. Nesses impressos publicava, em especial, textos literários. Mas, Garcia Redondo também realizou produções voltadas para a sua área de formação, a engenharia, inclusive publicando na *Revista Polytechnica de São Paulo* (1904-1954), um periódico vinculado ao Grêmio da Escola Politécnica do mesmo estado, onde lecionou com outros professores contratados nos primeiros cursos.

Essa percepção aponta, mais uma vez, para o enfoque de que esses intelectuais acumulavam diversas posições ao longo de suas trajetórias profissionais e que, no caso dos almanaques *Brasil-Portugal*, as publicações dos colaboradores que tiveram, dentre os seus ofícios, a docência, voltavam-se mais para uma produção de caráter literário. Segundo Marisa Lajolo (1982), a literatura brasileira, assim como a defesa da educação, foi cada vez mais aparecendo como instrumento privilegiado à medida que desenvolvia o orgulho nacional e o sentido de diferenciação social e política, além do polimento mínimo indispensável ao exercício das funções sociais. A literatura foi tomando vulto, principalmente, ao se verificar que “[...] as tradicionais humanidades não bastavam para dar forma à sensibilidade do homem moderno, sobretudo em um país como o Brasil, que se constituía como nação e precisava desenvolver nos seus habitantes os sentimentos necessários ao funcionamento da cidadania...” (LAJOLO, 1982, p. 31). E os intelectuais, como portadores sociais da modernidade (cf. BOTELHO, 2002), agiam como mediadores, quando elaboravam produtos culturais que incidiam em processos de construção de uma identidade nacional.

Destarte, parte considerável desses professores, que na função de colaboradores, optaram por publicar poemas, poesias e contos no *Almanach*, tal como Eugénio de Castro e Almeida, Nuno Ferreira de Andrade, Henrique Maximiano Coelho Netto, Antônio Mariano Alberto de Oliveira e Egas Moniz Barreto de Aragão. Desses 5 escritores, 2 foram professores e atuaram na imprensa médica: Nuno de Andrade e Egas Aragão, conhecido também pelo uso pseudônimo literário de Péthion de Villar. Segundo Lilia Moritz Schwarcz a imagem que a medicina almejava no final do século XIX e início do século XX tomava os moldes de “[...] tutora da sociedade, saneadora da nacionalidade, senhora absoluta do destino e do porvir” (1993, p. 202).

Nascido no Rio de Janeiro, Nuno Ferreira de Andrade¹⁹² ainda muito jovem lecionou em colégio de nível secundário como professor de filosofia. Em 1875, concluiu a tese de doutorado intitulada “Do diagnostico e tratamento das nevroses em geral; Chloral; Polypos naso-pharyngeanos; Ataxia muscular progressiva”, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde foi posteriormente substituto de ciências médicas, lente de higiene (1884-1888) e lente da 1ª cadeira de clínica médica (1888). Foi também durante este período que participou, ao lado de alunos e professores da Faculdade de Medicina, das Conferências Populares da Glória, que eram realizadas em escolas públicas na Freguesia da Glória, no Rio de Janeiro, e que tinha por finalidade debater a instrução. Segundo informa o “Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930), Nuno de Andrade criticou a ineficácia das medidas tomadas pelo Governo Imperial em relação ao ensino médico, após o decreto de 19 de abril de 1879 (Reforma Leônicio de Carvalho¹⁹³), apresentando as seguintes diretrizes para uma reforma de ensino:

[...] O aperfeiçoamento do ensino é pois a condição fundamental do aperfeiçoamento do estudo: ambos, vinculados, presos em harmonia perene, dão a resultante progresso. [...] Precisamos, era crença nossa, de elevar o nível do ensino para realçar o plano da instrução; aguilhoar as vontades com o estímulo da glória científica, suscitar as dedicações ao estudo, coroar os esforços inteligentes, fazer da medicina entre nós uma ciência prática; precisamos diluir na alma dos alunos de hoje o germen dos professores de amanhã, abrir amplos horizontes às ambições generosas, dar mais alento ao trabalho, mais ciência aos espíritos e mais esperanças aos corações. [...]

¹⁹² Para retratar a trajetória do colaborador tomei como base as informações que constam no Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930), disponível em: <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/pdf/andnunfer.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2018.

¹⁹³ O Decreto de Leônicio de Carvalho, de 1879, reformou a instrução pública primária e secundária no Município da Corte e o ensino superior em todo o Império. Através da reforma, instituiu a liberdade de ensino e a liberdade de frequência, medidas que causaram muita polêmica na época. Sobre a Reforma, sugiro consultar: *O Decreto de Leônicio de Carvalho e os pareceres de Rui Barbosa em debate: a criação da escola para o povo no Brasil no século XIX* (2005) e *Carlos Leônicio de Carvalho (Verbete)* (2006), de Maria Cristina Gomes Machado.

Convinha dissipá-las e o decreto de 19 de abril foi o colírio. A intensidade do mal, porém, avocava a energia do remédio e um descuido na dosagem converteu o nevrostenico em irritante. [...] Então, adiado o plano de organização do ensino, esquecida multiplicação dos laboratórios, descurado o incitamento aos cursos livres, conservado o velho e trôpego sistema, quando todos vacilavam, uns por temor outros por incredulidade, ouviu-se a voz solene do Governo e o Aviso de 21 de maio ecoou com o estrepito das trombetas fatídicas de Jericó. (ANDRADE, 1879, p.17-19).

Alguns anos depois foi nomeado Inspetor Geral de Saúde dos Portos, pelo decreto de 19 de fevereiro de 1881, e ocupou este cargo até 1889. Em 1882, ocupou a direção do serviço sanitário do Hospício de Pedro II, em 1882. Nuno Ferreira de Andrade foi também o primeiro diretor geral da Diretoria Geral de Saúde Pública, entre os anos de 1897 a 1903. Atuou como presidente da Academia Imperial de Medicina (1900-1901; 1901-1903) e da Academia Nacional de Medicina (1901-1903), bem como buscou elaborar um plano para a organização sanitária do país através de uma comissão criada no 2º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, que ocorreu em 1889, no Rio de Janeiro. No que corresponde a sua contribuição com os impressos, Nuno de Andrade foi redator-chefe na *Imprensa Acadêmica* e do *Jornal do Brasil*, além de ser colaborador nos periódicos *A Ordem* e *O Paiz*, usando o pseudônimo Felício Terra para assinar as crônicas que publicava.

Assim como Nuno de Andrade, o colaborador Egas Moniz Barreto de Aragão também galgou sua trajetória entre o magistério, a medicina e a poesia¹⁹⁴. Nascido em Salvador, Bahia, Aragão finalizou o doutorado pela Faculdade de Medicina da Bahia, defendendo a tese *Síntese de Medicina* (1895). Foi um dos fundadores da Academia de Letras da Bahia, do Club Republicano Federal da Bahia, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e do Grêmio Beneficente do Professorado, além de ser membro efetivo e orador do Grêmio Literário da Bahia. Em 1895, chegou a ser nomeado lente substituto de Francês, Inglês e Alemão no Ginásio da Bahia, passando a Catedrático de Língua Alemão pela mesma instituição. Por meio de uma aprovação em um concurso na Faculdade de Medicina da Bahia, foi nomeado lente substituto da cadeira de História Natural Médica e Farmacêutica, em 1911. Foi também membro da *Société de Médecine de Paris*, *Société de Médecine et d'Hygiène Tropicales*, do Instituto Real de Coimbra, Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e da Bahia. Deixou diversas obras no âmbito da medicina, assim como publicou artigos na *Revista Acadêmica*, periódico em que foi um dos fundadores. Colaborou em jornais e revistas dos

¹⁹⁴ Para retomar o seu itinerário foi utilizado como referência a *Gazeta Médica da Bahia*, que homenageou o colaborador através do artigo *Traços Biographicos do Dr Egas Moniz Barreto de Aragão*, publicado em 1924. Disponível em: <<http://gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/article/viewFile/963/945>>. Acesso em: 07 nov. 2018.

dois lados do Atlântico, como *A Mala da Europa*, *Revista Americana*, *Revista Brasil-Portugal* e *Tiro e Sport*, nos quais costumava assinar as publicações sob o pseudônimo Péthion de Villar.

Em que pese o seu percurso na esfera pública política, Egas de Aragão foi deputado em 1921 e reeleito em 1923, ano em que produziu *Problemas de Educação Nacional e de Instrução Publica*. Segundo Fernanda Barros dos Santos (2016), o documento escrito visava combater o conceito de raça, precedendo Gilberto Freyre na perspectiva positivada da mestiçagem. Ademais, Aragão também abordava sobre a necessidade de uma reforma popular que, segundo ele, deveria se embasar em critérios científicos “[...] para corresponder fielmente aos fins a que se destina”. (1921, p. 41). Ainda no tema da instrução, em mensagem apresentada à Assembleia Geral, ele aponta críticas à em relação aos baixos salários recebidos pelos professores, que por sua vez, somou-se ao que veio a ser a Reforma da Instrução de 1925 na Bahia, que visou transformar o ensino primário no Estado:

[...] Os professores primários na Bahia constituem, de fato, uma classe digna de misericórdia e amparo. Ganhando muito menos do que um pedreiro, carpinteiro, estivador ou mestre de obras, constitui essa classe de funcionários públicos legítimo proletariado, especialmente no interior do Estado onde vivem no mais completo isolamento, sem meios até de subsistência, quando lhe demoram os parcos vencimentos. Raríssimos são os jovens que se atrevem a cursar a Escola Normal, porquanto absurdo seria certamente abraçar uma carreira sem futuro, quando qualquer caixeiro de balcão ou escriturário de repartições públicas logra receber melhor ordenado. Apenas o sexo feminino, representa esmagadora maioria na lista das matriculas, na Escola Normal oficial, sendo que nas equiparadas nenhum rapaz se pode matricular, por serem as mesmas mantidas e dirigidas por congregações religiosas femininas. A profissão de professor primário, de há muito abriu falência entre nós. Desceu até onde podia descer. E aqueles que ainda se sujeitam a exercê-la constituem verdadeiros heróis e mártires do dever cívico. (ARAGÃO, 1923, p. 53).

Egas seguia defendendo um método de ensino que fosse racional e soubesse aproveitar os processos antigos que fossem desvinculados de anacronismos e assimilasse, simultaneamente, “[...] as boas normas da pedagogia contemporânea, com a máxima prudência e critério” (ARAGÃO, 1923, p. 54). Mesmo antes e durante o período em que ocupou um cargo público, o pseudônimo Péthion de Villar prosseguia produzindo versos e poesias, a exemplo dos dois poemas “Caça selvagem” e “Cemiterios” que publicou no *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* para o ano de 1901, que foram dedicados, respectivamente, aos diretores Lorjô Tavares e Jayme Victor, corroborando para o indício de que havia uma vinculação afetiva entre os três escritores. Foram publicados após a sua morte

os livros *Poesias Escolhidas* (1928) e *Poesia Completa* (1975). A primeira obra foi publicada em Lisboa por sua esposa, Maria Elisa de Lacerda Valente Moniz de Aragão (1874-1964), que contou com o prefácio de Eugênio de Castro, também colaborador do *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*. Não foi encontrado nenhum dado que estabeleça uma relação entre Eugênio e Egas que não seja os almanaques, portanto, levanto a hipótese de que tenham estreitado os laços através da imprensa luso-brasileiro.

Revisitando os itinerários de Nuno de Andrade e Egas de Aragão percebe-se algumas similitudes tanto no que condiz à formação – ambos doutores e professores pela Faculdade de Medicina – quanto pelos discursos pautados nas reformas de ensino em alusão à defesa da educação. Esses sujeitos também colaboraram em revistas e participaram de agremiações, sociedades e academias que discutiam temas que, além dos saberes teóricos e práticos da profissão, envolviam também questões sociais em função de concepções dos que lhe parecia ser os males da sociedade brasileira. Ao longo do século XIX, segundo José G. Gondra (2000, p. 521), a agenda médica reservou um lugar especial para os problemas de ordem social, incluindo-se a questão da formação sistematizada das gerações, isto é, da educação escolar. Para o autor:

Esse agendamento coincide com o próprio processo de consolidação e legitimação da ciência médica ocidental que, ao tratar de objetos da vida social, descreve-os também como objetos da medicina. Abrigando-os em sua órbita e expandindo, assim, os domínios desse saber. O ramo da medicina que se ocupou da descrição e redescrição dos objetos sociais, em conformidade com os cânones dessa Ciência, foi designado como Higiene, ramos que se preocupou, sobretudo, com uma medicina social. (GONDRA, 2000, p. 521).

É interessante notar como os discursos veiculados aos saberes científicos, médicos e pedagógicos circulavam entre os colaboradores, ainda que nem sempre fossem expressos nos anuários. A questão é que o debate educacional não estava circunscrito somente no âmbito pedagógico, de modo que envolvia o exercício das diferentes atividades. Como bem atenta André Botelho, a educação não era sinônimo apenas de aprendizado escolar, compreendendo os diversos recursos sociais que proporcionavam “[...] ao indivíduo e aos diferentes grupos sociais o tipo de *formação* requerido pelas transformações por que passava a sociedade brasileira” (2002, p. 24, grifo do autor).

Os valores morais e cívicos, dados como necessários à ordenação social, remetem à similitude das categorias entre civilização e cultura, que implicam no estabelecimento normativo entre aquilo que era eticamente aceitável e imperativo para a manutenção da unidade social, segundo o arquétipo do sujeito civilizado esculpido pela sociedade ocidental e

adequado à lógica do pensamento liberal. A cultura era atribuída, portanto, como parâmetro de um comportamento ético e como sinônimo de progresso material, identificando-se como o símbolo de uma nação desenvolvida. A construção de elementos cívico-morais constituía uma identidade coletiva que engendrava, por meio do Estado, a cultura nacional.

Em Portugal, a aliança entre a Nação e o Estado emergiu no estreitamento da nacionalidade. Após a Revolução Liberal parte considerável dos escritores e intelectuais portugueses colocaram-se a serviço da legitimação da história literária, que se vinculava à problemática da identidade nacional. Para Carlos Cunha (2005), nas sucessivas reformas de ensino que se produziram no cenário português, em meio a motivações político-ideológicas, a literatura nacional foi um instrumento de socialização e formação de cidadãos segundo a imagem oficial da nação.

Dentre os colaboradores do *Almanach*, o português Eugénio de Castro e Almeida¹⁹⁵, foi um dos escritores que fez parte do terceiro período, mais conhecido como o período contemporâneo da literatura nacional, correspondente a transição do século XIX para o XX. Nascido em Coimbra, Eugénio formou-se no Curso Superior de Letras, realizado em Lisboa, Portugal. Anos mais tarde foi nomeado professor da Escola Secundária de Avelar Brotero, uma instituição localizada em Coimbra, bem como colaborou em *O Dia*, nas *Novidades* e no *Jornal do Commercio*. Entre os anos de 1895 e 1896 co-fundou e dirigiu, ao lado de Manuel da Silva Gayo (1860-1934), a *Arte*, revista internacional que, segundo Pereira e Cabral (2012), os 8 números publicados nesse impresso rendeu uma rede de intercâmbios com nomes da frente literária europeia – francesa e italiana – entre as quais destaca Rémy de Gourmont (1858-1915) e Vittorio Pica (1862-1930).

Reconhecido como precursor do simbolismo em Portugal, publicou diversas obras como *Oaristos* (1890), *Horas* (1891), *Rei Galaor* (1897) e *Saudades do Ceú* (1899), *Poesias Escolhidas, 1889-1900* (1902), *O Anel de Polícrates* (1907), *A Fonte de Sátiro* (1908), *O Cavaleiro das Mãos Irresistíveis* (1916), *Canções desta Vida Negra* (1922), *Cravos de Papel* (1922), *A Mantilha dos Medronhos* (1923), *Descendo a Encosta* (1924) e *Últimos Versos* (1938). Traduziu também os livros *Goethe* e *A Arte de Ler*, de Émile Faguet (1847-1916). Colaborou em vários periódicos como *Serões: revista semanal ilustrada*, *Atlântida: mensário artístico, literário e social para Portugal e Brasil*, *Contemporânea*, *Ilustração*, *A ilustração*

¹⁹⁵ Para compor a sua trajetória tomei como base o prefácio da obra *Poesias Escolhidas* (1902), escrito por Manuel da Silva Gayo (1860-1934), o artigo *Capere, Non Capi: Eugénio de Castro no contexto da "Internacional Simbolista"* (2012), de José Carlos Seabra Pereira e Maria de Jesus Cabral e o sítio *Escritas.org*, disponível em: <<https://www.escritas.org/pt/bio/eugenio-de-castro>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

portuguesa, *A leitura: magazine litterario* e *A Semana de Lisboa*. No almanaque *Brasil-Portugal* publicou uma poesia em uma seção chamada “Juízo do Anno”, em que vários escritores e não escritores, do Brasil e de Portugal, podiam publicar um pensamento, em verso ou em prosa, a uma espécie de previsão versada – muitas vezes de humor – sobre o ano que iniciava e o século XX, cuja temporalidade demarcava o anuário:

Torre d'Ophir, pérola de Ceylão,
Lindo Portugal, lusitanissima nação,
Amo-te de todo o meu coração,
De todo o meu coração.
Tambalalão!
Na estufa azul do meu pensamento
Desabrolhas flor do Japão.
Tambalalão!
E eis porque eu lamento,
Eis porque a dôr me lacera n'um requinte,
Ao ver que serás desgraçada, murcha e lançada ao chão,
Lá para o séculoXX.
Tambalalão! !

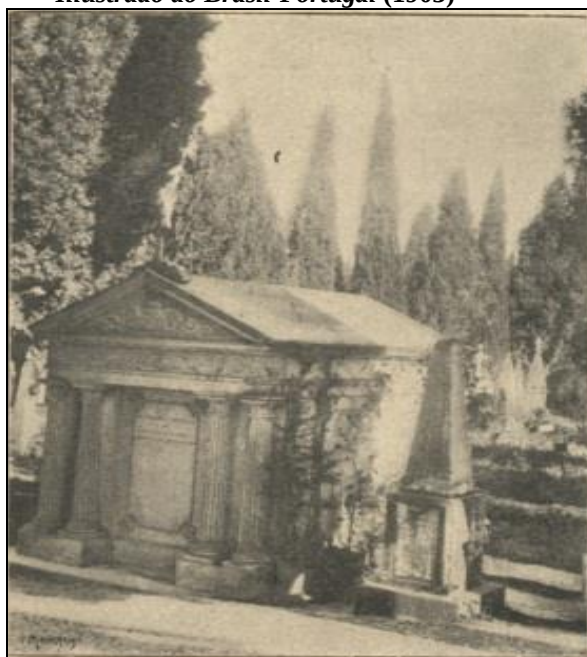
No poema, Eugénio de Castro faz alusão a Portugal e seu amor pela pátria, um sentimento que contribuía para a criação simbólica da nação lusitana. Era necessário acertar o passo no sentido do progresso – político, social, cultural. A nacionalização era frequentemente retomada, a partir de um processo histórico e semântico em que Almeida Garrett (1799-1854), um dos introdutores do romantismo português, era apontado como figura maior (MAGALHÃES, 2010). Assim como a *Revista*, os almanaques *Brasil-Portugal* rememoravam o escritor, através de textos, poesias e imagens (Figuras 55 e Figura 56) que homenageavam a memória de Garret, associando-o muitas vezes a Camões, como representante da nacionalidade. A história literária foi uma das principais vias para fundamentar e inculcar da identidade nacional, em uma função patriótica, cívica e moral, de tal modo que “[...] o sistema de ensino atuou em sintonia com o processo de nacionalização da literatura e acentuou-o” (CUNHA, 2005, p. 32). Nesse sentido, percebe-se como os elementos cívicos-educacionais se fazem presentes nos almanaques, evocando histórias e memórias que possibilitem a construção de signos culturais.

Figura 55 – Registro da casa onde faleceu Garret para o *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* (1903)



Fonte: *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* (1903, p. 66)

Figura 56 – Registro do túmulo de Garret, no cemitério dos Prazeres, em Lisboa, para o *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* (1903)



Fonte: *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* (1903, p.67)

Esse sentimento de nacionalidade também se desenhava no Brasil na medida em que as representações identitárias inseriam-se numa criação simbólica que se expandia pelo

Ocidente, de modo que o Estado brasileiro se apropriou não só das instituições, como também do projeto civilizatório empreendido inicialmente pelo Estado português (ZENHA, 2006). Segundo Celeste Zenha, “[...] o prestígio da ciência e de suas práticas atuou no estabelecimento de posturas e de escolhas no que se refere ao assunto e à forma das representações que ganharam difusão mais ampla” (2006, p. 367). Não foi por acaso que instituições como as Academias de letras, os Institutos Históricos e Geográficos e as faculdades de Direito (Figura 57) e Medicina tiveram papel preponderante na função de disseminar a civilização no país, além de contribuir com a representação identitária da nação.

Figura 57 – Academia de Direito de São Paulo (conhecida hoje como Faculdade de Direito do Largo de São Francisco)



Fonte: *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* (1903, p. 127).

5.1.3 Identidade nacional e cultura luso-brasileira

No *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* seja por meio de fotografias, seja através de artigos, buscava-se retratar e/ou mesmo legitimar estas instituições, cristalizando simbolicamente a importância desses espaços materializados pelo desejo do progresso e de uma nação instruída e civilizada. Um exemplo disso é o registro da primeira ata de reunião do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro¹⁹⁶, realizada em 19 de maio de 1837, e

¹⁹⁶ Em 14 de Maio de 1837, um grupo de 43 emigrantes portugueses do Rio de Janeiro - cuja maioria era

publicada em um artigo no almanaque para o ano de 1900, assinado por Visconde de Faro e Oliveira. Esse colaborador, inclusive, foi um dos fundadores de estabelecimentos de leitura e instrução no Rio de Janeiro, tais como a *Livraria Contemporânea* (Firma Comercial Faro & Nunes), o *Liceu Literário Português*, do *Retiro Literário Português* e da *Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro*. Na revista *Brasil-Portugal*, periódico que também colaborava, ele escreveu artigos e relatórios sobre assistência e beneficência aos portugueses. Inclusive, em um desses artigos procurava enaltecer as instituições portuguesas, a exemplo do Gabinete Português de Leitura, a fim de indicar a sua importância material e intelectual para a colônia portuguesa no Brasil, além de reforçar o estreitamento dos laços luso-brasileiros:

Fundado em 12 de maio de 1837, é licito inferir, embora o não achemos consignado em documento algum, que o movel dos instituidores nao foi sômente a vulgarisação das letras portuguezas, mats principalmente, alimentar e desenvolver o sentimento patriotico pelo agrupamento de todos os portuguezes em uma associação representativa da importancia material e intellectual da colonia, conquistando para esta o predomínio que lhe falecia e que andava fraccionado e perdido nas mãos dos pouquíssimos que ate então haviam conseguido salientar-se pelo esforço do teu trabalho, elevando-se além da craveira commum. É certo que a identidade de lingua e de costumes, além do entrelaçamento da familia e da conversão á nacionalidade brasileira da grande maioria dos portuguezes residentes no Brasil, ao tempo da independencia d'este, faziam crêr a desnecessidade de uma associação puramente portugueza, por isso o interesse de brasileiros e portuguezes era commum e ambos se davam as mãos amigamente, auxiliando-se com verdadeiro amor fraternal, mas não era menos certo que a corrente de emigração augmentava de dia para dia e que os recém chegados, guardando a sua nacionalidade, iam formando uma nova legião de cujas forças combinadas deveria resultar uma so, poderosa força collectiva, reguladora da importancia crescente da colonia portugueza.[...]. (INSTITUIÇÕES..., 1899, p. 8).

Portanto, era de seu interesse divulgar estes locais transmissores de cultura e que se vinculavam as feições literárias da época, ao passo que os literatos e jornalistas tinham por missão difundir ideias, representações da sociedade e visões de mundo. Como ressalta Marialva Barbosa (2010), à medida que a palavra escrita adquiria valor de verdade e autoridade em relação à oralidade, aumentava-se a importância dos letrados e dos especialistas, educados segundo princípios laicos e científicos. Neste sentido, a expansão da

composta de comerciantes da praça - reuniu-se na casa do Dr. António José Coelho Lousada (1828-1859), na antiga rua Direita (hoje rua Primeiro de Março), nº 20, com a finalidade de criar uma biblioteca para ampliar os conhecimentos de seus sócios e dar oportunidade aos portugueses residentes ao quererem incutir em muitos o gosto pela leitura. Sobre o histórico do atual Real Gabinete Português de Leitura, consultar: <<http://www.realgabinete.com.br/portalweb/In%C3%ADcio/ORealGabinete.aspx>>.

escrita, ainda que restrita, atribuía aos jornalistas a função comunicativa que ganhava força junto ao seu papel político (BARBOSA, 2010, p. 194).

As práticas culturais e escritas e dos impressos, oriundas de instituições formais e informais, desempenhavam um papel preponderante na circulação de escritos que se amparam em mecanismos de persuasão para trazer legitimidade aos protagonistas envolvidos numa luta simbólica que se articula ao viés político e social (MOREL, 2005). No *Almanach* é notório a presença da imprensa trilhada por uma rede de contatos e de transmissão cultural que tinha por prerrogativa a circulação de ideias, ainda que essas fossem centradas em uma visão homogênea, partilhada por uma elite letrada. Nessa perspectiva destaca-se a presença de vários artigos que homenageavam ou mesmo traçavam um perfil intelectual de escritores e jornalistas que atuavam na linha de frente dos principais jornais dos dois lados do Atlântico.

Um dos primeiros perfis apresentados aos leitores pelo subtítulo de “Director do ‘O Paiz’ do Rio de Janeiro” foi o do Quintino Bocaiúva, jornalista e na época da publicação presidente do Estado do Rio de Janeiro (1900-1903). No texto – que não é assinado – ele é considerado “[...] uma das individualidades mais importantes e proeminentes da republica brasileira”, além de ocupar na imprensa “[...] um lugar distinctissimo ao lado dos primeiros jornalistas do novo e velho mundo”. (QUINTINO..., 1900, p. 67). Em seguida, é feito um apanhado sobre a sua formação profissional, passando pela sua colaboração em periódicos até chegar ao jornal *O Paiz*, onde era um dos proprietários e chefe. O artigo é finalizado com a evocação da sua atuação política, em que lhe é atribuído comentários elogiosos pelos “relevantes e importantíssimos serviços” prestados à nação brasileira enquanto político, desde a Proclamação da República na condição de ministro até a ocupação do cargo de senador:

[...] Em 15 de novembro de 1889 estava ao lado do marechal Deodoro, quando se proclamou a republica, para a qual elle havia preparado o espirito publico com a lógica expressiva dos seus artigos. Foi então nomeado ministro do Exterior do Governo provisório, **manifestando grande capacidade e energia, animo forte e vontade inquêbrantavel**, e sobretudo um **grande orgulho cívico** em manter á face de todo o mundo, os interesses e dignidade do seu paiz em **brilhante e altiva posição**. Em 1890 foi eleito senador pelo Estado do Rio de Janeiro, cargo que ainda exerce. Durante o periodò revolucionário que attribulou o governo presidencial de Floriano Peixoto, esteve sempre ao lado do Presidente prestando-lhe **relevantes e importantíssimos serviços**. Como orador é de primeira ordem, sendo a sua palavra auctorisada sempre ouvida com o maior respeito e acatamento. **A sua auctoridade moral é enorme, e o seu caracter recto, imparcial, justo e tenaz**. Tudo quanto é deve-o ao seu **talento pujântissimo e ao seu trabalho infatigavel**. E mesmo um **exemplo notável** do que estas faculdades podem fazer de um homem, nos paizes novos e vigorosos onde

ainda existem crenças e princípios. (QUINTINO DE..., 1900, p. 67, grifos meus).

Quintino Bocaiúva¹⁹⁷ foi um dos defensores da “bandeira do partido republicano federativo”. Ele fez parte do Clube Republicano – chamado também de Partido Republicano – da cidade do Rio de Janeiro e foi um dos fundadores do jornal *A República*, que objetivava demonstrar os malefícios que a monarquia trazia para o país e divulgar as ideias republicanas, comparando as duas formas de governo. Em maio de 1889, no Congresso Republicano, transcorrido em São Paulo, Quintino foi consagrado como o mais expressivo defensor, de que se deveria privilegiar uma campanha doutrinária pela imprensa como caminho para o advento gradual da República. No dia 11 de novembro do mesmo ano, reunido com militares e civis envolvidos na conspiração republicana na residência do marechal Deodoro da Fonseca, anunciou sua adesão à ideia de derrubar a monarquia. Deposto o governo, Quintino Bocaiúva, Benjamin Constant, Deodoro, Rui Barbosa e outros líderes do movimento reuniram-se para discutir as bases do governo provisório republicano. No dia seguinte, o primeiro número do *Diário Oficial da República dos Estados Unidos do Brasil* informava a composição do governo inaugural do novo regime, onde Quintino Bocaiúva assumia o ministério das Relações Exteriores, cumulativamente com a Agricultura, Comércio e Obras Públicas, enquanto o futuro titular, Demétrio Ribeiro, não chegava do Rio Grande do Sul. Foi eleito e assumiu o cargo de senador, em 1891, mas acabou renunciando o mandato e retornando à direção editorial de *O Paiz*.

Do mesmo modo que a *Revista Brasil-Portugal*, os almanaques não seguiram um posicionamento político homogêneo e singular, ao passo que em alguns momentos aparentava-se simpatia ao regime monárquico português e, em outros, ressaltava-se os progressos da República brasileira e seus líderes, conforme descrito na citação acima. Cabe lembrar que tanto os diretores, quanto os colaboradores, tinham posturas políticas distintas que se revelava entre progressistas e conservadores liberais. Ao que parece esta homenagem nutria não só interesses políticos, como também econômicos, pois indícios levam a suspeita que os proprietários de alguns periódicos financiavam os impressos *Brasil-Portugal* ou, pelo menos, decorria uma relação de “troca” em divulgações e/ou anúncios entre os jornais e os colaboradores dos almanaques, tendo em vista a quantidade de artigos propagando uma rede

¹⁹⁷ Para retomar uma parte da trajetória de Quintino Antônio Ferreira de Sousa, mais conhecido como Quintino Bocaiúva, utilizei como referência o Dicionário histórico-biográfico da Primeira República, produzido pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV). Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BOCAIUVA,%20Quintino.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

de órgãos jornalísticos. Mas não se pode negar o caráter cívico e a figuração do nacional em que o texto no *Almanach* personificava a Quintino Bocaiúva, em uma narrativa que condecorava muito mais os seus feitos como político do que como jornalista, atribuídos a um discurso que qualificava o sujeito respaldando-se em valores morais.

Em um outro artigo do *Almanach* é refutado o jornal português *Diário de Notícias*, fundado em 1864, e que tinha à frente de sua redação o jornalista Brito Aranha e, um dos proprietários e diretor do órgão impresso, o escritor Alfredo da Cunha (1863-1942). Ambos eram colaboradores dos almanaques, sendo o primeiro presidente da Associação de Jornalistas de Lisboa e o segundo sócio-fundador da Associação de Jornalistas e Homens de Letras de Lisboa. No texto fazia-se alusão ao primeiro número publicado pelo jornal, remontando a trajetória do impresso que, segundo constava, correspondia à expectativa do público e “à educação social do povo de Lisboa”, por isso era “[...] um repositório seguro e amplo de informações, e também por essa razão, e sobretudo pelos imensos créditos de que dispõe em todas as classes é o jornal por excellencia do *annuncio*, que constitue a fonte principal dos seus avultados rendimentos”. (O PRIMEIRO..., 1900, p. 78, grifo no original).

No almanaque do ano de 1901, na seção “Juízo do anno”, assinada por Brito Aranha, novamente se fazia referência ao *Diário de Notícias*, como também à Tipografia Universal, em que Alfredo da Cunha era o sócio-majoritário:

[...] Na minha qualidade de modesto decano dos jornalistas portuguezes, e também na minha qualidade de modesto presidente da associação dos mesmos senhores, e também ainda na minha qualidade de modesto sócio da Real Academia de Sciencias e também outrossim na minha qualidade de modesto continuador da acrisolada obra de Innocenció, não posso deixar de prophetisar-lhes que o *Diário de Noticias* continuará a ser um jornal composto, estereotypado e impresso na *typographia Universal*, rua do Diário de Noticias, 110, Lisboa.: Impressão em machinas rotativas Marinoni. Vosso do coração Brito Aranha. (JUIZO DO..., 1901, p. 8, grifos no original)

Segundo Ramos (1994, p. 39), *O Diário de Notícias* era órgão mais lido em Portugal, onde “[...] os escritores e a imprensa quem melhor formulara a ideia da nação e fizera a sua propaganda”. Os jornais eram um dos principais canais de circulação de ideias e divulgação de cultura da época, por isso, evidencia-se aqui o grande número de colaboradores que escreveram para este veículo, em um contexto marcado pela definição de uma identidade nacional que transitava nos dois lados do Atlântico. Os periódicos – dentro os quais incluo aqui também os almanaques – criavam, muitas vezes, uma realidade desejável, induzindo os leitores a determinados comportamentos e hábitos representativos de uma civilidade dentro de normas específicas da sociedade ocidental. Ainda que essa realidade fosse romanceada

promovia-se, em certa medida, uma dessacralização da palavra impressa tornando a leitura mais extensiva, bem como ideológica. Por isso que penso que os temas da civilização, educação e cultural que perpassavam pelo *Almanach*, mesmo que em alguns momentos aludidos de maneira sutil, tinham as suas intencionalidades.

De acordo com Marco Morel (2005, p. 152), a criação de redes, assim como a produção e circulação de impressos portadores de ideias, interesses, palavras de ordem e propostas de organização e mobilizações são cruciais para a formação dos espaços públicos. Percebe-se a movimentação dos colaboradores, através do almanaque e por meio de outros impressos e instituições, na transmissão/apropriação de ideias, saberes e conhecimentos. A partir de redes e lugares de sociabilidade eram conferidas estrutura ao grupo [de intelectuais] e posições aos que dele participam (GOMES; HANSEN, 2016), difundindo ideias e concepções, mesmo quando vinculadas às feições literárias e informativas.

Além do *Diario de Notícias* e do jornal *O Paiz*, também foram rememorados no *Almanach* os órgãos *Jornal do Brasil* e *O Seculo*. Em relação ao *Jornal do Brasil*, ressalta-se a figura do redator-chefe e diretor do órgão, sob o título de “Dr. Fernando Mendes”, traçando uma pequena biografia sobre o seu percurso profissional, com a tática de enaltecer os seus feitos e contribuições aos interesses da “pátria”.

Fernando Mendes de Almeida¹⁹⁸, também colaborador do *Almanach*, nasceu no Rio de Janeiro, então capital do Império, onde frequentou o Colégio Pedro II e formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1879. Em 1882, fundou a Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, na qual foi professor catedrático e diretor da instituição entre 1891 e 1892. Também foi responsável pela criação do Curso de Comércio, que deu origem à atual Universidade Cândido Mendes. No campo jornalístico, foi redator-chefe dos jornais *A Vanguarda*, em 1882, *Diário de Notícias*, em 1888, *Diário do Comércio*, de 1888 a 1901, e *Jornal do Brasil*, a partir de 1894. Colaborou para o periódico *O occidente* e publicou obras como *A geração acadêmica* (1879), *Teses e dissertações para o grau de doutor* (1888), *Carrossel Fantasma* (1937) e *Direito de sepulcro* (1944).

Atuou na Guarda Nacional do Rio de Janeiro como tenente-coronel (1891), coronel comandante (1892-1898), comandante superior interino na Revolta da Armada (1893-1894), coronel chefe do Estado-Maior (1899) e novamente comandante superior interino (1899-1900). Ingressou na política em 1910 e foi eleito senador pelo estado do Maranhão. No

¹⁹⁸ Para remontar o seu itinerário tomei como base o *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República*, produzido pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV). Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

mesmo ano assumiu sua cadeira no Senado Federal, foi reeleito e presidiu a Comissão de Constituição e Diplomacia, exercendo o mandato até 1921, ano em que veio a falecer.

Neste sentido, a sua trajetória é norteada entre os ofícios de jornalista, professor, advogado, comandante e político, o que lhe conferia mais *status* pelas posições ocupadas no decorrer da sua história de vida. No artigo essas atribuições que esculpiam a imagem de Fernandes Mendes como “professor distinto”, “jurisconsulto abalisado”, “advogado insigne na tribuna forense” e “jornalista moderno em toda a vasta expressão” serviam de prerrogativa para respaldar o viés de “irmandade” luso-brasileiro, tanto que se encerra declarando que:

[...] não podia o *Jornal do Brasil* deixar de ter a vasta sympathia e popularidade que tem no paiz inteiro, e que se transmitiram a Portugal, onde todos sabem, que a grande folha fluminense é ao mesmo tempo o advogado permanente de todos os interesses da pátria e o defensor acerrimo, de todos os portuguezes, o grande, o devotado amigo de Portugal. (DR. FERNANDO..., 1900, p. 80).

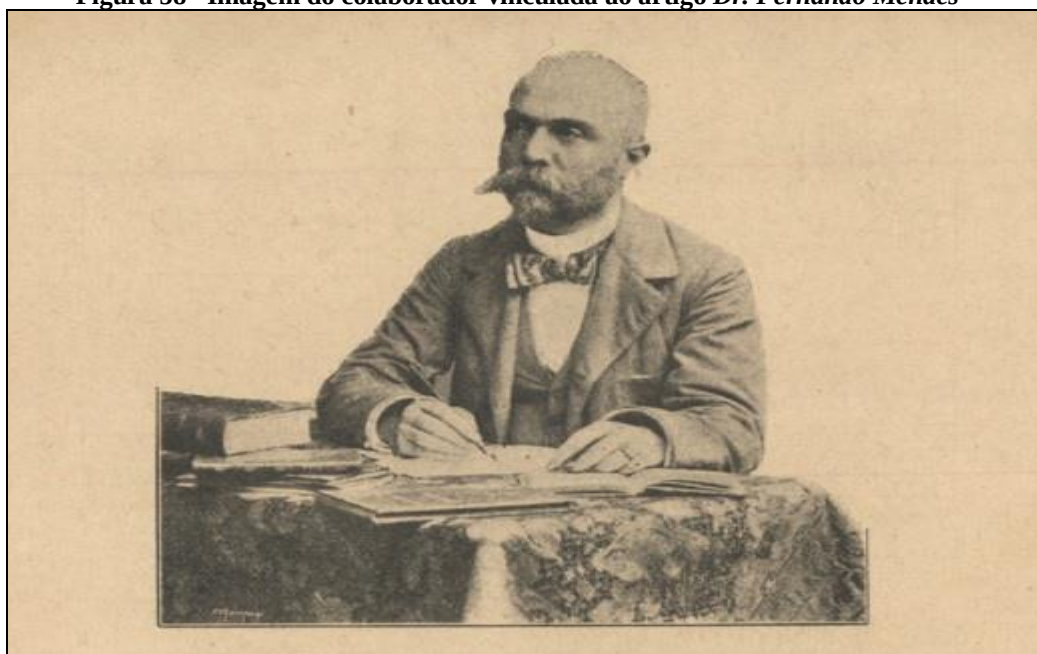
Considera-se que os almanaques *Brasil-Portugal* funcionavam como veículos propagadores da cultura intelectual portuguesa, ao passo que difundiam ideias que contribuíram para o contexto das políticas nacionalistas e que, ao mesmo tempo, buscavam fixar uma memória coletiva encetada em uma dimensão nacional e homogeneizadora. A Portugal interessava estreitar os laços com o Brasil como uma espécie de emblema que buscava demarcar a positividade da sua política colonialista, tendo a “língua comum” como um dos pressupostos para imprimir suas produções culturais e afirmar o caráter “natural” da relação luso-brasileira. E o mencionado jornal que contou com a atuação de correspondentes portugueses, a exemplo de Jayme Victor – um dos diretores do *Almanach*, pode ter sido um dos órgãos pertinentes a fomentar a vinculação entre os dois países.

Não bastasse o artigo laudatório ao Fernando Mendes (Figura 58), o colaborador ainda teve espaço concedido ao “Juízo do anno” para divulgar – de maneira humorada, já que os escritores faziam um “prenúncio” de 1901 na mencionada seção – o *Jornal do Brasil* e aliar o órgão à Guarda Nacional:

O Jornal do Brasil foi no passado, é no presente e ha de ser no futuro a mais vasta publicação da America do Sul. Tem de tiragem nos fins do século XIX 100:000 exemplares por dia. Ha de ter nos fins do século XX um milhão. Irmão gêmeo do New-York-Herald, é o cordão umbilical que ha de fundir no século XX as duas Américas. Tem officinas de zincographia, photogravura, oleographia, pintura a óleo, photographia, phototypia, galvanoplastia, photozincogravura, typographia, caricaturographia, lithographia, schiochromia, etc, etc., e é órgão permanente da Guarda Nacional e dos infelizes que não teem órgão. Rio de Janeiro – Novembro 1900. Dr. Fernando Mendes de Almeida. (JUIZO DO ANNO, 1901, p. 7).

O discurso em defesa da Guarda Nacional era usado como símbolo de honra e patriotismo conferidos a república brasileira. Ao pesquisar nos acervos de periódicos da Hemeroteca Digital do Brasil publicações assinadas por Fernando Mendes que revelassem um pouco mais da sua trajetória, foram encontradas inúmeras menções ao colaborador, especialmente, quanto à sua atuação como comandante superior interino por ocasião da Revolta da Armada. Mas, chamou-me a atenção a publicação de uma resolução, no dia 10 de novembro de 1893, contexto da Revolta, nos jornais *A República*, impresso no Pará e vinculado ao partido republicano. O documento consistia em: “[...] 1º repelir energicamente qualquer chacota ou debique insolente dirigidos aos soldados dos corpos civis e da guarda nacional” e “[...] considerar inimigo da paz e da Republica todo aquelle que tiver a loucura de chasquear do patriotismo e da dedicação d’essas forças” (CUMULO..., 1893, p. 1). O redator debruçava-se na resolução para afirmar que não se podia ver com bons olhos o “[...] procedimento brioso e patriótico dos batalhões da guarda nacional, que na Capital Federal defendem, com galhardia, o futuro e a honra da Republica, contra o banditismo da caudilhagem”. (CUMULO..., 1893, p. 1).

Figura 58– Imagem do colaborador vinculada ao artigo Dr. Fernando Mendes



Fonte: *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* (1900, p. 80)

Embora não tenham sido encontradas fontes que comportem a trajetória acadêmica do colaborador, sabe-se que as faculdades de Direito foram um dos lugares próprios para a legitimação e publicidade de grupos intelectuais. Conforme ressalta Lilia Schwarcz (1993, p. 142), o bacharel era sinônimo de prestígio social, uma figura especial em meio a um país

interessado em criar elites próprias de pensamento e direção política. Fernando Mendes, pelos indícios aqui levantados, atrelava a sua produção e formação – como jornalista, professor e militar – à uma cultura política de caráter republicano, com feições de cunho nacional que, quando conveniente ao discurso panlusitanista, também era incorporada aos almanaques.

Como já citado, havia também um texto, no almanaque *Brasil-Portugal* para o ano de 1900, fazendo alusão ao jornal português *O Século*, fundado por Magalhães Lima (1850-1928) e vendido em Portugal e nas colônias portuguesas. Segundo o artigo, o jornal também era responsável pelo *Suplemento do Seculo* e *O Seculo no Brasil e Colonias*, ambos publicados semanalmente, sendo o primeiro distribuído em Lisboa e o segundo destinado ao Brasil e ao ultramar português. A propriedade e a direção estavam a cargo de Silva Graça (1858-1931), conforme o retrato que ilustrava a matéria com seu nome.

Segundo Morel e Barros (2003, p. 13) o homem das letras, em geral, era visto como portador de missão ao mesmo tempo política e pedagógica, como um “[...] tipo de escritor patriota, difusor de ideias e pelejador de embates e que achava terreno fértil para atuar numa época repleta de transformações”. O colaborador Coelho Netto encaixava-se neste perfil, integrando uma plêiade de autores que discutiram a formação nacional e a identidade do Brasil (cf. CARVALHO, 2012, p. 21).

Nascido no município de Caxias, no Maranhão, Henrique Maximiano Coelho Netto (1864-1934)¹⁹⁹, juntamente com a família, deslocou-se para a cidade do Rio de Janeiro, onde iniciou seus estudos, em 1872, no Colégio Jordão, no Mosteiro de São Bento, e depois no externato do Colégio Pedro II. Iniciou o curso de medicina, mas não concluiu. Em 1883 matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, transferiu-se para a Faculdade de Direito de Pernambuco em 1885 e, posteriormente, para a da cidade de Campinas, São Paulo. Em razão das suas ideias abolicionistas e republicanas²⁰⁰, passou a ser alvo de perseguições na década de 1880, largando o curso e retornando ao Rio de Janeiro ainda nesse período. Em 1890 foi nomeado para o cargo de secretário de Governo do Estado do Rio de Janeiro, e no ano subsequente, para diretor dos negócios do Estado, da Justiça e Legislação, no governo de Francisco Portela (1889-1891). Em 1892, tornou-se professor de História da Arte na Escola Nacional de Belas Artes. Em decorrência de suas atividades jornalísticas e literárias – sua

¹⁹⁹ Tomou-se como referência para compor a sua trajetória a biografia foi consultada a seção de biografias do sítio da Academia Brasileira de Letras (<http://www.academia.org.br/academicos/coelho-neto/biografia>) e o *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República*, produzido pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV). Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica>>. Acesso em: 09 nov. 2018

²⁰⁰ Sobre essas ideias vinculadas a trajetória de Coelho Netto, ver a dissertação de Rita Margarida Toler Russo (1992).

principal fonte de renda – e por sua rede de sociabilidade, em 1897, foi um dos fundadores, ao lado de Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras. Entre 1901 e 1904 foi lente de Literatura no Ginásio de Campinas, São Paulo. Em 1904 retornou ao Rio de Janeiro como professor do Colégio Pedro II. Como escritor publicou obras que versavam sobre diferentes temas, desde culinária a política.

Percebe-se aqui a relação entre o jornalismo, a política e o magistério que se forjaram no decorrer da sua trajetória. Nesse cenário, a “bandeira da educação” se aliava como contemporânea à própria profissionalização dos homens de letras, uma vez que as consequências do analfabetismo dominante no país, no transcorrer do século XIX para o XX, foram decisivas em vários aspectos para a definição de uma identidade social para os intelectuais brasileiros. (BOTELHO, 2002).

Coelho Netto foi herdeiro de um movimento intelectual conhecido como geração de 1870²⁰¹, que se formou durante o fim do Império e adotava ideias europeias, edificando novos sistemas filosóficos e tecendo críticas ao *status* monárquico e programas de reformas. Sendo assim, pode-se afirmar que este foi um movimento político de contestação ao *status quo* por parte dos grupos sociais que estavam insatisfeitos com o regime fechado, conservador e que não se modernizava. (MARQUES, 2013). De acordo com Claunísio Amorim Carvalho (2012, p. 19), Coelho Netto e outros intelectuais colaboradores do *Almanach* e da Revista *Brasil-Portugal*, como Olavo Bilac e Júlia Lopes de Almeida “[...] são arrolados como autores com um projeto nacional para crianças, com o objetivo de formar cidadãos (patriotas), através da educação moral e cívica por via ficcional”.

Ao burilar uma das suas obras, *A Terra Fluminense* (1898)²⁰², produzida em parceria com Olavo Bilac, o livro foi indicado oficialmente para uso nas escolas do Rio de Janeiro, conforme aprovação do Conselho Superior de Instrução do Estado. Publicado pela imprensa nacional, após o título da obra destaca-se os dizeres de “educação cívica” e, logo após a folha de rosto, uma nota ao professor informando que este deveria chamar atenção dos alunos para as palavras em grifo, explicando-as. É interessante perceber que antes de dar início aos capítulos – que se dividiam em dezenove, iniciando com “A Terra” e finalizando com “O Futuro”, tendo como desfecho um hino escolar – os autores escreveram um pequeno prefácio. Nele salientavam que se nas poucas páginas do livro em que “a História e a Fantasia andam unidas”, a partir de diversos assuntos, desde as origens da civilização e do trabalho à

²⁰¹ Sobre a geração de 1870, ver: Angela Alonso (2000).

²⁰² Esta obra pode ser acessada na íntegra no sítio da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4519>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

formação dos núcleos geradores do progresso, “a creança aprender a amar a sua Pátria”, estariam satisfeitos os desejos dos autores (COELHO NETTO; BILAC, 1898, p. 1). Coelho Netto parecia se interessar não apenas pelo ensino de literatura, mas também pela difusão da literatura escolar como “catecismo cívico” (cf. BOTELHO, 2002) do novo regime republicano.

No que condiz as suas obras que discutem a educação moral e cívica e foram publicadas na virada do século XIX para o XX – período em que circularam os almanaques – destacam-se também: *América* (1897) e *Contos pátrios* (1904). No que compete à primeira obra, Patrícia Hansen afirma que:

[...] *América* foi escrito para difundir civismo e valores republicanos entre as crianças brasileiras no final do século XIX. Se não foi inovador no aspecto literário, enquanto instrumento de pedagogia cívica e republicana o livro conseguiu traduzir algumas das questões mais problemáticas do contexto social, político e econômico do Brasil na primeira década após a Abolição e a República, no que diz respeito à formação da nação. A utopia republicana de Coelho Netto ofereceu aos contemporâneos um ideal de nação a ser perseguido pelo regime instaurado poucos anos antes, representando a responsabilidade que os jovens leitores brasileiros deveriam assumir na superação dos obstáculos criados pela permanência de valores e modos de pensar e agir que começavam a ser vistos como anacrônicos e impeditivos do progresso. América, nesse sentido, inscreve-se entre os esforços empreendidos por muitos intelectuais na passagem do século XIX para o XX, os quais, ao vislumbrar uma solução para a formação da nação por meio da educação cívica das crianças, investiram na produção dos primeiros livros infantis dirigidos especificamente ao público brasileiro. (HANSEN, 2009, p. 516-517).

A educação cívica era considerada um dos pilares para a formação da nação brasileira, uma vez que o homem precisava ser civilizado para difundir o ideário patriótico da República. Nesse sentido, era importante o compromisso do professor na perspectiva de disseminar o “amor à pátria” como uma das diretrizes para atrair mais adeptos à doutrina cívica. Não obstante, Coelho Netto (Figura 59) assumiu uma postura mais crítica ao caráter nacionalista, entre as décadas de 1910 e 1920, canalizadas em crônicas, discursos, obras de ficção e educação cívica. Foi nesse espaço de tempo que participou da fundação da Liga da Defesa Nacional, que tinha por objetivo central, conforme os estatutos de 1916 “[...] congregar os sentimentos patrióticos dos brasileiros de todas as classes”, difundindo “a educação cívica, o amor à justiça e o culto do patriotismo”. Na Liga atuou como secretário-geral, bem como foi membro do Conselho Consultivo do Teatro Municipal, em 1921, e presidente da Academia Brasileira de Letras, em 1926.

Autor de uma vasta bibliografia literária, Coelho Netto escreveu algumas peças teatrais e publicou obras como publicou *Sertão* (1896), *Álbum de Caliban* (1897), *O Paraíso* (1898) e *A Conquista* (1899). Foi colaborador em jornais e revistas, no Brasil e no exterior, a exemplo das *Gazeta da Tarde*, *Cidade do Rio e Branco e Negro*, bem como fundou alguns periódicos, tal como *O Meio – Revista social, política, literária e artística* (1889) e *A Política – Revista combativa e ilustrada* (1918). Através do seu sucesso e prestígio como escritor, sobretudo, nas primeiras décadas do século XX, Coelho Netto candidatou-se a deputado federal pelo estado do Maranhão, em 1909 e foi reeleito em 1917. No mesmo ano tornou-se lente do Ginásio Nacional e, no ano seguinte, assumiu o cargo de professor de História do Teatro e Literatura Dramática pela Escola de Arte Dramática do Rio de Janeiro, na qual veio à ser diretor.

No *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*, a única publicação de sua autoria, foi uma adaptação do conto “Ritornello”, retirado da coletânea presente no seu livro *Balladilhas, contos* (1894). Há também um texto em versos produzido no mesmo ano por Olavo Bilac, sob o título de “A missão de Purna”, que foi oferecido à Coelho Netto no *Almanach* para o ano de 1900. Do mesmo modo que o conto produzido por Coelho Netto, os versos de Bilac não avultavam a ideia de civismo, ainda que seja uma constância em suas produções e no pensamento social desses intelectuais. Tanto que ambos se converteram em operários da nação, realizando atividades e publicando obras ligadas à educação cívica como redenção do atraso brasileiro.

Figura 59 – Imagem do colaborado Coelho Netto apensa ao conto Ritornello, publicado no Almanach Brasil-Portugal (1901)



Fonte: *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* (1901, p. 76).

Assim como Coelho Netto, o colaborador parnasiano Alberto de Oliveira também circulou, na década de 1880, em meio a um grupo de intelectuais formados por Olavo Bilac, Raul Pompeia, Raimundo Correia, Aluísio Azevedo, Machado de Assis, Lúcio de Mendonça, Pardal Mallet e Valentim Magalhães. A sua casa passou a ser um dos locais de encontros do grupo, no bairro da Engenhoca, em Niterói/RJ. (MARTINS, 2007). Ao que se percebe, os espaços de sociabilidade entre os intelectuais do almanaque não eram só geográficos, como também eram afetivos, conforme isso vai se evidenciando nas trajetórias de vida dos sujeitos aqui elucidados.

Nascido no distrito de Palmital, na Vila de N. S. de Nazaré de Saquarema, atual Saquarema/RJ, Antonio Mariano Alberto de Oliveira²⁰³ iniciou os estudos primários em escola pública de sua cidade natal. Em 1867, foi para o Rio de Janeiro, então capital do Império, prosseguindo os estudos no Colégio Aquino. Iniciou o curso em Medicina, onde foi colega de Olavo Bilac, mas acabou deixando o curso no terceiro ano. Em 1877, cursou a Faculdade de Farmácia em Niterói e publicou o livro *Canções Românticas*. Em 1884, ano em que se diplomou em farmácia, Alberto de Oliveira publicou *Meridionais*, prefaciado por Machado de Assis. Em paralelo com suas produções e reuniões literárias ocorridas na casa da Engenhoca, no Distrito Federal, foi professor de Português e Literatura Brasileira na Escola Normal e na Escola de Arte Dramática, dirigida por Coelho Netto. Em 1892, foi oficial de gabinete do presidente do Estado, o Dr. José Tomás da Porciúncula (1854-1901). Entre 1893 a 1898 exerceu o cargo de diretor geral da Instrução Pública do Rio de Janeiro.

Segundo André Botelho (2002) a atuação dos intelectuais brasileiros do período voltava-se para a ampliação e a efetivação da responsabilidade do Estado na área educacional. Por isso não era incomum que os homens de letras se vinculassem à cargos públicos, especialmente, aqueles voltados para a instrução pública. A instituição responsável pela alfabetização e instrução fundamental foi a escola primária, o principal meio secular de formação ideológica da sociedade moderna até o advento da indústria cultural. Conforme Botelho, a escola primária desempenhou papel decisivo na consolidação de uma “memória nacional” como condição ideológica do Estado-nação. Era urgente não só alfabetizar a

²⁰³ Em razão das fontes sobre a sua trajetória de vida serem escassas, pautei-me no *Dicionário biobibliográfico de membros da Academia Brasileira de Letras* (2007) e nas biografias disponíveis nos sítios do Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional: <<http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/literatura/albertodeoliveira.htm>>; Academia Brasileira de Letras: <<http://www.academia.org.br/academicos/alberto-de-oliveira/biografia>> e Biblioteca Nacional Digital do Brasil: <<http://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/antonio-mariano-alberto-de-oliveira/>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

população, como também configurar uma “consciência nacional” que se constituía em uma identidade homogênea.

Levando-se em consideração a atuação de Alberto de Oliveira no magistério – como professor da Escola Normal e como diretor geral da Instrução Pública do Rio de Janeiro, bem como a sua proximidade com outros colaboradores que fizeram defesa da educação nacional, dão pistas de que também tenha contribuído para o projeto de modernização baseado na ideia de nação, então em expansão no Brasil e em Portugal. Neste contexto, a educação seguia em marcha para o progresso e a civilização da nação que, por sua vez, abriram caminho para a modernidade.

Alberto de Oliveira também foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras (1897) e, ao lado de Olavo Bilac e Raimundo Correia (1859-1911) formou a “tríade parnasiana”, publicando diversas obras como *Poesias - quatro séries* (1900-1905-1913-1927), *Céu, Terra e Mar* (1914), *Poesias Escolhidas* (1933) e *Póstuma* (1944). No *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* publicou apenas o poema *O Ninho*, no volume de 1901, que está integrado a obra *Alma em Flor* (1900). Alberto de Oliveira também colaborou em vários periódicos, a saber: *Gazetinha*, *Galeria Republicana*, *Branco e Negro*, *Revista Brasil-Portugal*, *Jornal dos Cegos*, *A Semana*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Mequetrefe*, *Combate*, *Tribuna de Petrópolis*, *Revista Brasileira*, *Correio da Manhã* e *Revista de Língua Portuguesa*.

É interessante ressaltar os laços de sociabilidade entre os colaboradores Alberto de Oliveira e Coelho Netto, seja em relação a Academia Brasileira de Letras, seja através da Escola de Arte Dramática. No âmbito literário, além serem amigos de Olavo Bilac, eles também dividiam críticas, a exemplo do comentário elogioso do jornalista Medeiros e Albuquerque (1867-1934), realizado ao *Jornal do Commercio*:

[...] Coelho Netto e Alberto de Oliveira provam diariamente a justiça que os faz aclamar príncipes dos prosadores brasileiros, com o furor que anima tantos literatinhos novos a se atirarem contra êles. Prova direta, mas decisiva. De fato, se êles não tivessem mérito, seria desnecessário atacá-los. Bastaria que esses adversários usassem a mais simples das táticas: que produzissem melhor do que os dois. O trabalho de Coelho Netto é uma coisa formidável. [...]. Dos novos, que o atacam, a maioria só mostra como novidade a certidão de nascimento: nasceram há poucos anos. A novidade não lhes vem de idéias nem de formas de expressão. [...] Muitos que atacam Coelho Netto só o fazem porque estão cansados de ouvi-lo chamar um grande escritor. (JORNAL DO COMMERCIO, 1928, p. 1).

Quando se fala em educação e imprensa, produzidos como canais destinados a população, não é difícil distinguir quem são os educadores e quem são os redatores. Os construtores da opinião pública eram os letrados, os mais esclarecidos, isto é, a opinião era vista como fruto de reflexão dos sujeitos ilustrados e tornada pública, uma vez que visava propagar as luzes do progresso e da civilização e, por isso, fazia-se defensora da ordem e da moderação (MOREL, 2005, p. 208). E, ao que parece, os impressos abriram espaço aos intelectuais que se entrelaçavam na missão pedagógica e civilizadora de instruir o público leitor a qual se destinavam. Nota-se, portanto, como as categorias da educação e cultura convergiam, tanto trajetória dos colaboradores, quanto na materialidade dos anuários, como uma trilha que era conduzida à civilização.

Nos almanaques *Brasil-Portugal* uma das formas de instruir os leitores era partir da história que enaltecia os “grandes feitos” e os “grandes heróis” no ponto de vista factual que muito se aproxima do viés positivista²⁰⁴. Em um artigo publicado com o título de “O Marquez de Pombal”, produzido pelo português Anselmo de Andrade²⁰⁵, era perceptível o culto à ciência e à reforma pombalina²⁰⁶ aliados como símbolo de uma história nacional, conforme os trechos elucidados abaixo:

Ter feito uma revolução sósinho, sem antecessores que lh'a preparassem e contra a vontade dos homens do seu tempo, tal foi a principal característica do marquez de Pombal, e sem duvida a sua maior originalidade. [...] Para isso não bastava ter illustrado o espirito com as mais avançadas idéias do seu século. Poderiam ellas ter-lhe servido, quando muito, para evangelisar pelo livro, para doutrinar com a pregação e com o exemplo, para esclarecer com a narrativa ou para castigar pela satyra, conforme as inclinações naturaes doseu espirito. Não bastava tambem poder comparar com as grandes illuminações espirituas lá de fora as adensadas trevas caseiras. Isso só

²⁰⁴ A concepção positivista que utilizo faz referência à corrente filosófica idealizada por Augusto Comte (1798-1857), que exerceu bastante influência sobre os intelectuais portugueses e brasileiros durante o século XIX na perspectiva de pensar a história como uma sucessão de fatos que por si só encerrariam em grandes feitos. Segundo Angela Alonso (2011, p. 5), a doutrina de Comte traz uma concepção pacifista em que a hierarquia social é consentida pelos que estão abaixo.

²⁰⁵ Nascido em Lisboa/Portugal, Anselmo José Franco de Assis de Andrade, conhecido por Anselmo de Andrade, foi um economista, escritor, jornalista e político português. No período em que seu texto foi publicado no *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* para o ano de 1901, atuava no cargo de ministro dos Negócios da fazenda de Portugal, no governo de Hintze Ribeiro (1900).

²⁰⁶ As ações reformistas empreendidas por Marquês de Pombal (primeiro ministro de Portugal de 1750-1777), no decorrer do governo de Portugal e possessões no período colonial, visavam transformar Portugal numa metrópole capitalista, dando-lhe condições econômicas para competir com as nações estrangeiras e adaptar a sua maior Colônia – o Brasil – na nova ordem pretendida. No âmbito educacional, a reforma pombalina culminou com a expulsão dos jesuítas, passando o comando da educação para as mãos do Estado e de outras ordens religiosas que permaneceram aqui. Segundo Seco e Amaral (2006, p. 6) “[...]Através do Alvará Régio de 28 de junho de 1759, o Marquês de Pombal, suprimia as escolas jesuíticas de Portugal e de todas as colônias ao expulsar os jesuítas da colônia e, ao mesmo tempo, criava as aulas régias ou avulsas de Latim, Grego, Filosofia e Retórica, que deveriam suprir as disciplinas antes oferecidas nos extintos colégios jesuítas”. Mas, tais providências, não asseguraram a continuidade e tampouco a expansão das escolas brasileiras.

poderia servir para lhe desalentar o animo, e para converter em profundo desgosto pelos homens é pelas cousas do seu paiz o natural amor pátrio. Era preciso ainda juntar á sciencia exacta das cousas externas o conhecimento profundo das misérias internas, e a tudo isso seria necessário accrescentar mais uma fortaleza de animo, bastante grande para lutar contra tudo e contra todos. [...] Tinha ajusta e perfeita comprehensão do seu paiz. Percebia claramente que Portugal representava um deshonoroso anachronismo no meio da Europa. Estimulava-lhe os brios o exemplo dos; grandes ministros, que com os seus nomes mais tinham illustrado os reinados do que os próprios reis. Tudo isso, e ainda por cima uma energia extra ordinária a animal-o, uma ambição desmedida a influi-lo, uma grande perseverança a ampara-lo, e a mais completa indiferença na escolha dos processos políticos a facilitar lhe a sua obra, porque para ele;—discipulo de Machiavelio e dos jesuítas—não havia meios que não fossem bons, todos esses predicados, fundidos n'um homem só como n'um bronze, fizeram d'esse homem, a quem se pode chamar realmente de bronze pelo que havia n'elle de forte e de frio, o maior reformador de Portugal. (O MARQUEZ..., 1901, p. 195).

Naquele momento, isto é, na virada do século XIX para o XX, parte da *intelligentsia* portuguesa e brasileira orientava-se pelas leis evolucionistas, sociológicas e positivistas, seguindo os pressupostos teóricos e filosóficos de estudiosos como Charles Darwin, Hebert Spencer, Auguste Comte e Thomas Buckle, concorrentes com o liberalismo. No plano das ideias a corrente naturalista também foi adotada por parte da intelectualidade, em que o biológico era utilizado como modelo de explicação da sociedade, sem perder de vista que essa modernização do pensamento estava atrelada a naturalização da nossa herança colonial. Nesse contexto, ressalta-se os feitos do Marquês de Pombal, como a luta contra os jesuítas e a antiga nobreza, como necessária para o ingresso da ciência moderna em Portugal. Teófilo Braga, considerado como um dos principais representantes do positivismo português²⁰⁷, na obra *História da Universidade de Coimbra* (1898), confere importância da obra pombalina, destacando que:

[...] O juízo sobre a sua ação histórica resume-se em poucas palavras: combateu as duas fortes classes retrógradas, o clericalismo e a aristocracia, concentrando o poder na ditadura monárquica, sob a nova forma de ação ministerial; mas nesta obra contraditória deixou a realza isolada, como absoluta, a qual, não podendo só por si sustentar o decadente regime católico-feudal, teve de transigir com a corrente revolucionária e admitir as instituições liberais. O grande estadista dera também, pela sua preponderância como ministro, um golpe inconsciente no prestígio tradicional do poder régio autoritário, que se contentou com a nominal soberania de reinar sem governar. (BRAGA, 1898, p. 576).

²⁰⁷ A respeito do positivismo em Portugal, consultar: *Os inícios do positivismo em Portugal* (1977), de Fernando de Almeida Catroga e *A propagação do positivismo em Portugal* (2004), de José Luís Brandão da Luz. Segundo esses autores, a ação desenvolvida por meio das escolas politécnicas e médico-cirúrgicas foi decisiva para formar em Portugal uma nova mentalidade que, tão logo, amparou-se na filosofia positivista.

A modernização pombalina privilegiava à visão científica prática e pedagógica, herdada ao positivismo português. Não obstante, conforme observa Fernando de Almeida Catroga, havia características que diferenciavam o positivismo do português em relação ao brasileiro, que acolhia marcas ortodoxas:

[...] a par de algumas analogias, o positivismo português assumiu características diferentes do positivismo brasileiro. Na verdade, enquanto entre nós o dogmatismo da Religião da Humanidade não teve qualquer acolhimento, no Brasil, o positivismo ortodoxo, ensinado por Miguel Lemos e Teixeira Mendes, ganhou muitos adeptos. (CATROGA, 1977, p. 31).

No Brasil o positivismo não se restringia à uma versão pedagógica científica, de forma que também abrangia os aspectos místicos orientados pela Igreja Positivista. Em terras brasileiras o positivismo, segundo Angela Alonso (2011, p. 3), “[...] vinha ancorado numa radicalização da crítica do sistema monárquico, propondo a instauração da forma republicana”. Destarte, na República brasileira apregoava a conjugação entre a ciência e a instrução pública como meio de civilizar o país. Amparando-se no positivismo comteano e o evolucionismo spenceriano, buscava-se a partir do conhecimento científico das leis que norteiam a natureza e a história, uma via política e ideológica de alcançar a civilização. (ALONSO, 2011).

No almanaque *Brasil-Portugal*, acompanhando o calendário que versava mês a mês os feriados e estações, foram publicados textos sem autoria que traziam dados referentes à história do Brasil, como a “Independência do Brasil”, “A Descoberta da America” e “Proclamação da Republica Brasileira”. Em linhas gerais, os pequenos artigos enaltecem os protagonistas da história – sobretudo, os portugueses – de tal maneira que avulta uma hierarquização de culturas em que beneficia poucos sujeitos, através de relatos históricos com propósitos pragmático e historicizante. Novamente, remonta-se à uma concepção positivista de história que, segundo Evaldo Vieira (1982, p. 110), “[...] caminha para a concepção linear [...] da história como se os homens e os acontecimentos acompanhassem uma trajetória ideal e preconcebida” (VIEIRA, 1982 p. 110).

A educação, defendida por Comte, tinha por função promover a conciliação social garantindo a unidade humana, com vistas para a hierarquia social. A concepção positivista visava educar em meio aos pilares da família, da moral e do civismo, amparando-se no progresso social e na ordem como uma das condições necessárias para se alcançar a civilização moderna. Norteando-se por uma temporalidade linear e ininterrupta, enfatizava-se os acontecimentos passados, sob à luz de grandes acontecimentos e dos heróis modelados à nação, substanciados pela evolução histórica e cultural da humanidade pela via positivista. No

Brasil, o positivismo cruzou o caminho da elite intelectual uma vez que “[...] a doutrina de Comte fornecia uma límpida filosofia de história, a servir como guia de ação, e desembocava numa teoria geral de educação. Nenhum instrumento serviria melhor aos nossos intelectuais”. (BARROS, 1986, p. 13). Empregava-se essa corrente na perspectiva de instruir e formar os cidadãos brasileiros na dimensão tanto cívica, quanto moral, de modo que pudesse elevar o país à altura das grandes nações do mundo civilizado.

Todavia, é importante lembrar que a exaltação dos nacionalismos era uma das características da historiografia do século XIX, não se devendo unicamente ao positivismo comtiano, assim como a tendência de centrar a análise nos fatos políticos é bem anterior ao seu pensamento. No *Almanach* para o ano de 1900, o colaborador Sousa Viterbo publicou um artigo que fazia esse movimento: exaltava-se o nacional, assim como reunia subsídios – por meio de fatos – para edificar um sujeito histórico que representava as origens de um Estado-nação. Mas, antes de elencar o seu texto retomo o seu itinerário, no âmbito de perceber se há alguma relação entre essa publicação e a sua trajetória profissional no percorrer da sua história de vida.

Francisco Marques Sousa Viterbo²⁰⁸ iniciou seu percurso escolar no Seminário Episcopal do Porto, na cidade onde nasceu. Ao finalizar o curso partiu para Lisboa com o propósito de fazer medicina, formando-se lá pela Escola Médico-Cirúrgica, em 1869. Paralelamente aos estudos, para manter a sua substitência, dedicou-se ao jornalismo, colaborando em diversos periódicos, como *O Pirilampo*, *Anuário da Sociedade dos Architectos Portuguezes*, *Revista Arte Portuguesa*, *Branco e Negro*, *A esperança*, *O occidente*, *A república das letras*, *A semana de Lisboa: suplemento do Jornal do Commercio e Serões: revista semanal ilustrada*. Publicou a sua poesia em jornais e revistas literárias, como *O Mundo Elegante* (1858-60), *Mosaico* (1865), *Aurora* (1867-68), *Grinalda* (1855-69) – do Porto; o *Boudoir* (1863-65) – de Lisboa; *A Chrysalida* (1863-64), *A Folha* (1868) e *O Anjo do Pudor* (1870), que veio a ser o seu primeiro livro. Foi redator no *Diário de Notícias* e do *Comércio de Lisboa*, bem como assumiu a direção política do *Jornal da Manhã* e dirigiu o *Jornal do Comércio*.

Ao concluir medicina serviu, por um tempo, como médico naval na Armada. Publicou regularmente na imprensa especializada, a exemplo do *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas* (1836-1988), produzindo estudos sobre os médicos portugueses e o exercício da

²⁰⁸ Para prescrever o itinerário de Francisco Marques de Sousa Viterbo me reporte a seção de biografias de jornalistas, escritores e caricaturistas disponível no sítio da Hemeroteca Municipal de Lisboa. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/RecursosInformativos/Biografias/Textos/SousaViterbo.pdf>>. Acesso em 27 nov. 2018.

profissão, entre os anos de 1892 e 1896. Também desenvolveu artigos para a *Revista Arqueológica* (1887-1890), *O Arqueólogo Português* (1895-1924), *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* (1876-?), *Arte Musical* (1899-1915), do *Arquivo Histórico Português* (1903-1916), da *Revista Militar* (1849), entre outras.

Pelo seu interesse pela Arqueologia e pelas artes, inclinou-se para ensino, tornando-se professor na Academia de Belas Artes e na Escola de Belas Artes de Lisboa. Foi o fundador da Associação de Jornalistas e Escritores Portugueses, da Sociedade de Geografia de Lisboa, da Sociedade Arqueológica da Figueira, da Association Littéraire International (Paris) e da Real Academia de La Historia de Madrid.

No *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* há uma publicação de sua autoria que reforça o seu caráter de “investigador”, conforme elenca Rita Correia (2011), no decorrer da biografia de Sousa Viterbo. Em um artigo intitulado “Como se chamava o descobridor do Brasil?”, o colaborador questionava sobre a autenticidade do nome de Pedro Álvares Cabral. Para elaborar o seu argumento percorre a vários documentos para afirmar, inicialmente, que Cabral na verdade se chamava Pedro Alves Gouveia, em razão do sobrenome da mãe do navegador, D. Izabel de Gouveia. Em seguida, critica os historiadores da época por não investigarem tal descoberta, chamando-os de omissos:

[...] Seria para causar estranheza que nenhum dos historiadores que se referiram ao descobrimento do Brasil tractasse d'esta particularidade, se elles em geral não fossem tão omissos em tudo o que se refere ao illustre capitão, cujo feito singular, ou premeditado ou adventicio, bastou a immortalisal-o. O nome de Cabral é indissolúvel do nome do Brasil. Este phenomeno, porém, não se dá unicamente com Cabral; succede com Vasco da Gama e com outros personagens de hão menos valia. Não pode ser maior a descuriosidade dos historiadores em pormenorizar os antecedentes biographicos de quem tanto havia de perdurar na memória e na consagração dos vindouros. Parece que os homens só eram dignos da grandesa histórica desde que os seus próprios feitos os principiavam a avultar. Eram filhos das suas próprias obras e se elles se esqueciam de ateiar o fogo sagrado da própria fama, remunerando generosamente a lisonja dos seus Plutarchos, ou edifioando qualquer monumento que mais ou menos se eternisasse era contar com o quasi absoluto esquecimento. O espirito de investigação e de publicidade estava então bem longe de atingir a vertigem dos nossos dias, em que não lia ninguém que não tenha a sua estatua, ou de bronze ou de mármore, no pantheon da imprensa noticiosa e chocalheira. (COMO..., 1900, p. 69).

Sousa Viterbo prossegue o artigo ressaltando não ter a intenção de escrever uma biografia de Pedro Álvares ou de retrazar o seu perfil, mas de acrescentar uma informação “importante e curiosa”. Nisso, ele recorre a lápide sepulcral da Igreja da Graça, em Santarém, Portugal, onde se encontra a ossada de Cabral, para denunciar o descuido e a pouca devoção com a sua memória, refutando a ausência da data de falecimento em seu túmulo. Novamente

ele se debruça em documentos, inclusive, apoiando-se *Historia Geral do Brasil* (1854-1857), de Francisco Adolfo Varnhagen (1816-1878), para corroborar com a hipótese de que o navegador português faleceu nos primeiros dias do mês de novembro de 1516.

Por fim, o colaborador apresenta que o seu texto foi produzido no contexto de véspera da celebração do IV Centenário do Descobrimento do Brasil, afirmando que “[...] nunca serão supérfluos os materiaes que se ajuntem para o monumento commemorativo do grandioso feito”. (COMO..., 1900, p. 69).

Utilizando-se da história factual em que se privilegiava uma rigorosa cronologia linear, Sousa Viterbo invocava Cabral para harmonizar a memória histórica e afirmar o seu caráter nacional, apregoando uma origem remota que interligava o Brasil a Portugal. A referência de Francisco Adolfo Varnhagem ao texto não foi uma escolha aleatória, afinal, o historiador brasileiro produziu uma história político-administrativa que elogia tanto a conquista, quanto a colonização portuguesa, destacando como protagonista o europeu branco e cristão.

Logo, pode-se dizer que Viterbo se aproximava de Varnhagem na medida em que faz uma constituição da história pelos moldes europeus, sob o viés de uma narrativa factual empírica. Pela trajetória do colaborador, suponho que a referência varnhageniana tenha se dado em sua atuação junto as sociedades e associações em que circulou, especialmente, no que tange à arqueologia. Vale salientar também que o historiador brasileiro transitou entre figuras portuguesas, como Alexandre Herculano (Figura 60) e Almeida Garrett (cf. MELLO, 2012), que foram legados como cânones no tema da identidade da nação portuguesa. Não é por acaso que os romancistas são recordados, com frequência, nos almanaques *Brasil-Portugal*, pois eles “recuperam” elementos – muitas vezes lendários e heroicos – da história de Portugal para discutir o seu processo de formação.

Ademais, penso que narrar a história do Brasil era uma forma de rememorar a proximidade com Portugal, em suas “raízes históricas”, como “nações irmãs” que estavam ligadas para além da língua. Ao menos é essa a representação que aparece constantemente no *Almanach Illustrado*, associada ao tema da cultura luso-brasileira, como um instrumento de conquista aos portugueses. À guisa dessa discussão, no Brasil, a escrita literária assumiu no século XIX uma dimensão cultural importante no que se refere a busca da originalidade e no desejo de autonomia; contrapondo-se aos interesses lusitanos, ao enveredar pela discussão de uma literatura genuinamente brasileira, embora incorporasse um pensamento de características etnocêntricas expressivas de nacionalidade. Contudo, nos anuários, persistia o esforço mediado pela elite intelectual pelo discurso de proximidade entre os dois países que

legava à Portugal uma representação simbólica expressa pela positividade da sua política colonialista.

Figura 60 – Registro de Alexandre Herculano pelo *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* (1900)



Fonte: *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* (1900, p.82)

A própria imagem de capa dos almanaques de 1900 e 1903 (Figura 61) sinaliza a ideia central de geminação Brasil-Portugal, através dos anjos que, unidos, dão as mãos. Na pintura de autoria de António Ramalho (1858-1916), ao que parece, o anjo à esquerda do leitor representa o Brasil, que está um pouco mais alongado no que compreende ao da direita, em uma alusão à Portugal. Neste sentido, nota-se a intencionalidade que se configura à imagem e aos textos que avolumam na materialidade dos almanaques, tal qual fundamenta a história cultural. Como ressalta Chartier (1990, p. 62-63), todo o documento, seja ele literário ou não, é representação do real que se apreende e, portanto, está relacionado à realidade de texto construído, uma vez que o testemunho que cria “um real” na própria “historicidade de sua produção e na intencionalidade da sua escrita”.

No *Almanach*, ao representar o Brasil como um “irmão” é estabelecida uma relação que para Portugal se vincula pela afirmação de soberania e identidade. Para os portugueses, pensar a nacionalidade brasileira significava, em primeira instância, pensar em Portugal, que como colonizadores prestararam serviços à civilização e à pátria como nação fundadora. Mas, apesar dos anuários portarem-se como órgãos promotores e divulgadores do estreitamento das relações entre os dois países, é preciso atentar para que não sejam realizadas generalizações, até porque os ideais de um Brasil como correia de transmissão do colonialismo português

fomentaram dissonâncias no debate intelectual. No cenário brasileiro, havia aqueles que apoiavam a continuidade de um passado em que reforçava a imagem de Portugal como o “gerador de nações”, como também os defendiam a ruptura colonial e imperial da tradição portuguesa como plasmadora da identidade nacional (RAMOS, 2001). É importante que se reconheça as especificidades dos sujeitos e do contexto investigado no que condiz a tradição histórico-cultural partilhada.

Figura 61 – Geminação Brasil-Portugal nas capas de 1900 e 1903 do *Almanach*



Fonte: *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* (1900, 1903).

No que compete a circulação de “novas ideias”, Marco Morel (2005, p. 31) alude que elas não entravam no país de forma clandestina a partir dos anos 1820, mas dentro de um sólido circuito comercial. Na esteira dessa discussão, o autor destaca a importância de averiguar os anúncios divulgados por editoras, ao passo que elas podem ser úteis para se obter pistas acerca de uma genealogia da internacionalização das redes publicitárias, educacionais e culturais.

Partindo dessa premissa, ao burilar o *Almanach* foi encontrado um anúncio das edições da empresa Editora de F. Arthur da Silva, localizada em Lisboa. O anúncio que tem

por título “Livros uteis e instructivos” apresenta uma volumosa lista de obras, seguidas de valor/custo. Entre os livros que figuram o anúncio estão: *Historia Universal – Desde a criação do mundo ate à nossa época*, de Cesare Cantú e traduzida por Manoel Bernardes Branco; *Os ultimos trinta annos. 1848 a 1878*, de Cesare Cantú, versão pelo Visconde de Castilho; *Diccionario Encyclopedico ou Novo Diccionario da Lingua Portuguesa*, de D. José Maria de Almeida e Araujo Corrêa de Lacerda; *Diccionario de sinonimos: vocabulário da lingua Brasilica, ou Tupy*²⁰⁹, *Vocabulario do dialecto Guarany*²¹⁰; *Historia das Perseguições Politicas e Religiosas, ocorridas em Hespanha e Portugal, desde a idade media até os nossos dias*, de Fernando Garrido e traduzida por L. Trindade, *Historia da America Portuguesa (Brasil) – desde o anno de 1500 até o de 1724*, de Sebastião da Rocha Pitta e revista por J. Gomes Goes; *Resenhas das Familias Titulares e Grandes de Portugal*, de Albano da Silveira Pinto e Visconde de Sanches de Baêna; e *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha*, de D. Miguel de Cervantes, versão do Visconde de Benalcanfôr.

Entre a lista figuram livros de história, dicionários, enciclopédias e um romance. Os valores variam entre 24\$500 e \$900, na qual a *Historia Universal* é a obra mais onerosa (se encadernada inteira²¹¹) e *Os últimos trinta annos. 1848 a 1878*, a mais acessível. Estima-se que em Portugal o público leitor estava restrito a uma pequena e média burguesia. Segundo Maria Manuela Tavares Ribeiro (1999), em alusão ao estudo realizado por José Tengarrinha (1984), houve uma curva ascendente do movimento global das bibliotecas até 1892-1895, que coincide com um período de aguda crise nacional. Para ela, o aumento do público leitor se deve tanto pelo crescimento demográfico, quanto pela progressiva alfabetização até aos finais do século. Além disso, a procura pela leitura justifica-se também por uma nova visão da cultura e, conseqüentemente, mais ampla que se prende com uma mais eficaz intervenção na vida nacional – com a prática da cidadania (TENGARRINHA, 1984, p. 237).

5.1.4 Signos da modernidade, exotismo e narrativas eurocêntricas

A criação de símbolos também funcionava como estratégia discursiva para atrair a comunicação dos leitores. Desse modo, o diálogo com as linguagens visuais atraia o público, a partir das propagandas, ilustrações e caricaturas. Além das caricaturas desenhadas por Celso Hermínio, havia a presença constante de anedotas, adivinhações, enigmas (Figura 62),

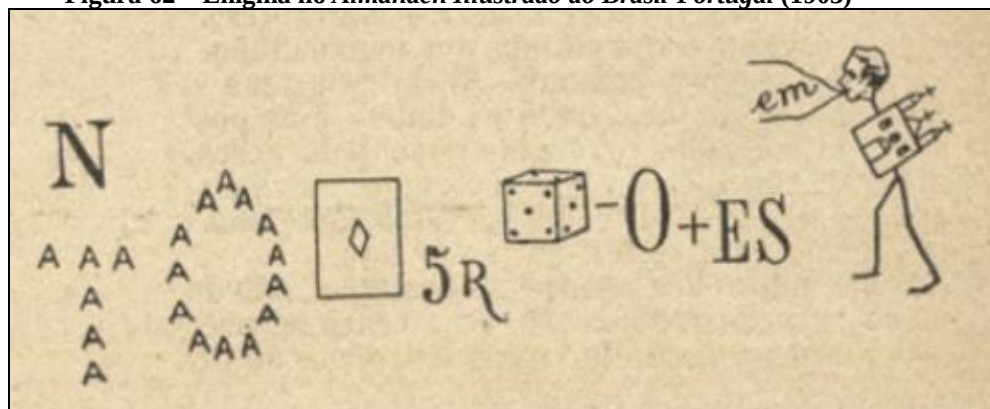
²⁰⁹ Sem identificação de autoria.

²¹⁰ Sem identificação de autoria.

²¹¹ A encadernação de uma obra era muito comum nesse período pois, segundo Borba de Moraes (2005, p. 78), “[...] o negócio da encadernação era, muitas vezes, um ramo do comércio. Era geralmente ligado ao negócio de papelaria, livraria e miudezas”.

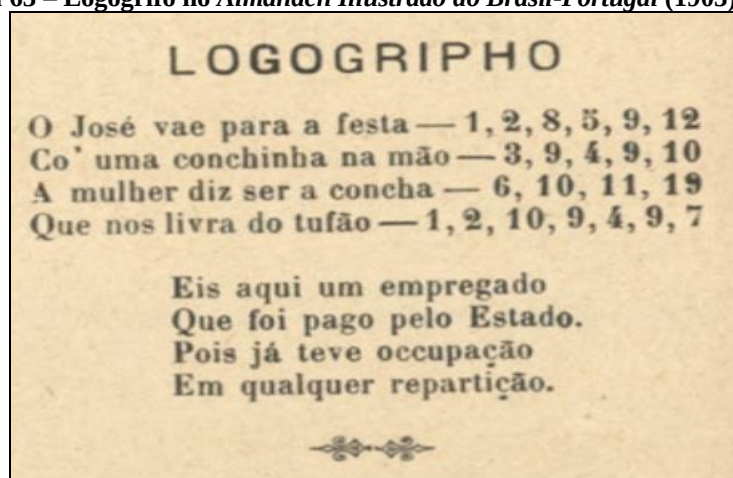
logogrifos (Figura 63) e charadas (Figura 64) no *Almanach*, tal como versavam na *Revista Brasil-Portugal*. Estes recursos de entretenimento que se revestiam de um duplo papel: de instruir e, ao mesmo tempo, divertir os leitores. Assim, estes recursos, ao lado de um farto material iconográfico – a exemplo de fotos, caricaturas, gravuras, reprodução de pinturas – revelavam a centralidade atribuída ao público que desvelava esses impressos.

Figura 62 – Enigma no *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* (1903)



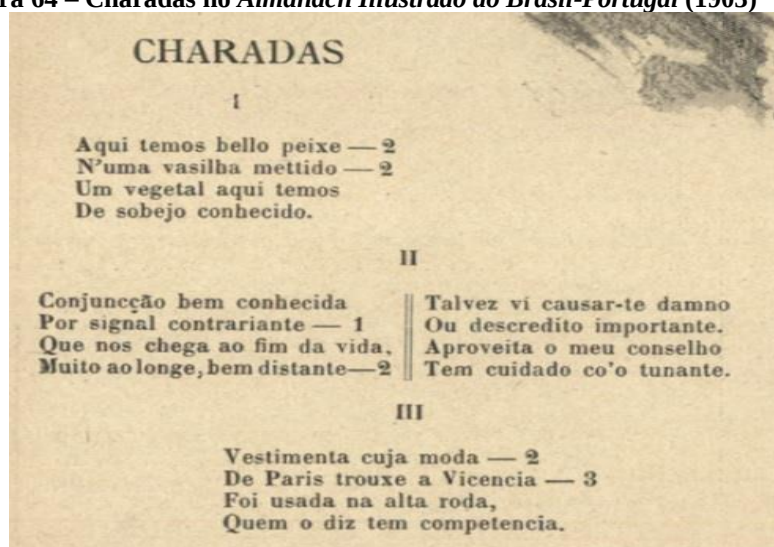
Fonte: *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* (1903)

Figura 63 – Logogrifo no *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* (1903)



Fonte: *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* (1903)

Figura 64 – Charadas no *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* (1903)



Fonte: *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* (1903)

As fotografias também se revelavam como relato histórico no *Almanach*, bem como captavam os ares de modernidade e de progresso que edificavam o início do século XX, ao passo que se registrava aquilo que se erguia como *novo/moderno* em detrimento do *velho/atrasado*. Focava-se sob diversos ângulos o que se projetava mediante a noção de civilidade e progresso, construindo um álbum de imagens que documentavam uma história que logo se transformariam em passado e em memória.

As ferrovias, um dos principais símbolos do progresso, foram bastante fotografadas. No *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* para o ano de 1903, no centro de um texto intitulado “Tracção electrica”, foi apensada uma fotografia de um carro elétrico em Lisboa (Figura 65). No artigo, anunciava-se o estabelecimento da tração elétrica em Lisboa com carreiras em diversos pontos da cidade, permitindo a circulação pelas ruas da Escola Politécnica, um importante estabelecimento de ensino superior técnico e científico. No texto ainda fazia alusão aos carros, salientando que eram “[...] bonitos, muito aceiados e produzindo um lindo effeito á noute” (TRAÇÇÃO..., 1903, p. 126). Segundo Ana Maria Mauad (2006), as fotografias buscavam traduzir em imagens um fato, sem utilizar muito tratamento de edição. Neste sentido, as fotografias “[...] eram publicadas todas no mesmo tamanho, com planos amplos e enquadramento central, o que impossibilitava uma dinâmica de leitura, como também não estabelecia a hierarquização da informação visual” (MAUAD, 2006, p. 367).

Nos almanaques *Brasil-Portugal* fotografias representavam, principalmente, a vida urbana, marcada pelos signos da modernidade, da defesa da educação, da civilização e do progresso tecnocientífico que se contrastava nos processos de continuidade e ressignificação

de tradições das culturas luso-brasileiras. Ao capturar as diferentes paisagens constitutivas de territórios que contribuíam para a maturação de uma memória nacional, reforçava-se também o compromisso estabelecido com o projeto civilizatório em que a ideia de desenvolvimento era peça-chave para o progresso técnico e material, e depois cultural, do homem e da sociedade, movidos pela indústria e pela ciência.

Figura 65 – Fotografia de um carro elétrico em Lisboa registrado ao *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* (1903)



Fonte: *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* (1903)

Por meio de textos e imagens os anuários também retratavam crenças, hábitos e costumes que construíam novos códigos sociais trazidos pela sociabilidade moderna. Ao folhear esses impressos é interessante notar que tanto a cultural ocidental – em maior predominância europeia – quanto a cultura oriental – com maior enfoque na China – eram evidenciadas. O colaborador português Wenceslau de Moraes publicou no *Almanach* de 1901 dois artigos voltados para a cultura oriental: “A Outra Maman” e “As Half-Caste”. Nos dois textos ele traça comparativos entre costumes orientais e ocidentais, através de seus relatos de memória, uma vez que a China foi por alguns anos a sua morada.

Nascido em Lisboa, Wenceslau José de Sousa Moraes²¹² concluiu o curso de Escola Naval em 1875 e, no ano posterior, foi promovido a guarda-marinha seguindo para a

²¹² Para compor o perfil da sua trajetória de vida foram utilizados como referências a dissertação *Entre duas civilizações: o universo de leituras em Wenceslau de Moraes* (2012), de Maria Margarida da Silva Faria Capitão e o *Dicionário de Orientalistas da Língua Portuguesa*, um projeto do Centro de Estudos e de Comunicação e

Moçambique, África, onde realizou uma série de viagens. Em 1880 foi novamente promovido a segundo-tenente e, em 1886, chegou a posição de capitão tenente. Dois anos depois viajou para Macau, China, local em que conheceu a sua primeira esposa, a anglo-chinesa Yong-Ioc-Chan (Atchan). Ainda em 1895 publicou seu primeiro livro intitulado *Traços do Extremo-Oriente* e, em 1897 foi lançada a obra *Dai-Nippon*, em razão das comemorações do IV Centenário de Descobrimento da Índia. Durante sua morada na China foi professor de matemática elementar no Liceu de Macau, onde se tornou amigo do poeta e simbolista português Camilo Pessanha (1867-1926).

Em 1898 deixa Macau e passa a morar no Japão, assumindo nos anos subsequentes os cargos diplomáticos de cônsul de Portugal em Kobe e Osaka, e também de cônsul interino de Itália e vice-cônsul. Foi durante o exercício consular que escreveu artigos sobre o Japão e publicou *O culto do chá* (1905) e *Paisagens da China e do Japão* (1906). Muda-se para Tokushima (na ilha de Shikoku), em 1913, prosseguindo com a publicação de obras como *O Bon-Odori em Tokushima* (1916), *Ko-Haru* (1917), *Yoné e Ko-Haru* (1923), *Relance da História do Japão* (1924), além de *Relance da Alma Japonesa* e *Serões no Japão*, que vieram à lume em 1926.

Segundo Faria Capitão (2012), Wenceslau de Moraes teve mais reconhecimento pelas suas obras no Japão do que em Portugal. No entanto, a imprensa portuguesa sempre lhe concedeu espaço, ao passo que durante a sua trajetória de vida colaborou em alguns periódicos de origem portuguesa, tais como: *Revista Brasil-Portugal*, *Boletim*, *Branco e Negro*, *Tiro e sport* e *Serões: revista semanal ilustrada*. Ele também foi colaborador do *Almanak Litterario e Estatístico* que circulou no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1889 a 1917. Em linhas gerais, suas produções refletiam muito suas vivências no Japão e na China, versando sobre o cotidiano, a língua, a religião, a literatura e os costumes da cultura oriental.

Sob os paradigmas europeus da sociedade e cultura, aquilo que fugia do tipo civilizado era visto com estranheza e/ou exotismo. No *Almanach Illustrado* nota-se a ambivalência do discurso europeu entre a idealização daquilo que comportava os padrões de civilização e a desilusão com a realidade que o circunda como exótico. Compunha-se elementos que se entrelaçavam entre a afirmação do sentido de nacionalidade e o ideário civilizador de origem europeia.

No artigo “As Half-Caste” – que para o português pode ser traduzido como “As mestiças” – Wenceslau de Moraes elucida o termo dado ao entrelaçamento entre mulheres

chinesas e europeus. No início do texto ele caracteriza as *half-caste*, através da estetização do gênero feminino:

[...] A sua beleza seduz; no entanto, observadas de perto, ha traços que ferem, minudencias que chocam. Eu, confesso, muitas vezes me comprazia em admirar a exótica distincção das suas mãos brancas, onde tão bem ficam as pérolas dos anneis e o oiro dos braceletes, a gracilidade pueril, requintadamente feminina, dos seus gestos, dos seus menores requebros. (AS HALF-CASTE..., 1901, p. 174).

No transcorrer do texto o autor traça um comparativo entre a cultura chinesa e a cultura europeia, trazendo uma imagem estereotipada em hábitos, costumes e crenças, ou seja, de tradições que não condiziam aos padrões de comportamento da sociedade ocidental e a narrativa eurocêntrica moderna:

[...] Ora digam-me se é licito suppor hoje a fraternisação da velha China com a Europa? As diferenças de caracter, de religião, de crenças, de usos, de lingua, são invenciveis barreiras; não é o ódio que fecha as portas do império á cubiça europea; é simplesmente incompatibilidade, repulsão. E o que se podia esperar tambem d'essas allianças fortuitas, libertinas? Esboços indefinidos; ensaios absurdos, ao sahirem da retorta; a antipathia da água pelo azeite, casualmente reunidos, mas nunca misturados; traços incongruentes, como que juntos de improviso; expressões desharmonicas, linhas chimericas de orientaes a par de rudezas de embarcadiço. Por vezes a mão de fada, e o pé chato do inglez. O negro indígena, o azul britannico, não se diluem, não se fundem, e os olhos d'essas filhas do acaso guardam um colorido exótico, feito de cores sobrepostas, ás pinceladas. Nos seus pobres cerebrosíto futeis lateja não menor confusão, ao que parece. Da mãe herdam a nebulosa adoração dos seus deuses, um milhão de credices por onde regulam as suas menores acções, os hábitos privados; e, o que é peor lá no intimo, o asco ao China que as despreza, e ao europeu que as prostitue. Do sangue europeu que lhe pulsa nas veias, herdam o espirito aventureiro, o pouco recato, o amor do luxo. Educação: um escrúpulo cuidado de si mesmas, o culto da toilette; não sabem sacudir o pó do seu vestido, não sabem coser um ovo sobre o lume; o dedal, a agulha, nunca passaram pelos seus bellos dedos de preguiçosas; sabem ser bonitas, quando podem. E mais nada. (AS HALF-CASTE..., 1901, p. 174).

A eficácia do exotismo era também incorporada e reproduzida pelas elites intelectuais colonizadas. Segundo Antônio Cândido (1981, p. 324) o persistente exotismo foi quem nos levou a sermos encarados como faziam os estrangeiros, propiciando, nas letras, a exploração do pitoresco no sentido europeu, como se estivéssemos condenados a exportar produtos tropicais também no terreno da cultura espiritual.

Roberto Ventura (1991) recorre à expressão “auto-exotismo” para falar sobre a idealização das metrópoles pelo intelectual periférico no Brasil. Ele afirma que por um lado o exotismo permite o distanciamento ante os costumes da própria sociedade e, por outro, introduz negativamente na sua auto-representação, levando à visão eurocêntrica das culturas

populares de origem africana, indígena ou mista (VENTURA, 1991, p. 39). Pela via do nacionalismo literário do século XIX, os letrados brasileiros incorporaram a ideologia civilizatória do discurso europeu perante o mundo selvagem e as realidades exóticas. De acordo com Silviano Santiago (1982, p. 21) o resultado da relação entre universal e particular sob o viés exótico produziu: "[...] duas decalages capitais: uma temporal (o atraso de uma cultura em relação à outra) e uma qualitativa (a falta de originalidade nos produtos da cultura dominada)".

No decorrer dos almanaques havia homenagens a jornalistas e homens das letras dos dois lados do Atlântico, como Mariano Pinna (1860-1899) e Assis Brasil (1857-1938), além de outras personalidades da “Alta sociedade luso-brasileira” retratadas em tom laudatórios, através de notas de falecimento, viagens, banquetes, entre outras notícias que os diretores dos impressos julgavam importante rememorar. Havia também a presença de pequenas biografias e/ou textos lançados para artistas que representavam a elite intelectual da época, a exemplo do artigo “Columbano no atelier”, de autoria do colaborador João Barreira. Nesse artigo, Barreira aborda sobre as características das obras do pintor naturalista Columbano Bordallo Pinheiro, irmão do ilustrador e também colaborador do almanaque *Brasil-Portugal*, Raphael Bordallo Pinheiro.

Ao revisitar a trajetória do referido colaborador, percebe-se como as suas vivências marcam as suas escolhas profissionais. João Baptista Barreira Júnior²¹³ nasceu em Chaves, Portugal, onde concluiu a Instrução Primária. Na cidade do Porto iniciou os estudos na Escola Acadêmica, local em que integrou um grupo de jovens intelectuais composto por António Nobre (1867-1900), Eduardo Coimbra (1864-1884), Hamilton de Araújo (1868-1888) e Alexandre Braga filho (1871-1921) (BARREIRA, 2014, p. 429). Nesse mesmo contexto conheceu o poeta e também colaborador dos almanaques *Brasil-Portugal*, Guerra Junqueiro. Ao concluir a Escola Acadêmica ingressou na Escola Médico-cirúrgica do Porto e deu início a sua produção literária.

Em 1892 concluiu a licenciatura em medicina, publicou seu primeiro livro intitulado de *Gouaches (Estudos e fantasias)* – obra relevante para o movimento simbolista português – e deslocou-se para Paris para assistir às lições do psiquiatra e neurologista Charcot (1825-1893), como também frequentar as aulas do neurologista Édouard Brissaud (1852-1909). Ao retornar para Portugal, Barreira exerceu Medicina no Porto por pouco tempo, ao passo que em

²¹³ Para retomar o seu itinerário faço alusão ao artigo *Do escalpelo para a arte: o acervo do prof. João Barreira*, de Catarina Fernandes Barreira (2014) e ao sítio SIGARRA U.Port, através da seção de “Antigos estudantes ilustres da Universidade do Porto”. Disponível em: <<https://sigarra.up.pt>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

cerca de 1896, já em Lisboa, começou a participar do círculo literário frequentado pelos poetas Afonso Lopes Vieira, Augusto Gil e Bulhão Pato e pelos escritores Fialho de Almeida e Eça de Queirós. Foi nesse período que também estreitou os laços com o pintor Columbano (1857-1929), o que torna evidente que o artigo publicado no *Almanach* não foi por acaso. Em 1898 é nomeado Médico de Partido na Caparica pelo exercício de clínico geral pelo município de Almada, Portugal. Anos depois passa a lecionar Arqueologia, para depois lecionar a 12ª cadeira de História da Arte da Antiguidade. Para tanto, João Barreira abandona a carreira de médico e passa a se dedicar, exclusivamente, à docência e a investigação. Ao ser aprovado em um concurso público, no ensino comercial e industrial na Escola Comercial Ferreira Borges, em Lisboa, ministra as disciplinas de Língua Portuguesa, Geografia e História Pátria e Língua Francesa, entre os anos de 1904 e 1915. Em 1919 é nomeado diretor do Museu de Escultura Comparada, anexo à Escola de Belas Artes, bem como inicia a docência de Estética e História da Arte na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, estendendo sua carreira na instituição até 1936.

Durante a sua trajetória publicou obras como *Arte Grega* (1923), *A morte do imaginário* (1923), *Dois retratos de imaginários* (1926), *Silva de Arte* (1928), *As coisas falam* (1933) e o manual escolar *História de uma Catedral* (1937). Segundo Catarina Barreira (2013), o estudo *História de uma Catedral* contou com ilustrações de seu filho, Manuel Barreira, que assim como a *Arte Grega* serviu, na época, com o manual de apoio aos estudantes. Em matéria de periódicos produziu artigo, entre 1890 e 1893, para a *Revista de Ciências Naturais e Sociais*, órgão da Sociedade Carlos Ribeiro, além de ter colaborado em *Feira da Ladra*, *Revista do Brasil*, *A Pátria*, *O primeiro de janeiro*, *O Diário de Lisboa*, *A República*, *Ilustração*, *Revista Ford*, *Atlântida* e *Serões: revista semanal ilustrada*. Colaborou ainda na grande *Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, com um total de 40 volumes, editada entre 1936 e 1960, em Lisboa e no Rio de Janeiro.

Neste sentido, fica nítida como as sociabilidades firmadas e a sua relação com a arte conduziram a trajetória do colaborador. Como atenta Claudia Alves (2012, p. 116), a formação escolar – sobretudo o secundário e o superior – “[...] assume destaque como espaço de socialização, em que vocações afloram, laços de amizade se estabelecem, afinidades com áreas de conhecimento se definem, sensibilidades se formam”.

Sirinelli (1998, p. 275-276) ressalta que o meio intelectual surge com um dos mais capazes de impor as suas normas e hierarquias à sociedade, produzindo assim um amplo curto-circuito. No *Almanach* a cultura se imbricava no antagonismo entre a tradição e o anseio pela modernidade, mas sem perder de vista as origens e as matrizes, que se reinventavam em

meio à ideia de progresso científico. João Barreira, assim como outros intelectuais portugueses, representavam o olhar da elite cultural portuguesa e de tendência eurocêntrica. O pintor que o colaborador referencia no anuário retratou, através da sua arte vários intelectuais, inclusive, os da Geração de 70²¹⁴, como Antero de Quental (1842-1891), Oliveira Martins, Eça de Queirós e Teófilo Braga, o que significa que Columbano Bordello Pinheiro circulou por espaços entre aqueles que atuavam junto à empresa *Brasil-Portugal*. Os almanaques, portanto, também serviam de mote para uma autopromoção daquilo que se considerava culturalmente como passível de ser produzido e difundido para a sociedade.

Embora houvessem intelectuais que naquele momento enveredavam pela discussão de uma literatura autenticamente brasileira e que, portanto, não apresentavam adesão total às ideias europeias, prevalecia nos almanaques a narrativa do grupo mais exposto às influências ocidentais, submetendo à uma concepção eurocêntrica de nação. Assim, entre similitudes e alteridades condizentes ao universo luso-brasileiro, seguia a visão incutida pelos intelectuais portugueses que, não esqueçamos: era maioria no grupo editorial, além do impresso ser dirigido por três sujeitos de origem lusitana.

Imbricados aos temas da civilização, educação e cultura como categorias análogas, os sujeitos aqui analisados atuavam como mediadores integrados em redes e lugares de sociabilidade em que dominavam variadas dinâmicas organizacionais “[...] que conferem estrutura ao grupo e posições que dele participam; como o compartilhamento de sentimentos, sensibilidades e valores, que podem produzir solidariedades, mas igualmente competição”. (GOMES; HANSEN, 2016, p. 24). Essas três categorias se entrelaçavam, tanto na materialidade do *Almanach*, quanto nas trajetórias desses mediadores, em uma cultura luso-brasileira de verniz elitista e eurocêntrica, marcada pela defesa da educação nacional, que tinha como cenário o discurso civilizatório, orientado para o progresso e a modernização.

²¹⁴ Conforme Álvaro Manuel Machado (1998) à Geração de 70 pertencem: Antero de Quental, Eça de Queirós e Oliveira Martins. E, secundariamente, fazem parte também Ramalho Ortigão, Teófilo Braga, Gomes Leal, Guerra Junqueiro, Jaime Batalha Reis, Guilherme de Azevedo, Alberto Sampaio, Adolfo Coelho, por participarem das primeiras Conferências do Casino, em 1871. Nessas conferências, também chamadas de Conferências Democráticas do Casino Lisbonense, estes intelectuais portugueses propunham dialogar e difundir novas ideias, além de divulgar as descobertas científicas e tecnológicas que vingavam pela Europa. Vale ressaltar que dentre as palestras, que ocorreram entre 22 de maio a 26 de junho de 1871, em Lisboa, Adolfo Coelho na Conferência “A Questão do Ensino” propôs a separação da Igreja e do Estado, que só aconteceu anos depois, por meio do decreto de 20 de abril de 1911, instituído pelo Governo Provisório da República Portuguesa. O evento foi encerrado no último dia, em razão de uma portaria elaborada pelas autoridades da Monarquia, alegando que as conferências, em uma série de preleções, expunham e procuravam sustentar doutrinas e proposições que atacavam a religião e as instituições políticas do Estado. Para mais informações sobre o tema sugiro consultar: *As Conferências do Casino e o socialismo em Portugal* (1984), de João Medina.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da mesma forma que introduzir um texto pode ser uma tarefa árdua, considero que concluí-lo também exija minúcias, sobretudo, quando se trata de um tema que está imbricado à uma fonte tão vasta e complexa, como é o caso do *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*. Ao longo da pesquisa foi importante fazer escolhas e atentar para não se deixar seduzir pela materialidade dos impressos e cair na armadilha das generalizações, ao passo que tanto as revistas, quanto os almanaques estão mergulhados em intencionalidades, norteadas por intelectuais que conduziam a empresa *Brasil-Portugal*, nos dois lados do Atlântico.

Os caminhos teórico-metodológicos adotados no decorrer desta tese e indicados ainda na seção introdutória, sinalizaram as aproximações interdisciplinares entre a história da educação e da história cultural, no âmbito de se observar as marcas de produção, circulação, distribuição e usos ou práticas de apropriação pelo *Almanach*, assim como as intenções formuladas pelos intelectuais portugueses e brasileiros, sem perder de vista o processo civilizatório que substanciava as relações históricas luso-brasileiras. Essas escolhas foram imprescindíveis para a formulação das seções do presente trabalho que se desenharam em meio à um contexto marcado pela formação nacional e difusão dos ideais de educação, civilização e cultura, pautados pelos dois países, na passagem do século XIX para o XX.

Na seção 2, passeou-se pela imprensa portuguesa e brasileira, atentando para sua importância como instrumento de informação e divulgação para a circulação dos almanaques, que começaram a se propagar em alguns estados do Brasil, entre os meandros da sociedade oitocentista. Através de um levantamento realizado em acervos, obras e catálogos digitais de bibliotecas portuguesas e brasileiras, considerou-se a contribuição que esses anuários tiveram nos processos de transformações culturais, sociais e políticas, reforçando também as trocas de ideias e circulação de projetos editoriais voltados para à comunidade luso-brasileira.

Foi identificado o corpo diretivo dos periódicos *Brasil-Portugal*, elencando o vínculo de sociabilidade estabelecido entre os intelectuais no interior dos impressos e na imprensa. Apesar das lacunas e das informações esparsas quanto às fontes encontradas, foi remontada a trajetória dos diretores, recorrendo também aos periódicos publicados no contexto em que os três sujeitos transitaram pela imprensa, no percurso trilhado até à direção do *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*.

Viu-se pelo itinerário de Augusto de Castilho como a sua carreira como militar na marinha portuguesa foi preponderante para a sua participação como comandante da corveta Mindello, na Revolta da Armada, que culminou com o rompimento das relações diplomáticas,

como também passou a ser retaliado pelo governo florianista. No que tange ao seu vínculo com os outros dois diretores, embora tenha atuado em diversos periódicos, principalmente, na década de 1880, não foram encontrados vestígios que indicassem como ele veio a conhecer Lorjó de Tavares e Jayme Victor, nem tampouco como passou a ser um dos dirigentes da *Revista*.

Ao que condiz a trajetória de Jayme Victor, percebeu-se que as viagens realizadas pelo jornalista foram fundamentais para divulgar as suas obras, além de estreitar a sua rede de sociabilidades pelo Brasil. A sua participação como correspondente, nos jornais cariocas *O Paiz* e o *Jornal do Brasil* também contribuíram para estabelecer um vínculo com a imprensa brasileira. Inclusive, levantei hipótese de que Jayme Victor possivelmente conheceu Lorjó Tavares pelo meio jornalístico, dado que ambos transitaram pelas redações de diferentes periódicos e chegaram a atuar como colaboradores literários em uma mesma revista ilustrada, a exemplo de *O Occidente*.

Lorjó Tavares, durante a sua carreira como jornalista, publicista e dramaturgo, colaborou, dirigiu e fundou periódicos. Foi visto também que este diretor foi um dos principais interlocutores na aproximação luso-brasileira, viajando constantemente por diferentes estados brasileiros, a fim de promover as *Revistas* pelo país, o que também justifica as redes de sociabilidade circundadas por ele, já que costumava adentrar nas redações e entregar pessoalmente alguns números da *Brasil-Portugal*. Ademais, conforme enfatizado, as viagens de Tavares também podem ter buscado firmar apoios de empresários e comerciantes estabelecidos na região norte do Brasil, visto que havia nos impressos quinzenais cerca de 70% no total do espaço reservado à publicidade em cada região.

Além dos laços profissionais entre Lorjó Tavares e os dois diretores, o dramaturgo também foi parente de Jayme Victor, casando-se com sua irmã, Margarida Victor, 12 anos antes de dirigirem juntos a revista *Brasil-Portugal*. Retomar suas trajetórias foi, portanto, fundamental para perceber as suas interações com a imprensa e os múltiplos espaços que esses sujeitos transitaram antes mesmo do surgimento dos dois impressos.

Na seção 3, adentrei no universo da *Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada* que, assim como o *Almanach*, destinados às elites, especialmente, as das comunidades portuguesa no Brasil e das colônias, buscando atender aos interesses mercadológicos e políticos da época. Percebeu-se que a *Revista*, que lidava com a publicação de texto de diversas temáticas, alicerçada em muitas crônicas e ilustrações, tinha a intenção de educar o público leitor, além de manter os laços com a cultura luso-brasileira, como se pôde observar através dos artigos apresentados em suas seções e expostos neste trabalho. Também foi elucidada o grupo

responsável pela produção, edição e publicação dos dois impressos, seus principais colaboradores, correspondentes e representantes, observando-se como a *Revista* expandiu consideravelmente a quantidade de agentes espalhados pelo Brasil. Notou-se que com o passar dos anos, as suas seções foram alteradas e o número de anúncios tomou cada vez mais espaço em suas páginas, assim como os valores dos periódicos variaram bastante e a *Brasil-Portugal* ficou marcada pelas constantes mudanças de endereço do escritório da administração e redação, onde eram produzidos os almanaques e as revistas. Foram descortinadas questões referentes à assinatura e aos locais de venda que, somados à figura do agente-representante, se mostraram importantes para a efetivação do periódico no mercado impresso. A empresa procurava agradar os segmentos que investissem no editorial, que girava em torno de uma cultura liberal e burguesa, aproximando-se, independentemente de regimes políticos, daqueles que detinham poder e poderiam trazer benefícios para a *Revista*.

Foi visto ainda que o *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* surgiu como um “projeto” anexo a *Revista Brasil-Portugal*, uma vez que seus diretores, secretário e parte de seus colaboradores foram oriundos do periódico quinzenal. A ideia inicial era de ser distribuído como um brinde anual aos assinantes das revistas, o que depois veio a se tornar uma edição comemorativa intitulada de “Número Extraordinário” que, como abordado no decorrer da tese, realizou um repositório histórico e documental, no intento de comemorar o IV Centenário de Descobrimento do Brasil, servindo também para fortalecer o discurso de estreitamento das relações luso-brasileiros.

O *Almanach*, ao que indica a sua materialidade, contou com um grupo editorial que buscou investir em técnicas inovadoras que prezavam pela qualidade de seus impressos. No âmbito de divulgar os anuários e formar um público leitor, viu-se que a empresa *Brasil-Portugal* adotou a tática de enviar exemplares do almanaque para algumas redações jornalísticas, além de reproduzir as críticas positivas e a recepção desses impressos pela imprensa portuguesa no periódico quinzenal. Assim como a *Revista*, partiu-se da suposição de que o *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* não circulou apenas no Rio de Janeiro, mas principalmente pela região Norte do país, em razão dos anúncios e do provável apoio de empresários e comerciantes dessas duas regiões. Neste sentido, conclui-se que através da troca de interesses abalizadas entre o mercado editorial e as relações luso-brasileira eram também construídas as redes de sociabilidade articuladas entre os intelectuais e as elites empresarias, tendo como *locus* os almanaques que, orientados pelo progresso e a modernização, possibilitavam a multiplicação de trocas políticas e culturais entre Portugal e Brasil.

Na seção 4 foi realizada uma análise, a partir do levantamento de informações biográficas, com a finalidade de compor um perfil coletivo dos 80 colaboradores do *Almanach*, articulando os intelectuais e os lugares de sociabilidade, bem como suas produções intelectuais e mediações culturais por eles preconizadas. O diálogo com a história cultural foi oportuno para se pensar nas diferentes práticas sociais e as dinâmicas de produção dos bens simbólicos e culturais, em meio aos fenômenos de sua mediação, no que condiz aos autores do almanaque *Brasil-Portugal*. E trabalhar com a categoria de mediadores foi relevante na perspectiva de se atentar para as diversas funções e posições acumuladas pelos intelectuais ao longo de sua trajetória profissional. Mas é preciso ressaltar aqui o esforço e a cautela de esquadrihar a trajetória desses colaboradores, não só pela escassez das fontes, como também em razão dos verbetes biográficos de dicionários e/ou enciclopédias *online* que, muitas vezes, podem induzir a ilusão de reproduzir um percurso que transcorre – desde um começo até o seu término – seguindo ordens lógica e cronológica, como alerta Pierre Bourdieu (1996).

Em relação a análise dos dados tabulados, viu-se a predominância de colaboradores homens no *Almanach*, o que corresponde a 97,50% de escritores do gênero masculino e apenas 2,50% do feminino. Entre as motivações que levam ao número diminuto de mulheres nos almanaques se deve a sociedade patriarcal do período pela naturalização de papéis femininos, dificultando a sua atuação nos espaços de produção de escrita.

No que diz respeito a idade dos sujeitos analisados, observou-se através do gráfico exposto, que a faixa etária entre 41 a 50 anos e 51 a 60 anos é a que concentra a maior parcela de colaboradores, compreendendo 58% dos intelectuais que integram os anuários *Brasil-Portugal*. Percebeu-se que parte considerável desses sujeitos já haviam produzido obras anteriores aos almanaques e/ou colaborado em outros periódicos, levando a crer que a experiência é uma das possibilidades de ter uma maior aglutinação de indivíduos com a idade madura nos referidos impressos. Por outro lado, os colaboradores na faixa entre 71 a 80 anos corresponderam a menor porcentagem de escritores no *Almanach*, talvez, em razão da idade mais avançada.

Referente à demarcação geracional foi predominante os que nasceram na década de 1850, representando 61% dos colaboradores. Quanto a nacionalidade, respectivamente, indicou-se que 68% dos colaboradores eram portugueses, seguido por 24% de brasileiros, 6% de franceses e 1% de espanhóis e italianos. Justificou-se o maior número dos primeiros, supostamente, pelo fato da sede da *Brasil-Portugal* estar localizada em Lisboa e dos seus diretores serem de ascendência de portuguesa, o que facilitava as vinculações e sociabilidades com outros intelectuais da mesma origem. Sobre a porcentagem dos colaboradores de

nacionalidade brasileira, argumentou-se que possivelmente isso se deveu tanto pelo anuário ser voltado para as comunidades luso-brasileiras, quanto pelas redes firmadas em ambos países, abrindo espaços nas redações para os escritores atuarem em impressos nos dois lados do Atlântico.

Sobre a publicação em outros impressos, foi visto que o total de 100% dos colaboradores publicou em, pelo menos, um periódico. Consequentemente, esse número corroborou com a dedução de que os intelectuais brasileiros e portugueses já produziam e/ou estavam produzindo paralelamente para outros periódicos. Constatou-se também que o *Branco e Negro: semanário ilustrado* foi o impresso que contou com o maior número de colaboradores em comum ao *Almanach*.

Conforme o gráfico realizado para identificar a representatividade dos colaboradores dos almanaques *Brasil-Portugal* que tiveram livros publicados, foi verificado que 94% dos colaboradores publicaram livros, o que significa que além de atuarem na produção de bens culturais, esses intelectuais se atrelaram em redes de sociabilidade que possibilitaram a propagação de suas obras. Observou-se também que alguns colaboradores transitaram por espaços de produção do conhecimento, participando de associações, sociedades, institutos e academias de letras que foram importantes em relação à produção do conhecimento e circulação de ideias.

A partir de um quadro composto observou-se que os colaboradores se envolveram em múltiplas atividades profissionais. Foram analisados do total de 42 atividades, os cinco ofícios mais recorrentes, destacando-se, por conseguinte, 51% de escritores, 36% de poetas e jornalistas, seguido de 16% de políticos e, por fim, os 15% de professores. Concluiu-se ainda que a maioria dos intelectuais que escreveram para os anuários já haviam atuado e/ou estavam atuando tanto em jornais, quanto em revistas, de modo que a articulação entre o jornalismo e a literatura foram preeminentes para a ascensão dos periódicos “literários” em que concorriam, principalmente, os homens de letras. Além disso, no decorrer da pesquisa considerou-se que os colaboradores do *Almanach* transitaram em espaços culturais, bem como por instituições de ensino, uma vez que parte desses sujeitos exerceram a docência em algum momento durante as suas trajetórias.

Na seção 5 foram compostos os itinerários dos 8 colaboradores brasileiros – Adelina Lopes, Aurea Pires, Garcia Redondo, Nuno de Andrade, Egas Aragão, Fernando de Almeida, Coelho Netto, Alberto de Oliveira e portugueses – e 4 colaboradores portugueses – Eugénio de Castro, Wenceslau de Moraes, João Barreira e Sousa Viterbo – que atuaram como professores em diálogo com as suas produções e redes de sociabilidade, tomando como fio

condutor a materialidade dos almanaques e a análise das categorias de civilização, educação e cultura. Nesse percurso foram encontrados alguns desafios, como a construção da própria narrativas dos intelectuais portugueses e brasileiros, no que tange à essas categorias, uma vez que nem sempre as suas produções no *Almanach* estavam diretamente ligadas aos seus ofícios. No entanto, muitas das suas publicações fora dos anuários estavam relacionadas a outros elementos atrelados em seus trajetos e lugares sociais, através das suas vivências cotidianas. Parte significativa desses indivíduos tiveram atuações, seja através de discursos, seja através de práticas, na esfera educacional que, em alguns casos, extrapolavam suas formações.

Sobre a representatividade e produção das mulheres nos almanaques *Brasil-Portugal*, foi visto como as descrições atribuídas ao que se desejava ao gênero feminino – como “esposas submissas”, “excelentes mães de família” e “de bom coração” – reforçavam-se os estereótipos que estigmatizavam, nos moldes do padrão de dominação patriarcal, o que deveria ser designado a elas pelos papéis sociais e normativos em subordinação aos homens. Observou-se também que a maioria das mulheres retratadas – quando descritas pelos seus nomes, ao passo que muitas fotografias não apresentavam nenhuma identificação a elas – nos anuários eram atrizes portuguesas, mas as suas representações eram captadas sob o olhar masculino. Foi elencado também, em meios aos temas da escola industrial e do trabalho das mulheres nas fábricas de costuras expressos no *Almanach*, como o progresso e a modernização eram consideradas como mote para se alcançar os ideais civilizatórios. Nos anuários a industrialização aparecia imbricada ao progresso das ciências, que se convertia à uma educação versada em elementos de cariz civilizante. Paralelamente à estas análises, seguindo os itinerários das duas únicas colaboradoras desses impressos, Adelina Lopes e Aurea Pires, concluindo que ambas fizeram parte de uma rede de sociabilidades entrelaçadas à docência e uma produção de caráter literário que, naquele momento, assim como a educação, voltava-se para a construção de símbolos que constituíam uma identidade nacional.

Ao burilar os anuários percebeu-se também que esses impressos procuravam disseminar padrões de conduta e comportamentos que, quando incorporados e reproduzidos socialmente, visavam incutir valores cívicos e morais como condicionantes para o desenvolvimento econômico e o progresso da nação.

Elementos cívico-educacionais circundaram as páginas dos almanaques *Brasil-Portugal*, evocando tradições, histórias e memórias que se traduziam na construção de signos culturais que buscavam engendrar uma identidade nacional aos dois países. Para tanto, considerou-se que esses impressos tendiam a enaltecer a cultura portuguesa, na medida em

que difundiam ideias que contribuíram para o contexto das políticas nacionalistas e, ao mesmo tempo, estreitava os laços com o Brasil como uma forma de rememorar a soberania e afirmar-se como nação fundadora em relação à sua antiga colônia, tendo a língua como um dos pressupostos para corroborar com o caráter natural da relação entre as duas “nações irmãs”. Por essa via, é importante também destacar que embora os anuários servissem, a partir dos intelectuais mediadores, como agentes divulgadores das relações luso-brasileiras, é necessário ter cautela para que não sejam realizadas generalizações, ao passo que houve divergências no debate intelectual no que concerne as continuidades e rupturas do colonialismo português enquanto gerador de nações.

Os antagonismos constitutivos entre a idealização da cultura europeia – incorporada, sobretudo, pela elite cultural portuguesa – e a cultura *outra* que não contemplava aos padrões de comportamento da sociedade ocidental e moderna compunham mais uma marca ao *Almanach Illustrado*. A narrativa eurocêntrica moderna prevalecia perante as realidades transpostas, muitas vezes, em representações de auto-exotismo, para assinalar o sentido de nacionalidade e a ideologia civilizatória de origem europeia.

As categorias de educação e cultura, seja no itinerário dos colaboradores, seja na materialidade dos anuários *Brasil-Portugal*, tinham como pano de fundo o discurso civilizatório. As fotografias e ilustrações dos almanaques foram avultadas pelos registros da modernidade e do progresso que se embrenhavam no meio urbano, como também pela resignificação de tradições que contribuíam para ambientar a construção de uma memória nacional que se combinavam aos interesses dos dois países naquele contexto.

Todavia, para civilizar-se, era preciso que a população fosse também instruída. O tema da educação, inclusive, imbricado por alguns colaboradores pela baliza da literatura escolar, assumia lugar central como instrumento adequado para atender aos valores morais e cívicos da sociedade, em meio aos critérios liberais, conservadores e, sobretudo, positivistas que cultivavam e difundiam regras normativas para a sociedade em questão. Colaboradores portugueses e brasileiros, na figura de mediadores culturais, envolveram-se na missão pedagógica e civilizadora de instruir o público à qual se destinavam, para além dos limites do *Almanach*, conforme evidenciado no transcorrer de suas trajetórias. Na esteira dessa discussão é importante trazer à baila a questão entre o discurso e a prática frente à defesa da educação no âmbito universal, realizada por intelectuais, sobretudo, no Brasil. Como demonstram Ananias (2015) e Botelho (2002), em obras alusivas, respectivamente, ao Império brasileiro²¹⁵

²¹⁵ Mauricéia Ananias (2015), sob o recorte temporal de 1860 a 1889, discorre sobre as escolas destinadas aos pobres na cidade de Campinas – SP, tomando as categorias de instrução, trabalho e civilização para construir a

e a Primeira República²¹⁶, embora a educação tenha se revelado historicamente como fator de mobilidade social, esta não possuía a universalidade a qual se anunciava, ao passo que diferente do que se apregoava, não havia um único tipo de escola para todos. Isso porque a educação é sempre recriada hierarquicamente conforme as divisões constitutivas da sociedade, de modo que havia diferentes tipos diferenciados de educação: uma para os filhos das elites e outra oferecida para a população pobre, em que o ensino primário era suficiente e o acesso ao superior nem sequer era cogitado (BOTELHO, 2002, p. 159; ANANIAS, 2015, p. 111). Cabe salientar, portanto, que as reformas ainda que tenham gerado mudanças na educação não foram suficientes para a implementação de políticas educacionais que pudessem modificar a estrutura da sociedade brasileira, tanto que o saber escolarizado continuou restrito às camadas privilegiadas, isto é, aos possíveis detentores de poder.

Por fim, conclui-se a tese de que os intelectuais portugueses e brasileiros atuavam como mediadores ao tempo que, integrados em redes de sociabilidade geográficas e afetivas – construídas em múltiplas dimensões espaço-temporais – foram capazes de criar um produto híbrido e intercultural, resultante do processo de trocas políticas, culturais e produção de novos sentidos, que veio a se configurar na materialidade do *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*. Entre os auspícios da modernização e do progresso, esses anuários trouxeram à baila elementos cívico-educacionais que, orientados por uma cultura liberal, serviram de veículo para a construção de uma memória coletiva e uma identidade nacional que se forjava nos dois lados do Atlântico.

Espera-se que este trabalho forneça subsídios para o tema das relações luso-brasileiras e o uso dos almanaques como fonte, contribuindo ainda para a escrita da história da educação, da história intelectual e dos intelectuais. Como sugestão futura penso que seria relevante a produção de mais estudos comparativos sobre a Geração de 1870, no que tange ao movimento intelectual no Brasil e a Portugal, tomando por dimensão a questão educacional, uma vez que os dois países buscavam se libertar do atraso e acertar o passo para a marcha da civilização em direção à educação nacional. Junto à proposta evidencio o alerta em se atentar sempre para a especificidade dos atores e dos contextos a serem investigados, pois como ressalta Justino Magalhães (2010), a história da educação contém domínios, processos, significados que

sua narrativa.

²¹⁶ André Botelho (2002), a partir do livro *Através do Brasil* (1910), escrito por Manuel Bonfim em parceria com Olavo Bilac, apresenta um balanço dos significados dessa obra, baseando-se na ideia de reforma moral da sociedade como condição efetiva da nação brasileira, pela defesa do caráter redentor da educação, no âmbito da Primeira República.

desafiam as distintas soluções historiográficas, ao passo que ela tem sido elaborada mediante as particularidades de cada país.



REFERÊNCIAS

Bibliografia

a) Livros e capítulos de livros

ABREU, Márcia. Duzentos anos: os primeiros livros brasileiros. BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. (Org.). In: *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 41-65.

ABREU, Marcia. Uma comunidade letrada transnacional. ABREU, Marcia; DEAECTO, Marisa Midori (orgs). *A circulação transatlântica dos impressos*. [recurso eletrônico]: conexões. Campinas, São Paulo: UNICAMP/IEL/Setor de publicações, 2014, p. 93-105.

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ALVES, Claudia. Jean-François Sirinelli e o político como terreno da história cultural. In: LOPES, Eliana Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). *Pensadores sociais e a história da educação II*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

AMERICANO, Jorge. *São Paulo naquele tempo (1895-1915)*. São Paulo: Edição Saraiva, 1957.

ANANIAS, Mauricéia. *A escola para pobres: instrução, trabalho e civilização*. Campinas – SP (1860-1889). João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

ANDRADE, Fábio. *Três poetas na periferia do simbolismo*. [S. l.]: Virtual Books, 2017. Disponível em: <<https://issuu.com/mariacarolinasantos9/docs/pdftrẽspoetas>>. Acesso em: 10 set. 2017.

ARAGÃO, Egas Moniz Barreto de. Evolução pedagógica. In: *Diário Oficial do Estado da Bahia*, Edição comemorativa ao centenário da Independência da Bahia, 1923.

ARAGÃO, Egas Moniz Barreto de. *Problemas de Educação Nacional e de Instrução Pública*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1921.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

ASSIS, Machado de. (1890). Como se inventaram os almanaques. In: *Do Almanak aos Almanques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

BARBOSA, Marinalva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARBOSA, Marinalva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARREIRA, Catarina Fernandes. Do escalpelo para a arte: o acervo do prof. João Barreira. In: PESTANA, Olívia; RIBEIRO, Fernanda; SILVA, Armando Malheiro (coords). *Medicina e informação. Olhares luso-brasileiros*. Porto: Edições afrontamento, 2014.

BARROS, Roque S. M. de. *A Ilustração Brasileira e a Ideia de Universidade*. São Paulo: Convívio/EDUSP, 1986.

BERTAUX, Mario. *Sarah Bernhardt*. [S.l.]: A. Quantin, 1895.

BOLLÈME, Geneviève. *Les Almanachs populaires aux XVII et XVIII siècles*. Essai d'histoire sociale. Paris-La Haye, Mouton, 1969.

BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & Fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BOTELHO, André. *Aprendizado do Brasil: a nação em busca dos seus portadores sociais*. Campinas, SP : Editora da UNICAMP, 2002.

BOTREL, Jean-François. Catálogo Almanack dos Almanques. In: MEYER, Marlyse (org.). *Do Almanak aos Almanques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de M.. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRAGA, Teófilo. *História da Universidade de Coimbra*. Volume 3. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1898.

BITTONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Summus, 2009.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. *Os primeiros almanques de São Paulo*. São Paulo: Convênio IMESP/DAESP, 1983.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MORAES, Rubens Borba de (Orgs). *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Kosmos, 1993, 2v.

CARITA, Hélder (coord). *Bairro Alto: Mutações e Convivências Pacíficas*. Lisboa: Arquivo Municipal de Lisboa, 2013.

CARONE, Edgard. *A Primeira República (1889-1930)*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1969.

CARVALHO, João Pinto Ribeiro de. *História do fado*. Lisboa: Livraria Moderna Editora, 1903.

CARVALHO, João Pinto Ribeiro de. *Lisboa d'outros tempos*. Lisboa: Fenda, 1991 [1898].

CASA NOVA, Vera. *Lições de almanaque: um estudo semiótico*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

CASTILHO, Guilherme de. *Vida e obra de Raul Brandão*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2006. [1979].

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador, conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Imprensa Oficial/UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e quietudes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. *A Ordem dos Livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

COELHO NETTO, Henrique Maximiano; BILAC, Olavo. *A terra fluminense: educação cívica*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4519>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em revista: Catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedade paulistana (1870-1930)*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997.

CUKIERMAN, Henrique. *Yes, nós temos Pasteur: Manguinhos, Oswaldo Cruz e a história da ciência no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2007.

CURADO, Manuel. *As viriadas do Doutor Samuda*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo: Sociedade e cultura no início da França moderna*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1990.

DEAECTO, Marisa Midori. A cidade e os livros: instituições de leituras e comunidades de leitores em São Paulo (1808-1831). In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. (Org.). In: *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 419-437.

DOMINGOS, M. D. *Estudos de sociologia da cultura; livros e leitores do século XIX*. Lisboa: Instituto Português de Ensino à Distância, 1985.

DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes Literários da República: a história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

EL FAR, Alessandra. Ao gosto do povo: as edições baratíssimas de finais do século XIX. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. (Org.). In: *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 89-99.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: formação do Estado e Civilização*. Volume 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ELTON, Elmo. *Áurea Pires da Gama: perfil de uma poetisa*. Angra dos Reis/RJ : Ateneu Angrense de Letras e Artes, 1974.

EVANGELISTA, Helio de Araujo. *Rio de Janeiro, uma cidade portuguesa, com certeza: uma proposta para manter a característica lusitana da cidade*. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; CHAMON, Carla Simone; INÁCIO, Marcilaine Soares. Apresentação. In.: FARIA FILHO, Luciano Mendes de e INÁCIO, Marcilaine Soares (Orgs.). *Políticos, literatos, professoras, intelectuais: o debate público sobre educação em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009. p.7-20.

FERREIRA, Alberto; MARINHO, Maria José. *A questão coimbrã (Bom senso e Bom gosto)*. Lisboa: Editoria Comunicações, 1988.

FREITAS, Affonso A. de. A imprensa periódica de São Paulo desde os seus primórdios em 1823 até 1914. [S.l.], 1915. Disponível em: <<http://bibdig.biblioteca.unesp.br/bd/bas/livros/aimpresa-periodica-de-sao-paulo>>. Acesso em: 15 out. 2015.

GALVÃO, Rosa Maria (coord). *Os sucessores de Zacuto: o almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI*. Lisboa: BN, 2002.

GAYO, Manuel da Silva. Prefácio. In: CASTRO, Eugenio de. *Poesias Escolhidas: 1889-1900*. Paris/Lisboa: Livrarias Aillaud, 1902. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=38178>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

GOMES, Angela de Castro; SANTOS, Patrícia Santos Hansen. Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. In: GOMES, Angela Maria de Castro Gomes; HANSEN, Patrícia Santos (orgs). *Intelectuais mediadores: práticas e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GONDRA, José Gonçalves. *Medicina, higiene e educação escolar*. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cyntia Greive. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. *Educação, poder e sociedade no Império brasileiro*. São Paulo: Cortez, 2008.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

LAJOLO, Marisa. *Usos e abusos da literatura na escola*. Bilac e a literatura escolar na República Velha. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *Imigração portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2001.

LOPES, Antonio Herculano. Do monarquismo ao “populismo”: o Jornal do Brasil na virada para o século XX. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: Coed. FAPERJ, 2006.

LOPES, Nei. *Dicionário literário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2007.

LUCA, Tania Regina de. Revista do Brasil (1938-1943): um projeto alternativo?. In: DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006.

LUSTOSA, Isabel. *Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 16-32.

LYONS, Martyn. Os novos leitores do século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (eds.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1999, p. 165-202.

LUZ, José Luís Brandão da. *A propagação do positivismo em Portugal*. In: CALAFATE, Pedro (dir.). *História do Pensamento Filosófico Português*. v. 4. Lisboa: Editora Caminho, 2004, p. 239-261. Disponível em:

<<https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/1429/1/A%20propagacao%20do%20Positivismo%20em%20Portugal.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

MACEDO, Jorge Borges de. Absolutismo. IN: Joel Serrão (dir.). *Dicionário de história de Portugal*, v. 1, Porto: Livraria Figueirinhas, 1992, p. 8-14.

MACHADO, Maria Cristina Gomes. Carlos Leôncio de Carvalho (Verbete). In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. (Orgs.). *Navegando pela história da educação brasileira*. Campinas, SP: FE; HISTEDBR, 2006. DR-Rom.

MACHADO, Maria Cristina Gomes. O Decreto de Leôncio de Carvalho e os Pareceres de Rui Barbosa em Debate: A criação da escola para o povo no Brasil no século XIX. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). *Histórias e memórias da educação no Brasil: Século XIX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 91-103.

MAGALHÃES, Justino. *Da cadeira ao banco: escola e modernização (séculos XVIII-XX)*. Lisboa: Educa/Unidade de I&D de Ciências da Educação, 2010.

MANNHEIM, Karl. The Problem of Generations. In: KECSKEMET, Paul (org). *Essays on the Sociology of Knowledge*. London: Routledge and Kegan Paul, 1952, p. 276-320.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação e jornalismo: A Saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Ser jornalista*. São Paulo: Paulus, 2009.

MELLO, Joana. *Ricardo Severo: da arqueologia portuguesa à arquitectura brasileira*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, 2012.

MARTINEZ, Pedro Soares. *História diplomática do Portugal*. Lisboa: Verbo, 1992, p. 507-510.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MARTINS, Hélio Leôncio. *A Revolta Da Armada*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1997.

MARTINS, Mario Ribeiro. *Dicionário biobibliográfico de membros da Academia Brasileira de Letras*. Goiânia: Kelps, 2007.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Imigração portuguesa em São Paulo: perspectivas e possibilidades de investigação. In: SOUSA, Fernando de; MARTINS, Ismênia de Lima; PEREIRA, Conceição Meireles. *A emigração Portuguesa para o Brasil*. Porto: Edições Afrontamento, 2007. Disponível em: < <http://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/a-emigracao-portuguesa-para-o-brasil>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

MAUAD, Ana Maria. O Olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil Contemporâneo. In: NEVES, Lucia, MOREL, Marco & FERREIRA, Tânia Maria Bessone. (orgs.) *História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A Editoria/ Faperj, 2006.

MEDINA, João. *As Conferências do Casino e o Socialismo em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984.

MENEZES, Lená Medeiros de. *Os Indesejáveis*. Crime, protesto e expulsão na Capital Federal (1890-1930). Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

- MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 1969.
- MEYER, Marlyse (org.). *Do Almanak aos Almanques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MONTEIRO, Isilda B. C; MAIA, Fernanda P. S. 2013. Um título para leitores de dois continentes. A imprensa periódica portuguesa na segunda metade do século XIX. In: ARRUDA, José Jobson de Andrade Arruda; FERLINI, Vera Lucia Amaral; MATOS, Maria Izilda Santos de; SOUSA, de Fernando (orgs). *De Colonos a Imigrantes: I(E)migração portuguesa para o Brasil*. São Paulo: Alameda, 2013, p. 602.
- MORAES, Rubens Borba Alves de. *O bibliófilo aprendiz*. 4. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos Livros, 2005.
- MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade imperial (1820-1840)*. São Paulo: Hucitec, 2005.
- MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XI*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- NABUCO, Joaquim. *A intervenção estrangeira durante a Revolta de 1893*. Brasília: Senado Federal, 2010.
- NEVES, Lúcia Maria Bastos P; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: Coed. FAPERJ, 2010.
- OLIVEIRA, Candido de. *Três Épocas*. Um pouco de história do Liceu Literário Português. Rio de Janeiro: [s.n.], 1956.
- OLIVEIRA, Carla Mary da Silva. *Saudades d'Além-Mar: a revista Lusitana e a imigração no Rio de Janeiro (1929-1934)*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Nós e eles: as relações culturais entre brasileiros e imigrantes*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- PARATY, Conde de. *Portugal e Brasil – Conflito diplomatico. Breves explicações*. Lisboa: M. Gomes Editor, 1895.
- PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2008.
- PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. Instrução e cultura escolar: considerações sobre cultura educacional no oitocentos. In: CURY, Cláudia Engler; MARIANO, Serioja Cordeiro. (orgs). *Múltiplas visões: cultura histórica no Oitocentos*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2009.

RAFAEL; Gina Guedes; SANTOS, Manuela. *Jornais e Revistas Portugueses do Século XIX*. Vol. II. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002.

RAMOS, Rui. *História de Portugal: a segunda fundação (1890-1926)*. Lisboa: Estampa, 1994.

RAMOS, Rui. A Segunda Fundação. In: MATTOSO, José (dir.). *História de Portugal*. Vol. VI. Lisboa: Editorial Estampa, 2001.

RIBEIRO, Lavina Madeiro. *Imprensa e Espaço Público: A institucionalização do Jornalismo no Brasil (1804- 1964)*. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2004.

RICOUER, Paul. O entrecruzamento da história e da ficção. In: *Tempo e Narrativa*, Tomo III. Campinas: Papirus, 1997.

SÁ, Eduardo Alves de. *Portugal e Brazil: conflicto diplomatico: I : o processo no Conselho de Guerra de Marinha: factos e documentos*. Lisboa: M. Gomes, 1894.

SANTIAGO, Silviano. Apesar de Dependente, Universal. In: *Vale Quanto Pesa: Ensaio sobre Questões Político-Culturais*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

SANTILLI, Maria Aparecida. *Estórias africanas: história e antologia*. São Paulo: Ática, 1985.

SANTOS, Fernanda Barros dos. *Raça e classe no Brasil: Um estudo comparativo quanto à raça e classe à luz de Florestan Fernandes (1920-1995) & Roger Bastide (1898-1974) e Thales de Azevedo (1904-1995)*. Rio de Janeiro: Gramma, 2016.

SCHAPOCHNIK, Nelson. A leitura no espaço e o espaço de leitura. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. São Paulo, SP: Fapesp, 2005.

SCHORSKE, Carl E. *Viena fin-de-siècle, política e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: SIRINELLI, Jean-François; RIOUX, Jean-Pierre (Dir.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 259-279.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV. p. 131-137, 1996.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.

SIRINELLI, Jean-François. *Sartre et Aron, deux intellectuels dans le siècle*. Paris: Hachete, 1999.

SODRÉ, N. W. *História da imprensa no Brasil*. 4a edição com capítulo inédito. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOIHET, Rachel. *Condição Feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SOUZA, Paulo César de. *A Sabinada: a revolta separatista da Bahia*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SOUZA, Ricardo Luiz de. *Identidade nacional e modernidade brasileira: O diálogo entre Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo: (1890-1910)*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

SOUZA, Rosa Fátima de; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. A contribuição dos estudos sobre grupos escolares para a renovação da história do ensino primário no Brasil. In: VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). *Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)*. Campinas, SP: Mercado e Letras Edições e Livraria. 2006. p. 21-56.

TENGARRINHA, J. *Estudos de História Contemporânea de Portugal*. Lisboa: Editorial Caminho, 1984.

TENGARRINHA, J. *História da imprensa periódica portuguesa*. Lisboa: Portugalia, 1965.

TORGAL, Luís Reis; VARGUES, Isabel. *A revolução de 1820 e a Instrução Pública*. Porto: Paisagem, 1984.

VELOSO, Lúcia Mariano; SOUSA, José Manuel Mota de. *Publicações periódicas portuguesas existentes na biblioteca na biblioteca geral da universidade de coimbra (1641-1910)*. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade, Coimbra Editora, 1983.

VELLOSO, Monica Pimenta. *As Modernas Sensibilidades Brasileiras: Uma Leitura das Revistas Literárias e de Humor na Primeira República*. França: Nuevo Mundo Mundo Nuevo, 2006.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VICTOR, Jayme. *Herculano e Michelet. Poemetos*. Lisboa: Typographia de G. A. Gutierrez da Silva, 1877.

VIGARELLO, Georges. *História da Beleza*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

b) Periódicos, palestras e anais de congressos

ALONSO, Angela. Crítica e contestação: o movimento reformista da geração de 1870. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)*, v. 15, n. 44, p. 35-55, out. 2000.

ALONSO, Angela. *O Positivismo de Luís Pereira Barreto e o pensamento brasileiro no final do século XIX*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em: < <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/alonsopositivismo.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2018.

ANASTÁCIO, Vanda. Almanques: origem, gêneros, produção feminina. In: *Veredas*, Santiago de Compostela, v. 18, p. 53-74, 2012. Disponível em: <http://www.lusitanistasail.org/index.php?option=com_attachments&task=download&id=38>. Acesso em: 10 out. 2016.

BARBOSA, Rosana. Um panorama histórico da imigração portuguesa para o Brasil. In: *Arquipélago*, História, 2ª série, v. 7, p. 173-196, 2003. Disponível em: https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/387/1/Rosana_Barbosa_p173-196.pdf. Acesso em: 10 jun, 2016.

BARRETO, José. Os tipógrafos e o despontar da contratação colectiva em Portugal (I). In: *Análise Social*, Lisboa, v. 17, n. 66, p. 253-291, 1981-2º. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223999677S4sTD3bg2Fw23HS7.pdf>>. Acesso em: 06 ago. 2015.

BASTOS, Maria Helena Camara. *Cuore, de Edmundo De Amicis (1886)*. Um sucesso editorial. In: [LXXVII CONGRESSO BRAS. DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM](#), 27, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: FAMECOS/PUCRS, 2004. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/69860478521258430832067372732759813984.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

BRAGA, Teófilo. Bibliographia: Lira intima por Joaquim de Araujo, por Teófilo Braga. In: *Revista Era Nova*, Lisboa, v. 1, n. 12, p. 562-572, set. 1888. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/EraNova/N12/N12_item1/P41.html>. Acesso em: 26 jun. 2017.

BRAGANÇA, Aníbal. *Sobre o editor*. Notas para a sua história. In: *Em questão*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 219-237, jul./dez. 2005. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/119/77>>. Acesso em: 11. Out. 2018.

BRITO, Rômulo de Jesus Faria. Questão coimbrã: a problematização sobre Portugal através de uma polémica literária pela geração de 70 (1865-1866). In: *Oficina do Historiador*, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 8, n. 2, p. 154-173, jul./dez. 2015.

CATROGA, Fernando Almeida de. Os inícios do Positivismo em Portugal: o seu significado político-social. In: *Revista de História das Ideias*, v. 1, p. 287-394, 1977. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/43977/1/Os_inicios_do_Positivismo.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2018.

CORREIA, Rita. *A ilustração luso-brasileira: jornal universal*. Lisboa, 29 abr. 2008. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/FichasHistoricas/IlustrLusoBr.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

CORREIA, Rita. *António Maria*. Lisboa, 27 out. 2006. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/OAntonioMaria.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2016.

CORREIA, Rita. *Branco e Negro: semanario illustrado*. Lisboa, 1 fev. 2012. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/BrancoeNegro.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2017.

CORREIA, Rita. *Brasil-Portugal*. Lisboa, 29 abr. 2009. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/BrasilPortugal.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

COSTA, Helena Bruto da. *A imprensa: revista científica, litteraria e artistica*. Lisboa, 11 jan. 2006. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/AImprensa.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

CUNHA, Carlos Manuel Ferreira. O nacionalismo do cânone literário português em contexto escolar: entre o ético e o estético. In: *Ave Azul*. Revista de arte e crítica de Viseu, 2005, p. 25-53. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/23048>>. Acesso em: 10 out. 2018.

CUNHA, Washington Dener dos Santos; SILVA, Rosemaria J. Vieira. A educação feminina do século XIX: entre a escola e a literatura. In: *Gênero*. Niterói, v. 11, n. 1, 2010 p. 97-106. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/62/40>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

DE LUCA, Leonora. O ‘feminismo possível’ de Julia Lopes de Almeida (1862- 1934). In: *Cadernos Pagu*, n. 12, 1999, p. 275-299. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634918>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

DUTRA, Eliana Regina. Laços Fraternos. In: *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v.1, p.116-127, dez. 2005. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/Lacos_Fraternos.PDF>. Acesso em: 08 out. 2016.

ESTEVES, João Gomes. Os primórdios do feminismo português: a 1ª. década do século XX, In: *Revista Penélope*. Fazer e desfazer a História, Lisboa, n. 25, p. 87-112, 2001.

FERRARO, Alceu Ravanello; KREIDLOW, Daniel. Analfabetismo no Brasil: configuração e gênese das desigualdades regionais. In: *Educação e Realidade*, Porto alegre, v. 29, n. 2, p. 179-200, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25401/14733>>. Acesso em: 02 set. 2016.

FERREIRA, Marie-jo. *Os portugueses do Brasil, atores das relações luso-brasileiras, fim do século XIX – início do século XX*. Rio de Janeiro: Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/quartas_no_arquivo/2007/palestra_MarieJoFerreira.pdf>

f>. Acesso em 5 set. 2014.

FRÚGOLI Jr, Heitor. Relações entre múltiplas redes no Bairro Alto (Lisboa). In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 28, n. 82, p. 17-31, jun/2013.

GOMES, Angela de Castro. Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo. In: *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p.62-77, 1993. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1954>>. Acesso em: 10 out. 2015.

GOMES, Angela de Castro. República, educação cívica e história pátria: Brasil e Portugal. In: ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25, 2009, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: UFC, 2009. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wpcontent/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0009.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

HANSEN, Patrícia Santos. América. Uma utopia republicana para crianças brasileiras. In: *Est. Hist.*, Rio de Janeiro, vol. 22, n. 44, p. 504-521, jul/dez. 2009.

HEINSFELD, Adelar. A ruptura diplomática Brasil-Portugal: um aspecto do americanismo do início da República brasileira. In: ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24, 2007, São Leopoldo. *Anais...* São Leopoldo: UNISINOS, 2007. Disponível em: <<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Adelar%20Heinsfeld.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. O elemento civilizatório e a educação nas relações históricas Portugal-Brasil / Brasil Portugal. In: *Educação e Filosofia*, Minas Gerais, v. 17, n. 34, p. 35-50, jul./dez. 2003.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. A construção de um objecto do conhecimento histórico. Do arquivo ao texto – a investigação em história das instituições educativas. *Educação Unisinos*, v.1, n. 2, p. 69-74, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5069/1/Constru%C3%A7%C3%A3o%20historiogr%C3%A1fica-a%20institui%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. Ler e escrever no mundo rural do Antigo Regime: Um contributo para a história da alfabetização e da escolarização em Portugal. In: *Análise Psicológica*, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, v.14, n. 4, p. 435-445, 1996. Disponível em: < http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/3199/1/AP_1996_4_435.pdf>. Acesso em: 12 set. 2019.

MARIANO, Nayana Rodrigues Cordeiro; PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. EDUCAÇÃO, Poder e Sociedade: O saber médico na Parahyba Imperial. IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”, 2012, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: UFPB, 2012. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/3.33.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2018.

MARTINS, Ana Luiza. Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras. In: *História* [online], v. 22, n. 1, p. 59-79, 2003. Disponível: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101->

[90742003000100003](#)> Acesso em: 30 abr. 2017.

MARTINHO, António Manuel Matoso. A criação do ensino industrial em Portugal. In: *Mathesis*, n. 15, p. 53-81, 2006. Disponível em: < https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/23570/3/Mathesis15_artigo4.pdf?ln=pt-pt>. Acesso em: 20 out. 2018.

MATOS, Álvaro Costa de. Lisboa, 29 abr. 2010. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/ASemanadeLisboa.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

MESQUITA, José Carlos Vilhena. Vila Real de Santo António no I Centenário do seu Fundador. In: *Património e Cultura*, Vila Real de St.º António, n. 9, p. 9-17mar. 1983. Disponível em: < <http://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/5360>>. Acesso em: 25 dez. 2016.

MESQUITA, Pedro Teixeira. *Ribaltas e gambiarras*. Lisboa, 26 mar. 2013. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/RibaltaseGambiarras.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

MÓNICA, Maria Filomena. Um político, Fontes Pereira de Melo. In: *Análise Social* [online], vol. 32, n. 143, p. 731-745, 1997. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218793574T4kPM3ma5Rb25XZ7.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2016.

MÜLLER, Fernanda Suely. Esse ilustre desconhecido do Brasil-Portugal (1899-1914). *Todas as letras*, São Paulo, v. 13, n. 12, p. 44-54, 2011b. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/viewFile/4006/3197>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

OLIVEIRA, Carla Mary da Silva. Imprensa e imigração na República Velha: a revista Lusitania e a colônia luso-carioca (1929-1934). In: *Portuguese Studies Review*, Peterborough, v. 12, n. 1, 2004, p. 143-161.

PAIXÃO, Sylvia Perlingeiro. O olhar condescendente (Crítica literária e literatura feminina no século XIX e início do século XX). *Travessia*: revista do curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da UFSC (Florianópolis), p.50 63, 2. semestre de 1990. Disponível em < <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17201/15775>> Acesso em 05 nov. 2017.

PASCKES, Maria Luisa Nabinger de Almeida. Notas sobre os imigrantes portugueses no Brasil (sécs. XIX e XX). In: *R. História*, São Paulo, n. 123-124, p. 35-70, ago/ jul. 1991.

PEREIRA, José Carlos Seabra; CABRAL, Maria de Jesus. *Capere, Non Capi*: Eugénio de Castro no contexto da “Internacional Simbolista”. In: *Carnets – Revista Eletrônica de Estudos Franceses*, 4º número especial outono-inverno, 2012, p. 263-273. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/carnets/7816>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. Almanagues, evento e imagens: a experiência da Grande Guerra representada pelos almanagues Hachette e Bertrand. In: *Patrimônio e Memória*, São Paulo, Unesp, v. 8, n.1, p. 98-118, janeiro-junho, 2012. Disponível em:

<http://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/5755/1/ARTIGO_AlmanaguesEventoImagens.pdf>. Acesso em 8 out. 2016.

PETRY, Isadora. Baudelaire. In: *Estudos Nietzsche*, Espírito Santo, v. 7, n. 1, p.162-180, jan./jun. 2016.

PINTO, Raissa Nunes. O Livro das Aves: crestomathia em prosa e verso (1914) de Presciliana Duarte de Almeida (1867 – 1944). In: *An. Sciencult*, Paranaíba, v.7, n.1, p. 371-387, 2017. Disponível em: <<https://anaisonline.uems.br/index.php/sciencult/article/view/4660/4683>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. Livros e leituras no século XIX. In: *Revista de História das Ideias*, Coimbra, Instituto de história e teoria das ideias, v. 20, p. 187-227, 1999. Disponível em: <https://digitalisdsp.uc.pt/bitstream/10316.2/41821/1/Livros_e_leituras_no_seculo_XIX.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2017.

ROCHA, Everardo; LANA, Lúcia. Fama e afetação: as passagens de Sarah Bernhardt no Rio de Janeiro (1886-1905). In: XXV ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, Universidade Federal de Goiás, junho de 2016, p. 1-30. Disponível em: <http://www.compos.org.br/biblioteca/famaeafetacao/ocomautores_3323.pdf>. Acesso em: 25 out. 2017.

SANTOS, Miguel Dias. Contributos para a história do ensino técnico-profissional em Peniche. In: *Paideia*, Revista da Escola Secundária de Peniche, n. 1º, p.1-36, 2010. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/85834893-Ficha-tecnica-paideia-revista-da-escola-secundaria-de-peniche-n-o-1-2010.html>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

SANTOS, Renato P. A Matemática Recreativa e o Centenário do Almanaque Bertrand. In: *Educação e Matemática*, Lisboa: APM, n. 78, p. 42-48, mai-jun/2003. Disponível em: <http://www.fisica-interessante.com/files/artigo-matematica_divertida_almanaque_bertrand.pdf>. Acesso em: 10 out. 2016.

SAVIANI, Dermeval. História da Educação no Brasil: um balanço prévio e necessário. In: *Eccos. Revista Científica*, São Paulo, v. 10, n. Especial, p. 150-157, 2008.

SECO, A. P.; AMARAL, T. C. I. do. *Marquês de Pombal e a reforma educacional brasileira*. 2006. Disponível em: <http://histedbr.fae.unicamp.br/navegando/periodo_pombalino_intro>. Acesso em 11 nov. 2018.

SERRÃO, Joel. Conspecto histórico da emigração portuguesa. In: *Análise Social*, v. 8, n. 32, p. 597-617, 1970. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224258510R3rFG4jc9La79ZA4.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2016.

SILVA, Maria Manuela R. de Sousa. Portugueses no Brasil: imaginário social e táticas cotidianas(1880-1895). *Acervo*, [S.l.], v. 10, n. 2 jul-dez, p. 109-118, dez. 2011. ISSN 22378723. Disponível em: <<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/257/257>>. Acesso

em: 10 Jul. 2017.

SOUSA, Jorge Pedro. Uma história do jornalismo em Portugal até ao 25 de Abril de 1974. *Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação*. ISSN: 1646-3137, 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-do-jornalismo-1974.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2016.

STANISLAVSKI, Cleila de Fátima Siqueira. Uma leitura de contos infantis (1886), de Adelina Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida. In: *Revista de Iniciação Científica da FFC*, v. 4, n. 2, 2004, p. 198-213.

TAMBARA, Elomar; ARRIADA, Eduardo. Editoras e tipografias no Rio Grande do Sul: publicação e circulação de livros didáticos. In: VI CONGRESSO BRASILEIRO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6, 2011, Vitória. *Anais...* Vitória: UFES, 2011. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais_vi_cbhe/conteudo/res/trab_652.htm>. Acesso em: 14 nov. 2015.

TEIXEIRA, Nícia Cecília Ribas Borges. Entre o público e o privado: Imprensa e Representação Feminina. In: *Revista Encuentros*, Universidad Autónoma del Caribe, v. 12, n. 2, 2014, p. 79-92.

TRIZOTTI, Patrícia Trindade. Os almanaques como instrumento de pesquisa: balanços e perspectivas historiográficas. In: ANPUH XX ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 20, 2010, Franca. *Anais...* Franca: UNESP, 2010. Disponível em: <<https://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Patr%EDcia%20Trindade%20Trizotti.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

VAQUINHAS, Irene. Estudos sobre a história das mulheres em Portugal: as grandes linhas de força no início do século XXI. *R. Inter. Interdisc. INTERthesis*, Florianópolis, v.6, n.1, jan./jul. 2009, , p. 241-253.

VIDAL, Diana Gonçalves. Julia Lopes de Almeida e a educação brasileira no fim do século XIX: um estudo sobre o livro escolar Contos infantis. In: *Revista Portuguesa de Educação*, Portugal, v. 17, n. 1, 2004, p. 29-45.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Erasmo Pilotto: identidade, engajamento político e crenças dos intelectuais vinculados ao campo educacional no Brasil. In: *6º Congresso Brasileiro de História da Educação*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2001. V1, p. 1-12.

VEIRA, Evaldo. Por uma história da educação que esteja presente no trabalho educativo. In: *Revista Educação e Sociedade*, São Paulo, n. 12, p. 110-112, set. 1982.

VILLALTA, Luiz Carlos. Censura literária e circulação de impressos entre Portugal e Brasil (1769-1821). In: DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves (orgs). *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006.

c) Dissertações e teses

ALVES, Luis Alberto Marques. *Contributos para o estudo do ensino industrial em Portugal: 1851-1910*, 1998. 149f. Tese (Doutorado em História Moderna e Contemporânea) – Faculdade de Letras do Porto, Porto, 1998.

BISERRA, Ingrid Karla cruz. *Educação na primeira república parahybana: legislação, imprensa e sujeitos no governo de Camillo de Hollanda (1916-1920)*, 2015. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

CAPITÃO, Maria Margarida da Silva Faria. *Entre duas civilizações: o universo de leituras em Wenceslau de Moraes*. 2012. 61f. Dissertação (Mestrado em Ensino do Português como Língua Segunda ou Estrangeira) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2012.

CARVALHO, Claunísio Amorim. *O insigne pavilhão: nação e nacionalismo na obra do escritor Coelho Netto*, 2012. 217 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2012.

CASTRO, Maria do Rosário Gonçalves Ochoa de. *A Poesia no 1.º Ciclo: Consciência Fonológica e Variação Intralinguística*. 2014. 135 f. Dissertação (Mestrado em Ensino do 1º e do 2º Ciclo do Ensino Básico) – Departamento de Educação, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2014.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. *O almanaque, a locomotiva da cidade moderna: Campinas, décadas de 1870 e 1880*. 1998, [s.n]. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1998.

LOPES, Fátima Faleiros. *Memória, história, educação: trilhas sugeridas por um Almanaque*. 2002. 232 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

MACAMBIRA, Débora Dias. *Impressões do tempo. Os almanaques no Ceará (1870-1908)*. 2010. 236 f.. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará (UCF), Fortaleza, 2010.

MARQUES, Ana Luiza de Vasconcelos. *Canções e cores da nação brasileira: uma análise historiográfica das obras de Rodrigues de Carvalho (1903-1937)*, 2013. 167 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2013.

MENEZES, Roni Cleber Dias de. *O grupo do Almanaque Literário de São Paulo: paradigmas da sociabilidade republicana nos tempos da propaganda (1876-1885)*. 2006. 238 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MONTILHA, Thiago Roza Ialdo. *A república e os políticos nas crônicas de Olavo Bilac (1897-1908)*. 2014. 170 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História,

Universidade Federal Fluminense Niterói, 2014. Disponível em:
<<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1792.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

MOREIRA, Roberto S. C. *Identidade brasileira: velhas questões, novos desafios*. Comunicação apresentada no 20º Encontro Anual da ANPOCS. Encontro anual da ANPOCS, em Caxambu, outubro de 1996, p. 1-25.

MÜLLER, Fernanda Suely. *(Re)vendo as páginas, (re)visitando os laços e (des)atando os nós: as relações literárias e culturais luso-brasileiras através dos periódicos portugueses (1899-1922)*. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011a.

MARIANO, Nayana Rodrigues Cordeiro. *Educação pela higiene: a invenção de um modelo hígido de educação escolar primária na Parahyba do Norte (1849-1886)*, 2015. 254 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

PARK, Margareth Brandini. *História e leituras de Almanques no Brasil*. 1998. 192 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. *Da Era das Cadeiras Isoladas a Era dos Grupos Escolares na Paraíba*. 2001. 250 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

RIBEIRO, Gladys Sabina. “*Cabras*” e “*Pés-de-Chumbo*”: os rolos do tempo, o antilusitanismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1930). 1987. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1987.

ROMARIZ, Andrea Germano de Oliveira. *O Almanque de Lembranças Luso-Brasileiro: Um ensaio para um Projecto maior?*. 2011. 139 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Românicos) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa. Disponível em:
<http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5145/6/ulfl106395_tm.pdf>. Acesso em: 8 out. 2016.

RUSSO, Rita Margarida Toler. *Coelho Netto: o abolicionismo na sua obra como literato e jornalista*. 1992. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo.

SAAVEDRA, M. *Uma questão Nacional: enredos da malária em Portugal, séculos XIX e XX*. 2010. 383 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, Lisboa. Disponível em:
<http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/1883/1/ulsd058740_td_Monica_Saavedra.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2017.

d) Sítios consultados

ADELINA Lopes Vieira. *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em:
<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21550/adelina-lopes-vieira>>. Acesso em: 13 de nov. 2018.

ALBERTO de Oliveira. Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional. Disponível em: <<http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/literatura/albertodeoliveira.htm>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

ANDRADE, Nuno Ferreira de. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível em: <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/index.php>>. Acesso em: 10 out. 2018.

ARCHIVE org. *Augusto de Castilho*. Disponível em: <<http://archive.org/search.php?query=augusto%20de%20castilho%20AND%20mediatype%3Atexts>>. Acesso em: 15 out. 2016.

ARQUIVO municipal do Porto. Disponível em: <<http://gisaweb.cm-porto.pt/>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

AUREA Pires. Biblioteca Nacional Digital do Brasil. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/aurea-pires/>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

BIBLIOTECA Nacional. *Exposição comemorativa do centenário de nascimento de Coelho Neto*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro/ Ministério da Educação e Cultura, 1964. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1285844.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2018.

BIOGRAFIA. Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/coelho-neto/biografia>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

BRASIL. Biblioteca IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Recenseamento Geral do Brasil em 1872*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1872. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/Recenseamento_do_Brazil_1872/Imperio%20do%20Brazil%201872.pdf>. Acesso em: 02 out. 2016.

CENTRO de Estudos e de Comunicação e Cultura – CECC. *Dicionário de Orientalistas da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<https://orientalistasdelinguaportuguesa.wordpress.com/wenceslau-jose-de-sousa-moraes/>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

CENSO da População do Reino de Portugal (1864-2001). Lisboa: Imprensa Nacional. Disponível em: <http://censos.ine.pt/>. Acesso em: 03 mai. 2017.

CORREIA, Rita. Sousa Viterbo, Francisco Marques. Hemeroteca Municipal de Lisboa. *Hemeroteca Digital*. 2011. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/RecursosInformativos/Biografias/Textos/SousaViterbo.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

CPDOC. *Dicionário Histórico-biográfico da Primeira República*. Pacheco, Felix. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PACHECO,%20F%C3%A9lix.pdf>>. Acesso em: 11. ago. 2017.

CPDOC. *Dicionário Histórico-biográfico da Primeira República*. Verbetes temáticos. Jornal do Comércio. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-tematico/jornal-do-comercio>>. Acesso em: 11. ago. 2017.

DGB. Casa Comum, Instituição Fundação Mário Soares, nº 362. 1914. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=07043.011#>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

ERNESTO Senna. *Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*. Disponível em: <<https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/ernestos.htm>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

ESCOLA acadêmica de Lisboa. Disponível em <<http://193.137.22.223/pt/patrimonio-educativo/museu-virtual/exposicoes/escola-academica-de-lisboa-1847-1977/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

ESCRITAS org. *Eugénio de Castro*. Disponível em: <<https://www.escritas.org/pt/bio/eugenio-de-castro>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

HOMENAGEM ao Marquez de Pombal pela grande comissão executiva do primeiro centenário do grande ministro. Rio de Janeiro: Club de Regatas Guanabarenses, 1882. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/RaridadesBibliograficas/HomenagemaoMarquesdePombal/HomenagemaoMarquesdePombal.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/portugueses.html>>. Acesso em 11. nov. 2018.

INTERNET ARCHIVE. Augusto de Castilho. Disponível em: <<http://archive.org/search.php?query=augusto%20de%20castilho%20AND%20mediatype%3Atexts>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

LIBRARY of Congress Prints and Photographs Division Washington, D.C. 20540 USA Disponível em: <<http://hdl.loc.gov/loc.pnp/pp.print>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MAGALDI, Sábato. *Discurso de posse*. 1995. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/sabato-magaldi/discurso-de-posse>>. Acesso em: 27 out. 2017.

NATIONAL Center for Biotechnology Information – NCBI. NLM Catalogy. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/nlmcatalog/387098>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

PORTUGAL, COIMBRA, REGISTROS E SOLICITAÇÕES DE PASSAPORTE, 1835-1938," images, *FamilySearch* (<https://familysearch.org/pal:MM9.3.1/TH-1951-24473-5475-78?cc=1928596> : 21 May 2014), Tomo 1, 1835-1867 > image 7 of 240; Arquivo da Universidade de Coimbra, Coimbra (University of Coimbra Archives, Coimbra). Disponível em: <<https://familysearch.org>>. Acesso em: 22 set. 2016.

PORTUGAL Dicionário histórico. *Bordalo Pinheiro (D. Maria Augusta)*. Disponível em: <<http://www.arqnet.pt/dicionario/bordaloaugusta.html>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

REAL gabinete português de leitura. Disponível em: <<http://www.realgabinete.com.br/portalweb/In%C3%ADcio/ORealGabinete.aspx>>. Acesso em: 15 set. 2018.

SIGARRA U.Port. *Antigos estudantes ilustres da Universidade do Porto*. Disponível em: <<https://sigarra.up.pt>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

Fontes

a) Acervos e catálogos digitais

BASE NACIONAL DE DADOS BIBLIOGRÁFICOS. Disponível em: <<http://porbase.bnportugal.pt/>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/>>. Acesso em: 25 set. 2015.

BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE DISSERTAÇÕES E TESES. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/vufind/>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL DE PORTUGAL. Disponível em: <<http://www.bnportugal.pt/l/>>. Acesso em 10 mar. 2017.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL DO BRASIL. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 25 jan. 2017.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL DO BRASIL. *Hemeroteca Digital*. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 15 mar. 2017.

HEMEROTECA MUNICIPAL DE LISBOA. *Hemeroteca Digital*. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>>. Acesso em 15 nov. 2018.

REDE DE BIBLIOTECAS DE LISBOA. Disponível em: <<http://catalogolx.cm-lisboa.pt/>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

REPOSITÓRIO CIENTÍFICO DE ACESSO ABERTO DE PORTUGAL. Disponível em: <<https://www.rcaap.pt/>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

b) Almanques

ALMANACH BERTRAND. Lisboa: Bertrand Livreiros, 2016-2017. Disponível em: <<https://www.bertrand.pt/ficha/Almanaque%20Bertrand%2076%20-%202016-2017?id=17931549>>. Acesso em: 12 set. 2016.

ALMANACH DAS SENHORAS PARA 1872 PARA PORTUGAL E BRAZIL POR GUIOMAR TORREZÃO. Lisboa: Typ. De Sousa & Filho, 1871.

ALMANACH DAS SENHORAS PORTUGUEZAS E BRAZILEIRAS PARA 1888 POR ALBERTINA PARAIZO. Lisboa: Casa Editora de Alcino Aranha & C.^a Porto, 1887.

ALMANACH DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO PARA 1855 POR ALEXANDRE MAGNO DE CASTILHO. Lisboa: Imprensa de Lucas Evangelista, 1854.

ALMANACH DE LEMBRANÇAS PARA 1851 POR ALEXANDRE MAGNO DE CASTILHO. Lisboa: Imprensa de Lucas Evangelista, 1850.

ALMANACH DO ALGARVE. Vila Nova de Famalicão: Typografia Minerva, 1903.

ALMANACH DO ANTONIO MARIA PARA 1883 POR JULIO CESAR MACHADO, 1882. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/OAntonioMaria/OAntonioMaria.htm>>. Acesso em: 18 jan. 2017.

ALMANACH FAMILIAR PARA PORTUGAL E BRASIL PARA 1869. Braga: Typ. De Antonio Bernardino da Silva, 1868.

AS HALF-CAST. *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*. Lisboa: Typ. da Companhia Nacional Editora, 1901.

ALMANACH ILLUSTRADO DO BRASIL-PORTUGAL. Lisboa: Typ. da Companhia Nacional Editora, 1900. Disponível em: < <http://www.bnportugal.pt/>>. Acesso em 2 ago. 2014.

ALMANACH ILLUSTRADO DO BRASIL-PORTUGAL. Lisboa: Typ. da Companhia Nacional Editora, 1901. Disponível em: < <http://www.bnportugal.pt/>>. Acesso em 2 ago. 2014.

ALMANACH ILLUSTRADO DO BRASIL-PORTUGAL. Lisboa: Typ. da Companhia Nacional Editora, 1901, p. 222. Disponível em: < <http://www.bnportugal.pt/>>. Acesso em 2 ago. 2014.

ALMANACH ILLUSTRADO DO BRASIL-PORTUGAL. Lisboa: Typ. da Companhia Nacional Editora, 1903. Disponível em: < <http://www.bnportugal.pt/>>. Acesso em 2 ago. 2014.

A PESTE no Porto. *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*. Lisboa: Typ. da Companhia Nacional Editora, 1900.

COMO se chamava o descobridor do Brasil?. *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*. Lisboa: Typ. da Companhia Nacional Editora, 1900.

COSTA, Fernandes (coord). *Almanach Bertrand*. Lisboa: Typ da Companhia Nacional Editora, 1900.

COSTA, Fernandes (coord). *Almanach Bertrand*. Lisboa: Typ da Companhia Nacional Editora, 1902.

DR. FERNANDO Mendes. *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*. Lisboa: Typ. da Companhia Nacional Editora, 1900.

JUIZO do ano. *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*. Lisboa: Typ. da Companhia Nacional Editora, 1901.

MESQUITA, Alfredo de. Juizo do anno. *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*. Lisboa: Typ. da Companhia Nacional Editora, 1903.

NOVO ALMANACH DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO PARA 1877 POR ANTONIO XAVIER RODRIGUES CORDEIRO. Lisboa: Typ. Lallémand Frères, 1878.

O MARQUEZ de pombal. *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*, Lisboa: Typ. da Companhia Nacional Editora, 1901.

O PRIMEIRO do “Diario de Noticias”. *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*, Lisboa: Typ. da Companhia Nacional Editora, 1900.

O VESTUARIO. *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*, Lisboa: Typ. da Companhia Nacional Editora, 1901.

QUINTINO de Bocayuva. *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*, Lisboa: Typ. da Companhia Nacional Editora, 1900.

RENDAS portuguesas. *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*, Lisboa: Typ. da Companhia Nacional Editora, 1903.

TRACÇÃO electrica. *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*, Lisboa: Typ. da Companhia Nacional Editora, 1903.

c) Anuários

ANUÁRIO do Liceu Nacional de Coimbra do ano letivo de 1872 para 1873. Coimbra: Imprensa Universitária, 1872.

d) Cartas

VICTOR, Jayme. *Carta de Jayme Victor a Joaquim de Araújo*. s.d . Biblioteca Pública Municipal do Porto, Cota M-COR-X-III, carta, 21 cm x 14 cm.

e) Jornais

A FEDERAÇÃO. Manaus, 25 mar. 1899, p. 379.

A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 07 fev. 1885, p. 1.

A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 02 jan. 1890, p. 1.

- A' VOLTA DO MUNDO. *A Federação*, Porto Alegre, 16 abr. 1884, p. 3.
- ALBUM do mequetrefe. *O Mequetrefe*, Rio de Janeiro, 10 dez. 1886, p. 2.
- ALBUM do mequetrefe. *O Mequetrefe*, Rio de Janeiro, 10 jan. 1887, p. 2.
- ALBUM do mequetrefe. *O Mequetrefe*, Rio de Janeiro, 10 nov. 1886, p. 2.
- ALMANACK das senhoras portuenses para 1886. *Diario do Maranhão*, Maranhão, 09 nov. 1885, p. 4.
- ALMANACK das senhoras portuenses para 1886. *Pacotilha*, Maranhão, 21 jan. 1886, p. 4.
- ALMANAK das senhoras portuenses. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 24 fev. 1888, p. 1.
- ARTES e artistas. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 17 jun. 1892, p. 2.
- ARTES e letras. *Jornal do Recife*, Pernambuco, 22 jan. 1890, p. 1.
- AUGUSTO de Castilho. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, 12 set. 1896, p. 1.
- AUGUSTO de Castilho. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 11 set. 1896, p. 1.
- BELEM elegante. *O Para*, Belem, 15 maio. 1898a, p. 2.
- BELEM elegante. *O Para*, Belem, 29 jun. 1898b, p. 2.
- BRAZIL-PORTUGAL. *A Noticia*, Rio de Janeiro, 21 fev. 1899a, p. 3.
- BRAZIL-PORTUGAL. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, 23 fev. 1899b, p. 1.
- CASTILHO, Augusto de. *O Commercio de São Paulo*, São Paulo, 21 jan. 1899, p. 1.
- CIDADE DO RIO. Rio de Janeiro, 27 out. 1895, p. 1.
- CONFERENCIA. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 12 out. 1883, p. 1.
- CONSELHEIRO Augusto de Castilho. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 31 out. 1895, p. 1.
- CUMULO do ódio. *A República*, Pará, 10 nov. 1893, p. 1.
- DIARIO DO MARANHÃO. Maranhão, 23 fev. 1899, p. 2.
- DIARIO ILLUSTRADO. Lisboa, 20 set. 1908, p. 1.
- EUROPA. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 18 fev. 1887, p. 2.
- EXTERIOR. *Jornal do Recife*, Pernambuco, 28 jul. 1898, p. 1.

- GAZETA DA TARDE. Rio de Janeiro, 28 set. 1895, p. 1.
- GAZETA DE NOTICIAS, Rio de Janeiro, 9 abr. 1892, p. 1.
- GAZETA DE NOTICIAS. Rio de Janeiro, 16 ago. 1886, p. 1.
- GAZETA DE NOTICIAS. Rio de Janeiro, 04 nov. 1883, p. 2.
- GAZETA DE NOTICIAS. Rio de Janeiro, 13 out. 1883, p. 1.
- JORNAL DO BRASIL. Lisboa, 27 dez. 1897, p. 1.
- JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 14 out. 1886, p. 7.
- JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 15 jan. 1928, p. 1.
- MARGARIDA Victor. *Novidades*, Rio de Janeiro, 17 fev. 1887, p. 1.
- MELANCOLIA. *Pacotilha*, Maranhão, 4 jun. 1887, p. 2.
- MENSAGEM. *Jornal do Recife*, Pernambuco, 26 mai. 1894, p. 2.
- MOVIMENTO bibliographico da casa editora. *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro, 02 nov. 1886, p. 2.
- NABUCO, Joaquim. Brazil e Portugal. *O Pharol*, Juiz de Fora, 29 maio. 1895, p. 1-2.
- NOTICIAS de Portugal. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 22 fev. 1899, p. 2.
- O PAIZ, Rio de Janeiro, 23 maio. 1887, p. 1.
- O PHAROL, Juiz de Fora, 29 jan. 1895, p. 1.
- O SENHOR Jayme Victor. *Jornal do Recife*, Pernambuco, 29 jan. 1884, p. 2.
- O NOSSO correspondente em Portugal. *Jornal do Recife*, Pernambuco, 19 dez. 1884, p. 1.
- O PAIZ. *Jornal do Recife*, Pernambuco, 23 set. 1884, p. 1.
- PACOTILHA, Maranhão, 10 dez. 1887, p. 2-3.
- PIERROT, Fabricio. *O Commercio de São Paulo*, São Paulo, 1 dez. 1898, p. 1.
- PUBLICAÇÕES novas. *Pacotilha*, Maranhão, 15 jan. 1887, p. 2.
- REVISTA Luso-Brazileiro. *Diario de Pernambuco*, Pernambuco, 22 nov. 1891, p. 3.
- UMA MANIFESTAÇÃO de apreço. *Jornal do Recife*, Pernambuco, 15 abr. 1898, p. 2.
- VALENTIM Magalhães. *Jornal do Recife*, Pernambuco, 4 abr. 1895, p. 2.

f) Revistas

A BANDEIRA nacional. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 11, n. 286, dez. 1910. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

A IMPRENSA portuguesa contra o analfabetismo. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 4, n. 80, maio. 1902. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 22 set. 2016.

A IMPRENSA: revista científica, literária e artística. Lisboa, 1885-1891. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IMPRENSA/AImprensa.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

A LEITURA: magazine litterario. Lisboa, 1894-1896. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ALeitura/ALeitura.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

A SEMANA de Lisboa: suplemento do Jornal do Commercio. Lisboa, 1893-1894. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ASemanadeLisboa/ASemanadeLx.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

A SEMANA de Lisboa. A semana de Lisboa: suplemento do Jornal do Commercio. Lisboa, ano 1, n. 1, jan. 1893. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ASemanadeLisboa/ASemanadeLx.htm>>. Acesso em: 11 dez. 2018.

À VOLTA DO MUNDO: jornal de viagens e de assumptos geográficos. Lisboa: Emp. Litteraria Luso-Brazileira, 1880-1883. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/html/10316.2/35640/item2_index.html>. Acesso em: 18 maio. 2017.

AGENTES no Brasil. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada. Lisboa, ano 1, n. 13, ago. 1899. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 10 set. 2016.

ALBUM “Brasil-Portugal”. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 4, n. 75, mar. 1902. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

ALMANACH Illustrado do Brasil-Portugal. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 2, n. 33, jun. 1900a. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

ALMANACH do “Brasil-Portugal”. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada. Lisboa, ano 2, n. 38, ago. 1900b. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 22 set. 2016.

ALMANACH Illustrado do Brasil-Portugal. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 2, n. 46, dez. 1900c. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

ALMANACH Illustrado do “Brasil-Portugal”. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 2, n. 45, dez. 1900d. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 10 out. 2016.

BARREIRA, João, Os pavilhões portugueses na exposição de Paris. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 1, n. 26, fev. 1900. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 19 jan 2017.

BIBLIOGRAPHIA. *A Ilustração*. Revista de Portugal e do Brazil. Paris, ano 4, n. 3, fev. 1887. Disponível em: <<http://purl.pt/24301>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

BRANCO e negro: semanario illustrado. Lisboa, 1896-1898. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/BrancoeNegro/BrancoeNegro.htm>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

BRASIL-PORTUGAL: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, 1899-1914. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

BRASIL-PORTUGAL: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 1, n. 1, fev. 1899. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 30 set. 2016.

BRASIL-PORTUGAL: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 1, n. 5, abr. 1899. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

BRASIL-PORTUGAL: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 1, n. 12, jul. 1899. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

BRASIL-PORTUGAL. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 1, n.23, jan. 1899, p. 8. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 04 maio. 2016.

BRASIL-PORTUGAL: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 1, n. 7, maio. 1899. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 10 set. 2016.

BRASIL-PORTUGAL: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 2, n. 42, out. 1900. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

BRASIL-PORTUGAL: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 2, n. 47, jan. 1901, p. 7. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 15 maio. 2016.

BRASIL-PORTUGAL: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 3, n. 49, fev. 1901, p. 1. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

BRASIL-PORTUGAL: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 3, n. 51, mar. 1901. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 18 dez. 2016.

BRASIL-PORTUGAL: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 4, n. 76, mar. 1902. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 10 out. 2016.

BRASIL-PORTUGAL: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 4, n. 80, maio. 1902, p. 7. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 10 maio. 2017.

BRASIL-PORTUGAL: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 5, n. 107, jul. 1903. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

BRASIL-PORTUGAL: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 11, n. 282, out. 1910. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 07 jul. 2017.

CARTAS do Rio de Janeiro. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 14, n. 354, out. 1913. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 29 jan. 2017.

CASTILHO, Augusto de; VICTOR, Jayme; TAVARES, Lorj6. A nossa apresenta76o. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 1, n.1, fev. 1899. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 10 maio. 2016.

CASTILHO, Augusto de; VICTOR, Jayme; TAVARES, Lorj6. A nossa apresenta76o. *Brasil-Portugal*, Lisboa, ano 2, n. 25, fev. 1900. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em 10 ago. 2016.

CASTILHO, Augusto de; VICTOR, Jayme; TAVARES, Lorj6. Descobrimento do Brasil. *Brasil-Portugal*: numero extraordinario. Lisboa: Companhia Nacional Editora, 1900.

CHRONICA electrica. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 1, n.1, fev. 1899. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 25 set. 2016.

DIAS, Carlos Malheiro. A gera76o nova no Brasil. *Brasil-Portugal*: numero extraordinario. Lisboa: Companhia Nacional Editora, 1900, p. 77-78.

ESCOLA industrial marquez de pombal. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 5, n. 104, maio. 1903. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 23 out. 2016.

ESTUDANTES brasileiros da Universidade de Coimbra, em 1900. *Brasil-Portugal*: numero extraordinario. Lisboa: Companhia Nacional Editora, 1900.

FACHADA principal da actual escola marquez de pombal inaugurada em 1889. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal illustrada, Lisboa, ano 5, n. 104, maio. 1903. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 10 set. 2016.

FEBRE amarella. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal illustrada, Lisboa, ano 5, n. 105, jun. 1903. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 10 set. 2016.

FÓCUS. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal illustrada, Lisboa, ano 1, n.11, jul. 1899. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 07 jun. 2017.

FÓCUS. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal illustrada, Lisboa, ano 1, n.12, jul. 1899. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 19 set. 2016.

HORAS de ocio. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal illustrada, Lisboa, ano 2, n. 24, jan. 1900. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

INSTITUIÇÕES portuguezas no Brasil. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal illustrada, Lisboa, ano 1, n. 6, abr. 1899. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

LIGA dos estudantes brasileiros em Portugal. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal illustrada, Lisboa, ano1, n. 10, jun. 1899. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

LORJÓ Tavares. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal illustrada, Lisboa, ano 1, n. 5, abr. 1899, p. 11. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

MAGALHÃES, Valentim. O Character brasileiro. *Brasil-Portugal*: numero extraordinario. Lisboa: Companhia Nacional Editora, 1900, p. 46.

MODAS. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal illustrada, Lisboa, ano 3, n. 64, set. 1901. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

NA ESCOLA naval. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal illustrada, Lisboa, ano 13, n. 318, abr. 1912, p. 472. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 22 set. 2016.

NO CHAPEU de sol. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 2, n. 34, jun. 1900. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 29 jan. 2017.

NOVA tabella de assignaturas. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 3, n. 49, fev. 1901. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

NUMERO extraordinario. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 2, n. 29, abr. 1900a. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

NUMERO extraordinario. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 2, n. 31, maio. 1900b. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 09 mar. 2017.

NUMERO extraordinario. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 2, n. 32, maio. 1900c. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 08 abr. 2017.

NUMERO extraordinario. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 2, n. 33, jun. 1900d. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 13 maio. 2017.

O BRASIL-PORTUGAL e o publico. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 1, n. 3, mar. 1899. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

O BRASIL-PORTUGAL. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 2, n. 48, jan. 1901. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

O BRASIL-PORTUGAL. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 3, n. 72, jan. 1902. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

O BRASIL-PORTUGAL. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 4, n. 73, fev. 1902. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 26 maio. 2017.

O BRASIL-PORTUGAL. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 4, n. 96, jan. 1903. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

O BRASIL-PORTUGAL. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 6, n. 121, fev. 1904. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 07 fev. 2017.

O BRINDE do “Brasil-Portugal”. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 2, n. 26, fev. 1900. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 16 out. 2016.

O CARRO alegórico do “Brasil-Portugal”. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 2, n. 34, jun. 1900. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 10 set. 2016.

O GRUPO das principais excursionistas. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 2, n. 34, jun. 1900. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

O NOSSO almanach. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 4, n. 86, ago. 1902. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 03 jun. 2017.

O NOSSO proximo numero. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 3, n. 68, nov. 1901. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 07 dez. 2016.

O QUADRO premiado com dez contos de réis. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 2, n. 35, jul. 1900. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

O REEMBARQUE na barca Seguro. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 2, n. 35, jul. 1900. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

PERSONAGENS celebres. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 1, n. 1, fev. 1899. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 23 maio. 2017.

15 ANOS de publicação. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 15, n. 361, fev. 1914. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 19 mar. 2017.

RIBALTAS e gambiarras. Lisboa, 1881. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/RibaltaseGambiarras/Ribaltasegambiarras.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

SERÕES: revista mensal ilustrada. Lisboa, 1901-1911. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Seroes/Seroes.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

TRAÇOS Biographicos do Dr Egas Moniz Barreto de Aragão. *Gazeta Medica da Bahia*. Bahia, v.55, n. 5, dez. 1924. Disponível em: <<http://gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/article/viewFile/963/945>>. Acesso em: 15 out. 2018.

VISCONDE de Fato e Oliveira. *Brasil-Portugal*: revista quinzenal ilustrada, Lisboa, ano 1, n. 2, fev. 1899. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acesso em: 18 set. 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Principais colaboradores do *Almanach Illustrado Brasil-Portugal* (1900-1903)²¹⁷

NOME	DATA DE NASCIMENTO	NACIONALIDADE	ATIVIDADE PROFISSIONAL	PRODUÇÃO INTELECTUAL
João de Vasconcelos Sousa Castro e Melo (D. João de Castro)	1871-1955	Português	Escritor, dramaturgo e poeta. Fez parte de um grupo de escritores que ficou conhecido pelos "Nefelibatas", de que faziam parte, entre outros, Júlio Brandão, Raúl Brandão, Justino de Montalvão, Alberto de Oliveira, Eduardo d'Artayett e, ainda, o pintor Inácio de Pinho e o caricaturista Celso Hermínio.	Colaborou em diversos periódicos como: <i>Branco e Negro: semanario illustrado</i> , <i>Serões: revista semanal ilustrada</i> , <i>Acção realista</i> , <i>Feira da Ladra</i> , <i>Artigos de fundo</i> , <i>Revistas de Hoje</i> e <i>Ilustração Brasileira</i> . Publicou obras em versos, líricas e poemas, além de peças e romances, como <i>Morte de Homem</i> (1900), <i>Redenção</i> (1904) e <i>A Desonra</i> (1910), e as peças <i>Auto da Primavera</i> (1927) e <i>Teatro Heroico</i> (1931).
Abel Acácio de Almeida Botelho (Abel Botelho)	1856-1917	Português	Escritor, político e diplomata	Colaborou em periódicos, a exemplo da <i>Brasil-Portugal: revista quinzenal illustrada</i> , <i>Atlântica</i> , <i>Serões: revista semanal ilustrada e Século</i> . Escreveu diversas peças de teatro - algumas até causaram polêmicas - como <i>Vencidos da Vida</i> (1892) e <i>A Imaculável</i> (1897)
Alfredo Roque Gameiro (Roque Gameiro)	1864-1935	Português	Pintor e Desenhista	Colaborou em diversas publicações periódicas, como o semanário <i>Branco e Negro: semanario illustrado</i> , <i>Brasil-Portugal: revista quinzenal illustrada</i> ,

²¹⁷ Para compor o perfil coletivo dos 80 colaboradores, recorreu-se a verbetes biográficos de dicionários e/ou enciclopédias *online*, assim como alguns acervos digitais, dentre os quais destacam-se os sítios da Biblioteca Nacional Digital do Brasil, <<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/>>; da Biblioteca Digital Luso-Brasileira, <<http://bdlb.bn.gov.br/>>; da Hemeroteca Digital de Lisboa, <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>>; do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, <<https://ihgb.org.br/>>; do Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930), <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/pdf/andnunfer.pdf>>; do Dicionário histórico-biográfico da Primeira República, <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BOCAIUVA,%20Quintino.pdf>>; de Escritas.org <<https://www.escritas.org/>>; da Academia Brasileira de Letras, <<http://www.academia.org.br/>>; do Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional: <<http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/index.php>>; Academia Brasileira de Letras: <<http://www.academia.org.br/academicos/alberto-de-oliveira/biografia>>; do SIGARRA Organizacional da Universidade do Porto, <<https://sigarra.up.pt>>; e da Enciclopédia Itaú Cultural, <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>>.

				<i>Atlântida</i> , <i>A comedia portugueza</i> e <i>Arte e Vida</i> . Ilustrou, juntamente com Manuel de Macedo (1839-1915), a Grande edição ilustrada de <i>Os Lusíadas</i> , publicada em Lisboa, em 1900.
José Maria de Eça de Queirós (Eça de Queirós)	1845-1900	Português	Escritor, jornalista e advogado	Colaborou em diferentes periódicos como a <i>Gazeta de Portugal</i> , <i>A imprensa</i> , <i>Feira da Ladra</i> , <i>Ribaltas e Gambiarras</i> , <i>Diário Ilustrado</i> , <i>Diário de notícias</i> e <i>Correspondência de Portugal</i> . Entre as principais obras que escreveu, destaca-se <i>O crime do Padre Amaro</i> (1875), <i>O Primo Basílio</i> (1878), <i>Os Maias</i> (1888) e <i>As Cidades e as Serras</i> (1901).
Luis de Faro e Oliveira (Visconde de Faro e Oliveira)	1847- 1906	Português	Escritor e fundador de reconhecidos estabelecimentos de leitura e instrução no Rio de Janeiro, a exemplo da Livraria Contemporânea (Firma Comercial Faro & Nunes), do Liceu Literário Português, do Retiro Literário Português e da Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro.	Produziu relatórios sobre assistência e beneficência aos portugueses para a <i>Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada</i> .
Domingos Magarinos de Souza Leão (Domingos Magarinos)	1874-194?	Brasileiro	Poeta e compositor	Colaborou com a <i>Revista Contemporânea</i> e <i>Serões: revista semanal ilustrada</i> , bem como publicou poemas a exemplo de <i>Tropheus</i> (1902) e <i>Últimos sonetos</i> (1917).
Guilherme Gama	1860-1947	Português	Escritor e redator	Colaborou nos seguintes periódicos: <i>Branco e Negro: semanario ilustrado</i> , <i>Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada</i> e <i>A imprensa</i> . Também publicou a obra <i>Amar é sofrer: contos e impressões</i> (1944).

Antônio Valentim da Costa Magalhães (Valentim Magalhães)	1859-1903	Brasileiro	Jornalista e escritor	Colaborou em alguns periódicos, como: <i>Galeria Republicana</i> , <i>Branco e Negro: semanario illustrado</i> , <i>Brasil-Portugal: revista quinzenal illustrada</i> , <i>Jornal dos Cegos</i> e <i>A Semana</i> . Publicou crônicas, romances, contos e poesias, a exemplo de <i>Escritores e Escritos</i> (1894), <i>Cantos e Lutas</i> , (1897), <i>Flor de Sangue</i> (1987) e <i>Alma</i> (1899).
Abílio Manuel Guerra Junqueiro (Guerra Junqueiro)	1850-1923	Português	Poeta, jornalista e político	Colaborou em vários periódicos, tais como: <i>Os Serões: revista semanal ilustrada</i> , <i>Ribaltas e Gambiarras</i> , <i>A República Portuguesa</i> , <i>A leitura: magazine litterario</i> , <i>Jornal do Domingo</i> , <i>A imprensa</i> , <i>A ilustração portugueza</i> , <i>Branco e Negro</i> e <i>Atlântica</i> . Dentre os livros publicados, destaca-se: <i>Vozes Sem Eco</i> (1868), <i>Vitória da França</i> (1870), <i>A Morte de D. João</i> (1874) e <i>O Crime</i> (1875).
Antonio Vicente da Fontoura Xavier (Fontoura Xavier)	1856 – 1922	Brasileiro	Poeta, tradutor, jornalista e diplomata.	Colaborou nos periódicos <i>Besouro</i> , <i>Repórter</i> e <i>Revista Ilustrada e Atlântida</i> . Traduziu poemas de Edgard Allan Poe, Baudelaire, Foley, Moréas, Prudhomme e Shakespeare. Publicou o livro <i>Opalas</i> (1884) e o panfleto em versos <i>O Régio Saltibanco</i> (1887), que manifestava seu posicionamento contra a monarquia.
Francisco Marques Sousa Viterbo (Sousa Viterbo)	1845-1910	Português	Jornalista, poeta e professor na Academia de Belas Artes e na Escola de Belas Artes de Lisboa. Foi também o fundador da Associação de Jornalista e Escritores Portugueses, da Sociedade de Geografia de Lisboa, da Sociedade	Colaborou em periódicos como <i>O Pirilampo</i> , <i>Anuário da Sociedade dos Architectos Portuguezes</i> , <i>Revista Arte Portuguesa</i> , <i>Branco e Negro: semanario illustrado</i> , <i>A esperança</i> , <i>A occidente</i> , <i>A república das letras</i> , <i>A</i>

			Arqueológica da Figueira, da Association Littéraire International (Paris) e da Real Academia de La Historia de Madrid	<i>semana de Lisboa: suplemento do Jornal do Commercio</i> e <i>Serões: revista semanal ilustrada</i> . Publicou a sua poesia em jornais e revistas literárias, como <i>O Mundo Elegante</i> (1858-60), <i>Mosaico</i> (1865), <i>Aurora</i> (1867-68), <i>Grinalda</i> (1855-69) – do Porto; o <i>Boudoir</i> (1863-65) – de Lisboa; <i>A Chrysalida</i> (1863-64), <i>A Folha</i> (1868) e <i>O Anjo do Pudor</i> (1870). Além disso, produziu estudos para a <i>Revista Arqueológica</i> (1887-1890), <i>O Arqueólogo Português</i> (1895-1924?), o <i>Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa</i> (1876-?), a <i>Arte Musical</i> (1899-1915), o <i>Arquivo Histórico Português</i> (1903-1916) e a <i>Revista Militar</i> (1849).
António José de Orta Ennes (António Ennes)	1848-1901	Português	Jornalista, escritor e político	Colaborou para os seguintes periódicos: <i>Serões: revista semanal ilustrada</i> e <i>Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada</i> . Publicou várias obras, a exemplo de <i>O trabalho e a vida subterrânea</i> (1880) e <i>Os metais: ciência vulgarizada</i> (1881).
João José Grave (João Grave)	1872-1934	Português	Jornalista e escritor	Colaborou em periódicos como: <i>Brasil-Portugal</i> , <i>Atlântica</i> , <i>Ilustração portuguesa</i> , <i>Revista Nova</i> , <i>Serões: revista semanal ilustrada</i> , assim como nos jornais <i>Século</i> e no <i>Diário de Notícias</i> . Publicou obras a exemplo de <i>Os famintos</i> (1903), <i>A eterna mentira</i> (1904) e <i>Os sacrificados</i> (1917).
Alfredo Carneiro da Cunha (Alfredo da Cunha)	1863-1942	Português	Advogado, jornalista e escritor. Foi o sócio-fundador da Associação de Jornalistas e Homens de Letras de Lisboa e sócio-majoritário da Tipografia Universal de Lisboa.	Dirigiu o <i>Diário de Notícias</i> e colaborou para os seguintes periódicos: <i>Boletim Cultural e Artístico</i> , <i>Branco e Negro</i> , <i>Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada</i> e <i>A leitura: magazine litterario</i> . Publicou também algumas obras, a exemplo de <i>Eduardo</i>

				<i>Coelho: sua vida e a sua obra: alguns factos para a história do jornalismo</i> (1891) e <i>O Diário de Notícias: A sua Fundação e os seus Fundadores</i> (1914).
Eduardo de Barros Lobo (pseudônimo Beldemónio)	1857-1893	Português	Cronista, jornalista e tradutor	Colaborou em periódicos como o <i>Boletim Photographico</i> , <i>A Ilustração Portuguesa</i> e <i>Vespas</i> .
António José da Silva Pinto (Silva Pinto)	1848-1911	Português	Crítico literário, ensaísta, dramaturgo e romancista	Colaborou em periódicos como <i>O Ocidente</i> , <i>Jornal da Tarde</i> , <i>A Actualidade</i> , <i>A Voz do Povo</i> , <i>Revista do Norte</i> e <i>Revista Literária</i> , <i>Ribaltas e Gambiarras</i> e <i>Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada</i> . Publicou obras como <i>Realismos</i> (1880) e <i>Camilo Castelo Branco</i> (1889).
José Valentim Fialho de Almeida (Fialho d'Almeida)	1857-1911	Português	Escritor e crítico literário	Colaborou em vários periódicos, tais como <i>O Interesse Público</i> , <i>O Repórter</i> , <i>Branco e Negro: semanario illustrado</i> , <i>Brasil-Portugal: revista quinzenal illustrada</i> , <i>A Comédia Portuguesa</i> , <i>Contemporânea</i> , <i>Jornal de Domingo</i> , <i>O Pantheon</i> , <i>Ribaltas e Gambiarras</i> , <i>Revista de Portugal</i> , <i>Ovos Moles e Mexilhões</i> , <i>Serões: revista semanal illustrada</i> , <i>Novidades e Correio da Manhã</i> . Publicou também os seguintes livros: <i>Contos</i> (1881), <i>A Cidade do Vício</i> (1882), <i>Lisboa Galante</i> (1890), <i>O País das Uvas</i> (1893) e <i>Madona do Campo Santo</i> (1896).
Raimundo António Bulhão Pato (Bulhão Pato)	1829-1912	Espanhol	Poeta, memorialista, tradutor e escritor	Colaborou em diversos periódicos, tais como: <i>Branco e Negro: semanario illustrado</i> , <i>Gazeta litteraria do Porto</i> , <i>Brasil-Portugal: revista quinzenal illustrada</i> , <i>A Ilustração luso-</i>

				<i>brasileira, Ilustração portuguesa, A ilustração portuguesa, Jornal do Domingo, Serões: revista semanal ilustrada, A Semana de Lisboa.</i> Dentre as suas obras publicadas destaca-se a trilogia <i>Memórias</i> (1894-1907).
João Pinto Ribeiro de Carvalho (Pinto de Carvalho)	1858-1936	Português	Jornalista e olisipógrafo	Colaborou nos seguintes periódicos: <i>Ave e Azul, Branco e Negro: semanario illustrado, Brasil-Portugal: revista quinzenal illustrada, Feira da Ladra e Serões: revista semanal ilustrada.</i> Publicou também alguns livros, como <i>Lisboa D'Outros Tempos</i> (1898) e a <i>História do Fado</i> (1903)
Celso Hermínio de Freitas Carneiro (Celso Hermínio)	1871-1904	Português	Caricaturista e ilustrador.	Foi colaborador artístico nos periódicos <i>Diário de Notícias, A Comedia portuguesa, O Branco e Negro: semanario illustrado, O parodia,</i> e diretor artístico de <i>O Berro</i> e da <i>Brasil-Portugal: revista quinzenal illustrada.</i> Foi também ilustrador e caricaturista do <i>Jornal do Brasil.</i>
Henrique Lopes de Mendonça (Lopes de Mendonça)	1856-1931	Português	Militar, escritor, historiador e dramaturgo	Colaborou nos seguintes periódicos: <i>Arte portuguesa, Atlântida, Brasil-Portugal: revista quinzenal illustrada, O Occidente, Revista do Conservatório Real de Lisboa, A semana de Lisboa: suplemento do Jornal do Commercio e Serões: revista semanal ilustrada.</i> É de sua autoria a letra do <i>Hino Nacional: A Portuguesa</i> , cuja música foi de Alfredo Keil (1850-1907). Também publicou o romance histórico <i>Os Órfãos de Calecute</i> (1894), além de escrever peças naturalistas como <i>Nó-Cego</i> e <i>Azebre</i> , em 1905.

Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac (Olavo Bilac)	1865-1918	Brasileiro	Jornalista, poeta, inspetor de ensino e membro fundador da Academia Brasileira de Letras e da Sociedade de Homens de Letras	Foi colaborador em vários periódicos, tais como: <i>Atlântida</i> , <i>Branco e Negro: semanario illustrado</i> , <i>Brasil-Portugal: revista quinzenal illustrada</i> , <i>A imprensa</i> e <i>A leitura: magazine litterario</i> . Publicou diversas obras, a exemplo de <i>Poesias</i> (1888), <i>Crônicas e novelas</i> (1894), <i>Poesias infantis</i> (1904), <i>Dicionário de rimas</i> (1913), <i>Ironia e piedade</i> (1916) e <i>Tarde</i> (1919).
Fausto Guedes Teixeira (Guedes Teixeira)	1871-1940	Português	Poeta	Colaborou nos periódicos <i>Atlântida</i> , <i>Ave Azul</i> , <i>Branco e Negro: semanario illustrado</i> , <i>Contemporânea</i> e <i>Revista Nova</i> . Dentre as suas principais obras destacam-se: <i>Os Naufragos</i> (1892); <i>Livro d'Amor</i> (1894), <i>Mocidade Perdida</i> (1896), <i>Esperança Nossa</i> (1899), <i>Carta a um Poeta</i> (1899), <i>Saudades do Coração</i> (1902), <i>Alma Triste</i> (1903), <i>O Meu Livro</i> (1908); <i>Maria</i> (1918) e <i>Sonetos de Amor</i> (1922).
Aurea Pires da Gama (Aurea Pires)	1876-1949	Brasileira	Professora e Poetisa	Colaborou nos periódicos <i>A Mensageira</i> e <i>A Faceira</i> , bem como publicou os livros <i>Flocos de neve</i> (1898), <i>Indiana</i> (1902), <i>Pétalas</i> (1908) e <i>Entre o mar e a floresta</i> (1922).
João Baptista Pinto Saraiva (João Saraiva)	1866-1948	Português	Político e poeta	Colaborou nos periódicos: <i>Atlântida</i> , <i>Brasil-Portugal: revista quinzenal illustrada</i> , <i>A Comedia Portuguesa</i> , <i>A imprensa</i> e <i>A Semana de Lisboa</i> . Publicou obras como <i>Líricas e Sátiras</i> (1916).
Rafhael Augusto Prostes Bordallo Pinheiro (Raphael Bordallo Pinheiro)	1846-1905	Português	Ilustrador artístico	Dirigiu e colaborou em periódicos portugueses e brasileiros, <i>Pontos nos ii</i> , <i>O binocular</i> , <i>A parodia</i> , <i>Psit!!!</i> , <i>O Besouro</i> , <i>António Maria</i> , <i>Jornal do Domingo</i> e a <i>Lanterna Mágica</i> .

				Compôs desenhos para almanaques, anúncios e revistas estrangeiras como <i>El Mundo Comico</i> (1873-74), <i>Illustrated London News</i> , <i>Ilustracion Española y Americana</i> (1873), <i>L'Univers Illustré</i> e <i>El Bazar</i> .
Marcellino António da Silva Mesquita (Marcellino Mesquita)	1856-1919	Português	Escritor e dramaturgo	Dirigiu e colaborou com os periódicos <i>A comedia portugueza</i> , <i>A parodia</i> , <i>Branco e Negro</i> , <i>A imprensa</i> , <i>Jornal do Domingo</i> , <i>Revista do Conservatorio Real de Lisboa</i> , <i>Ribaltas e Gambiarras</i> e <i>Serões: revista semanal ilustrada</i> . Publicou várias obras para a dramaturgia, a exemplo de <i>O tirano da bela urraca</i> (1898), <i>Sinhá</i> (1901) e <i>A noite do calvário</i> (1903).
Manuel Penteado	1874-1911	Português	Médico, militar, escritor e poeta	Colaborou com os periódicos <i>Serões: revista semanal ilustrada</i> e <i>Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada</i> . Participou da publicação da obra <i>Lira Popular Brasileira</i> (1927).
Affonso Henriques Vieira Gayo (Affonso Gayo)	1872-1941	Português	Jornalista e escritor	Colaborou com os periódicos <i>Serões: revista semanal ilustrada</i> , <i>Revista Nova</i> e <i>Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada</i> .
Francisco Villaça	1850 -1915	Português	Arquiteto, pintor e decorador	Foi colaborador artístico do periódico <i>O occidente</i> .

José Duarte Ramalho Ortigão (Ramalho Ortigão)	1836-1915	Português	Escritor, jornalista e bibliotecário	Colaborou em diversos os periódicos, como <i>Acção realista</i> , <i>O António Maria</i> , <i>Arte Portuguesa</i> , <i>Branco e Negro: semanario illustrado</i> , <i>Brasil-Portugal: revista quinzenal illustrada</i> , <i>Serões: revista semanal ilustrada</i> , <i>Ribaltas e Gambiarras</i> , <i>O Occidente</i> , <i>A imprensa</i> , <i>Contemporânea</i> , <i>Diário de Notícias</i> , o <i>Diário Popular</i> , <i>A Revolução de Setembro</i> , <i>Correio de Hoje</i> , <i>Jornal do Comércio</i> , <i>Diário da Manhã</i> , <i>O Progresso do Porto</i> e a <i>Gazeta de Notícias</i> , do Rio de Janeiro. Deixou em seu legado muitos escritos sobre a arte, a exemplo do livro <i>O Culto da Arte em Portugal</i> (1896).
António Duarte Gomes Leal (Gomes Leal)	1848-1921	Português	Poeta e crítico literário	Colaborou em periódicos, tais como: <i>Ribaltas e Gambiarras</i> , <i>O Berro</i> , <i>Branco e Negro: semanario illustrado</i> , <i>Brasil-Portugal: revista quinzenal illustrada</i> , <i>Galeria Republicana</i> , <i>A Imprensa</i> , <i>A mulher</i> , <i>A leitura: magazine litterario</i> , <i>Jornal do domingo</i> , <i>Gazeta de Portuga</i> , <i>Diário de Notícias</i> e <i>Diário de Lisboa</i> . Publicou também algumas obras, a exemplo de <i>A Fome de Camões</i> (1870), <i>A Morte Do Athleta</i> (1883), <i>Claridades do sul</i> (1875) e <i>O Renegado</i> (1881).
José Maria de Alpoim Cerqueira Borges Cabral (José D'Alpoim)	1858-1916	Português	Político e jornalista	Colaborou para os periódicos <i>Branco e Negro: semanario illustrado</i> , <i>A republica portugueza</i> , além de ter sido redator do jornal <i>O Dia</i> . Publicou obras como <i>Exame de Artilheiros</i> (1744).
João Maria Evangelista Gonçalves Zarco da Câmara (D. João Câmara ou João da Câmara)	1852-1908	Português	Cronista e dramaturgo	Colaborou em periódicos como <i>Branco e Negro: semanario illustrado</i> , <i>O casmurro</i> , <i>A imprensa</i> , <i>Jornal do Domingo</i> , <i>A leitura: magazine litterario</i> , <i>O occidente</i> , <i>Revista do</i>

				<i>Conservatório Real de Lisboa, A semana de Lisboa: suplemento do Jornal do Commercio e Serões: revista semanal ilustrada. Publicou obras voltadas para a dramaturgia, a exemplo de Pântano (1894), O Beijo do Infante (1898) e Os Velhos (1893), além de prosas e poesias, como Contos (1900) e A Cidade (1908).</i>
Fernando Mendes de Almeida (Dr. Fernandes Mendes de Almeida)	1845-1921	Brasileiro	Político, professor, advogado, jornalista e comandante da Guarda Nacional do Rio de Janeiro	Foi redator-chefe dos jornais A Vanguarda, em 1882, Diário de Notícias, em 1888, Diário do Comércio, de 1888 a 1901, e Jornal do Brasil, a partir de 1894. Colaborou para o periódico <i>O ocidente</i> e publicou obras como <i>A geração acadêmica</i> (1879), <i>Teses e dissertações para o grau de doutor</i> (1888), <i>Carrossel Fantasma</i> (1937) e <i>Direito de sepulcro</i> (1944).
Pedro Wenceslau de Brito Aranha (Brito Aranha)	1833-1914	Português	Escritor, tipógrafo, jornalista e bibliógrafo. Foi presidente da Associação de Jornalistas Portugueses e Sócio da Real Academia de Ciências.	Foi o redator do jornal <i>Diario de Noticias</i> , diretor do periódico <i>Archivo pitoresco</i> , assim como colaborou nos periódicos <i>A imprensa</i> , <i>Jornal do domingo</i> e <i>O ocidente</i> . Deu continuidade ao <i>Dicionario Bibliographico Portuguez</i> , iniciado por Inocêncio Francisco da Silva (1810-1876).

Arthur Nabantino Gonçalves de Azevedo (Arthur de Azevedo)	1855-1908	Brasileiro	Jornalista, poeta e teatrólogo.	Colaborou em periódicos como <i>A Estação</i> , <i>Novidades</i> , <i>O País</i> , <i>Diário de Notícias</i> e em <i>A Notícia</i> e <i>O Mequetrefe</i> . Escreveu peças de teatro, além de ter publicado contos e poesias, a exemplo de <i>Carapuças</i> , poesias (1871), <i>Sonetos</i> (1876), <i>Um dia de finados</i> , sátira (1877), <i>Contos fora da moda</i> (1894), <i>Contos efêmeros</i> (1897) e <i>Contos em Verso</i> (1898).
Thomaz António Ribeiro Ferreira (Thomaz Ribeiro)	1831-1901	Português	Político, poeta e escritor	Colaborou nos seguintes periódicos: <i>Archivo pitoresco</i> , <i>Branco e Negro</i> : semanario ilustrado, <i>Brasil-Portugal</i> , <i>A comedia portugueza</i> , <i>A ilustração portugueza</i> , <i>O panorama</i> , <i>A republica das letras</i> e <i>A semana de Lisboa</i> . Publicou obras, tais como: <i>Sons que passam</i> (1868), <i>Dissonâncias</i> (1890) e <i>História da Legislação Liberal Portuguesa</i> (1891-1892).

Eugénio de Castro e Almeida (Eugénio de Castro)	1869-1944	Português	Poeta e professor	Foi diretor da <i>Revista Arte</i> , revista <i>Internacional</i> e colaborou em diferentes periódicos, tais como <i>Serões: revista semanal ilustrada</i> , <i>Atlântida</i> , <i>Contemporânea</i> , <i>Ilustração</i> , <i>A ilustração portuguesa</i> , <i>A leitura: magazine litterario</i> e <i>A Semana de Lisboa</i> , <i>O Dia</i> , <i>Novidades</i> e <i>Jornal do Commercio</i> . Publicou diversas obras como <i>Oaristos</i> (1890), <i>Horas</i> (1891), <i>Rei Galaor</i> (1897) e <i>Saudades do Ceú</i> (1899), <i>Poesias Escolhidas, 1889-1900</i> (1902), <i>O Anel de Polícrates</i> (1907), <i>A Fonte de Sátiro</i> (1908), <i>O Cavaleiro das Mãos Irresistíveis</i> (1916), <i>Canções desta Vida Negra</i> (1922), <i>Cravos de Papel</i> (1922), <i>A Mantilha dos Medronhos</i> (1923), <i>Descendo a Encosta</i> (1924) e <i>Últimos Versos</i> (1938). Traduziu também os livros <i>Goethe</i> e <i>A Arte de Ler</i> , de Émile Faguet (1847-1916).
Emídio Júlio Navarro (Emygdio Navarro)	1844-1905	Português	Jornalista e político. Membro do partido progressista.	Colaborou para a <i>Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada</i>

Alfredo de Mesquita Pimentel (Alfredo de Mesquita)	1871-1931	Português	Jornalista, diplomata e escritor	Colaborou em periódicos como <i>Atlântida</i> , <i>Diário de Notícias</i> , <i>Branco e Negro</i> , <i>Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada</i> , <i>Ilustração portuguesa</i> , <i>O occidente A Republica portuguesa</i> e <i>Serões: revista semanal ilustrada</i> . Publicou algumas obras como <i>Júlio César Machado</i> (1890), <i>Portugal Moribundo</i> (1894) e <i>Cartas da Holanda</i> (1900).
Nuno Ferreira de Andrade (Nuno de Andrade)	1851-1922	Brasileiro	Professor e diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi também o primeiro diretor da Diretoria Geral de Saúde Pública (1897 até 1903), presidente da Academia Imperial de Medicina (1900-1901; 1901-1903) e da Academia Nacional de Medicina (1901-1903).	Foi redator-chefe na <i>Imprensa Acadêmica</i> e do <i>Jornal do Brasil</i> , além de ser colaborador nos periódicos <i>A Ordem</i> e <i>O Paiz</i> .
António de Azevedo Castelo Branco (J.D'Azevedo Castello Branco)	1842-1916	Português	Advogado e político	Foi colaborador nos periódicos <i>A Imprensa</i> e <i>Gazeta Litteraria do Porto</i> .

Antônio de Azevedo Castelo Branco (João Penha)	1839-1919	Português	Advogado e poeta	Foi diretor do periódico <i>A Republica das letras</i> e colaborador em <i>Branco e Negro: semanario illustrado</i> e <i>Serões: revista semanal ilustrada</i> . Publicou obras poéticas como <i>Rimas</i> (1882), <i>Viaagem por Terra ao País dos Sonhos</i> (1898) e <i>Novas Rimas</i> (1905).
Manuel Ferreira Garcia Redondo (Garcia Redondo)	1854-1916	Brasileiro	Professor, teatrólogo, contista e jornalista. É considerado membro fundador da Academia Brasileira de Letras, onde fundou a cadeira nº 24, que tem como patrono o escrito e gramático Júlio Ribeiro (1845-1890).	Foi colaborador nos periódicos <i>Atlântida</i> , <i>Revista do Instituto Polytechnico Brasileira</i> , <i>Novo Almanaque Lusobrasileiro de Lembranças</i> , <i>O Peregrino</i> , <i>A República</i> , <i>A Ideia</i> e <i>Jornal do Comércio</i> . Publicou obras como <i>Mário, drama</i> (1882) e <i>Moléstias e bichos</i> (1899).
Henrique Maximiano Coelho Netto (Coelho Netto)	1864-1934	Brasileiro	Escritor, político, teatrólogo e professor. Lecionou História da Arte na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro e Literatura pelo Ginásio de Campinas, São Paulo. Foi também um dos fundadores da Liga de Defesa Nacional (1926) e Academia Brasileira de Letras, onde também foi presidente (1926).	Foi colaborador em jornais e revistas, no Brasil e no exterior, a exemplo <i>Gazeta da Tarde</i> , <i>Cidade do Rio e Branco e Negro</i> , bem como fundou alguns periódicos, tal como <i>O Meio – Revista social, política, literária e artística</i> (1889) e <i>A Política – Revista combativa e ilustrada</i> (1918). Escreveu algumas peças teatrais e publicou obras como publicou <i>Sertão</i> (1896), <i>Álbum de Caliban</i> (1897), <i>América</i> (1897), <i>O Paraíso</i> (1898), <i>A terra fluminense</i> (1898), <i>A Conquista</i> (1899) e <i>Contos pátrios</i> (1904).

Antônio Mariano Alberto de Oliveira (Alberto de Oliveira)	1857-1932	Brasileiro	Farmacêutico, professor e poeta. Foi professor de Português e Literatura Brasileira na Escola Normal e na Escola de Arte Dramática, Rio de Janeiro. Exerceu o cargo de diretor geral da Instrução Pública do Rio de Janeiro (1893-1898) e foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras (1897).	Colaborou em periódicos, tais como: <i>Gazetinha</i> , <i>Galeria Republicana</i> , <i>Branco e Negro: semanario illustrado</i> , <i>Brasil-Portugal: revista quinzenal illustrada</i> , <i>Jornal dos Cegos</i> , <i>A Semana</i> , <i>Diário do Rio de Janeiro</i> , <i>Mequetrefe</i> , <i>Tribuna de Petrópolis</i> , <i>Revista Brasileira</i> , <i>Correio da Manhã</i> e <i>Revista de Língua Portuguesa</i> . Publicou diversas obras como <i>Poesias - quatro séries</i> (1900-1927), <i>Céu, Terra e Mar</i> (1914), <i>Poesias Escolhidas</i> (1933) e <i>Póstuma</i> (1944).
Egas Moniz Barreto de Aragão (Péthion de Villar)	1870-1924	Brasileiro	Professor e poeta. Foi professor da Faculdade de Medicina da Bahia. Foi um dos fundadores da Academia de Letras da Bahia. Sócio do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e do Grêmio Beneficente dos Professores	Colaborou para os periódicos <i>Brasil-Portugal: revista quinzenal illustrada</i> , <i>Tiro e Sport</i> . Foram publicadas após a sua morte as obras <i>Poesias Escolhidas</i> (1928) e <i>Poesia Completa</i> (1975).
Acácio Graciano Antunes Brás (Accacio Antunes)	1853-1927	Português	Jornalista, escritor e poeta	Colaborou para os periódicos <i>Jornal do domingo</i> , <i>A mulher</i> , <i>O palco</i> e <i>Serões: revista semanal ilustrada</i> . Publicou obras como <i>O estudante alsaciano</i> (1914).

José Félix Alves Pacheco (Félix Pacheco)	1879-1935	Brasileiro	Advogado, jornalista e político Fundou e dirigiu o Gabinete de Identificação e Estatística do Distrito Federal, órgão mais tarde rebatizado como Instituto Félix Pacheco.	Foi secretário e diretor do <i>Jornal do Comércio</i> , bem como foi repórter de <i>O Debate</i> e colaborou para a revista <i>Rosa-Cruz</i> , de Saturnino de Meireles (1878-1906). Traduziu e publicou obras sobre Baudelaire, a exemplo de <i>Do sentido do azar e do conceito da fatalidade em Baudelaire</i> (1933), <i>Paul Valéry e o monumento a Baudelaire em Paris</i> (1933) e <i>O mar através de Baudelaire e Valéry</i> (1933).
João Baptista Barreira Júnior (João Barreira)	1866-1961	Português	Médico, escritor, professor e crítico de arte	Colaborou para os periódicos <i>Feira da Ladra</i> , <i>Revista do Brasil</i> , <i>A Pátria</i> , <i>O primeiro de janeiro</i> , <i>O Diário de Lisboa</i> , <i>A República</i> , <i>Ilustração</i> , <i>Revista Ford</i> , <i>Atlântida</i> e <i>Serões: revista semanal ilustrada</i> . Colaborou ainda na grande <i>Enciclopédia Portuguesa e Brasileira</i> , com um total de 40 volumes, editada entre 1936 e 1960, em Lisboa e no Rio de Janeiro. Publicou obras como <i>Gouaches (Estudos e fantasias)</i> (1892), <i>Arte Grega</i> (1923), <i>A morte do imaginário</i> (1923), <i>Dois retratos de imaginários</i> (1926), <i>Silva de Arte</i> (1928), <i>As coisas falam</i> (1933), o manual escolar <i>História de uma Catedral</i> (1937) e <i>Rota do Bergantim e outras alegorias</i> (1947).

Saturnino Soares de Meyrelles Filho (Saturnino de Meyrelles)	1878-1906	Brasileiro	Escritor e poeta. Foi um dos impulsionadores da carreira literária do poeta e amigo Cruz e Sousa.	Foi um dos fundadores e diretores da revista <i>Rosa-Cruz</i> (1901-1904). Publicou as obras <i>Astros mortos</i> (1903) e <i>Intuições</i> (1906).
Adelina Amélia Lopes Vieira (Adelina Lopes)	1850-?	Portuguesa	Professora, poeta, teatróloga e tradutora.	Colaborou em periódicos, a exemplo de <i>O Tempo</i> , <i>A Mensageira</i> , <i>A Faceira</i> e a <i>Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada</i> . Escreveu o livro <i>Contos infantis</i> (1886), em parceria com sua irmã, Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), <i>Margaritas</i> (1879) e o conto <i>Destinos</i> (1890).
Álvaro de Sá Castro Menezes (A. S. Castro Menezes)	1883-1920	Brasileiro	Escritor, jornalista e magistrado	Foi secretário e redator do <i>Jornal do Commercio</i> e editor da <i>Revista Rosa e Cruz</i> . Publicou obras como <i>Quadros de Guerra</i> (1917) e <i>Jardim de Heloisa: Contos modernos</i> (1919).
Carlos Augusto Furtado de Mendonça Dias Fernandes (Carlos D. Fernandes)	1874-1942	Brasileiro	Poeta, escritor e pedagogo Amigo de Cruz e Sousa	Foi um dos fundadores da <i>Revista Meridional</i> e <i>Rosa Cruz</i> . Dirigiu <i>A Província do Pará</i> e colaborou em diversos periódicos como <i>Jornal do Commercio</i> , <i>Gazeta de Belém</i> , <i>Gazeta da Tarde</i> , <i>O Debate</i> e <i>A Cidade do Rio</i> . Publicou obras de gêneros variados, como <i>Os Cangaceiros</i> (1914), <i>A Renegada</i> (1908) e <i>A Fretana</i> (1936).

Ernesto Senna (Ernesto Senna)	1858-1913	Brasileiro	Jornalista, escritor e poeta Foi eleito sócio correspondente do IHGB em 1903 e efetivo em 1909	Colaborou para o <i>Jornal do Commercio</i> e o <i>Almanaque Garnier</i> . Publicou as obras <i>O Velho Comércio do Rio de Janeiro</i> (1910) e <i>Deodoro: subsídios para a história</i> (1999).
Justino de Montalvão Coelho (Justino de Montalvão)	1872-1949	Português	Diplomata, cronista e redator.	Colaborou para os periódicos <i>Atlântida</i> , <i>Branco e Negro</i> , <i>Contemporânea</i> e <i>Serões: revista semanal ilustrada</i> . Publicou obras como <i>Poeira de Paris</i> (1908), <i>Itália coroada de Rosas</i> (1910) e a <i>Terra Encantada</i> (1911).
Wenceslau José de Sousa Moraes (Wescenlau de Moraes)	1854-1949	Português	Escritor, professor e oficial da marinha. Foi sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa	Colaborou para os periódicos <i>Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada</i> , <i>Almanak Litterario e Estatístico</i> (RS), <i>Boletim, Branco e Negro: semanario illustrado</i> , <i>Tiro e sport</i> e <i>Serões: revista semanal ilustrada</i> . Publicou livros como <i>Traços do Extremo Oriente</i> (1895) e <i>Dai-Nippon</i> (1897), <i>O culto do chá</i> (1905), <i>Paisagens da China e do Japão</i> (1906) e <i>Relance da história do Japão</i> (1924).
Anselmo José Franco de Assis de Andrade (Anselmo de Andrade)	1844-1928	Português	Economista, escritor, jornalista e político. Foi ministro da fazenda.	Dirigiu o <i>Correio do Norte</i> e colaborou nos periódicos <i>Atlântida</i> e <i>Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada</i> . Publicou obras, a exemplo de <i>A Terra</i> (1898) e <i>Portugal Económico</i> (1902).

Jean Jacques Élisée Réclus (Élisée Réclus)	1830-1905	Francês	Geógrafo e militante anarquista	Colaborou para o periódico <i>Ámanhã: revista popular de orientação racional</i> . Publicou livros como <i>Estados Unidos do Brasil: geografia, etnografia, estatística</i> (1899), <i>O Porto em 1950-Subsídios demográficos, económicos e financeiros referentes à cidade do Porto</i> (1955) e <i>Do sentimento da natureza nas sociedades modernas e outros escritos</i> (2015).
Henrique José das Neves (Henrique das Neves)	1841-1915	Português	Escritor Foi sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa	Colaborou para o periódico <i>Branco e Negro: semanario illustrado</i> . Publicou a obra <i>individualidades: traços, característicos, episódios e anedotas autênticas de indivíduos que se evidenciaram</i> (1910).
Arnaldo Fonseca (Arnaldo Fonseca)	1868-1936	Português	Fotógrafo Fundador e dirigente da Sociedade Portuguesa de Photographia	Foi diretor do periódico <i>Boletim Photographico</i> , colaborador fotográfico em <i>Branco e Negro: semanario illustrado</i> e <i>Brasil-Portugal: revista quinzenal illustrada</i> . Foi também colaborador em <i>O Berro: caricaturas de Celso Hermínio, A imprensa e Arte Portuguesa</i> . No âmbito da fotografia, publicou livros como <i>Guia prático de fotografia</i> (1899), <i>Manual-guia do photographo amador</i> (1899), <i>Guia do fotógrafo</i> (1905), <i>Pintura phorographica</i> , (1906) e <i>A photographia em 12 lições</i> (1911)

Pedro Xavier da Cunha (Xavier da Cunha)	1840-1920	Português	Escritor, poeta e médico	Colaborou para o periódico <i>Tiro e sport: revista de educação physica e actualidades</i> e no <i>Dicionário Popular</i> , dirigido por Pinheiro Chagas. Publicou o livro <i>Impressões deslandesianas: divulgações bibliographicas</i> (1895) e <i>Pretidão de amor: endechas de Camões a Bárbara escrava</i> (1893-1895).
Hemetério Arantes (Hemérito Arantes)	1864-1932	Português	Escritor, biógrafo e poeta	Colaborou para o periódico <i>O Thalassa: semanario humoristico e de caricaturas</i> . Publicou biografias, a exemplo de <i>Frei Agostinho da Cruz: notas à margem d'uma história dos quinhentistas</i> (1909), <i>Ramalho Ortigão</i> (1915) e <i>D.Theresa Rio-Maior</i> (1916).
António Sérgio da Silva e Castro (Sérgio de Castro)	1851-1929	Português	Jornalista e político	Colaborou nos periódicos <i>A Ilustração portuguesa</i> , <i>A mulher</i> , <i>Ribaltas e gambiarras</i> e <i>A Semana de Lisboa</i> . Publicou obras como <i>Camillo Castello Branco: typos e episodios da sua galeria</i> (1914), <i>A jazida de Camillo</i> (1925) e <i>Homens de letras e flores</i> (1926).
Alberto Allen Pereira de Sequeira Bramão (Alberto Bramão)	1865-1944	Português	Jornalista, poeta e político Foi um dos fundadores da Sociedade de Propaganda de Portugal e membro da Associação de Jornalistas de Lisboa.	Colaborou nos periódicos <i>Monitor de Bouças</i> , <i>Província</i> , <i>O Branco e Negro: semanario illustrado</i> e <i>A Imprensa</i> . Publicou livros como <i>O jornalismo</i> (1899), <i>O meu breviário</i> (1922) e <i>Recordações do jornalismo, da política, da literatura e do mundanismo</i> (1936).

Urbano de Castro (Urbano de Castro)	1850-1902	Português	Escritor e tradutor	Colaborou nos periódicos <i>Jornal do domingo: revista universal</i> , <i>A leitura: magazine litterario</i> e <i>Revista do Conservatório Real de Lisboa</i> . Traduziu, ao lado de Gervasio Lobato (1850-1895), a obra <i>Mam'zelle Nitouche: vaudeville em 4 actos</i> (1890), bem como publicou os livros <i>A princeza na berlinda: Rattazzi a vol d'oiseau, com a biographia de sua Alteza</i> (1880) e <i>Na aldeia: comedia em 1 acto, original</i> (1896).
Fernando da Costa Leal (Fernando Leal)	1846-1910	Português	Escritor, tradutor poeta e oficial do exército	Colaborou para os periódicos <i>A comedia portugueza</i> , <i>Galeria republicana</i> , <i>A imprensa</i> e <i>Jornal do Domingo</i> . Publicou obras como <i>Reflexos e Penumbras</i> , (1879), <i>Relâmpagos</i> (1888) e <i>Politica goana: pamphleto mensal de propaganda nacional contra a minoria goeza que detesta os portugueses</i> (1909).
Bernardo Pinheiro Correia de Melo (Conde d'Arnos)	1855-1911	Português	Escritor e militar	Colaborou para os periódicos <i>A Imprensa</i> e <i>A Semana de Lisboa: suplemento do Jornal do Commercio</i> . Publicou obras como <i>Azulejos</i> (1886), com prefácio de Eça de Queirós, 1886, <i>Jornadas pelo mundo</i> (1895) e <i>Suave milagre</i> (1902), em colaboração com Alberto de Oliveira.

Jacques Anatole François Thibault (Anatole France)	1844-1924	Francês	Escritor e bibliotecário assistente no Senado Francês	Colaborou em periódicos como <i>Branco e Negro: semanário ilustrado</i> , <i>A leitura: magazine litterario</i> e <i>Serões: revista semanal ilustrada</i> . Publicou livros como <i>Les Poèmes Dorés</i> (1873) e <i>Thaïs</i> (1891).
Augusto César Ferreira de Mesquita (Conde de Mesquita)	1841-1912	Português	Escritor, jornalista e político	Colaborou no periódico <i>Revista do Conservatório Real de Lisboa</i> .
Louis Henri Didon (Padre Didon)	1840-1900	Francês	Padre dominicano, desportista e pedagogo	Colaborou no periódico <i>A semana de Lisboa: suplemento do Jornal do Commercio</i> . Publicou obras como <i>Lettres à Mlle Th. V.</i> (Paris, 1900) e <i>Lettres à un ami</i> (Paris, 1902).
Antônio Cândido de Figueiredo Taunay (Cândido de Figueiredo)	1846-1925	Português	Filólogo e escritor	Colaborou em periódicos como <i>Atlântida</i> , <i>O Branco e Negro: semanário ilustrado</i> , <i>O panorama: jornal litterário e instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis</i> , <i>A republica das letras: periodico mensal de litteratura</i> , <i>Ribaltas e gambiarras</i> e <i>Serões: revista semanal ilustrada</i> . Publicou obras como <i>Novo Dicionário da Língua</i>

				<i>Portuguesa</i> (1899).
Paul Charles Joseph Bourget (Paul Bourget)	1852-1935	Francês	Crítico literário e escritor	Colaborou com o periódico <i>A Leitura: magazine litterario</i> , bem como publicou obras, a exemplo de <i>Essais</i> (1883), <i>Nouveaux essais de psychologie contemporaine</i> (1885), <i>Un crime d'amour</i> (1886) e <i>et Mensonges</i> (1887).
Manuel Roussado (Barão de Roussado)	1833-1909	Português	Escritor e diplomata	Colaborou para o periódico <i>Branco e Negro: semanário illustrado</i> . Publicou obras como <i>Roberto</i> (1867), prefaciado por Thomaz Ribeiro, e <i>A melancolia</i> (1867).
Carlos Roma du Bocage	1850-1918	Português	Escritor e historiador	Colaborou para o periódico <i>A semana de Lisboa: supplemento do Jornal do Commercio</i> . Publicou obras como <i>Chronicas internacionaes</i> (1914), <i>Primeiras Embaixadas de El-Rei D. João IV</i> (1918) e <i>Relação da Embaixada a França em 1641</i> (1918), escrito juntamente com o historiador Edgar Prestage (1869–1951).

Joaquim António de Araújo e Castro (Joaquim d'Araújo)	1858-1917	Português	Crítico literário, poeta e bibliógrafo Foi membro da Academia Real das Ciências de Lisboa, da Sociedade de Geografia de Lisboa e da Sociedade de Geografia Comercial do Porto. Sócio fundador da Sociedade Nacional Camoniana e presidente do Grémio Literário e Recreativo Infante D. Henrique.	Fundou a revista <i>A Harpa</i> . Colaborou nos periódicos <i>Arte portuguesa: revista de archeologia e arte moderna</i> , <i>A mulher</i> , <i>Branco e Negro: semanario illustrado</i> , <i>A mulher</i> , <i>A imprensa: revista científica, literária e artística</i> e <i>Jornal do domingo: revista universal</i> . Publicou obras como <i>Lira íntima</i> (1881), <i>Poetas Mortos – Consagrações</i> (1888) e <i>Flores da Noite</i> (1894).
Alberto Leal Barradas Monteiro Braga (Alberto Braga)	1851-1911	Português	Jornalista e poeta	Colaborou para os periódicos <i>A semana de Lisboa: suplemento do Jornal do Commercio</i> , <i>Brasil-Portugal: revista quinzenal illustrada</i> , <i>Ilustração portuguesa</i> , <i>A risota: semanario, humoristico, theatral, sportivo e charadistico</i> e <i>Serões: revista semanal illustrada</i> . Publicou obras como: <i>Um feixe de pennas</i> (1885), <i>Amores á beira-mar</i> (1886), <i>O enfeitado</i> (1888) e <i>Contos escolhidos</i> (1892).
Edmondo de Amicis (Edmondo de Amicis)	1846-1908	Italiano	Escritor e militar.	Dirigiu o periódico <i>A Itália Militar</i> e colaborou para <i>Branco e Negro: semanario illustrado</i> e <i>A Leitura: magazine litterario</i> . Publicou diversas obras como <i>A Vida Militar</i> (1868), <i>Romance de um Professor</i> (1895), <i>A Professora dos Operários</i> (1895), <i>O Carro de Todor</i> (1899), <i>Memórias</i> (1899) e <i>Esperança e Glória</i> (1900)

Antônio de Macedo Papança (Macedo Papança, Conde de Monsaraz)	1852-1913	Português	Advogado, político e poeta. Titular da Academia Brasileira de Letras Tinha laços com Pinheiro Chagas, Gomes Leal, Guerra Junqueiro, Teixeira de Queiroz, Cesário Verde e Gonçalves Crespo.	Colaborou em periódicos como a <i>Brasil-Portugal: revista quinzenal</i> <i>illustrada</i> , <i>Contemporânea</i> , <i>A</i> <i>illustração portugueza: semanario:</i> <i>revista litteraria e artistica</i> , <i>Ribaltas e</i> <i>gambiarras</i> e <i>Vida alentejana:</i> <i>semanário agrícola, pecuário,</i> <i>turístico, de cotações</i> . Publicou obras como <i>Catarina de Ataíde</i> (1880) e <i>Musa Alentejana</i> (1908).